UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUDANÇA SOCIAL E PARTICIPAÇÃO
POLÍTICA

BABEL HAJJAR

Para ler a guerra na Síria: a construção do consenso na cobertura da mídia global

São Paulo

2016

BABEL HAJJAR

Para ler a guerra na Síria: a construção do consenso na cobertura da mídia global

Versão corrigida

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Mudança Social e Participação Política.

Versão corrigida contendo as alterações solicitadas pela comissão julgadora em 21 de outubro de 2016. A versão original encontra-se em acervo reservado na Biblioteca da EACH/USP e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD), de acordo com a Resolução CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011.

Orientador:

Prof. Dr. Dennis de Oliveira

São Paulo

2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

Hajjar, Babel

Para ler a guerra na Síria : a construção do consenso na cobertura da mídia global / Babel Hajjar ; orientador, Dennis de Oliveira. – São Paulo, 2016

159 f.: il

Dissertação (Mestrado em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo
Versão corrigida

1. Comunicação de massa. 2. Síria. 3. Guerra. 4. Comunicação comparada. 5. Geopolítica. I. Oliveira, Dennis de, orient. II. Título

CDD 22.ed. – 302.2

Nome: HAJJAR, Babel

Título: Para ler a guerra na Síria: a construção do consenso na cobertura da mídia global

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Ciências do Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política.

Aprovado em: 21 / 10 / 2016

Banca Examinadora

Prof. Dr. Vitor Souza Lima Blotta

Universidade de São Paulo. Escola de Comunicação e Artes

Prof. Dr. Salem Hikmat Nasser

Fundação Getúlio Vargas – Direito

Prof. Dr. Camilo Onoda Luiz Caldas

Universidade São Judas Tadeu

*Para meu pai, Hanna (in memoriam), que teve que partir para lutar por uma Síria melhor;
Para os pais dele, meus avós Issa e Nagibe (in memoriam) - privados de seu filho, por ele
esperaram; Para minha mãe, Claude, pelo amor às causas e por enfrentar tudo para ser
quem é; Para meus avós Yourghaki (in memoriam) e Laurice, que foram expulsos duas vezes
de terras que já foram Síria, deixando tudo e todos para trás; Para meus tios Súra, Saad e
Aliçar, por saberem o que é pertencer a dois mundos; Para Saumar, meu irmão, meu melhor
amigo nesta jornada; Para minha filha, Júlia, que nunca sejamos, em vida, privados
um do outro, e que sejamos livres sempre, para ir e voltar; Para Rejane, minha esposa e
amiga, por muito mais do que cabe aqui, mas principalmente pelo amor.*

Agradecimentos

Agradeço imensamente ao professor Dennis de Oliveira, por ter aceitado me orientar, sem me conhecer profundamente ainda, me dando muita força e acreditando em mim. Sem dúvida foi e será sempre uma referência: um intelectual apaixonado, que se permite o afeto, que abraça a luta.

Aos professores doutores que aceitaram compor a minha banca, Salem Hikmat Nasser, Vitor Souza Lima Blotta. e Camilo Onoda Luiz Caldas, os três enriqueceram demais este trabalho com suas inestimáveis contribuições. Muito obrigado.

Agradeço à Rejane, minha esposa, pelo incentivo de anos ao meu retorno aos estudos, pelas dicas, pelas leituras e sugestões, por abrir os caminhos acadêmicos para mim, e por me ajudar muito na finalização deste trabalho, com conselhos e leituras variadas sobre o que é o mundo acadêmico, e com o apoio fundamental nas análises quantitativas e estatísticas. À minha filha Júlia, por me colocar para cima nas horas em que duvidei de mim. E às duas, por serem tanta vida em minha vida, e por suportarem meus humores.

À minha mãe, Claude, por toda a experiência de uma era nacionalista árabe muito produtiva, compartilhada em casa, uma sabedoria rara e sem preço. Ao meu irmão Saumar, pelas diversas horas de discussão sobre a guerra na Síria, e por compartilhar comigo o aspecto único de não sermos totalmente sírios, nem totalmente brasileiros, em uma medida que só poderia ocorrer na nossa casa, no nosso tempo. Somos frutos de uma diáspora um tanto específica. Aos dois, Mãe e Irmão, por terem lido meus textos e dado contribuições com seus valiosos conhecimentos sobre esta guerra e seus aspectos estruturais e conjunturais.

À minha avó, Laurice, pelas histórias da sua vida anterior à imigração, que exigiram muita coragem; e pelas histórias a partir da imigração, que exigiram mais coragem e geraram muito amor.

Aos professores, colegas e amigos do GEPSIPOLIM e do PROMUSPP, que me acolheram e com quem as trocas sempre foram muito ricas, dos quais destaco o Prof. Alessandro Soares da Silva, que contribuiu para esta dissertação suas observações, sempre muito pertinentes.

Por último, mas inestimável para mim, foi estar perto dos professores, amigos colegas, todos guerreiros, da Rede Quilombação, por me ensinarem muito, principalmente como se trava o bom combate.

RESUMO

HAJJAR, Babel. **Para ler a guerra na Síria:** a construção do consenso na cobertura da mídia global. 2016. 135 fls. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Versão corrigida.

Este estudo teve por objetivo comparar grupos de mídia ocidentais e não ocidentais no que diz respeito à guerra na Síria, em curso desde 2011, no rastro das chamadas “primaveras árabes”. Foi realizada uma análise de conteúdo, quantitativa e qualitativa, seguindo parâmetros de Herman e Chomsky em *A manipulação do Público* (2003), porém adaptados à mídia global. Na divisão dos veículos, utilizou-se o conceito de mídias do *fluxo dominante* e do *contra fluxo*, para ilustrar a posição dos grupos analisados em relação ao atual panorama global da mídia. Os resultados apontaram para uma cobertura global da guerra na Síria polarizada, alinhada com interesses geopolíticos, e com maior unidade no Ocidente. Como conclusão, a hegemonia dos conglomerados ocidentais midiáticos ou o *fluxo dominante* da mídia global ditou a pauta mundial sobre a crise na Síria, em um espaço de disputa com as mídias no *contra fluxo*. Estas vão buscando expor melhor seus interesses e os de seus países, à medida que a guerra na Síria começa a afetá-los.

Síria. Primavera Árabe. Mídia global. Geopolítica. Consenso.

ABSTRACT

HAJJAR, Babel. To read the war in Syria: building consensus in the coverage of global media. 2016. 135. Thesis (M.Sc.) - School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2016. Revised version.

This study aimed to compare Western media groups and non-Western regarding to the war in Syria, ongoing since 2011, in the wake of the so-called "arab spring". An content analysis, quantitative and qualitative was conducted following Herman and Chomsky parameters in *Manufacturing Consent* (2003), but adapted to the global media. In the groups division, we used the concept of media dominant flow and contra flow (THUSSU, 2007), to illustrate the position of the groups analyzed in relation to the current global panorama of the media. The results showed an overall coverage of the war in polarized Syria, in line with geopolitical interests and greater unity in the West. In conclusion, the Western media hegemony promoted by media Western conglomerates in a dominant flow of global media, dictated an agenda on the Syria crisis, in a space of content with the media in contra flow. These will seeking to better expose their interests and those of their countries, as far as the war in Syria begins to affect them.

Syria. Arab Spring. Global media. Geopolitics. Consent.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	9
2.	SÍRIA, DA INDEPENDÊNCIA À GUERRA (1946 A 2011)	15
2.1.	A CONJUNTURA INTERNACIONAL	15
2.2.	A SÍRIA ANTERIOR À GUERRA	17
2.3.	PARA LER A SÍRIA: TEORIAS DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS	18
2.4.	NACIONALISMO ÁRABE, INDEPENDÊNCIA E O PARTIDO BAATH	20
2.5.	O GOVERNO DE HAFEZ AL ASSAD, DE 1970 A 1999	30
2.6.	O GOVERNO DE BASHAR AL-ASSAD, A PARTIR DE 2000	35
2.7.	AS REAÇÕES DO GOVERNO SÍRIO, PARA ALÉM DA REPRESSÃO.....	49
2.8.	AS OPOSIÇÕES SÍRIAS	50
2.9.	OS ATORES REGIONAIS	59
3.	MÍDIA HEGEMÔNICA E A REPRESENTAÇÃO ÁRABE	60
3.1.	DO JORNALISMO REVOLUCIONÁRIO AOS CONGLOMERADOS MIDIÁTICOS	61
3.2.	A MÍDIA HEGEMÔNICA.....	67
3.3.	O ÁRABE CLICHÊ: AS SIMPLIFICAÇÕES QUE ALIMENTAM OS CONSENSOS	73
4.	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA A ANÁLISE DA MÍDIA	86
4.1.	MATERIAL A SER ANALISADO	89
4.2.	FONTES	91
4.3.	TIPOS DE ANÁLISES.....	96
5.	RESULTADOS	100
5.1.	ANÁLISES QUANTITATIVAS GERAIS	100
5.2.	ANÁLISE QUANTITATIVA POR EPISÓDIOS	106
5.3.	ANÁLISE QUALITATIVA POR EPISÓDIOS	109
6.	DISCUSSÃO	138
7.	CONCLUSÃO	151
	REFERÊNCIAS	153

1. INTRODUÇÃO

A atual guerra na Síria, em curso desde 2011, iniciou-se no rastro das chamadas “Primaveras Árabes”, fenômeno que derrubou regimes de longa duração em países árabes como Líbia, Tunísia e Egito. A “Primavera Síria”, no entanto, tomou proporções muito maiores do que a onda de revoltas que afetou seus vizinhos. Tratou-se de fenômeno que envolveu desde atores do Oriente Médio, como Iraque, Líbano, Jordânia, Irã, Israel e Turquia, como também a OTAN, a Liga Árabe e o Conselho de Cooperação do Golfo; e atraiu para o campo de batalha países como Rússia, Estados Unidos, França e outros, tendo sido comparado, por sua abrangência e potencial de expansão, a uma guerra mundial¹. O número de mortos, de difícil estimativa, é contado em centenas de milhares, e os refugiados, migrando por todo o entorno sírio, e sendo considerado um grande problema para a União Europeia, são da ordem de 4,9 milhões, fora os 6,6 milhões deslocados no país². As conversações de paz mediadas pela ONU, que em 2016 chegaram com dificuldades a poucos e interrompidos acordos de cessar-fogo, escondem a complexidade maior da guerra na Síria: a batalha de informações, que tem como seu palco principal a mídia - desde jornais de papel às redes sociais em campo, passando por blogs e analistas de todo o espectro político.

Em 2010, a palavra “*Syria*” apareceu 137 vezes no caderno *World* do jornal *The New York Times*; no ano de 2011, quando as manifestações em diversas cidades do país ocorreram, se transformando antes do fim do ano em uma guerra, este número aumentou cerca de 80%, e seguiu crescendo nos anos seguintes. Se em 2010 um leitor do referido caderno encontrava um artigo ao menos que mencionassem “*Syria*” a cada três dias, em 2015 foram publicados 1624, ou uma média diária de 4,5 artigos contendo o termo, número muito superior ao da presença em tal veículo dos demais países árabes que entraram em conflito por conta das chamadas “primaveras”³.

¹ “Uma ‘guerra mundial’ acontece dentro do território sírio”. **Brasil de Fato**, em 13.out.2016. Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/2016/10/13/uma-guerra-mundial-acontece-dentro-do-territorio-sirio/>>. Acesso em 25.Nov.2016.

² Dados obtidos no dossiê “Global Trends: Forced Displacement in 2015, da comissão de direitos humanos da Organização das Nações Unidas. Disponível em <<http://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/576408cd7/unhcr-global-trends-2015.html>> . Acesso em 25.nov.2016.

³ Fonte: arquivos da internet do jornal *The New York Times*. Disponíveis em <<http://www.nytimes.com/ref/membercenter/nytarchive.html>>. Acesso entre abr.2016 e mai.2016.

No entanto, a informação disponibilizada pelo *New York Times*, e por outros veículos tradicionais do ocidente, em suas versões impressas, on-line ou televisionadas, contaram a história da guerra na Síria por uma ótica muito diferente da de veículos de comunicação não ocidentais, como os da Rússia, China, ou Líbano. Nos primeiros, o presidente da Síria foi descrito como um tirano que reprime violentamente seu povo que, por sua vez havia se rebelado pacificamente – e que foi capaz de se organizar e se armar em questão de meses, na sequência iniciando uma guerra civil - por conta dos anos de tirania do partido governante. A versão da mídia hegemônica ocidental alega que há um problema sectário, por pertencer o presidente sírio a uma “minoridade étnica”, os Alauítas, e estes, aliando-se aos católicos, drusos e xiitas, governarem à revelia da maioria sunita. Também não faltam na referida mídia acusações sobre quebra de direitos humanos e pedidos de intervenções humanitárias e de entrega de mais armas e mais apoios aos “rebeldes”.

Já certos veículos não ocidentais tratam em geral os opositores armados na Síria como grupos formados por jihadistas e terroristas – e como majoritariamente não sírios, ou seja, invasores estrangeiros, o que contesta a tese de “guerra civil”. Estes soldados, de ideologias islamitas radicais, como os *Salafistas-Wahabitas*⁴, teriam sido financiados, treinados e armados por países do Ocidente e seus aliados no Oriente Médio para destituir o governo sírio a qualquer custo, o que envolveria inclusive a destruição das instituições e infraestrutura sírias. Nas versões não ocidentais, Bashar al-Assad, seu exército e seus aliados são os únicos interessados em preservar a segurança do povo Sírio contra as correntes ideológicas extremistas islâmicas. Em algumas das narrativas de mídias localizadas em países cujos governos se alinham ao atual governo sírio, este estaria sendo punido por não subjugar-se à

⁴ O Wahabismo é uma corrente nascida dentro do islamismo sunita criada por Muhammad Bin Abd al-Wahhab (1703-1792), que “obrigava as pessoas a aderirem a uma interpretação muito estrita e literal de ‘monoteísmo’, e de lutar contra o [que ele acreditava ser] paganismo”. Atos como a visita a túmulos de profetas e pessoas ilustres, ou mesmo a construção de túmulos era por ele considerado “paganismo” e “idolatria”. “O Wahabismo proíbe muitas práticas corriqueiras a outros muçulmanos, como ouvir certos tipos de músicas, desenhar seres humanos ou outras criaturas vivas que contenham uma alma, rezar durante a visita a um túmulo (incluindo a tumba do profeta Mohamed) , seguir escolas de jurisprudência islâmicas, que na verdade constituem a ortodoxia sunita”. Embora o wahabismo seja salafista, nem todo salafista é wahabita. O salafismo nasceu como um movimento de reavaliação do islã, um retorno às origens que poderia levar a comunidade, paradoxalmente a uma volta ao passado ou a um passo para o futuro. No entanto, diferentemente do Wahabismo, é um movimento não político, embora existam grupos como a Irmandade muçulmana que aleguem ser salafistas. Embora haja uma diferença de enfoque, tanto o wahabismo quanto o salafismo se colocam como leituras únicas, de um islã “verdadeiro”. (MOUSSALLI, 2009, p. 2-15, tradução nossa)

política ocidental para o Oriente Médio, e por desafiá-la, integrando o *Eixo de Resistência*⁵ contra a hegemonia dos EUA, Israel e aliados na região.

O presente estudo pretende investigar quais as explicações possíveis para as disparidades entre as leituras realizadas pelas mídias ocidentais hegemônicas, em sua maioria, ao menos parte das mídias não ocidentais. Para atingirmos o objetivo proposto, optamos pela utilização da metodologia desenvolvida por Herman e Chomsky (2003) em seu livro *Manufacturing Consent*⁶, no qual os autores buscam comprovar o *modelo de propaganda*, um processo que tende a enviesar a edição jornalística da mídia estadunidense, no que concerne a notícias sobre países e situações contrárias ou desfavoráveis à política externa dos Estados Unidos.

Em um sistema jornalístico regido pelo princípio do *modelo de propaganda*, o que determina se o viés da notícia será favorável ou desfavorável a certo país é o campo geopolítico em que atua tal país, ou seja, se o governo dos Estados Unidos consideram o país ou governo do qual se fala um aliado ou um inimigo - ou ao menos alguém que não colabora com os interesses estadunidenses, políticos e econômicos.

O modelo em questão considera que *cinco filtros* limitam a atuação do jornalismo, no sentido de este atingir o ideal da isenção jornalística diante da descrição factual, uma vez que estes delimitam consideravelmente quem falará, quais serão as fontes e sobre o que se falará. Estes filtros são: 1) o porte e poder econômico da empresa jornalística; 2) seu modelo de negócios, baseado em venda de espaço publicitário, submetendo a linha editorial do jornal aos seus clientes anunciantes; 3) as fontes de notícias, normalmente o governo e as empresas, com quem o jornal necessita de bom relacionamento para continuar a receber informações em primeira mão; 4) o controle do público e de organizações civis sobre o jornal, com base nas reações negativas provocadas pelas notícias; e 5) o “anticomunismo”, atualizado na edição do livro utilizada nesta pesquisa para “ausência de liberdade de mercado”, operando como direcionador ideológico. (HERMAN e CHOMSKY, 2003, p. 11-19).

⁵ “[O Eixo de Resistência] reúne, essencialmente, Irã, Síria, o Hezbollah libanês e, até recentemente, o Hamas palestino. Essa aliança se consolidou e ganhou força na medida em que o apoio oferecido pelos dois países ao grupo de resistência libanês, somado à capacidade que este tinha de aperfeiçoar permanentemente sua capacidade militar – e política, diga-se de passagem –, permitiu que algumas derrotas antes impensáveis fossem infligidas a Israel e, como consequência, estabeleceu um novo equilíbrio de forças e conferiu um poder de dissuasão antes inexistente.” (NASER, S. H., 2013, p. 130)

⁶ O título em português do livro é *A manipulação do público* (HERMAN e CHOMSKY, 2003), mas optamos por mencioná-lo em seu nome em inglês. No nosso entendimento, a versão brasileira do título não resume o propósito do livro de maneira tão apropriada quanto o original, e a tradução livre do mesmo poderia suscitar dúvidas bibliográficas.

Antes de nos aprofundarmos no modelo metodológico utilizado para a condução das análises, vimos a necessidade de explorar *chaves de leitura* principais e complementares: a chave geopolítica, dos jogos de poder na região do Oriente Médio e o papel da Síria nos mesmos; e a chave orientalista⁷ (SAID, 2007), que trata do olhar Ocidental sobre a região, seus povos e culturas, e que envolve um conjunto de clichês discursivos, que se vale, entre outras coisas, de conceituações e políticas vagas sobre democracia e direitos humanos para descrever o que falta aos árabes, e que é recorrente também na mídia. Estas chaves se baseiam em parte na análise de Nasser, S. H. (2013) sobre as revoltas no mundo árabe, onde o autor tece diversas considerações sobre as chamadas “Primaveras”. As Chaves de leitura não são independentes, certamente se cruzam e se confundem, mas a divisão adotada é epistemologicamente útil para a compreensão dos contextos históricos que levaram a Síria e o jornalismo às suas formas atuais.

Uma leitura recorrente por parte da mídia para se analisar - ou se enaltecer - a complexidade do conflito sírio é a perspectiva sectária da análise geopolítica como dominante, ou única. Esta perspectiva baseia todo o seu entendimento da Síria pelas fidelidades étnico-religiosas, de modo que os Alauítas seriam uma minoria que teria se aliado a outras, como cristãos e drusos, para dominar a maioria sunita do país. Neste entendimento, os sunitas que atuam no governo são vistos como “cooptados”, portanto não representativos da vontade de uma maioria. Isoladamente, a perspectiva sectária de análise da Síria - e do Oriente Médio como um todo - descarta ideias como luta de classes, a influência econômica ou a análise da influência geográfica de atores políticos (DOSTAL, 2014). Ao atribuir aos sírios majoritariamente a perspectiva étnico-religiosa, as análises de cunho sectário feitas pela mídia e especialistas impõem certa imutabilidade e predominância de características essenciais sobre outras teorias que poderiam ser utilizadas para a compreensão mais abrangente da geopolítica do Oriente Médio e da Síria, como a perspectiva autoritária ou da luta de classes; a análise geopolítica clássica ou a análise da Síria como um Estado rentista, para citar alguns dos exemplos que serão analisados adiante. Desta forma, grande parte das análises que nos chegam provém de leituras orientalistas da guerra da Síria, e a proposição

⁷ O conceito de “Orientalismo” foi cunhado por Edward Said (2007) em 1978 e afirma ser a ideia de “Oriente” uma criação ocidental, manifesta nas representações destes sobre os árabes e outros povos orientais. Para Said, a própria forma de se estudar o oriente nasce como disciplina nas universidades europeias como departamentos de estudos orientalistas, onde a categorização do conhecimento dos povos orientais parte de pressupostos de uma ciência eurocêntrica, que tende a enxergar a diferença como inferioridade. Na representação orientalista, os árabes, assim como hindus e outros povos, são caracterizados como seres de baixa racionalidade, muito passionais, imprecisos, pouco confiáveis, e a intervenção da Europa em suas sociedades é compreendida como um ato positivo.

das chaves visa apresentar fatores que contribuirão para a ampliação das alternativas de explanação sobre a crise atual.

Assim sendo, o capítulo 2 discorre sobre os aspectos estruturais do Estado sírio e das forças que provocam o conflito atual, como base teórica necessária para a compreensão da Síria e das análises que se seguirão; o capítulo 3 se detém na compreensão do jornalismo, desde seus primórdios à atual fase do capitalismo global, relacionando-o com os princípios de operação do modelo de propaganda. Este capítulo também aborda a compreensão do conceito de clichê no jornalismo presente na representação orientalista dos sujeitos árabes e/ou islâmicos - portanto também dos sírios - na mídia. O capítulo 4 mostra a estruturação teórico-metodológica do estudo. O capítulo 5 exhibe análises e seus resultados, discutidos no capítulo 6; O capítulo 7, final, apresentará nossas conclusões.

Diversos fatores motivam a presente pesquisa. Do ponto de vista pessoal, trata-se de uma dívida com a minha ancestralidade e uma busca por autoconhecimento, uma vez que parte dos episódios aqui estudados está relacionada com a imigração de meus pais da Síria e do Líbano ao Brasil, na década de 1950. Tanto meu pai quanto meu avô paterno viveram a independência da Síria e participaram ativamente da política de sua época, o que culminou com a perseguição a seu partido, o Nacional Social Sírio (PNSS) tanto naquele país, pelo atual partido governante, o *Baath*, quanto no Líbano. O exílio de meus pais e avós deixou marcas substanciais em termos de identidade cultural em seus descendentes, uma vez que o Brasil possui ainda uma política de assimilação de culturas, não primando pela manutenção das culturas nativas dos imigrantes. Desta forma, a preservação da língua e aspectos culturais torna-se uma missão privada, pessoal ou das famílias imigrantes e/ou um esforço da comunidade, que pouco pode contar econômica ou institucionalmente com o auxílio dos governos de origem, apesar de estes por diversas vezes terem reconhecido as comunidades expatriadas e, por momentos, terem sustentado modestas iniciativas culturais no Brasil. Em geral, porém, no que concerne ao vínculo entre imigrantes sírios e seus descendentes aos respectivos países de origem, há uma quase inevitável ruptura, que se estabelece na distância da compreensão cultural com que a primeira geração, portanto imigrante, e as demais, percebem seu novo mundo e a terra de origem.

Do ponto de vista do programa de mestrado em mudança social e participação política da EACH – USP, esta pesquisa tem como objeto a cobertura de uma guerra que nasce no seio do fenômeno chamado de Primaveras Árabes, uma das primeiras convulsões sociais onde a

internet, redes sociais e demais Tecnologias de Informação e Comunicação foram utilizadas como ferramenta de mobilização popular. Embora não seja foco direto deste trabalho, que se detém no comportamento da mídia tradicional, ainda que obtida por internet, as Primaveras Árabes e suas formas de operação são seu pano de fundo, e tal fenômeno remete diretamente aos desdobramentos das Jornadas de junho de 2013 no Brasil, dentre outros episódios recentes de manifestações massivas ocorridas pelo mundo, e que têm parte de sua compreensão nas mídias, tradicionais e novas, e na forma como promovem a interação humana atual. Diversos autores buscam compreender tais fenômenos e suas semelhanças, e este trabalho pretende ser, para o programa em que está inserido, uma contribuição ao entendimento das manifestações de massa no século XXI.

2. SÍRIA, DA INDEPENDÊNCIA À GUERRA (1946 A 2011)

Conhecer o contexto histórico em que nasce o Estado Sírio faz-se necessário para o entendimento de sua atual estrutura política, e das disputas em curso na guerra, bem como nos leva a uma maior compreensão da diferença entre o conflito que ocorre na Síria e os demais países. Subsumidas na ideia de “Primavera Árabe”, as narrativas das revoltas e conflitos que chegaram até nós pela mídia corporativa hegemônica levaram a um entendimento limitado de tais fenômenos. Não respeitando as particularidades sociais, políticas, econômicas e culturais que criaram os atuais Estados do Oriente Médio, a ideia de uma única “Primavera” trata a todos os povos e sociedades árabes como idênticos.

2.1. A CONJUNTURA INTERNACIONAL NA INDEPENDÊNCIA SÍRIA

Da perspectiva do Mundo Árabe, o fim do Império Turco significou uma pressão por modernização influenciada pelo Ocidente, e uma resposta conservadora das elites acomodadas com a estrutura de poder de cinco séculos. É no embate entre estes dois processos históricos que devemos compreender o Nacionalismo Árabe, em suas diversas correntes pan-arabistas e suas vertentes regionais, como o Nacionalismo Sírio, Libanês ou Egípcio. No mesmo processo, as linhas islâmicas mais conservadoras, alinhadas com o Sultanato de Istambul – entendido então como o centro do islamismo – eram, em boa parte, contrárias às expressões laicas pan-árabes, alegando que representariam uma contradição aos valores islâmicos e a expressão de um ocidentalismo e interferência deste na cultura islâmica.

A formação do Estado Sírio, entre a sua definição fronteiriça pelos acordos de Sikes-Picot em 1917 – limites que, como veremos, nunca foram aceitos como legítimos por diversos segmentos da população – e a sua independência, em 1946, será marcada por grande tensão no entorno árabe e no exterior, por conta de duas guerras mundiais. Com o abalo econômico da Europa causado pela Segunda Guerra, França e Grã-Bretanha reviam suas opções no que concerne a cuidar de um império tão extenso que, do Oriente Médio e Norte da África, prolongava-se até a Índia e Indochina. Este fato favoreceu colônias como Síria e Líbano a reivindicarem suas independências. Uma Europa que até então havia sido o poder substituto do Império Turco já não poderia garantir o sentimento de unidade interárabe. Este é o

ambiente para a intensificação de sentimentos e movimentos nacionalistas árabes, pela ideia de união e ajuda mútua necessária à sobrevivência dos países da região. Pela solidariedade e pela sobrevivência, algumas ações foram tomadas, como a construção, no início da década de 1940, do Centro de Abastecimento do Oriente Médio, que regularizou embarques e importações na região, tornando-a mais autossustentada; e a formação da Liga dos Estados Árabes⁸ a partir de 1944. Os países independentes da LEA receberam assentos na formação da Liga das Nações Unidas em 1945. (HOURANI, 2006, p. 462-465). Outro fator de grande união entre árabes foi a questão palestina. Com a criação do Estado de Israel e a *Nakba*⁹ Palestina,

[...] [a] opinião pública nos países árabes foi muito afetada [...]. Foram encarados como uma derrota para os governos árabes, e isso iria levar a muitos levantes nos próximos anos. Também foram vistos como uma derrota para os britânicos, que tinham conseguido retirar seus soldados do país sem perdas, mas em circunstâncias que despertaram suspeitas e hostilidades em ambos os lados. Nos países árabes, a opinião predominante era de que a política britânica na verdade ajudara aos sionistas: tendo encorajado a imigração judia, o governo não se mostrara disposto a aceitar suas implicações para os árabes, ou detê-la antes que levasse à submissão ou desapropriação deles, ou pelo menos limitar o dano que causaria. Os Estados Unidos, por sua vez, eram vistos como tendo agido inteiramente em apoio aos sionistas. (HOURANI, 2006, p. 472)

Pela redução do poderio europeu, os Estados Unidos e a União Soviética começam a manifestar interesse, ainda que tímido pelo Oriente Médio. Os recursos econômicos destes países foram muito menos afetados pela Segunda Guerra do que no caso europeu. “Dai em diante, estariam em posição de exigir que seus interesses fossem levados em conta em toda parte, e a dependência econômica da Europa da ajuda americana dava aos Estados Unidos um poderoso meio de pressão sobre seus aliados europeus” (HOURANI, 2006, p. 464). A influência das superpotências ganha maior peso após a Crise do Canal de Suez, em 1956. O Egito, em resposta à retirada da oferta do financiamento da Barragem de Aswan pelos Estados Unidos, resolve nacionalizar a Companhia do Canal de Suez. A Grã Bretanha e França, que haviam financiado o canal e eram suas proprietárias, haviam acordado em segredo com Israel

⁸ Egito, Síria, Líbano, Transjordânia, Iraque, Arábia Saudita e Iêmen (HOURANI, 2006, p. 465)

⁹ *Nakba*, palavra árabe que se traduz por “Catástrofe”, é como é chamada a expulsão dos palestinos restantes de Jerusalém e a formação de Israel em 1948. O processo que se inicia com a resolução de partilha da palestina em novembro de 1947 pelas Nações Unidas e tem sequência em março de 1948, com a expulsão de 750 mil palestinos, destruição de 531 vilarejos e esvaziamento de 11 centros urbanos nos seis meses seguintes. Ilan Pappé aproxima o conceito de *Nakba*, particular ao caso palestino, ao conceito geral de *limpeza étnica*, considerado crime contra a humanidade. (PAPPÉ, 2006)

um golpe para derrubar Gamal Abdel Nasser. Israel ataca o Egito, França e Grã-Bretanha exige a retirada dos dois países, conforme acordado anteriormente com Israel, no que Nasser se recusa, dando pretexto para ocupação de parte do canal. Neste momento, os Estados Unidos e a União Soviética intervêm e exigem a retirada das três forças, por julgarem que seus interesses estavam ameaçados. Este momento marca o fim da influência britânica no Mundo Árabe e a definitiva entrada e disputa pela influência das superpotências no Oriente Médio, além do fortalecimento de Nasser como o líder árabe que representará os ideais de nacionalismo pan-árabe, influenciando o destino da região como um todo. (HOURANI, 2006, p. 481-482).

Na Síria, que conquista sua independência em 1946, a fundação do Estado de Israel em 1948, a primeira guerra árabe-israelense no mesmo ano e a crise e posterior guerra do canal de Suez tiveram impacto fundamental na ascensão do Partido Baath ao governo e na forma que este assumirá a partir do governo de Hafez al-Assad, em 1970.

2.2. A SÍRIA ANTERIOR À GUERRA

Faremos um percurso histórico utilizando três autores que explicam a síria anterior a o conflito iniciado em 2011. Adeed Dawisha, historiador que trabalha o conceito de nacionalismo árabe como central no entendimento dos processos históricos que formaram o Estado sírio; Katarzyna Krókwaska e o que leva o governo sírio pós-independência a se unir ao Egito em 1958, de certa forma abdicando de sua autonomia, conquistada 12 anos antes; e Jörg Dostal, buscando entender o conflito atual sírio, tomando por base o período entre 1920 e 2011, e se utilizando de teorias das relações internacionais, muito esclarecedoras para uma visão mais ampla da complexidade do Oriente Médio em geral.

O percurso aqui descrito não tem a pretensão de ser um todo-abrangente, mas sim compor uma visão suficientemente ampla da Síria, que sirva de chave para a compreensão das complexidades que este país atravessou em sua curta história contemporânea. Ao menos em parte, estas complexidades ficaram evidenciadas pela guerra, ainda que sua compreensão seja limitada por certa percepção da mídia hegemônica no Ocidente.

2.3. PARA LER A SÍRIA: TEORIAS DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Dostal (2014) examina cinco teorias sociais e econômicas que podem ser aplicadas na compreensão da Síria, e que estarão presentes na retrospectiva que será realizada neste capítulo:

1) a teoria do *populismo autoritário*, aproximação teórica que embasa a leitura feita por Krókwowska (2011), entende a Síria pela luta de classes, pelo esforço que as classes médias e rurais fazem por meio de partidos políticos, em se oporem ao partido representante das elites latifundiárias, buscando mudanças radicais no governo. O partido *Baath* foi o que melhor soube administrar os apoios das classes médias, incluindo uma classe de militares educados que será fundamental na manutenção do poder. Esta teoria, para o autor, não explica bem economia síria, baseada no recurso petróleo e a forma de reinvestimento deste na sociedade, bem como a criação de uma classe de servidores públicos que serão os pilares do Estado. (DOSTAL, 2014, p. 3-5) Porém, encaixa-se muito bem no período entre a independência síria e a união com o Egito, onde a radicalização dos partidos nacionalistas contou com o apoio amplo da população contra o governo representante da elite latifundiária. (KRÓKOWSKA, 2011)

2) a *perspectiva sectária* entende que as divisões étnico-religiosas garantiram aos alauítas a estabilidade no poder ao se aliar a outros grupos, como Drusos e Cristãos, e que teriam cooptado certos membros da comunidade Sunita, mas que a Síria sempre estaria suscetível a uma quebra por conta destas linhas sectárias, por não ser um Estado-Nação de fato. Na explanação sectária, ideologias não sectárias e classes sociais não são levadas em conta. Para Dostal, o *populismo autoritário* e a *perspectiva sectária*, apesar de explicarem certos aspectos da sociedade síria, não explicam o todo, e principalmente, não é possível se separar a argumentação sectária da econômica. (DOSTAL, 2014, p. 5-7)

3) A *teoria do Estado rentista* busca explicar o modelo de desenvolvimento de países que possuem renda pela venda de recursos naturais, no caso o petróleo, mas também incluindo rendas estratégicas advindas de acordos políticos. Tais rendas são revertida na sociedade, mas a atividade em questão é conduzida por grupo pequeno, uma “classe de Estado”. Foi bastante utilizada para se analisar os países do Oriente Médio e outros exportadores de petróleo ou gás. Para o autor, esta é a teoria que mais amplamente explica o caso sírio. (p. 7-9)

4) a *perspectiva neo-gramsciana*¹⁰ das *relações internacionais* foca menos nos Estados como atores internacionais e mais nas interações de classes transnacionais com regimes econômicos. Assim, no caso da Síria, tal perspectiva vê duas classes, a liberal e a dos servidores do Estado, que concorrem pelo seu favorecimento por parte do Estado Sírio. A teoria se encaixa na realidade síria após a queda da União Soviética e maior liberalização econômica mundial a partir da década de 1990, onde os liberais sírios com vínculos internacionais pressionaram o governo por leis que estimulassem seus negócios. “No entanto, a interpretação adequada da teoria neo-gramsciana sugere que a Síria continua caracterizada pelo controle político de grande parte da política econômica, uma característica central nos Estados rentistas”. (p. 9-12)

5) A quinta perspectiva teórica é a *análise geopolítica clássica*, baseada na influência nos fatores geográficos regionais. Os Estados Unidos têm sido o poder virtualmente exclusivo no Oriente Médio, inclusive pelo seu poder de veto na Organização das Nações Unidas, e sua posição acaba determinando a de muitos outros países. A aliança deste país com a Arábia Saudita nos anos 1950 permitiu às companhias de petróleo estadunidenses o acesso ao petróleo saudita, “uma estupenda fonte de poder e um dos maiores prêmios materiais da história” (MERRIAM, 1945 apud DOSTAL, 2014 p.13), e uma influência única na região. Por meio deste poder os EUA substituíram completamente a influência britânica e francesa no Oriente Médio. Quanto à Síria, “a geopolítica local ofereceu-a a posição de ‘Estado coringa’ nas questões regionais, o que permitiu o país escolher alianças com cada um dos três principais Estados árabes, o Egito, o Iraque e a Arábia Saudita”. (DOSTAL, 2014, p. 12-14, traduções nossas)

Embora grande parte do processo de formação do Estado Sírio, da independência aos dias de hoje, se explique pela teoria do Estado rentista, capturar sua complexidade requer que combinarmos as diferentes visões apresentadas pelos aportes teóricos descritos. “Focar na estrutura dos interesses materiais, forças sociais e divisões étnicas, de um lado, e a percepção das interações entre as forças internas sírias com o entorno regional e internacional” poderão

¹⁰ O neo-gramscianismo nas relações internacionais é um aporte teórico proveniente da teoria crítica nesta disciplina. As teorias clássicas das relações internacionais, como a da Solução de Problemas, são criticadas no sentido de guardarem uma manutenção da ordem, ou seja, solucionam *para alguém o problema*. “Em termos gramscianos, a hegemonia é constituída pelas classes dominantes, que lideram na sociedade civil e, ao chegaram ao poder do Estado, são capazes de representar seus interesses particulares em termos universais. O projeto hegemônico é, assim, percebido como algo que abarca os interesses de grupos subordinados.” (GARCIA, 2013)

explicar o quão profundo e enraizado é o poder que, mesmo após cinco anos de guerra intensa, ainda comanda o país. (p. 14, traduções nossas)

2.4. NACIONALISMO ÁRABE, INDEPENDÊNCIA E O PARTIDO BAATH

O país que chamamos hoje de Síria é parte da região conhecida historicamente por Levante, Grande Síria ou *Bilad al-Sham*¹¹ (DAWISHA, 2003, p. 88; DOSTAL, 2014, p. 16; FRYE, 1992). As atuais divisões geopolíticas do Oriente Médio foram traçadas após a vitória dos árabes, ingleses e franceses sobre os turcos otomanos, que dominaram a região por cerca de 500 anos, e a divisão de seu império em Estados menores, mantida sob a administração da Liga das Nações. Esta designou França e Inglaterra como “mandatários” do Levante tomado aos turcos, cabendo à primeira a região da Síria e do Líbano. “Esta decisão foi resultado direto dos acordos secretos de Sykes-Picot em 1916, em homenagem aos diplomatas britânico e francês que firmaram o pacto no qual a região do Levante havia sido dividida em zonas de interesse de seus países”. (DOSTAL, 2014, p. 16, traduções nossas)

During the subsequent French rule in Syria and Lebanon (...), the French authorities focused heavily on ‘divide-and-rule’ policies along ethnic and religious lines. First, the French severed Lebanon from Syrian territory and created a ‘Greater Lebanon’ by adding territory east of Mount Lebanon to the new state entity. This decision created a demographic balance between Maronite Christians and Sunni and Shiite Muslims, thereby bringing into being a territorial state in which ‘most Lebanese owed their primary allegiance not to the nation but to their religious sects’ (Yaqub 2004: 37). [In Syria], the French aligned themselves with the Alawi and Druze minorities. These groups were given priority in being drafted into the French colonial armed forces, the *troupes specials*. French strategists were keen to experiment with a ‘canton’-like system of subdividing Syrian territory. Therefore, they delegated authority to various local leaders in order to create a power balance based on sectarian and regional divisions. This was supposed to limit the appeal of the emerging predominantly Sunni Muslim Arab nationalist movement which demanded Syria’s independence from France and considered the separation of Lebanon from Syria as an artificial construct. In 1938, the Turkish military entered the Syrian province of Alexandretta (the northern Mediterranean coastal area of Syria) and expelled sections of the local Arab and Armenian population. (...). This annexation of Syrian territory was agreed by the French colonial authorities to

¹¹ País da Síria. *Bilad* se traduz como “País”, e *Al-Sham* é o termo para Síria ou Assíria, arabizado após a conquista da região pelo Império Islâmico. (FRYE, 1992)

improve relations with Kemalist Turkey but post-independence Syria has contested the decision ever since. (DOSTAL, 2014, p. 16-17)¹²

A Síria que consegue a independência da França em 1946 é um Estado frágil. No ambiente interno, havia o ressentimento com as perdas territoriais, grande instabilidade econômica e a baixa credibilidade, junto à população, do governo pós-independência, este apoiado por uma elite latifundiária que havia conseguido suas terras durante o domínio otomano, e cuja fortuna era proveniente de oportunidades comerciais da obtidas na segunda guerra mundial. No ambiente externo, “o reconhecimento do apoio militar e financeiro” ao recém-criado Estado de Israel, “a recusa do Secretário de Estado Dulles em financiar a Hidrelétrica de Aswan, a crise de Suez e a guerra que se seguiu, fizeram nascer um clima de desconfiança acerca do Ocidente” (KRÓKOWSKA, 2011, p. 92, tradução nossa). Este foi um ambiente propício ao crescimento do discurso pan-arabista e nacionalista árabe. Tal discurso fazia sentido no mundo árabe em geral, com Gamal Abdel Nasser, o carismático líder egípcio, sendo talvez a figura pública que mais tenha propagado as ideias de união dos povos árabes, defendida em razão de estes terem em comum uma língua e diversos aspectos culturais, incluindo-se aí os grupos religiosos. Cabe aqui dizer que as diferenças entre os conceitos de “nacionalismo árabe”, “arabismo” e “pan-arabismo” são consideradas questão menor, mesmo entre reconhecidos estudiosos do mundo árabe, que tomam os termos muitas vezes como sinônimos (DAWISHA, 2003, p. 8-11). O iraquiano Adeed Dawisha, no entanto, vê a necessidade de definições mais claras atreladas à compreensão da profusão de discursos que tomou conta do Levante, Península Arábica, Egito e outros países do norte da África:

The desire for political separateness, therefore, will be a constituent element in the definition of nation and nationalism used in this book. The nation thus defined is: *a*

¹² “Durante o subsequente mandato francês na Síria e no Líbano (...), as autoridades francesas focaram pesadamente em políticas de ‘dividir para governar’ ao longo de linhas religiosas e étnicas. Primeiro, os franceses cindiram o Líbano do território sírio e criaram o ‘Grande Líbano’, adicionando o território leste do Monte Líbano ao novo Estado. Esta decisão criou um equilíbrio demográfico entre cristãos maronitas e muçulmanos sunitas e xiitas, assim criando uma relação territorial em que “a maioria dos libaneses deviam sua lealdade primária não para a nação, mas para suas seitas religiosas” (Yaquub 2004: 37). [Na Síria], os franceses se alinharam com as minorias Alauítas e drusos. A estes grupos foi dada prioridade na convocação para as forças armadas coloniais francesas, as tropas especiais. Estrategistas franceses estavam dispostos a experimentar um “sistema tipo cantão” de subdivisão do território sírio. Portanto, eles delegaram autoridade para vários líderes locais, a fim de criar um equilíbrio de poder com base em divisões sectárias e regionais. Isto deveria limitar o apelo dos movimentos muçulmanos emergentes, predominantemente sunitas e nacionalistas árabes, que exigia a independência da Síria da França e considerou a separação do Líbano da Síria uma construção artificial. Em 1938, os militares turcos entraram na província síria de Alexandretta (norte da costa mediterrânica da Síria) e expulsaram grupos das populações árabes e armênias locais. [...] Esta anexação de território sírio foi feita com o consentimento das autoridades coloniais francesas para melhorar as relações com a Turquia kemalista, mas a Síria pós-independência contestou a decisão desde então”. (tradução nossa)

human solidarity, whose members believe that they form a coherent cultural whole, and who manifest a strong desire for political separateness and sovereignty. Applied to the Arab world, this definition goes beyond the linguistic, religious, historical, and emotional bonds that tie the Arabic-speaking people to each other. For the purpose of conceptual precision, this cultural uniformity would be termed *Arabism*. But Arabism with the added element of a strong desire (and preferably articulated demands) for political unity in a specified demarcated territory - that is what will be termed *Arab nationalism*. (DAWISHA, 2003, p. 12-13, grifos do autor)¹³

Dawisha discute a pertinência do conceito de Nação, para em seguida identificar sua aderência a Nacionalismo Árabe, que é para ele conceito sem sentido se não tratar do nacionalismo de todos os árabes e seu desejo por soberania. Dawisha recorre a Sati' al-Husri, a quem considera “o principal teórico do nacionalismo árabe”, para reforçar sua ideia de Nação Árabe (DAWISHA, 2003, p. 2):

Throughout his numerous writings on Arab nationalism, [Sati' al-]Husri never lost sight of the ultimate goal of the ideology he so vigorously propagated, namely the political unity of the Arabic-speaking people. “People who spoke a unitary language,” Husri maintained, “have one heart and a common soul. As such, they constitute one nation, and so they have to have a unified state.” In another instance, he wrote that the happiest of nations were the ones in which political and national boundaries were fused into one another. Husri considered the Arab states to be artificial creations of the imperialist powers. Driven by their imperial interests, these powers proceeded to carve up what essentially was a natural cultural entity with an inalienable right to political sovereignty. An intended consequence of this perfidious parceling of the “Arab nation” was to keep the Arabs politically ineffectual and militarily feeble. In one of his writings, Husri says that he is constantly asked how was it that the Arabs lost the 1948–1949 war over Palestine when they were seven states and Israel was only one? His answer is unequivocal: The Arabs lost the war *precisely because* they were seven states. The conclusion is unambiguous: To avoid losing future wars, the Arabs had to unite into one Arab state. (DAWISHA, 2003, p. 2-3, grifos do autor)¹⁴

¹³ “O desejo de separação política, portanto, será um elemento constitutivo na definição de nação e nacionalismo usado neste livro. A nação assim definida é: *a solidariedade humana, cujos membros acreditam que eles formam um todo coerente cultural, e que manifestam um forte desejo de separação política e soberania.* Aplicado ao mundo árabe, esta definição vai além dos laços linguísticos, religiosos, históricos e emocionais que unem os povos de língua árabe uns aos outros. Para efeitos de precisão conceitual, esta uniformidade cultural seria denominada *Arabismo*. Mas Arabismo com o elemento adicional de um forte desejo (e demandas de preferência articuladas) pela unidade política em um território demarcado específico - isto é o que vai ser chamado de *nacionalismo árabe*.” (tradução nossa)

¹⁴ Ao longo de seus numerosos escritos sobre o nacionalismo árabe, [Sati 'al-] Husri nunca perdeu de vista o objetivo final da ideologia que ele tão vigorosamente propagou, ou seja, a unidade política dos povos de língua árabe. “As pessoas que falam uma língua única,” Husri mantém, “têm um coração e uma alma comuns. Assim sendo, eles constituem uma nação, e portanto devem ter um estado unificado”. Em outro exemplo, ele escreveu que as mais felizes de nações eram aqueles em que as fronteiras políticas e nacionais se fundiam umas nas outras. Husri considerava os estados árabes como criações artificiais das potências imperialistas. Impulsionados por seus interesses imperiais, esses poderes passaram a dividir o que essencialmente era uma entidade cultural natural com o direito inalienável de soberania política. Uma consequência pretendida deste parcelamento pífido da “nação árabe” era manter os árabes politicamente ineficazes e militarmente fracos. Em um de seus escritos, Husri diz que ele é constantemente perguntado sobre como os árabes perderam a guerra de 1948-1949 na disputa

Dawisha entende o conceito de nacionalismo árabe essencialmente ligado à ideia de unidade territorial, não apenas o *desejo* por essa unidade ou a *solidariedade* entre nações árabes, mas principalmente uma *luta política* direcionada à formação de uma nação com fronteiras territoriais definidas. O autor faz referência a Benedict Anderson e sua noção de nação como uma “comunidade imaginada”¹⁵, e defende que este atrela o conceito de “nação” ao estabelecimento de fronteiras dentro de um Estado (DAWISHA, 2003, p. 5-6).

A definição de Dawisha acaba revelando certa crítica do autor à não concretização do propósito do nacionalismo árabe e, ao invés disso, seu uso como discurso político viabilizador dos Estados nacionais formados após os acordos de Sikes-Picot, ou seja, um uso deslocado do pan-arabismo para a realização das nações individuais (DAWISHA, 2003, p. 1-2). A unidade cultural, formada pelos falantes de língua árabe, que partilham outros aspectos culturais é entendida pelo autor como “arabismo”. Sobre “pan-arabismo”, o autor afirma que as multiplicidades de expressões, em língua árabe, que fazem menção à união dos povos árabes, não contemplam o termo em si, sendo este uma leitura ou tradução livre ocidental, mas que necessariamente remete à ideia de unidade dos nacionalistas árabes, um sinônimo então de nacionalismo árabe (DAWISHA, 2003, p. 11). A distinção necessária, em sua conclusão, é entre o *nacionalismo árabe* e o *arabismo*, sendo o primeiro movido então por um desejo de soberania, portanto *político*, enquanto que o segundo seria a manifestação da partilha entre povos de mesma língua, religiões e hábitos, sendo assim um aspecto *cultural*. Tal distinção remete a uma questão: até que ponto o aspecto cultural submeteu, ou submete, a agência política dos árabes e sírios?

Os primeiros passos do nacionalismo árabe no Levante foram dados pelas mãos do Ocidente e da igreja católica. O papado já enviava missões ao Oriente desde o século XVI, porém Ibrahim Pasha, filho do Rei do Egito Muhammad Ali e governador da Síria entre 1833 a 1841 – conquistada militarmente dos turcos otomano, e reconquistada pelos britânicos para a manutenção da rota da seda dentre outros interesses - é apontado como o responsável pelo incremento destas missões no século XIX. Convidados a abrir escolas e instituições de ensino,

da Palestina quando estes eram sete estados e Israel era apenas um? Sua resposta é inequívoca: Os árabes perderam a guerra *precisamente* porque eram sete estados. A conclusão não deixa dúvidas: Para evitar perderem futuras guerras, os árabes teriam que se unir em um estado árabe”. (tradução nossa)

¹⁵ “[A comunidade] é imaginada porque mesmo os que os membros da menor nação nunca conheçam a maioria de seus colegas, nem os encontrem, ou mesmo ouçam nada sobre eles, ainda assim, na mente de cada um vive a imagem de sua comunhão... é imaginada como uma comunidade, porque a despeito da real desigualdade e exploração que possa prevalecer em cada uma, a nação é sempre concebida como uma profunda e horizontal camaradagem.” (Anderson, 1991 apud DAWISHA, 2003, p. 5, tradução nossa)

os missionários cristãos teriam trazido consigo prensas de livros, e o período é apontado como um *renascimento literário*¹⁶ árabe. Este aumento da disponibilidade de livros teria estimulado o aflorar das ideias de busca por direitos, primeiramente dentro do império otomano, evoluindo para um desejo por independência manifesto em autores e grupos literários. Vale mencionar que o domínio turco sobre o Levante não exercia uma influência cultural intensa – ao contrário, a língua árabe era a língua do profeta Maomé e dos textos do islã, e assim manteve-se reverenciada por todo o império otomano (DAWISHA, 2003, p. 17-18).

À medida que crescia a ideia de contestação ao sultanato otomano no Levante, houve certa oposição islâmica ao ideário nacionalista árabe, ocorrida pelo fato de este promover o rompimento com o então consagrado centro do islamismo. O nacionalismo árabe, mesmo incipiente no final do século XIX e início do XX, foi visto por alguns como um “ocidentalismo”, sendo contrário aos valores islâmicos e também desnecessário. Afinal, a ideia da *Umma*¹⁷ corânica já traz em si a sua própria interpretação da unificação dos povos do Islã. No entanto, autores islâmicos trazidos por Dawisha (2003) utilizaram esta mesma *Umma* em oposição ao sultanato, justificando isto pela origem étnica árabe ser distinta da otomana. Outras oposições sofridas pelo nacionalismo vinham simplesmente da manutenção do status quo de elites por todo o Levante. (DAWISHA, 2003, p. 14-40)

Uma disseminação mais ampla do nacionalismo árabe só seria fortalecida entre as sociedades do Oriente Médio após a Primeira Guerra Mundial. Como resultado da “Grande Revolta Árabe”, batalha que uniu exércitos árabes, britânicos e franceses, houve o desmembramento do Império Turco Otomano. Líderes árabes da península arábica, Egito e outras regiões do Levante viram oportunidades de expandir seu poder e foram bem remunerados, contando com motivações outras que não o nacionalismo árabe:

William Cleveland asserts that the revolt “was proclaimed in the name of/ preserving Islam, not in the name of Arabism or the Arab nation.” ‘Aziz al-‘Azme is more categorical: “The Arab Revolt . . . does not belong to the register of . . . Arab nationalism, and it really ought to be excised from the chronicles of Arab nationalism. It was Arab only in the narrow ethnological, pre-nationalist sense. It was an Islamist rebellion, undertaken in the name not of the Arabs, but of a Meccan Caliphate under the Sharif Husayn bin Ali.” Indeed, Husayn himself felt that the Arabs would unite only under the banner of Islam. (...) C. Ernest Dawn has persuasively shown that up to 1914 Husayn was a loyal supporter of the Ottoman Empire, who was not averse to using his Arab forces in support of Turkish troops

¹⁶ Em árabe, al-Nahda.

¹⁷ Comunidade ou Nação islâmica, em um sentido simplificado.

against the Arabs in the Arabian Peninsula. He rebelled against Istanbul only after the Ottomans rejected his demands for a hereditary monarchy in al-Hejaz. (DAWISHA, 2003, p. 36)¹⁸

[...] it was “the glitter of British gold and the promise of ample bounty that rallied the Hejaz bedouins behind the Sharif.” Tribal chiefs would negotiate endlessly over remunerations until military operations were delayed, and once paid, many would withdraw from the sharif’s war. If they felt any duty or commitment, it was to the British monetary coinage. “In this part of the world,” observed a British military advisor to the sharifian army, “gold is now so plentiful that the British sovereign may almost be said to be the unit of coinage.” And according to T. E. Lawrence, himself a great sympathizer with the sharifian cause, it was the availability of British gold that allowed Faysal to buy off the tribes, for “nothing else would have maintained a nomad force for five months in the field.” (DAWISHA, 2003, p. 37)¹⁹

As lutas ao lado do exército britânico na Primeira Guerra foram a origem do Estado Sírio. Após a queda do domínio turco, o príncipe Faysal, da dinastia Hashemita, um dos principais generais da luta contra os otomanos, toma a cidade de Damasco e implementa, em 1918, um governo de cunho abertamente nacionalista. O intuito era legitimar seu reinado, trazendo a ideia de que os árabes da Síria eram o mesmo povo que os beduínos da península arábica, origem de seu clã. Sati’ al-Husri, citado anteriormente, é convidado a ocupar o cargo de ministro da educação, onde poderia implementar um sistema voltado a enaltecer a unidade árabe, visando influir nas gerações em formação. Faysal chega a rebatizar o país como Reino da Grande Síria, englobando os territórios dos atuais Síria, Líbano e Palestina. Porém, os acordos de Sikes-Picot de 1916 entram em vigor após o congresso de San Remo, em 1920, e a França rapidamente vai reclamar seus direitos e depor Faysal. Devido à sua recente disponibilidade e liderança comprovada na “Grande Revolta Árabe”, os ingleses enxergam uma oportunidade de aliança com Faysal, e 11 meses após ser deposto na Grande Síria, este foi coroado rei do Iraque sob mandato britânico, onde novamente implementou um sistema

¹⁸ “William Cleveland afirma que a revolta “foi proclamada em nome do / pela preservação do Islã, não em nome do arabismo ou da nação árabe”. Aziz al-Azmeh é mais categórico: “A Revolta Árabe. . . não pertence ao registro do. . . nacionalismo árabe, e ela realmente deveria ser extirpada dos registros do nacionalismo árabe. Foi Árabe apenas no sentido estreito etnológico, pré-nacionalista. Foi uma rebelião islamista, realizado no nome não dos árabes, mas de um Califado de Meca sob mandato de Sharif Husayn bin Ali. “De fato, o próprio Husayn sentiu que os árabes se uniriam apenas sob a bandeira do Islã. [...]C. Ernest Dawn demonstrou convincentemente que até 1914 Husayn era um defensor leal do Império Otomano, que não era avesso a usar suas forças árabes em apoio das tropas turcas contra os árabes na Península Arábica. Ele se rebelou contra Istambul somente após os otomanos rejeitarem suas exigências de implementar uma monarquia hereditária em al-Hejaz.”(tradução nossa)

¹⁹ “[...]foi ‘o brilho do ouro britânico e a promessa de uma ampla recompensa que reuniu os beduínos do Hejaz atrás de Sharif.’ Os chefes tribais iriam negociar interminavelmente suas remunerações até que as operações militares fossem atrasadas, e uma vez pagos, muitos iriam retirar-se da guerra de Sharif. Se eles se sentiram qualquer dever ou compromisso, foi pela cunhagem monetária britânica. ‘Nesta parte do mundo’, observou um conselheiro militar britânico do exército de Sharif, ‘o ouro é agora tão abundantes que o soberano britânico pode quase ser considerado a unidade de cunhagem.’ E de acordo com T.E. Lawrence, ele próprio um grande simpatizante com a causa de Sharif, foi a disponibilidade de ouro britânica que permitiu a Faysal subornar as tribos, pois ‘nada mais teria mantido uma força nômade por cinco meses no campo.’”(tradução nossa)

educacional junto com Sati' al-Husri e continuou a propagar o nacionalismo árabe. (DAWISHA, 2003, p. 42-43).

A Síria, por sua vez, ficou sob mandato francês de 1921 a 1946. Na formação do Estado sírio moderno, fatores internos e externos ao país tiveram papel decisivo entre a independência e o importante ano de 1958, em que ocorre a união com o Egito de Gamal Abdel Nasser e a formação da República Árabe Unida.

The particular historic context is crucial to understanding Syria's democratic interlude. The birth of the Syrian state ensued as a result of the nationalist struggle against imperialism, which radicalised nationalist sentiments in Syria. An arbitrary delineation of borders by the colonial powers and the resulting territorial losses of historic Syria - Palestine, Alexandretta, the Bequa valley and parts of the Mediterranean coast - left ambitions for Greater Syria unfulfilled. The historic, cultural and political bonds among the divided states paved the way for radical movements; Pan-Arabist, Islamist and nationalist ideologies were so deeply rooted in Syrian minds that public opinion would not tolerate divergence from Arab nationalism. Although since 1946 the focus of Syrian political life has shifted from the nationalist struggle to the challenge of constructing a viable state, nationalism has remained a dominant current in Syrian politics. The main objective of Arab nationalism was to compensate for colonial humiliation by reuniting divided Arab territories. This mindset provided ideological support for the union with Egypt. (KRÓKOWSKA, 2011, p. 83)²⁰

Krókowska (2011) busca compreender o período de 12 anos entre a independência síria e a formação da República Árabe Unida, e o caminho percorrido pelo partido *Baath*²¹ até sua influência na união com o Egito. *O Baath* nasce como uma das oposições ao governo do Partido do Povo, representante das elites do país, e posteriormente torna-se situação por meio de um golpe apoiado por militares e amplos segmentos da sociedade civil em 1961.

²⁰ “O contexto histórico particular, é crucial para entender interlúdio democrático da Síria. O nascimento do Estado sírio se seguiu como resultado da luta nacionalista contra o imperialismo, que radicalizou sentimentos nacionalistas na Síria. Uma delimitação arbitrária das fronteiras pelas potências coloniais e as perdas territoriais resultantes da Síria histórica - Palestina, Alexandretta, o vale do Beqa e partes da costa do Mediterrâneo - deixaram as ambições de uma Grande Síria insatisfeitas. Os laços históricos, culturais e políticos entre os estados divididos abriu o caminho para os movimentos radicais; Pan-arabistas, islâmicos e ideologias nacionalistas foram tão profundamente enraizada na mente da Síria que a opinião pública não toleraria desvios ao nacionalismo árabe. Embora desde 1946 o foco da vida política síria tenha mudado, passando da luta nacionalista ao desafio da construção de um Estado viável, o nacionalismo se manteve como uma corrente dominante na política síria. O principal objetivo do nacionalismo árabe seria compensar a humilhação colonial, reunindo os territórios árabes separados. Essa mentalidade forneceu apoio ideológico para a união com o Egito. (tradução nossa)

²¹ O nome completo do partido é “Partido Socialista Árabe Ressureição”, onde a última palavra é a tradução para “*Baath*” – fundado em 4 de abril de 1947.

Krókowska assume que a Síria pós-independência viveu um breve período democrático, que foi perdido na união com o Egito. A leitura que esta autora faz da situação síria no período é uma análise das “mudanças nas classes, como o enfraquecimento das elites liberais sírias, que têm sua legitimidade diminuída perante os desafios da industrialização tardia e a competição externa”; e o surgimento “de uma classe média radicalizada por partidos políticos direcionados contra a oligarquia e o imperialismo” (KRÓKOWSKA, 2011, p. 81, tradução nossa). Em sua visão, o discurso anticolonial já não sustenta o apoio à elite latifundiária, vista como incapaz de conduzir a modernização e estabilização econômica do Estado sírio. Cerca de 50 famílias dominavam as terras na Síria, conquistadas no final do império otomano, e cujas fortunas foram erguidas por oportunidades de negócios surgidas durante a segunda guerra mundial.

É uma elite que governa para si e seus interesses, muito distante da maioria da população. Em decorrência disto, há uma crise de representatividade, posto que os partidos de oposição, mesmo contando com apoio popular, não conseguem número de cadeiras parlamentares significativo nas eleições de 1954, consideradas um “avanço democrático” por conta da implementação do voto secreto – mas que não significava uma real democracia, uma vez que a política, conforme mencionado, era território das elites. Tais partidos políticos recebem apoio dos trabalhadores, camponeses e de uma nova classe média, formada por profissionais liberais, militares politizados e servidores públicos, e sustentam discursos anti-imperialistas e pan-arabistas que não priorizam a democracia, vista como um elemento ocidental que favorece as elites. A ideia de que os árabes devem se unir contra os inimigos e serem solidários entre si encontra terreno fértil na Síria, onde as potências ocidentais são vistas como traidoras da confiança árabe pelas perdas territoriais (KRÓKOWSKA, 2011, p. 83) e fatores externos envolvendo o Pacto de Bagdá, entre Estados Unidos, Turquia, Irã, Iraque e outros países²²; a criação do Estado de Israel e a as guerras árabe-israelenses que se seguiram; e as pretensões Hashemitas²³ ameaçam a frágil estabilidade de uma recém-criada nação.

²² Firmado em fevereiro de 1955 com o patrocínio dos EUA, o Pacto de Bagdá estabelecia uma aliança militar entre Iraque e Turquia à qual, mais tarde, se uniriam a Grã Bretanha, Paquistão e Irã, e foi grande catalizador da Guerra Fria no Oriente Médio, tendo a um lado Turquia, Irã e Iraque, e Egito e Síria de outro, estes suportados e armados pela URSS. (FERABOLLI, 2005)

²³ “A partir da Síria, os Hashemitas, apoiados por muitos sírios, continuaram defendendo a legitimidade da Grande Síria. Abdullah assumiu a liderança da causa quando seu irmão Faysal, que tinha se tornado rei do Iraque, faleceu em 1933. Tão logo Síria e Jordânia alcançam a independência em 1946, Abdullah clama pela

Krókowska (2011) verifica que o nacionalismo árabe dos anos 1950 tornou-se uma poderosa ferramenta na mão dos grupos políticos que se opunham ao governo do Partido do Povo, prometendo o “desenvolvimento sírio por meio da unidade política e econômica árabe”.

A decline in the influence of the conservatives left the political scene open for progressive parties to emerge. From the beginning of the late forties, radical parties began to establish their influence across a wide spectrum of Syrian society. Ideological parties included the Ba'th Party, the Syrian Communist Party (SCP), the People's Party, the Syrian Social National Party (SSNP), the Muslim Brotherhood, and the Youth Party. These parties found support among classes which contested the oligarchic order and sought to restructure Syrian society. Radical parties mobilized peasants and workers, but it was the radicalization of the new middle classes that brought them to power. Ideological parties benefited from the conflicts among diverse political elements of the country, promising Syrian development through Arab political and economic unity. Radical change was seen as a way of modernizing the country so that it could compete with the West. The Pan-Arab nationalist ideology adopted by the Arab Socialist Ba'th Party fell on fertile ground after the creation of the state of Israel. Moreover, condemnation of sectarian and confessional cleavages made the Ba'th Party particularly popular among the minorities who hoped for social ascent. Party supporters were recruited through two cross-sectarian institutions: education and the military. Most cadets from the 'generation of high expectations' were completely politicized by the time they entered the military academy. (KRÓKOWSKA, 2011, p. 87-88)²⁴

Após a guerra de 1948 contra Israel, a ameaça externa torna-se questão maior no cotidiano político sírio. Se Israel antes representava a derrota colonial pelas perdas de territórios considerados sírios, agora passa a representar a ameaça externa imperialista, e o discurso da modernização leva à ideia de necessidade de incremento do poderio bélico e militar. Como outros países no Oriente Médio e no mundo, a Síria do pós-guerra foi pressionada a se alinhar na Guerra Fria, e as divisões entre aqueles que tendiam aos EUA ou à

imedata unificação da Síria sob sua coroa, acreditando que ganharia apoio ao seu plano não apenas dos britânicos, como também do clamor das massas árabes, pedindo unidade.” (LANDIS, 2004) (traduções nossas).

²⁴ “Um declínio na influência dos conservadores deixou a cena política aberta para partidos progressistas despontarem. Desde o final dos anos quarenta, partidos radicais começaram a estabelecer sua influência em um amplo espectro da sociedade síria. Os partidos ideológicos incluíam o Partido Ba'ath, o Partido Comunista Sírio (SCP), o Partido Popular, o Partido Social Nacional Sírio (SSNP), a Irmandade Muçulmana, e o Partido da Juventude. Estes partidos encontraram apoio entre as classes que contestavam a ordem oligárquica e procuravam reestruturar a sociedade síria. Os partidos radicais mobilizaram camponeses e trabalhadores, mas foi a radicalização das novas classes médias que os levaram ao poder. Os partidos ideológicos se beneficiaram dos conflitos entre os diversos elementos políticos do país, prometendo o desenvolvimento da síria através da união política e econômica árabe. A mudança radical passou a ser vista como uma forma de se modernizar o país para que este pudesse competir com o Ocidente. A ideologia nacionalista pan-árabe, adotada pelo Partido Socialista Árabe Ba'ath caiu em solo fértil após a criação do Estado de Israel. Além disso, a condenação das clivagens sectárias e confessionais fez o Partido Ba'ath particularmente popular entre as minorias que esperavam a ascensão social. Os apoiadores do partido foram recrutados através de duas instituições sectárias cruzadas: o educacional e os militares. A maioria dos cadetes da 'geração de altas expectativas' foram completamente politizado no momento em que entraram na academia militar.”(tradução nossa)

URSS eram encontradas no próprio governo e mesmo na oposição. Os EUA demandavam que a Síria reconhecesse Israel e que atendesse às demandas estadunidenses – ideia vista internamente como de difícil aceitação pela sociedade, enquanto que a URSS, ao contrário do que acreditavam os EUA ou setores conservadores sírios, não demandaram a mudança de sistema econômico do país. Ao invés disso, declararam respeitar o nacionalismo árabe e concordaram em financiar o país com base em excedentes produtivos agrícolas.

[...] in addition to its military benefits, cooperation with the Soviets seemed practical on purely economic grounds as well. It provided arms without restrictions and purchased Syria's surplus of agricultural produce. A turning point was the Czech arms deal – due to its military purchases, Syria found itself in opposition to the West, together with Nasser. As late as the autumn of 1957 President al-Quwatli was still declaring: "Had it not been for Israel, we would not have felt the need for new weapons; and were it not for the unrelenting preferential treatment of Israel by the United States, we would not have been introduced to new Russians." (KRÓKOWSKA, 2011, p. 92)²⁵

É importante destacarmos que a Síria foi levada ao campo de influência Soviético, encontrando neste a alternativa para a sua própria sobrevivência como país fragilizado que era no período. Em 1955, o partido *Baath*, mesmo com o já citado apoio popular, não consegue mais do que 19 dos 142 assentos no congresso, e recorre ao apoio do presidente do Egito, Gamal Abdul Nasser, líder de enorme carisma entre os povos árabes e um dos grandes disseminadores do Nacionalismo árabe. Os sírios viam Nasser como a liderança necessária para realizar o ideal de nação que almejavam, e, na década de 1950, no pós-guerra, “a solução liberal democrática não era um denominador comum, muito menos ‘o único jogo a ser jogado’” (KRÓKOWSKA, 2011, p. 94, tradução nossa).

Em fevereiro de 1958, com o apoio da maioria dos partidos de oposição, mas em uma articulação coordenada pelo *Baath*, é anunciada pelo Egito a criação da *República Árabe Unida*, uma união que nasce com aval dos conservadores sírios e dos militares e que pode parecer um tanto paradoxal, a um país que lutou pela independência doze anos antes, se

²⁵ [...]além de seus benefícios militares, a cooperação com os soviéticos parecia pragmática, em termos puramente econômicos. Forneceu armas sem restrições e adquiriu excedente de produtos agrícolas da Síria. Um momento decisivo foi o negócio de armas checas - devido às suas compras militares, a Síria viu-se em oposição ao Ocidente, juntamente com Nasser. Ainda no outono de 1957 o presidente al-Quwatli continuava declarando: "se não tivesse sido por Israel, não teríamos sentida a necessidade de novas armas; e se não fosse pelo o tratamento preferencial implacável de Israel pelos Estados Unidos, nós não teríamos sido apresentado aos novos russos".(tradução nossa)

olhado pelas lentes do liberalismo democrático. A ideia não agradava os setores conservadores, mas viram-na como a única forma de impedir que o país se tornasse comunista, este sim, um real receio destes grupos. Os militares, cuja influência política era crescente desde a derrota na guerra contra Israel, viram na união com o Egito a oportunidade de estender mais o seu poder (KRÓKOWSKA, 2011).

Este experimento árabe nacionalista dura até 1961, quando a Síria se retira da unificação. Os integrantes históricos do Baath perderam espaço, enquanto que os militares passaram a comandar o partido, dentre eles Hafez al-Assad. Em 1963, o Baath toma o poder por um golpe de Estado, e o controle militar do partido passa a comandar o país. Em 1966, um novo golpe militar liderado por Salah Jedid consolida a liderança dos chamados Neo-Baathistas no partido, afastando de vez as lideranças anteriores. Hafez al-Assad ocupa então a posição de ministro da defesa. Com um governo mais à esquerda, a junta no poder confisca terras de latifundiários e promove a reforma agrária. Fundam a União Campesina, que representa o Baath no meio rural, e promovem apoio popular à causa palestina. Em 1967 eclode a Guerra dos Seis dias²⁶, e Israel anexa as colinas do Golã sírio, que vem ocupando desde então. (DOSTAL, 2014, p. 20-21).

2.5. O GOVERNO DE HAFEZ AL ASSAD, DE 1970 A 1999

O governo de Salah Jadid (1966-1970) fez importantes mudanças que abriram caminhos para a estabilização da Síria, como a citada reforma agrária e a exploração de recursos naturais concentrados nas mãos do setor público, de propriedade do Estado. Porém, as mudanças radicais deste período de guinada à esquerda levam o Baath ao seu limite, e a guerra de 1967 contra Israel é vista no partido como tendo sido uma irresponsabilidade que culminou com novo golpe. (DOSTAL, 2014, p. 4)

On November 16, 1970, Hafiz al-Assad led another coup— termed the ‘Corrective Movement’—that removed the more radical sections of the Baath Party under the leadership of Jadid from power. This turned out to constitute a decisive turning point in the history of modern Syria. In marked contrast to earlier Baathist leaders, Hafiz

²⁶ “Do dia 5 ao dia 10 de junho de 1967, Israel atacou o Egito, Síria e Jordânia, que contaram com o apoio do Iraque, Kuwait, Arábia Saudita, Argélia e Sudão. Como resultado de sua vitória, Israel ocupou a Península do Sinai, a Faixa de Gaza, a Cisjordânia, as Colinas de Golã e a parte oriental da cidade de Jerusalém.” (MAIA, 2007)

al-Assad was able to construct a stable political system that allowed the Syrian state for the first time to become an influential regional player. (DOSTAL, 2014, p. 22)²⁷

O governo que se inicia após o golpe de 1970 não seria mais comandado por uma junta, como os anteriores. Ao invés disso, teve em Hafez al-Assad o presidente da república, com grande concentração de poderes sob este cargo. Foi na longa gestão de Hafez al-Assad que a Síria deixou para trás os anos de instabilidade e entrou em um processo de modernização acelerado, seguindo um modelo econômico do tipo rentista que se torna possível a partir de 1968 com a subida dos preços do petróleo. A estabilidade do governo de Hafez al-Assad se deve a fatores econômicos e políticos.

Nos fatores econômicos, a expansão da renda do petróleo e obtenção de rendas mediante acordos com as monarquias do golfo foram os responsáveis pela criação de um setor público de trabalhadores com certos privilégios, como garantia de emprego, plano de saúde, aposentadoria e transporte público gratuito. A cesta básica também tinha seus preços controlados. Foi formada no período uma classe estatal, urbana. (DOSTAL, 2014, p. 22) Mas o campo também participou deste período de crescimento e de rápida urbanização, característico de sociedades agrárias em transformação:

In the countryside, oil revenues were utilized to provide price guarantees for agricultural producers that allowed rural workers to participate in the rise in the standard of living. Overall, the 1970s were characterized by rapid urbanization and a transition in the labor market. At the beginning of the decade, one in two Syrians was working in agriculture while only one in four did so at the beginning of the 1980s. (DOSTAL, 2014, p. 22-23)²⁸

No cenário político, desenhou-se uma estrutura de plenos poderes ao presidente, que era o chefe do governo, chefe do regime ou Estado, líder do partido político, comandante das

²⁷ “Em 16 de Novembro de 1970, Hafiz al-Assad conduziu outro golpe - chamado de ‘movimento corretivo’ - que removeu as alas mais radicais do Partido Baath do poder, sob a liderança de Jadid. Esta acabou por constituir uma guinada decisiva na história da Síria moderna. Em contraste marcante com os líderes anteriores baathistas, Hafiz al-Assad foi capaz de construir um sistema político estável que permitiu que o Estado sírio pela primeira vez se tornasse um ator regional influente.”(tradução nossa)

²⁸ “No campo, as receitas do petróleo foram utilizados para fornecer garantias de preços para os produtores agrícolas, o que permitiu aos trabalhadores rurais participarem no aumento do padrão de vida. No geral, os anos 1970 foram caracterizados pela rápida urbanização e uma transição no mercado de trabalho. No início da década, um em cada dois sírios trabalhava na agricultura, enquanto apenas um em cada quatro o faziam no início da década de 1980.” (tradução nossa)

forças armadas e toda a estrutura pública do Estado rentista. Este desenho provavelmente se inspirou na estrutura de governo de Gamal Abdel Nasser, “quem havia sido muito bem sucedido em estabilizar seu comando optando por distribuir cargos dentre os oficiais mais graduados enquanto reservou para si o direito exclusivo à coordenação política” (DOSTAL, 2014, p. 23, tradução nossa)

Under the new presidential system, the Syrian state became defined by the following major institutions: (1) the president, who is in charge of the ‘Presidency of the Syrian Arab Republic’, which has purposefully blurred boundaries; (2) the army; (3) the security services, which operate independently from each other and without any inter-agency coordination; (4) the formal state institutions consisting of a government and ministries headed by a prime minister and assisted by a parliament (the People’s Assembly); and (5) the regime’s corporatist institutions such as the Baath Party, the other legal political parties organized in the ‘National Progressive Front’ (NPF), founded in 1972, as well as the Peasants’ Union, trade unions, and similar bodies. (DOSTAL, 2014, p. 23-24)²⁹

Ao administrar as rendas proveniente do petróleo, e as rendas políticas e estratégicas, o governo sírio foca seus investimentos no exército e no setor público. Na década de 1980, no entanto, o modelo rentista começa a apresentar sinais de esgotamento devido ao preço baixo do petróleo, afetando a renda proveniente deste recurso, e da instabilidade política que afasta as rendas estratégicas e políticas, provenientes de países do golfo. Após a guerra de 1973 com Israel³⁰, a União Soviética, que já fornece assistência econômica e militar à Síria, incrementa seu suporte à doutrina Síria de “paridade estratégica” com Israel no campo militar. A liberalização da economia, mediante demandas da burguesia sunita existente no país, concorreu com as “medidas corretivas” que favoreciam o setor público e a classe estatal, ou nova burguesia que este setor criou. O que definia a maior ou menor liberalização da

²⁹ “Sob o novo sistema presidencial, o estado sírio ficou definido pelas seguintes grandes instituições: (1) o presidente, que está no comando da “Presidência da República Árabe da Síria”, cujos limites eram deliberadamente imprecisos; (2) o exército; (3) os serviços de segurança, que operam de forma independente um do outro e sem qualquer coordenação interagências; (4) as instituições formais do Estado constituídos por um governo e ministérios chefiados por um primeiro-ministro e assistidos por um parlamento (Assembleia Popular); e (5) as instituições corporativistas do regime, como o Partido Baath, os outros partidos políticos legais organizadas na ‘Frente Progressista Nacional (NPF), fundada em 1972, assim como a União dos Camponeses, sindicatos e organismos similares.” (tradução nossa)

³⁰ Conhecida como Guerra de Outubro, este conflito ocorreu entre 6 e 25 de outubro de 1973, quando Síria e Egito realizam um ataque duplo aos seus territórios ocupados na guerra dos seis dias em 1967, o primeiro contra as Colinas do Golã e o segundo, a península do Sinai. A guerra resulta em um acordo de paz entre Israel e Egito, primeiro país árabe a reconhecer o Estado Judeu. Apesar de derrotados militarmente pela resposta rápida dos EUA no fornecimento de armas a Israel, esta guerra não foi vista pelos árabes como uma derrota. Pelo contrário, demonstrou que a força do petróleo dava poder de barganha aos árabes perante as superpotências. (HOURANI, 2006, p. 545) . Tal visão, contudo, é também controversa, já o aumento de petróleo beneficiou a todos os produtores, e não apenas a OPEP, lembrando que, conforme dito anteriormente, países como a Arábia Saudita se abriram à exploração por empresas estadunidenses.

economia era a disponibilidade de rendas. Hafez al-Assad lidou com esta “competição cíclica” durante todo o seu governo. Isto fortaleceu os liberais sírios, que obtiveram diversas conquistas em leis que aumentaram o “pluralismo” econômico, como as *infiteh* (aberturas) dos anos 1970 e dos anos 1990, ainda que o governo nunca tenha, pela própria natureza do Estado rentista, se voltado totalmente contra o setor público.

2.5.1. Hafez al Assad, as oposições e a Irmandade Muçulmana

Sob o comando de Hafez al-Assad, o *Baath* era o partido governante da nação, de acordo com a constituição de 1973. Utilizando-se desta premissa, convidou outros partidos a integrar sua base de governo, e estendeu direitos e reconhecimentos a grupos e minorias.

Nasserite and Communist organizations were invited to join the National Progressive Front and were also granted representation in the People's Assembly (the Parliament), although the only NPF parties with a significant degree of popular support were the two factions of the Communist Party. In addition, the Kurdish minority received a degree of parliamentary representation and, in the 1990s, the new bourgeoisie was allowed to use the Chamber of Commerce as a lobbying body in its interaction with the government. (DOSTAL, 2014, p. 28)³¹

A relação com a oposição mais acirrada, no entanto, foi mais repressiva. Os partidos nacionalistas árabes foram duramente reprimidos, se reconciliando com o Estado sírio apenas no governo de Bashar al-Assad. Já com a Irmandade Muçulmana na Síria, também conhecida por *Ikhwan*, a relação tem sido bem mais conturbada. A *Ikhwan* nasce da junção de diversos grupos islâmicos sírios nos anos 1940, sendo a primeira das “irmandades”, depois da Irmandade Muçulmana Egípcia, a se desenvolver. Inicialmente participando do governo, chegou a ter dez cadeiras no parlamento em 1949, o que representava 5,7% do total (PORAT, 2010). No entanto, como vimos anteriormente, a alternativa democrática liberal não permitia uma real ascensão ao poder conforme a demanda popular, e nem era a única opção para um Estado em formação nos anos 1950, e o nacionalismo árabe possibilitou a tomada de poder

³¹ “Organizações nasseristas e comunistas foram convidadas a participar da Frente Nacional Progressista e a elas foi concedida representação na Assembleia do Povo (Parlamento), embora os únicos partidos da FNP com um grau significativo de apoio popular eram as duas facções do Partido Comunista. Além disso, a minoria curda recebeu um grau de representação parlamentar e, na década de 1990, a nova burguesia tinha permissão para usar a Câmara de Comércio como um corpo de lobby na sua interação com o governo.” (tradução nossa)

pelo Baath em 1963, consolidando-se nos anos seguintes (KRÓKOWSKA, 2011). A Irmandade muçulmana acaba se dividindo entre linhas regionais e geracionais dentro da Síria, e alas mais radicais vão controlando o grupo. Após Hafez al-Assad, a Irmandade Muçulmana na Síria passou a comandar ataques e atentados com objetivo claro de desestabilizar o governo (DOSTAL, 2014, p. 29). A *Ikhwan*, embora tivesse conquistado parte da burguesia sunita, nunca conseguiu grande suporte na Síria, o que explica seus fracassos armados. O grupo também não se empenhou em tentar se aliar à oposição secular, exatamente porque nos poucos momentos de aproximação, a sua verve sectária tornava-se evidente.

Nor did urban workers employed in the public sector or the rural population extend any significant degree of support to the Brotherhood (Lobmeyer 1995: 389-390, 394). Moreover, the Brotherhood did not undertake serious efforts to construct a broader political coalition with other opposition forces. For example, the short-term political alliance with the leftist secular opposition at the beginning of the 1980s lacked credibility and ‘reflected in reality a deep cleavage between Islamists and secularists whose commonality remained limited to shared hostility to the ruling regime’ (ibid.: 301). **More important, the Brotherhood accepted foreign financial and military assistance, principally from Saddam Hussein’s Iraq, Jordan, Saudi Arabia and conservative Gulf states, to start a campaign of urban terrorism against the Assad regime** (Seale 1988: 335-338). The campaign of violence soon escalated, and rising numbers of regime representatives including pro-regime Sunni religious scholars were assassinated. There were some attempts to stop the escalation of violence, including regime efforts to come to an agreement with the Brotherhood in 1979, but these efforts all failed. In 1982, the Syrian army’s crushing of the uprising of the Brotherhood in the city of Hama ended the insurgency and resulted in the full-scale defeat of the organization. (DOSTAL, 2014, p. 30, grifos meus)³²

Dostal aponta que o isolamento político e a falta de apoio da população, somados ao extenso suporte ao governo no país como um todo, foram as causas dos fracassos dos ataques armados da *Ikhwan* em 1982, mesmo contando com apoios de diversos países que desejavam derrubar Assad e a classe estatal. Hafez al-Assad buscou, desde então, até o fim da vida,

³²“Nem os trabalhadores urbanos empregados no setor público ou a população rural deu qualquer apoio significativo à Irmandade (Lobmeyer 1995: 389-390, 394). Além disso, a Irmandade não realizou esforços sérios para construir uma coalizão política mais ampla com outras forças de oposição. Por exemplo, a aliança política de curto prazo com a oposição secular de esquerda no início da década de 1980 não tinha credibilidade e refletiu na realidade uma profunda clivagem entre islamistas e secularistas cuja semelhanças permaneceram limitadas à hostilidade compartilhada ao regime no poder’ (ibid. : 301). **Mais importante, a Irmandade aceitou ajuda financeira e militar estrangeira, principalmente do Iraque de Saddam Hussein, da Jordânia, Arábia Saudita e outros estados conservadores do Golfo, para iniciar uma campanha de terrorismo urbano contra o regime de Assad** (Seale 1988: 335-338). A campanha de violência logo se transformou, e um número crescente de representantes do governo, incluindo estudiosos religiosos sunitas pró-regime, foram assassinados. Houve algumas tentativas de parar a escalada da violência, incluindo os esforços do regime para chegar a um acordo com a Irmandade em 1979, mas esses esforços todas falharam. Em 1982, a repressão do exército sírio da revolta da Irmandade na cidade de Hama finalizou a insurgência, resultando na derrota em larga escala da organização.” (tradução nossa)

melhorar o seu relacionamento com as comunidades e líderes sunitas do país, tomando decisões que iam contra a visão fortemente secular do partido Baath.

Em resumo, a política econômica rentista de Hafez al-Assad permitiu à Síria manter, principalmente nas primeiras duas décadas de seu governo, certa independência de mecanismos de financiamento como o FMI e o Banco Mundial, o que deu ao país uma soberania real. O apoio ao *Baath* se manteve como resultado do desenvolvimento de uma classe estatal que sobrevivia dos serviços públicos e dos investimentos nestes setores e no setor agrícola com as rendas do petróleo. A Síria pode manter-se como um influente player regional, à medida que investiu e recebeu apoio externo, especialmente da URSS, para manter seu aparato militar e bélico. Porém o crescimento do liberalismo interno como resposta à era neoliberal pós-URSS obrigaram o país a promover uma maior abertura perante o mundo globalizado (DOSTAL, 2014, p. 30-32).

2.6. O GOVERNO DE BASHAR AL-ASSAD, A PARTIR DE 2000

The Syrian economy has achieved relatively high economic growth rates, exceeding 5% on average, during the last decade. At the same time, the Syrian economy had been facing a reduction in oil production—the main source of public revenues and exports—accompanied by an increase in local demand on oil derivatives. In order to compensate for the sharp reduction in oil exports, the government encouraged manufacturing exports. As a result, Syria's export structure became more diversified before the start of the conflict. Moreover, several market-oriented policies were introduced to mitigate restrictions on trade, and to provide support to exporting companies. However, the production process suffered from poor institutional performance including the absence of a clear vision of reform, the high level of corruption, the lack of accountability, and low government efficiency (PICC 2011). Syria had no clear strategy on how to either deepen trade integration with the rest of the world or benefit from it. The actual policies seemed to have been primarily motivated by short-term reactions to changes in national and international markets and by political relationships with other countries. (MEHCHY, NASSER e SCHIFFBAUER, 2013)³³

³³ “A economia síria alcançou taxas de crescimento econômico relativamente altas, superiores a 5%, em média, durante a última década. Ao mesmo tempo, enfrentou uma redução na produção de petróleo, a principal fonte de receitas públicas e exportações- acompanhada por um aumento na demanda local de derivados de petróleo. A fim de compensar a redução acentuada das exportações de petróleo, o governo incentivou as exportações de manufaturados. Como resultado, a estrutura de exportação da Síria tornou-se mais diversificada, antes do início do conflito. Além disso, várias políticas orientadas para o mercado foram introduzidos para mitigar as restrições ao comércio, e apoiar as empresas exportadoras. No entanto, o processo de produção sofria de desempenho institucional, incluindo a ausência de uma visão clara de reforma, o alto nível de corrupção, a falta de prestação de contas, e baixa eficiência do governo (PICC 2011). A Síria não tinha nenhuma estratégia clara sobre como aprofundar a integração comercial com o resto do mundo, ou beneficiar-se dele. As políticas na realidade

A década de 2000-2010 na Síria foi um período de crescimento econômico – taxa condizente ou mesmo superior às de outros mercados em expansão no período, como o Brasil, que cresceu 3,7%³⁴. No entanto, os desafios enfrentados pelo país foram muitos, desde uma intensa liberalização econômica, ao menos desde a década de 1990, por conta do esfacelamento do campo geopolítico da URSS, e que se intensifica durante os anos 2000, como pela política de “Guerra ao Terror” que tem início em 2001 com a guerra do Afeganistão, e que em 2003 afeta o vizinho Iraque.

Bashar al-Assad sucede ao pai aos 34 anos, em uma manobra do Partido Baath para não abrir espaço à disputa de poder. Longe de ser um mero instrumento para a manutenção do regime, nos primeiros anos de mandato Bashar trocou dois terços dos postos mais altos do governo. A modernização foi perceptível, desde a expansão do ensino de inglês no sistema educacional à entrada da internet e expansão da telefonia móvel país. Em outros pontos, modernizar ou aplicar políticas anteriormente existentes pode ser interpretado como uma questão de necessidade:

In terms of domestic policymaking, [Bashar al-Assad] refused to engage in any fundamental political reform efforts, although an increased degree of media liberalization and the rise of civil society organizations pointed towards a tacit opening of Syrian society. In the economic field, he continued the gradual liberalization approach that had already prevailed under his father. Yet the degree of economic liberalization was significantly increased after 2005, underlining the drift in the higher echelons of the Syrian state class toward alliances with the new bourgeoisie. In foreign policymaking, Syria continued to belong to an axis of resistance with Iran and Hizballah in Lebanon. Bashar sustained pan-Arab nationalist claims such as support for Palestinian rights and demands for Israel to return the Syrian Golan Heights. However, he also explored opportunities to improve the relationship with the U.S. and the European Union (EU). However, these efforts suffered from the fact that U.S. policymakers continued to focus on efforts to impose a pro-Israeli Pax Americana in the region rejecting any consideration of legitimate Arab and Syrian grievances. (DOSTAL, 2014, p. 35)³⁵

pareciam ter sido motivados principalmente por reações de curto prazo às mudanças nos mercados nacionais e internacionais e pelas relações políticas com outros países.” (traduções nossas)

³⁴ “Economia brasileira cresceu a uma taxa média anual de 3,7% entre 2000 e 2011”. **Empresa Brasil de Comunicação**, por Victor Abdalla, em 11 mar.2015. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/educacao/2015/03/economia-brasileira-cresceu-uma-taxa-media-anual-de-37-entre-2000-e-2011>>. Acesso em 12 jun.2016.

³⁵ “Em termos de elaboração de políticas nacionais, [Bashar al-Assad] recusou-se a se envolver em quaisquer esforços fundamentais de reforma política, embora um maior grau de liberalização da mídia e a ascensão de organizações da sociedade civil apontaram para uma abertura tácita da sociedade síria. No domínio econômico, a prosseguiu com a abordagem gradual de liberalização que já tinha prevalecido com o seu pai. No entanto, o grau de liberalização econômica foi significativamente aumentado após 2005, destacando-se a mudança nos escalões mais elevados da classe estatal síria em direção a alianças com a nova burguesia. Na elaboração da política externa, a Síria continuou a pertencer a um eixo de resistência com o Irã e o Hezbollah no Líbano. Bashar sustentou reivindicações nacionalistas pan-árabes como suporte para os direitos dos palestinos e exigências de Israel para a devolução do Golã sírio. No entanto, ele também explorou oportunidades para melhorar o relacionamento com os EUA e a União Europeia (UE). Porém, esses esforços sofreram com o fato de que os formuladores de políticas dos EUA continuaram a se concentrar em esforços para impor uma Pax Americana

Os dez anos anteriores à guerra na Síria contêm, necessariamente, os elementos estruturais e conjunturais, internos e externos, ao conflito em curso. Uma linha do tempo do período deverá incluir

[...] (1) the transition period from the time of [Bashar al-Assad] assuming office until the U.S.-led occupation of neighboring Iraq (2000-2003); (2) the first phase of sustained external pressure when the U.S. threatened regime change from outside (2003-2005); (3) the second period of sustained pressure in which Syria was forced to withdraw its military presence in neighboring Lebanon in 2005; (4) the short stage of direct challenge of the axis of resistance during the border war between Israel and Hizballah in Lebanon in 2006; (5) the increased shift of the Syrian regime toward economic liberalization during the 10th Syrian Five Year Plan (2005-2010); (6) the period between the beginning of the so-called ‘Arab Spring’ and the rise of public protests in Syria (2010-March 2011); and (7) the rapid deterioration of the Syrian domestic political situation beginning March 2011, with the beginning of the Syrian uprising and the consequent ongoing regime efforts to react with a combination of political reforms and repression. (DOSTAL, 2014, p. 35)³⁶

A primeira fase do governo de Bashar, até 2003, é marcada por mudanças e adaptações nos cargos, conforme mencionado. Bashar enfrenta protestos assim que assume, com um movimento chamado de “Primavera de Damasco”, que reivindicou o fim do Estado de emergência e a libertação de prisioneiros políticos. Embora não tivessem sido capazes de mobilizar muitas pessoas e tenham enfrentado prisões e julgamentos, as manifestações surtiram certo efeito, uma vez que o governo examinou alguns casos e promoveu solturas, e a partir daí passa a adotar uma postura mais tolerante com manifestantes e expressões públicas. Na segunda fase, entre 2003 e 2005, houve na população o receio de que a Síria fosse o próximo alvo da “Guerra ao Terror” promovida pelos EUA contra o vizinho Iraque. Bashar recebeu no país cerca de 1,5 milhões de iraquianos, ao abrir as fronteiras para que fugissem da guerra. Aquele foi momento de grande união, com grandes manifestações de apoio ao presidente organizadas nas ruas. As fronteiras abertas viriam a se repetir em 2006, nos ataques Israelenses ao Líbano, e tal gesto pode ser compreendido não apenas como um humanitarismo, como também uma expressão de um dever pan-árabe em que a Síria propaga

pró-Israel na região rejeitando qualquer consideração de queixas árabes e sírias como legítimas.” (tradução nossa).

³⁶ “[...] (1) o período de transição a partir do momento que [Bashar al Assad] assumiu o cargo até a ocupação liderada pelos EUA do vizinho Iraque (2000-2003); (2) a primeira fase de pressão externa sustentada, quando os EUA ameaçaram mudança de regime a partir do exterior (2003-2005); (3) o segundo período de pressão sustentada em que a Síria foi forçada a retirar sua presença militar no vizinho Líbano em 2005; (4) a curta etapa de desafio direto do eixo da resistência durante a guerra de fronteira, entre Israel e Hezbollah no Líbano em 2006; (5) a mudança do regime sírio em termos de liberalização econômica durante o 10º Plano Quinquenal sírio (2005-2010); (6) o período entre o início da chamada “Primavera Árabe” e a ascensão de protestos públicos na Síria (2010-Março de 2011); e (7) a rápida deterioração da situação política interna da Síria a partir de março de 2011, com o início do levante sírio e as consequentes esforços de regime em curso para reagir com uma combinação de reformas políticas e repressão.(tradução nossa)

em sua política. Em 2005 houve grande pressão pela retirada das tropas sírias do Líbano. Estas sírias estiveram estacionadas no país desde 1976, quando eclodiu a Guerra Civil Libanesa, e a intervenção síria era desejável tanto internamente no Líbano quanto no contexto internacional. Após a morte do primeiro-ministro libanês Rafik Hariri em fevereiro de 2005, ligado aos sauditas e às monarquias do golfo, a Síria foi acusada de estar por trás do episódio, mesmo sem provas e negando o fato. O historiador Moniz Bandeira levanta dúvidas sobre a responsabilidade da Síria no caso, e aponta outros suspeitos, e as consequências:

Após o assassinio do ex-primeiro-ministro Rafik Hariri (1992-1998 e 2000-2004), em fevereiro de 2005, efetuado mediante a explosão de uma bomba e atribuído a agentes do serviço secreto da Síria pelo Ocidente, mas também ao Mossad, [serviço secreto] de Israel³⁷, uma série de sucessivas manifestações populares [...] se sucederam em Beirute e em outras cidades do Líbano como Revolução dos Cedros, equiparando-se às revoluções coloridas que aconteceram na Geórgia (revolução rosa) e na Ucrânia (revolução laranja). E o presidente George W. Bush, em suas memórias, assinalou que “a revolução dos cedros marcou um dos sucessos mais importantes da *Freedom Agenda*”. Ocorreria no país de múltiplas religiões, com maioria islâmica, “com forte pressão diplomática e sem envolvimento militar americano” (MONIZ BANDEIRA, 2013, p. 100, traduções livres)

A ONU promulga resolução que exige imediata retirada das tropas sírias do Líbano, que é cumprida no mesmo ano. Em 2006, Israel ataca posições do Hezbolah no sul do Líbano, e o grupo resiste aos ataques e responde com êxito. O “Eixo de Resistência”- Irã, Síria, Hezbolah e Hamas (Gaza) - havia recebido seu primeiro golpe, com a saída das tropas sírias do Líbano, e a vitória do Hezbolah em 2006, na visão de Dostal (2014), teria provocado no governo sírio certa *húbris*, pela ideia de que o Eixo poderia ser um poder equiparável aos demais jogadores geopolíticos no Oriente Médio.

It [...] appeared possible for the axis of resistance to fully balance the conservative Gulf Arab countries. With the advantage of hindsight, this interpretation of the geopolitical potential of Syria was clearly too far-reaching since it underestimated the superior resource endowment of the conservative Arab Gulf States and their willingness to put these resources to use against Syria (and by extension against

³⁷ Reproduzo a nota de Moniz Bandeira sobre a acusação feita ao Mossad, em tradução livre, numerando suas fontes: (a) “Significativamente, um dos consultores de Hariri, Mustafa al-Naser, contou à agência estatal de notícias iraniana IRNA na segunda-feira que ‘o assassinato de Hariri é trabalho da agência israelense de inteligência Mossad, que ajudou a criar tensão política no Líbano’”. Pepe Escobar, ‘The Roving Eye – How the west won Libya’, Asia Times, 22 out.2011. (b) “Inteligência israelense está por trás deste crime”, alega o criminologista alemão Juergen Cain Kuelbel. Em seu livro *Hariri’s assassination: hiding evidence in Lebanon* ele escreveu: ‘A Síria é inocente e nada tem a ver com este crime ou os outros assassinatos.’ Kuelbel descobriu que o sistema de bloqueio utilizado para desabilitar o escudo eletrônico do comboio de Hariri foi fabricado pela Netline Technologies Ltd. de Tel Aviv, uma companhia israelense co-desenvolvida entre as Forças de Segurança de Israel [IDF, o exército israelense] e a Polícia, e vendido por meio de lojas de varejo europeias.” Trish Shuh, “The salvador option in Beiruth”, Counterpunch, 8 fev.2007. (MONIZ BANDEIRA, 2013, p. 107-108, nota 38)

Iran) (Chivers and Schmitt 2013; Khalaf and Fielding-Smith 2013). Moreover, U.S. policymakers recovered to some extent from their lowest point after the Iraqi invasion (removing Saddam Hussein's Sunni-based regime had actually served to strengthen the power of Shiite Iran since the post Saddam Iraqi central government was principally Shiite). In fact, there are many indications that U.S. policymakers quietly remained committed to the project of regime change in Syria in the medium term (Hersh 2007). (DOSTAL, 2014, p. 39-40)³⁸

Entre 2005 e 2010, a economia síria atravessou um processo de intensa liberalização. As perspectivas apontadas pelo FMI e pelo Banco Mundial apontam para o fato de que os recursos que garantiram a existência da Síria como um Estado rentista já não seriam capazes de sustentar a economia. A pressão dos liberais, ou “internacionalistas”, intensificou-se na disputa com o setor público, agora chamado de “estadista-nacionalistas”. A classe estadista síria foi o suporte que garantiu a existência do Estado Sírio que obtinha nas receitas do petróleo e nas receitas estratégicas vindas da URSS e das monarquias do Golfo e, com crescimento suficiente para garantir sua soberania, na era de Hafez al-Assad.

Com as receitas do petróleo enfrentando períodos de baixa, e não podendo contar com as demais receitas, por conta de conflitos geopolíticos, Bashar busca um modelo de “capitalismo de Estado” semelhante ao chinês, onde a liberalização da economia é permitida e tratada como algo independente dos setores públicos. Porém, questões internas e externas, no que concerne ao porte e infraestrutura da economia Síria, não favorecem a expansão liberal, perante os vizinhos da União Europeia e especificamente da Turquia. Os *Acordos de Parceria da União Europeia*³⁹ permitiram acesso desta ao mercado sírio como um todo, e aos mecanismos de compras governamentais, mas excluíram quaisquer subsídios a empresas do setor público. O estreitamento de relações com a Turquia acabou por prejudicar o mercado de têxteis sírios.

O Iraque no início da década de 2000 realizava pagamentos em petróleo para a Síria como estratégia contra o embargo econômico dos EUA, o que já não ocorria no final da

³⁸ “[...] pareceu possível para o eixo de resistência equiparar-se plenamente aos países conservadores do Golfo Árabe. Com a vantagem da visão retrospectiva, esta interpretação do potencial geopolítico da Síria foi claramente exagerada, uma vez que subestimou a riqueza de recursos superiores dos conservadores Estados Árabes do Golfo e sua vontade de colocar esses recursos contra a Síria (e, por extensão, contra o Irã) (Chivers e Schmitt 2013; Khalaf e Fielding-Smith 2013). Além disso, os formuladores de políticas dos EUA recuperaram-se em certa medida, a partir de seu ponto mais baixo após a invasão do Iraque (remover o regime de base sunita de Saddam Hussein tinha realmente servido para fortalecer o poder do Irã xiita, uma vez que o governo iraquiano pós Sadam era majoritariamente xiita). Na verdade, há muitas indicações de que os formuladores de políticas dos EUA, em silêncio, continuam comprometidos com o projeto da mudança de regime na Síria, a médio prazo (Hersh 2007).” (tradução nossa)

³⁹ Em inglês, *Association Agreements of the European Neighborhood Policy*, também conhecidos pela sigla ENP.

década. As receitas do petróleo, que representavam cerca de 58% do total no início da década, passaram a 27% em 2010. Se por um lado a Síria enfrentava limites no crescimento do setor liberal do país, por questões estruturais que tornavam o mercado interno pouco apto à competição, por outro, o governo, com a receita rentista em crise, acabou assumindo um papel de promoção de relacionamentos comerciais, utilizando-se de investidores provenientes de relacionamentos pessoais – o que municiou os detratores do regime com os argumentos de corrupção e de favorecimento ilícito. Porém, as sanções comandadas pelos EUA após a morte do primeiro-ministro libanês Rafik Hariri também dificultaram estes relacionamentos clientelistas do governo sírio. (DOSTAL, 2014, p. 40-42)

Ainda no final da década, Bashar al-Assad procurou estabelecer relações mais próximas com o Ocidente, como as viagens para França, Grã-Bretanha, EUA e Brasil, dentre outros, entre 2008 e 2009. No início de 2010, Bashar recebeu o atual secretário de Estado John Kerry, com quem manteve conversações sobre os EUA voltarem a ser representados na Síria por um embaixador⁴⁰, e Robert Ford foi colocado no cargo em 2011⁴¹. As conversações voltaram a um tom mais frio em meados de 2010, porque Israel denunciou que a Síria teria entregado armas ao Hezbollah, o que o governo do país negou.⁴² Apesar de não haver provas sobre a acusação de Israel, as sanções contra a Síria, vigentes desde 2004, assinadas por George W. Bush⁴³ e anteriores ao assassinato do Primeiro-Ministro libanês Rafik Hariri, foram renovadas naquele ano⁴⁴.

A crise econômica afeta de modo mais agressivo as parcelas mais pobres da população síria. Os empregos públicos só absorvem cerca de 20% dos trabalhadores em idade adulta, limitando o ingresso àqueles com diploma universitário ou técnico. Aos agricultores – que enfrentaram dura seca nos últimos anos da década - é assegurado um subsídio nos insumos e a população em geral tem acesso a itens da cesta básica, também subsidiados. Mesmo com o acréscimo de receitas vindas do pagamento em petróleo do Iraque, os subsídios agrícolas e

⁴⁰ “Kerry tries to nudge Syria to reengage with the U.S.”. **The NY Times**, por Michael Slackman 1 abr.2010. Disponível em <<http://www.nytimes.com/2010/04/02/world/middleeast/02syria.html>>. Acesso em 23 abr.2016

⁴¹ “A new ambassador to Syria, but little hope of change”. **The NY Times**, por Robert Worth, 30 dez.2010. Disponível em <<http://www.nytimes.com/2010/12/31/world/middleeast/31ambassador.html>>. Acesso em 23 abr.2016

⁴² “Israel says Syria gave missiles to Hezbollah”. **NY Times**, por Ethan Bronner 14 abr.2010. Disponível em <<http://www.nytimes.com/2010/04/15/world/middleeast/15israel.html>>. Acesso em 22 abr.2016

⁴³ “O cerco à Síria”. **Le Monde Diplomatique Brasil**, por Paul-Marie de La Gorce, em 1 jul.2004. Disponível em: <<http://www.diplomatique.org.br/acervo.php?id=1106&tipo=acervo>>. Acesso em 15 jun.2016

⁴⁴ Obama renews Syria sanctions. **NY Times**, 3 mai.2010. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2010/05/04/world/middleeast/04syria.html>>. Acesso em 21 abr.2016.

dos descontos nos alimentos ao consumidor sofrem reduções, gerando questionamentos na população, o que acaba levando à troca do ministro da economia.

While liberal government reformers under the managerial leadership of former deputy prime minister for economic affairs Abdullah al-Dardari tried to spread the message that flatrate general subsidies were too expensive to be maintained, arguing that targeted welfare and a social safety net should replace the existing system, **the actual development on the ground was to enforce cuts without previous introduction of adequate side payments.** However one interprets these developments, one must appreciate that policy still remained within the framework of the rentier state: in particular, the liberal reformers were politically controlled and quietly left the stage when the domestic political order started to break down in 2011. Entering crisis mode, the regime immediately appointed prominent representatives of the ‘corrective wing’ such as Qadri Jamil, a former Communist and current leader of a minor leftist opposition party in the Syrian parliament, to take over the position formerly held by al-Dardari. In short, the political initiative was recaptured by the ‘nationalist-statist’ wing of the regime in its fight for survival [...]. (DOSTAL, 2014, p. 45-46, grifos nossos)⁴⁵

Em resumo, a primeira década de Bashar al-Assad no comando da Síria foi um período em que a ascensão liberal, controlada pelo governo e a manutenção do Estado rentista e de sua classe social, trouxe crescimento para o país, mas o modelo apresenta limites severos, com impacto na população. Somado a isso, a política exterior ocidental, comandada pelos Estados Unidos, que promoveu a guerra do Iraque, começa a perseguir o Eixo de Resistência, visando possivelmente enfraquecer o Irã. Além disso, as relações com os vizinhos do golfo, que antes eram contabilizadas como possíveis entradas de “receitas estratégicas”, não estão mais disponíveis como antes, à medida que há conflito geopolítico da Síria e seu aliado Irã, especialmente com os Sauditas.

2.6.1. As “Primaveras Árabes” e o início da crise síria

⁴⁵ “Enquanto reformistas do governo liberal, sob a liderança de gestão do ex-vice-primeiro ministro para os assuntos econômicos, Abdullah al-Dardari, tentou espalhar a mensagem de que os subsídios gerais e pensões eram demasiado caros para serem mantidos, argumentando que uma rede de bem estar e segurança social deveria substituir o sistema existente, **o que estava sendo feito na verdade era a imposição de cortes sem a realização de pagamentos compensatórios adequados.** Não importando como se interprete estes acontecimentos, deve-se reconhecer que a política ainda permanecia no âmbito do Estado rentista: em particular, os reformistas liberais foram politicamente controlados e calmamente deixaram o palco quando a ordem política interna começou a quebrar em 2011. Entrando no modo de crise, o regime imediatamente nomeou representantes proeminentes da ‘ala corretiva’ tal como Qadri Jamil, um ex-comunista e atual líder de um partido da oposição de esquerda menor no parlamento sírio, para assumir o cargo anteriormente ocupado por al-Dardari. Em suma, a iniciativa política foi recapturada pela ala ‘nacional-estatista’ do regime em sua luta pela sobrevivência [...]” (tradução nossa)

As “Primaveras Árabes” foram compreendidas por alguns autores como expressões *espontâneas* das populações de regimes autoritários e/ou corruptos que haviam chegado a seu limite. Este foi o caso de Manuel Castells, que compara as Primaveras Árabes com os movimentos populares europeus, ocorridos desde 2010 e no Brasil, em 2013:

[...] em todos os casos, os movimentos são espontâneos, sem líderes, sem ideologia comum. Surgem da indignação e da defesa da dignidade. São gerados nas redes sociais, se expressam no espaço urbano e recusam as formas de governo que não consideram democráticas. São essencialmente movimentos contra a corrupção da classe política e por uma nova forma de representação. E surgem na ditadura e na democracia, em períodos de crescimento e [...] de crise econômica, e em diferentes contextos diferentes. Ou seja, o contexto é diferente, mas os movimentos se parecem porque têm a forma dos movimentos sociais na era da internet.⁴⁶

Castells destaca que a “indignação” é espontânea e que, mesmo que em contextos diferentes como Síria, Espanha ou Brasil, “são geradas nas redes sociais” e se tratam de “movimentos sociais na era da internet”. Reginaldo Nasser faz uma defesa do laicismo que, em sua visão, caracterizou as Primaveras, que uniria “os novos manifestantes”, uma questão vista como geracional. Em sua visão, cristãos e muçulmanos teriam se unido por ansiarem a mudança dos modelos político-econômicos de seus países:

Aqueles que asseguravam que qualquer mobilização de massas no mundo árabe somente poderia ser liderada pelos islamistas foram frustrados. A mobilização foi iniciada e mantida por uma nova geração que não reivindica a xariá (lei islâmica) nem a teocracia como solução aos seus problemas, apesar de muitos serem religiosos. Os novos manifestantes constituem uma população cada vez mais informada e conectada ao mundo exterior, que deseja enviar sua mensagem ao mundo todo: rechaço incondicional das ditaduras e de seus respectivos modelos econômicos. (NASSER, R., 2011, p. 142)

No entanto, o historiador Moniz Bandeira enxerga tanto as Primaveras Árabes, quanto a guerra da Síria, da Ucrânia e das revoluções coloridas como resultados da política externa dos EUA, com a criação em 2002 da *Middle East Partnership Initiative* (MEPI), um órgão governamental daquele país criado com o objetivo de promover a democracia pelo financiamento de ONGs com este fim, além de ativistas políticos e grupos de direitos humanos. O objetivo seria subverter os regimes do Oriente Médio, Norte da África e no

⁴⁶ “Atual congresso brasileiro deveria ser dissolvido, diz sociólogo espanhol” Folha de São Paulo, por Roberto Dias (Entrevista concedida por Manuel Castells), em 2 jul.2013: Disponível em: <<http://tools.folha.com.br/print?site=emcimadahora&url=http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/07/1304810-atual-congresso-brasileiro-deveria-ser-dissolvido-diz-sociologo-espanhol.shtml>>. Acesso em 14 jun.2016.

Cáucaso, envolvendo um programa de treinamento para jovens entre 20 a 24 anos sobre democracia e mudança de regime (MONIZ BANDEIRA, 2013, p. 89-100)

Tem sido amplamente difundido que a guerra da Síria é uma consequência direta das Primaveras Árabes. Conforme vimos anteriormente, a história da Síria e do Oriente Médio como um todo mostra a existência de fatores estruturais que justificam, a princípio, tais revoltas. Dentre tais fatores, destacamos 1) a origem colonial e os pactos firmados após o fim do Império Otomano, que resultaram na divisão - geográfica e étnico-religiosa - do Oriente Médio; 2) os ideais nacionalistas árabes dos anos 1950, como resultados históricos de imbricações culturais e políticas desde o século XIX; 3) o pós-guerra e a Guerra Fria, bem como as ameaças externas, desde as independências; e 4) a constituição de Estados frágeis sob governos centralizados, de modelos econômicos rentistas, e sua gradativa – ainda que relutante e talvez despreparada – abertura para a economia global, a partir da década de 1990. Tais fatores estão na base da compreensão das “Primaveras” como um todo, e nas revoltas sírias em particular.

As revoltas no mundo árabe foram vividas no Egito, Tunísia, Bahrein, Iêmen, Síria e Líbia, com reflexos na Arábia Saudita, Israel e, possivelmente, em outras manifestações no ocidente, como Europa e Brasil. No Bahrein, “uma intervenção militar saudita conteve o ímpeto dos que se manifestavam e sustentou a família reinante ao mesmo tempo em que uma espécie de *blackout* midiático fazia desse processo item fora da pauta.” (NASER, S. H., 2013, p. 123).

O governo do Iêmen também recebeu apoio saudita, mas este acabou evoluindo para uma guerra entre os *Houtis*, xiitas, que chegaram a tomar a capital. A mídia também dedicou menos tempo a esta guerra do que a outras revoltas. As ruas egípcias depuseram Hosni Mubarak, no poder então há 30 anos, elegeram Mohamed Mursi, um integrante da Irmandade Muçulmana que, num processo constituinte, chegou a implementar a *Sharia* (Lei islâmica) no país, tradicionalmente laico. Existem dúvidas se Mursi foi deposto pelas ruas, que exerceram pressão, ou se por manobra envolvendo o exército. Nesta equação, não é possível descartar os interesses de Israel, que se viu ameaçada com um governo da Irmandade Muçulmana, especialmente após declarações de Mursi contra àquele país, e a aproximação entre o governo egípcio com o grupo Hamas. O fato é que, ao final da primavera egípcia, o General Al Sisi,

ex-vice-presidente de Mubarak e representante da continuidade do alinhamento com os Estados Unidos e Israel, assumiu o poder⁴⁷.

A Irmandade Muçulmana teve também papel essencial nas manifestações ocorridas nas repúblicas da Tunísia e da Síria. No primeiro caso, a *Ennahda*, partido da Irmandade Muçulmana tunisiana, foi bem sucedida em derrubar Ben Ali, que estava no poder havia 24 anos. A Tunísia hoje tem um governo que discute a participação religiosa em seu seio e, apesar de ter sido considerado um caso de sucesso das Primaveras Árabes, tem sido vítima constante do terrorismo islamita⁴⁸. Com relação à Líbia, é menor o consenso de que aquele conflito tenha sido fenômeno idêntico ao iniciado a partir da Tunísia, e muito menor ainda a ideia de sucesso. Este talvez seja o caso menos identificado com os movimentos de protestos dos demais países, pela intervenção ocidental que impôs uma zona aérea de exclusão, garantindo a deposição do ex-aliado Muamar Kadafi. O historiador Moniz Bandeira traz a visão de Henry Kissinger sobre a Líbia e a Síria no contexto das “Primaveras Árabes”:

O ex-secretário de Estado [dos Estados Unidos], Henry Kissinger [...] publicou [...] um artigo no Washington Post no qual comentou que, embora a chamada Primavera Árabe fosse apresentada como uma revolução regional liderada pelos jovens em favor dos princípios liberais e democráticos, a Líbia não estava sendo governada por tais forças e “hardly continue as a state”⁴⁹; nem o Egito, cuja maioria eleitoral [...] era esmagadoramente islâmica; nem os democratas pareciam predominar na oposição síria. (MONIZ BANDEIRA, 2013, p. 298)

Conforme mencionado anteriormente, a *Ikhwan*, a Irmandade Muçulmana na Síria, é uma força histórica que nasce em meados dos anos 1940, juntamente com os demais partidos de oposição ao governo do Partido Popular, como o *Baath*, o Partido Comunista e o Partido Nacionalista Social Sírio. O partido foi se tornando mais radical na medida em que se opôs ao governo do *Baath*, após este tomar o poder:

Al-‘Attar’s opposition to the use of violence, along with his absence from Syria after 1964, hindered his ability to lead the activists within Syria at a critical period. In 1972, the Aleppo faction deposed him and nominated Abu-Ghuda to become its new leader. Since then, the factions of Aleppo and Hamah have been the most prominent among the Ikhwan leadership and the most explicit in calling for the

⁴⁷ “Officially silent, Israel privately upbeat over Morsi’s ouster”. **The Times of Israel**, em 4 jul.2013. Disponível em: <<http://www.timesofisrael.com/officially-silent-israel-privately-upbeat-over-morsis-ouster/>>. Acesso em 5 jul.2016.

⁴⁸ “Tunísia: entre a democracia e o terror”. **Carta Capital**, por José A. Lima, em 1 jul.2015. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/internacional/tunisia-entre-a-democracia-e-o-terror-3500.html>>. Acesso em 12 jun.2016

⁴⁹ “difícilmente continua sendo um Estado” (tradução nossa)

downfall of the Asad regime. (...) Beginning in the 1960s, a new generation of activists took hold of the movement. Many of these activists had studied in Egypt and were influenced by the radical teachings of Sayyid Qutb, who defined governments that failed to implement Sharia in all aspects of life as heretical and illegitimate. These young activists adopted Qutb's prescription that Arab society must be reformed along the lines of a pure Islam. They accused the Syrian regime of tyranny, corruption, and heresy, regarding it as "an enemy of Islam." The young activists called for a violent clash with the Ba'th regime in an attempt to topple it. (PORAT, 2010, p. 2)⁵⁰

Em 1982, após a revolta armada na cidade de Hama e sua repressão por parte do governo de Hafez al-Assad, o grupo foi proibido na Síria. Os líderes da *Ikhwan* foram exilados, mas esta continuou a atuar clandestinamente, com o objetivo de derrubar o regime de Hafez al-Assad. Na década de 1990, o grupo manteve base em Londres, e continuou a formar alianças com partidos de oposição na Síria. Quando Bashar al-Assad assumiu o poder em 2000, a *Ikhwan* foi um dos signatários da "Declaração de Damasco" (PORAT, 2010, p. 2-3).

No governo de Bashar al-Assad, a Irmandade criou uma coalizão e se uniu a uma das principais figuras na articulação da guerra na Síria:

The ongoing endeavor of the *Ikhwan* to establish alliances hostile to the regime has continued into the twenty-first century. In the middle of the 2000s, a number of opposition groups, including the *Ikhwan*, issued the "Damascus Declaration," calling for a change of Syria's ruling regime. **Moreover, in a very surprising move, in 2006 the *Ikhwan* joined forces with fifteen other opposition groups along with the former vice-president of Syria, Abdul Halim Khaddam—all united by their common opposition to Bashar al-Asad—in the establishment of the National Salvation Front (NSF).** [...] In light of the ingrained hostility of the *Ikhwan* toward Khaddam, who was not only Hafez al-Asad's former vice-president but also the former governor of Hamah, this last development can only be interpreted as the *Ikhwan* 'striking a deal with the devil.' **The alliance made clear the lengths to which the *Ikhwan* was ready to go in order to advance its ultimate goal—overthrowing the regime.** (PORAT, 2010, p. 4, negritos nossos)⁵¹

⁵⁰ "A oposição de Al-Attar's ao uso da violência, somada à sua ausência da Síria após 1964, prejudicaram sua habilidade de liderar os ativistas dentro do país em um período crítico. Em 1972, a facção de Alepo o depôs e nomeou Abu-Ghuda como novo líder. Desde então, as facções de Alepo e Hamah tem sido as mais proeminentes entre as lideranças da *Ikhwan* e as mais explícitas em seu clamor pela queda do regime de Assad. (...) Começando nos anos 1960, uma nova geração de ativistas tomou conta do movimento. Muitos destes ativistas estudaram no Egito e foram influenciados pelos ensinamentos radicais de Sayyid Qutb, quem definiu que os governos que falhassem em implementar a Sharia, em todos os aspectos da vida, seriam considerados heréticos e ilegítimos. Estes jovens ativistas adotaram a visão de Qutb de que a sociedade árabe deve ser reformada de acordo com o Islã puro.. Eles acusaram o regime sírio de tirania, corrupção e heresia, considerando-o como um "inimigo do Islã". Os jovens ativistas convocaram um confronto violento com o regime Ba'ath, em uma tentativa de derrubá-lo." (tradução nossa)..

⁵¹ "O esforço contínuo da *Ikhwan* para estabelecer alianças hostis ao regime continuou no século XXI. No meio dos anos 2000, uma série de grupos de oposição, incluindo a *Ikhwan*, emitiu a "Declaração de Damasco", chamando para uma mudança de regime no poder da Síria. **Além disso, em um movimento muito**

É perceptível que as várias facções da Irmandade Muçulmana, cada uma em seu país, foram forças atuante nas revoltas árabes, quer seja em seu estímulo ou ao menos em tentativas mais ou menos bem sucedidas de cooptação. No entanto, o passado violento e sectário do grupo é esquecido nas representações sobre as revoltas, e este ressurge como força moderada e tolerante⁵², agora representante de um modelo de *Islã Político* que é mostrado como solução palatável ao Ocidente (BARBOSA, 2016). Esta é parte da discussão do documentário *The Square* (2013), que irá mostrar o debate entre companheiros da Irmandade Muçulmana egípcia e outros grupos do país, laicos, e a mudança de atitude dos primeiros diante da ideia de implementação da Lei Islâmica no Egito pelo governo eleito e logo depois deposto de Mohamed Mursi. Na Síria, a *Ikhwan*, que havia comandado as revoltas que chamaram a atenção do mundo, também perdeu terreno.

Dos processos mais relevantes, o único que se deu em país cujo regime não estava alinhado era o da Síria. É por isso que ali, às tentativas de contenção das manifestações e de proteção do regime, operadas pelo mesmo e por seus aliados, somaram-se as tentativas de controle ou determinação das resultantes, operadas por outros, que pretendiam ver a Síria mudar de posição enquanto mudasse de regime.[...]Também ali se pensou que a alternativa que se estava aprontando era a assunção do poder por uma oposição à frente da qual se encontrava a Irmandade Muçulmana. A débâcle egípcia, no entanto parece ter enfraquecido o grupo em todas as frentes e, mais relevante, ou desmentiu a tese de que se estava preparando um cenário em que a Irmandade substituiria as ditaduras desgastadas no projeto de região, ou foi o acidente que fez abortar o projeto. (NASER, S. H., 2013, p. 124-125)

Se a Irmandade Muçulmana, na Síria ou em outros locais, havia deixado de ocupar um local de destaque em 2013, em 2011 o grupo esteve presente na formação do Conselho Nacional Sírio como veremos a seguir. Este fato e outros detalhes, que demonstram, dentre

surpreendente, em 2006, a *Ikhwan* juntou forças com quinze outros grupos de oposição, juntamente com o ex-vice-presidente da Síria, Abdul Halim Khaddam - todos unidos pela sua oposição comum a Bashar al-Asad- no estabelecimento da Frente nacional de Salvação (NSF). [...] À luz da hostilidade entranhada da *Ikhwan* no que concerne a Khaddam, que não foi apenas o ex-vice-presidente da Hafez al-Asad, mas também o ex-governador de Hamah, este último desenvolvimento só pode ser interpretado como a Irmandade Muçulmana na Síria 'fazer um acordo com o diabo'. A aliança deixou claro até onde a *Ikhwan* estava pronta para ir, a fim de atingir a sua meta máxima - derrubar o regime.” (tradução nossa)

⁵² “Egypt Erupts in Jubilation as Mubarak Steps Down”. **The NY Times**. Por David D. Kirkpatrick, em 11 fev.2011. Disponível em <<http://www.nytimes.com/2011/02/12/world/middleeast/12egypt.html>>. Acesso em 30 abr.2016. Ver também “Street Battle Over the Arab Future”. **The NY Times**. Por Anthony Shadid, em 2 fev.2011. Disponível em <<http://www.nytimes.com/2011/02/03/world/middleeast/03arab.html>>. Acesso em 30 abr.2016

outras coisas, a coordenação das manifestações sírias, estão presentes na narrativa do jornal *The New York Times* do ano de 2011. De acordo com o veículo, as manifestações na Síria passaram, de pacíficas e espontâneas, a armadas e militarmente coordenadas - em um período de aproximadamente seis meses.

As primeiras manifestações foram retratadas, em fevereiro de 2011, como fracassos, em meio a alegações de que as primaveras não influenciariam a sociedade síria⁵³. Em 18 de março, o jornal reporta as maiores manifestações desde o início das primaveras árabes, em Daraa, Homs, Baniyas e Damasco, às quais o governo teria reprimido com violência⁵⁴. Embora tenham sido retratadas como manifestações espontâneas que, por conta da intensa repressão, teriam se organizado, uma nota do New York Times de 11 de março, tendo como fonte a agência *Reuters*, sinalizou o que viria meses depois. Nela, o governo sírio informava que “suas forças de segurança apreenderam um grande carregamento de armas, explosivos e óculos de visão noturna em um caminhão vindo do Iraque” cujo objetivo, caso fossem utilizadas, seriam de “afetar a segurança interna síria e espalhar pânico e caos”⁵⁵.

Outra matéria que demonstra uma impressionante capacidade de organização, contradizendo novamente a sua alegada espontaneidade, data de 23 de abril de 2011, pouco mais de um mês das primeiras grandes manifestações sírias. Anthony Shadid, correspondente de Beirute, escreveu:

Ao contrário das revoltas no Egito, Tunísia e até mesmo na Líbia, que foram televisionadas para o mundo, a revolta da Síria distingue-se pelo poder de uma vanguarda de estilo próprio, no exterior, para transportar as imagens e notícias ao mesmo tempo anárquicas e esclarecedoras, ainda que incompletas. **Há semanas, o pequeno número de ativistas, abrangendo o Oriente Médio, Europa e Estados Unidos, têm se coordenado em quase todos os fusos horários, tendo sido capaz de contrabandear centenas de telefones celulares e via satélite, modems, laptops e câmeras para a Síria.** Lá, seus compatriotas iludem a vigilância [governamental] transmitindo softwares por e-mail e fazendo upload de vídeos em conexões discadas. (tradução nossa)⁵⁶

A matéria comenta ainda que somente um ativista de Maryland - EUA, contando com o apoio de comerciantes, foi capaz de enviar 100 telefones cujo funcionamento se dá por meio

⁵³ “‘Day of Rage’ for Syrians Fails to Draw Protesters”. **The NY Times**, em 4 fev.2011. Disponível em <<http://www.nytimes.com/2011/02/05/world/middleeast/05syria.html>>. Acesso em 29 abr.2016.

⁵⁴ “In Syria, Crackdown After Protests”. **The New York Times**, em 18 mar.2011. Disponível em <<http://www.nytimes.com/2011/03/19/world/middleeast/19syria.html>>. Acesso em 29 abr.2016

⁵⁵ “Syria: Weapons Intercepted”. **The NY Times**, por Reuters, em 11 mar.2011. Disponível em <<http://www.nytimes.com/2011/03/12/world/middleeast/12briefs-Syria.html>>. Acesso em 29 abr.2016.

⁵⁶ “Exiles Shaping World’s Image of Syria”. **The NY Times**, por Anthony Shadid, 23 abr.2016. Disponível em <<http://www.nytimes.com/2011/04/24/world/middleeast/24beirut.html>>. Acesso em 29 abr.2016

conexão via satélite, além de “centenas de câmeras e laptops” (tradução nossa). Por todo o texto, Shadid enaltece o caráter ativista, espontâneo, gerado pela indignação, com interesses voltados apenas à liberdade, bem como a importância da internet e dos meios de comunicação no processo sírio. Chama também a atenção a relativa banalização, nesta e em outras matérias, do uso de telefones via satélite que, em matéria da revista *Forbes* de 2013 foram avaliados entre US\$ 600 e US\$ 1700 dólares cada, e o custo da ligação em torno de US\$ 6 o minuto⁵⁷, valor alto para ser pago por um sírio, uma vez que o salário médio em 2011 girava em torno de US\$ 300⁵⁸. Pouca ou nenhuma atenção se deu ao financiamento destas operações.

Contudo, na narrativa do *New York Times*, a organização da revolta seria exibida aos poucos, como detalhes das notícias dos meses seguintes. Em matéria de 29 de julho sobre a explosão de um oleoduto⁵⁹ - o que por si só é notícia curiosa, em um ambiente de manifestantes até então desarmados - o jornal cita como uma das fontes o *Comitê de Coordenação Local*, uma organização que em seu site, escrito na maior parte em inglês com alguns posts em árabe, diz ter se formado em março, pela “junção dos comitês locais que surgiram no início das revoltas” (tradução nossa)⁶⁰. Em 15 de setembro, o *New York Times* anuncia que um “Conselho da Oposição Síria” havia sido formado em Istambul, e que, dentre suas pretensões estaria a de “iniciar uma transmissão via satélite, formar um escritório no estrangeiro e preparar um escritório de advocacia para trabalhar em procedimentos legais que teriam sido cometidos pelo governo de Assad”⁶¹. Em 3 de outubro, em nova matéria referente a uma coletiva de imprensa dada em Istambul, é anunciada a formação do Conselho Nacional Sírio, composto por “representantes do grupo da *Declaração de Damasco*, uma rede pró-democrática; A *Irmandade Muçulmana Síria*, um partido político banido; varias facções

⁵⁷ “How and when to buy a satellite phone”. *Forbes*, por Marc W. Tobias, em 18 mar.2013. Disponível em <<http://www.forbes.com/sites/marcwebertobias/2013/03/18/how-and-when-to-buy-a-satellite-phone/#3c195b4372b8>>. Acesso em 24 jun.2016.

⁵⁸ “Things are getting harder in Syria. But this is not Egypt”. *The Guardian*, por Lauren Williams, em 14. Fev,2011. Disponível em <<https://www.theguardian.com/world/2011/feb/14/syria-young-people-unemployment>>. Acesso em 1.dez.2016,

⁵⁹ “Bomb Hits Syrian Pipeline as Protests”. *The NY Times*, por Nada Bakri, em 29 jul.2016. Disponível em <<http://www.nytimes.com/2011/07/30/world/middleeast/30syria.html>>. Acesso em 29 abr.2016.

⁶⁰ “About the LCCS”. *Local Coordination Committees*, Disponível em <<http://www.lccsyria.org>>. Acesso em 25 jun.2016.

⁶¹ “Syrian Opposition Council Forms in Istanbul”. *The NY Times*, por Sebnem Arsu, em 15 set.2011. Disponível em <<http://www.nytimes.com/2011/09/16/world/middleeast/syrian-opposition-council-forms-in-istanbul.html>>. Acesso em 30 abr.2016.

curdas; o *Comitê de Coordenação Local*, um grupo que ajuda a organizar e documentar protestos; e outras figuras independentes e figuras tribais.” (traduções nossas)⁶²

2.7. AS REAÇÕES DO GOVERNO SÍRIO, PARA ALÉM DA REPRESSÃO

Após as primeiras manifestações ocorridas na Síria e a reação internacional à repressão, em março de 2011, o governo tomou algumas atitudes, em sinal de tentativa de diálogo e atendimento de demandas. A primeira delas, em junho de 2011, foi abrir um canal para que a oposição manifestasse suas posições e demandas pacificamente. Embora muitos grupos de oposição, de todo o espectro social sírio, tenham comparecido, os organizadores das manifestações se recusaram a participar.⁶³ Apesar de quaisquer controvérsias sobre a efetividade de tais encontros, a iniciativa mostrou que a oposição síria não era nem única, tampouco unificada.

Outras iniciativas do governo, em resposta às demandas geradas nestas reuniões e de promessas antigas de reformas, foram as mudanças na constituição do país, em vigor desde 1973, por meio de plebiscito no qual mais de 80% dos eleitores compareceram.⁶⁴ A principal alteração foi a do artigo 8, onde o partido *Baath* constava como “partido governante” da nação síria, o que foi trocado por uma alternativa democrática.⁶⁵ Como resultado direto desta alteração, em 2014 eleições diretas para presidente ocorreram no país, e Bashar al-Assad, tendo concorrido com dois outros candidatos, foi eleito, novamente com grande comparecimento dos eleitores no país e no exterior, dando grande margem na vitória do presidente⁶⁶. Não seria necessário dizer que a mídia hegemônica internacional fez leitura cética destes acontecimentos, que serão objetos de análise no capítulo 5.

⁶² “Anti-Assad Dissidents Form Syrian National Council”. **The NY Times**, por Associate Press, 3 out.2011. Disponível em <<http://www.nytimes.com/2011/10/03/world/middleeast/anti-assad-dissidents-form-syrian-national-council.html>>. Acesso em 30 abr.2016.

⁶³ “Syria Allows Opposition to Meet in Damascus”. **The NY Times**, por Anthony Shadid, em 27 jun.2011. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2011/06/28/world/middleeast/28syria.html>>. Acesso em 30 abr.2016.

⁶⁴ “89% vote in favor of new Syrian Constitution”. **Russia Today**, em 28 fev.2012. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/syria-referendum-constitution-results-307/>>. Acesso em 9 mai.2016.

⁶⁵ “The Syrian Constitution”. **Carnegie Endowment for International Peace - Syria in Crisis**. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/syriaincrisis/48716>>. Acesso em 6 jul.2016.

⁶⁶ “Assad wins presidential election with 88.7% of the vote”. **Al-Akhbar**, em 4 jun.2014. Disponível em: <<http://english.al-akhbar.com/node/20041>>. Acesso em 25 jun.2016.

2.8. AS OPOSIÇÕES SÍRIAS ANTERIORES À GUERRA

Conforme dito anteriormente, a *Ikhuan*, a Irmandade Muçulmana na Síria, é a principal oposição histórica ao governo do Baath, desde sua chegada ao poder na década de 1960 (DOSTAL, 2014; PORAT, 2010; LUND, 2012). A atuação das Irmandades Muçulmanas nas recentes revoltas do Mundo Árabe foi intensa e necessita ser mais amplamente estudada e compreendida, especialmente no que concerne à Síria. Para isto, também é importante trazer a dimensão múltipla e diversa da oposição síria, tanto a que surge no início do governo de Bashar al-Assad, quanto a que se forma após as “Primaveras”. Lund (2012) menciona a fragmentação que, desde a ascensão do Baath, caracterizou a oposição na Síria, inclusive na atual guerra em curso, a despeito da ideia de unidade transmitida pela mídia (p. 12). Este autor buscou descrever com detalhes os integrantes de cada grupo de oposição na Síria anteriores à guerra e sua evolução, entre alianças e rupturas, até a guerra atual.

Irmandade Muçulmana (*Ikhuan*)

Maior grupo de oposição na Síria, de maioria sunita e sectária, a Irmandade Muçulmana teve suas atividades dentro do país interrompidas após a revolta armada de 1979 a 1982, em que tentaram depor o governo. A partir de 2000, ressurgem com discurso moderado, clamando por democracia e tolerância religiosa. No decorrer da década, contudo, predomina no grupo a facção mais radical, liderada por Mohammad Riad al-Shaqfa e Mohammed Farouq Teifour, ambos da cidade de Hamma. Dentre as oposições sírias e população em geral, a *Ikhuan* sofre rejeição por parte dos secularistas, nacionalistas e das minorias religiosas. (LUND, 2012, p. 12)

Frente Democrática Nacional (*al-tajammou al-watani al-dimouqrati*)

Formada em 1979 como uma coligação de partidos de esquerda e nacionalistas, este grupo se enfraquece após 1980, por ação do governo de Hafez al-Assad. Embora enfraquecida, a Frente Democrática Nacional se mantém, segundo Lund, como a mais tradicional coalizão secularista e oposicionista até o governo de Bashar. Atualmente é liderada por Hassan Abdelazim e é formada por seis partidos, a maioria dentro da Síria. O partido de

Abdelazim, a União Socialista Árabe Democrática e Partido Popular da Síria Democrática, criado por Riad al-Turk, são os principais partidos da coligação e rivais históricos. Os demais partidos são numericamente menos significantes. Durante a guerra, a relação entre os partidos se deteriorou. Abdelazim, favorável a reformas graduais, se aproximou do governo de Bashar, enquanto que al-Turk manteve laços com os islamistas e com a oposição no exterior, estimulando a continuidade do conflito.

A Frente Democrática Nacional teve importante papel no movimento chamado *Primavera de Damasco*, que seguiu a posse de Bashar al-Assad clamando por maior liberalização, reformas e soltura de dissidentes políticos, e o governo de Bashar al Assad chegou a atender algumas demandas. Uma nova geração de opositores surgiu neste movimento. (LUND, 2012, p. 12-13)

Declaração de Damasco (*i'lan dimashq*)

A morte do Primeiro-Ministro libanês, Rafik Hariri em 2005, e o suposto envolvimento da Síria no caso, aliado aos conflitos no Iraque e na Palestina, estimularam novamente as oposições a se unirem. A Declaração de Damasco foi assinada em outubro de 2005 por diversos grupos de oposição, incluindo a Frente Democrática Nacional, a Irmandade Muçulmana, partidos curdos e assírios e dissidentes proeminentes como Michel Kilo e Riad Seif, Fida al-Hourani, Jawdat Said, Nawwaf al-Bashir, e outros. No ano seguinte, contudo, o grupo sofreu rupturas. Por um lado, a Irmandade muçulmana, conforme já colocado por outros autores aqui citados, se aproxima de Abdelhalim Khaddam, vice presidente, remanescente do governo anterior, que deserta. A aliança da Irmandade com Khaddam, apoiada pela Arábia Saudita, dá origem à *Frente Nacional de Salvação*, da qual a irmandade se separa em 2009. Por outro lado, cresce a rivalidade entre o campo nacionalista/esquerda, em torno da União Socialista Árabe Democrática de Abdelazim, e o dissidente residente em Paris Heitham Manhaa, este apoiado pelo Partido Popular da Síria Democrática de Riad al-Turk e campo de islamistas e liberais. Estes conflitos levam à paralisação das atividades da Declaração de Damasco, que seriam retomadas em 2009 por nova liderança no exterior, apoiada pelo campo islamista-liberal em torno do Partido Popular da Síria Democrática de al-Turk, sem a representatividade de opositores tradicionais e de dentro da Síria.

[A Declaração de Damasco] manteve poucos membros dentro da Síria e uma representação pobre da oposição ‘histórica’. O controle da Declaração de Damasco pareceu compartilhado entre o Partido Popular da Síria Democrática e um grupo menor, apoiado pelos EUA (o Movimento por Justiça e Desenvolvimento), com membros curdos e assírios desempenhando papéis secundários. O grupo adotou uma retórica pró-ocidental de mudança de regime, alienando profundamente da participação o campo árabe-esquerdista em torno da antiga Frente Democrática Nacional. (LUND, 2012, p. 14, tradução nossa)

Lund chama a atenção para a dimensão interno-externa do conflito Sírio. A oposição no exterior teria maior liberdade de ação, organização e acesso à mídia, e mesmo algumas associações e partidos internos manteriam “franquias” no exílio. A oposição externa também seria mais favorável à intervenção ocidental no conflito. Já a oposição interna seria mais cautelosa e temerária dos efeitos da sectarização nas disputas, e por isso mais favorável à realização de mudanças graduais. Lund aponta que “existem, entretanto, numerosas exceções à regra, e tais disputas estão muito mais claramente estruturadas ao longo de linhas ideológico-partidárias do que geográficas” (LUND, 2012, p. 15).

2.9. AS OPOSIÇÕES APÓS A PRIMAVERA SÍRIA E A GUERRA

A fragmentação da oposição síria após o início da guerra continua, porém a dinâmica que se estabelece nas manifestações no país, consideradas pacíficas e espontâneas pela maior parte da mídia, acaba por revelar os grupos que participaram da organização dos protestos.

Conselho Nacional Sírio

Anunciado em Setembro de 2011 em Istambul, foi a primeira tentativa de formação de um governo internacionalmente aceito no exterior, e foi composta pelos seguintes grupos:

- Irmandade Muçulmana, liderada por Riad al-Shaqfa, e representando o Conselho Nacional Sírio por Mohammed Farouq Teifour;
- Declaração de Damasco; Organização Democrática Assíria;
- Corrente Futura, Partido Curdo;
- Corrente Síria Nacional, um grupo islamista-liberal liderada pelo ex-deputado Imad al-Din al-Rashid;

- Grupo de Trabalho Nacional pela Síria, formado por exilados liderados por Ahmed Ramadan, cuja maioria dos membros é de sunitas conservadores de Aleppo, próximos à *Ikhuwan*.
- Reunião de Coordenação Democrática. Pequeno grupo de exilados formado por acadêmicos e intelectuais, incluindo Basma Qodmani, Abdulbaset Sieda, Wael Mirza, Adib al-Shishakli and others.
- Bloco Democrático Nacional Sírio, um pequeno grupo de seculares nacionalistas exilados, liderado por Randa Kassis, baseada em Paris.
- Comitês de Coordenação Locais: grupos inicialmente formados majoritariamente por jovens ativistas das redes sociais, distribuindo informações e organizando os protestos, além de estarem fortemente associados com a mídia e o registro de manifestações. Embora tenham surgido na mídia com certa aura de informalidade, O'Bagy (2012) aponta que 120 comitês locais apoiaram a criação do Conselho Nacional Sírio, ainda no ano de 2011.
- Conselho Supremo para a Revolução Síria, outra aliança coordenadora de atividades.
- Grupos de Coordenação Curdos
- Independents: Diversos membros são independentes, inclusive o presidente executivo Burhan Ghalioun (esquerda liberal), Maashouq al-Khaznawi (Islamista Curdo), Sadeq Jalal al-Azm (intelectual secular), Anas Airout (Religioso Islamista de Baniyas), Ghassan al-Najjar (Islamista independente), e outros. (LUND, 2012, p. 67-68; O'BAGY, 2012, p. 10-17)

Reuniões de opositores estimulada pelo governo sírio

Conduzidas pela conselheira da presidência Bhoutania Shaaban, uma série de doze reuniões com opositores foram conduzidas no decorrer de dois meses, como forma do governo identificar e apoiar opositores não armados e dentro do país. Em 27 de junho de 2011, cerca de 200 opositores compareceram ao Hotel Semiramis. Esta reunião, ocorrida após as grandes manifestações onde as reações do governo repercutiram fortemente, teve como efeito mostrar que a oposição de fora do país era questionável e não representava a totalidade do pensamento oposicionista do país, e que parte esperava ainda do governo reformas democráticas. (LUND, 2012, p. 82-83)

Comitê de Cordenção das Forças Democráticas Nacionais (*al-tansiq al-wataniya li-quwa al-taghyir aldimouqrati*)

Formado em uma reunião próxima a Damasco, três dias após o evento no hotel Semiramis, este grupo resgata o campo dos esquerdistas e nacionalistas da União Socialista Árabe Democrática de Abdelazim, e acabam sendo posteriormente uma alternativa ao Conselho Nacional Sírio, buscando atingir a Democracia pelo caminho das reformas graduais, se opondo portanto à alternativa bélica e sectária. (LUND, 2012, p. 82; O'BAGY, 2012, p. 18-20) . Compõem este grupo os seguintes movimentos:

- União Socialista Árabe Democrática
- Movimento Árabe Socialista
- Partido Socialista Árabe Baath Democrático, dissidência do Baath do campo de Salah Jedid, anteriormente socialistas
- Partido da Ação Comunista
- Partido da União Democrática: Pró-PKK, a mais forte organização na oposição curda, liderada por Saleh Muslim Mohammed.
- Partido Democrata Curdo na Síria/al-Parti: dissidência menor, dirigida por Nasruddin Ibrahim.
- Partido Democrático Sírio-Curdo: grupo menor, liderado por Jamal Mohammed Baqi.
- Aliança Marxista de Esquerda, uma ala de esquerda radical, menor. formado pelo Partido Curdo de Esquerda na Síria em 2007, Abdelaziz al-Khayyer e outros.
- Corrente Islâmica Democrática: grupo sunita
- Harakat Maan: Movimento de União por uma Síria Livre e Democrática
- Movimento Jovem 17 de Abril, formado especialmente por ativistas de Deraa, é apoiado por Heitham Mannaa e outros esquerdistas no exílio. (LUND, 2012, p. 84-86)

Apesar de grande pressão externa de diversos países, e mesmo contando com muito dinheiro, como observa um detalhado artigo de opinião do jornal inglês *The Guardian*⁶⁷, o Conselho Nacional Sírio não foi capaz de cumprir as demandas atribuídas a estes pelos países integrantes da liga chamada *Amigos da Síria*⁶⁸, dentre elas, a de controlar parte significativa do território sírio pela influência militar sobre os diversos grupos armados que lutavam dentro da Síria, para que obedecessem a seu comando, e do exército que formaram com apoio externo, o Exército Sírio Livre (STRASHUN, 2013, p. 14-15).

No que concerne à formação legal da oposição, esta passou por estruturação que a levou para a mesa de negociações com o governo sírio, sob o nome de *Coalizão Nacional*.

The Syrian opposition sought to create a more diversified body that could earn widespread international recognition and domestic legitimacy. Seeking military and economic aid, in November of 2012, about 90 percent of the opposition groups, including the SNC [Syrian National Council], united to form the 60 seat National Coalition. It reserved seats for various ethnic and minority groups that were absent from the SNC, including three for the Kurdish community represented by the National Kurdish Council, three for the Turkmen community and one for the Syria Business Forum. The National Coalition also reserved seats for representatives of each of Syria's 14 provinces and reserved up to five seats for the Alawite Community, an important minority group, because President Assad is a member of that sect of Shiite Muslims. However, jihadist rebel groups, such as the Jabhat al-Nusra refused to join the National Coalition.⁶⁹ (STRASHUN, 2013)

Atualmente existem na Síria diversos grupos em luta. Um relatório da Comissão de Direitos Humanos da ONU referente à visita de comissão independente, da Liga Árabe, em novembro de 2011 apontou que, dentre os grupos que combatiam o governo sírio, poucos obedeciam ao comando do Exército Sírio Livre, ainda que usassem esta “marca” em suas

⁶⁷ “The Syrian opposition: who's doing the talking?”. Por Charlie Skelton, em 12.jul.2012. Disponível em <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2012/jul/12/syrian-opposition-doing-the-talking>>. Acesso em 1.dez.2016.

⁶⁸ Grupo de países e organizações liderados pelas monarquias do golfo para lidar com a crise síria, mas que na prática se posicionaram como suporte fundamental à oposição armada, chamada de extremista pelos sírios e seus aliados; chamados de “rebeldes moderados” pelos que se opuseram ao governo de Bashar al-Assad. ⁶⁸ “Group of Friends of the Syrian People: 1st Conference”. **Carnegie Endowment for International Peace - Syria in Crisis**. Disponível em: <<http://carnegieendowment.org/syriaincrisis/48418>>. Acesso em 6 jul.2016.

⁶⁹ “A oposição síria procurou criar um corpo mais diversificado que pudesse ganhar reconhecimento internacional amplo e legitimidade doméstica. Buscando ajuda militar e econômica, em novembro de 2012, cerca de 90 por cento dos grupos da oposição, incluindo o CNS [Conselho Nacional Sírio], se uniram para compor os 60 assentos da Coalizão Nacional National Coalition. Este reservou assentos para os vários grupos étnicos e minorias que estavam ausentes do CNS, incluindo três para a comunidade curda, representados pelo Conselho Nacional Curdo, três para a comunidade turcomana e um para o Fórum Empresarial Síria. A Coalizão Nacional também reservou assentos para representantes de cada uma das 14 províncias da Síria e até cinco assentos para a Comunidade alauíta, um importante grupo minoritário, porque o presidente Assad é um membro dessa seita de muçulmanos xiitas. No entanto, os grupos rebeldes jihadistas, como a Jabhat al-Nusra se recusou a participar da Coalizão Nacional.” (tradução nossa)

identificações. Por conta desta dificuldade em se vincular os grupos em operação na Síria ao seu suposto comando no exterior, o relatório não foi conclusivo sobre os grupos opositores, nem em relação à sua quantidade, fidelidade ou origem, porém deixou claro que a oposição síria não era algo unificado, e que civis estavam entre suas vítimas. (HCOHR - ONU, 2012).

Parte da mídia buscou explicar a militarização do conflito por meio da ênfase nas deserções sofridas pelo Exército Nacional Sírio desde meados de 2011⁷⁰, mas posteriormente ficou evidente que: 1) Não se tratava apenas de uma “guerra civil”, de sírios expatriados e rebeldes contra sírios no governo; e 2) Houve a influência de atores regionais, com destaque para Estados Unidos, Turquia, Arábia Saudita, Catar, e demais monarquias do golfo. Esta influência teve papel de estimular, treinar, armar e facilitar a entrada de opositores de diversas origens, notadamente grupos islamistas, salafistas-wahabistas, ou seja, sectários e takfiristas, que buscavam a implementação de um governo islâmico nos mesmos padrões de suas crenças na Síria⁷¹.

Os grupos que combatem o governo sírio e tentam sua deposição não são exércitos convencionais, mas operam como grupos de guerrilha que se aglutinam sob siglas conforme necessidade. A informação sobre tais grupos é contraditória e incompleta, variando muito entre as fontes. Isto posto, destacaremos aqui alguns grupos armados cuja atuação persistiu ou cresceu no decorrer da guerra, sem a pretensão de fazer deste um detalhamento completo:

Exército Sírio Livre – este grupo foi um grande guarda-chuva para diversos outros grupos, e se mantém até hoje. É o grupo que tinha a incumbência de dominar, em nome do *Conselho Nacional Sírio*, uma porcentagem do território sírio, de modo que constituísse legalmente, perante os organismos internacionais, um grupo representativo de certo percentual do território e da população, o que daria a este grupo maior legitimidade, em um status próximo ao de país. A Marca “Exército Sírio Livre” se manteve, mas sua liderança sofreu mudanças no decorrer da guerra. (STRASHUN, 2013) “O Exército Sírio Livre não é um grupo de oposição simples e coeso. Seu nome se refere a qualquer uma das muitas forças

⁷⁰“Armed Groups Are on Rise in Syria, as Are Civil War Fears”. **NY Times**, por Nada Bakri, em 17 nov.2011. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2011/11/18/world/middleeast/armed-attacks-on-syrian-sites-appear-to-rise.html>>. Acesso em 1 mai.2016.

⁷¹“Turkey and Saudi Arabia alarm the West by backing Islamist extremists the Americans had bombed in Syria”. **Independent**, por Kim Sengupta, em 12 Mai.2015. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/syria-crisis-turkey-and-saudi-arabia-shock-western-countries-by-supporting-anti-assad-jihadists-10242747.html>>. acesso em 9 jul.2016. Ver também “How Qatar is funding the rise of Islamist extremists”. **Telegraph**, por David Blair e Richard Spencer, em 20 set.2014. Disponível em <<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/middleeast/qatar/11110931/How-Qatar-is-funding-the-rise-of-Islamist-extremists.html>>. Acesso em 9 jul.2016.

de oposição ligadas ao Conselho Militar Supremo, e é usado mais amplamente para se referir a forças rebeldes seculares ou moderadas” (Mapping Militant Organizations Project, 2010-2016)⁷². Apesar disto, O Exército Sírio Livre formou alianças com o *Estado Islâmico do Iraque e do Levante* e com a *Jabhat al Nusra*, grupos listados como terroristas nas nos tratados de cessar-fogo conduzidos pelos Estados Unidos e Rússia junto às Nações Unidas⁷³.

Frente Jabhat al Nusra (Al Qaeda na Síria) – “É uma organização militante sunita jihadista cuja meta é derrubar o regime de Assad na Síria e substituí-lo por um governo islâmico. Al-Nusra é um dos mais poderosos grupos rebeldes operando na Síria, e é a única afiliada oficial da Al Qaeda no país. Embora o grupo tenha sido auxiliado pelo Estado Islâmico [do Iraque e do Levante], os dois grupos são agora inimigos no campo de batalha. Al-Nusra é também hostil a grupos Curdos e rebeldes apoiados pelos EUA, mas colabora com grupos islamistas e seculares” (Mapping Militant Organizations Project, 2010-2016). Vale acrescentar que este grupo fez coligações com diversos outros, inclusive o Exército Sírio Livre; e que foi, desde o início da guerra na Síria, reconhecido seu caráter de organização terrorista pelos Estados Unidos e a comunidade internacional.⁷⁴

Estado Islâmico do Iraque e da Síria ou Estado Islâmico do Iraque e do Levante (EEIS ou EEIL, conhecido por suas siglas em Inglês, ISIS ou ISIL, ou ainda sua sigla em

⁷²Mapping Militant Organizations é um projeto da universidade de Stanford que criou um mapa relacional das forças “militantes” atuantes na Síria e em outras partes do globo. Embora seu trabalho tenha um valor grande, pela tentativa de compreender os laços entre grupos radicais-islamistas no mundo, o projeto tem limitações severas, partindo a meu ver do próprio financiamento, uma parceria entre a “*Fundação Nacional de Ciências* e o Departamento de Defesa dos Estados Unidos, entre 2009-2012”. Uma das organizações não listadas pelo referido projeto é a Irmandade Muçulmana na Síria (*Ikhuwan*), cuja atuação militar junto da Jabat al-Nusra já foi reportada diversas vezes, além dos atentados terroristas e ataques armados que constam de sua própria historiografia, aqui citada. Além disso, não são citados grupos Libaneses que atuaram na guerra na Síria, como milícias do Partido Comunista Libanês e do Partido Nacionalista Social Sírio. Embora a linguagem seja tolerante, ou seja, nenhum grupo é considerado “terrorista” – ao invés disso, se usa o termo “militante” - isto se aplica tanto ao Hezbolah quanto às diversas facções e desmembramentos da Al-Qaeda, considerando que o primeiro grupo é força política libanesa e que integra o parlamento do país, embora mantenha atuação de resistência perante Israel, decorrente principalmente da atuação deste durante a Guerra Civil Libanesa (1975-1990). O Hezbolah, ao ser listado entre os demais grupos, passa ao leitor a ideia de paridade com aqueles, mas na verdade sua luta ao lado do exército nacional da Síria, e das forças militares do Irã e da Rússia se dá no combate aos demais grupos listados. Optamos por utilizar esta fonte, ainda que tecendo outros comentários, por conta de sua organização e por considerarmos o aspecto relacional entre grupos um instrumento valioso para a compreensão da dinâmica da guerra síria. Vale apontar também que o sentido do termo “Salafista” empregado aqui não está alinhado com a nota 2, que entende o real salafismo como um movimento do Islã e não político. Neste material não é citado o termo “wahabi”, ou suas variações, porém é recorrente a ideia de que grupos salafistas não têm pretensões globais, e sim locais ou nacionais, ainda que desejem implementar um governo islâmico no país onde atuam; grupos como Al Qaeda ou DAESH, por outro lado, são considerados Wahabistas, por entenderem que não há limites geográficos para a expansão que pretendem do Islã.

⁷³ “Syrian rebels defy US and pledge allegiance to jihadi group”. Telegraph, por Ruth Sherlock, em 10 dez.2012. Disponível em <<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/middleeast/syria/9735988/Syrian-rebels-defy-US-and-pledge-allegiance-to-jihadi-group.html>>. Acesso em 9 jul.2016.

⁷⁴ Idem.

árabe, DAESH): “Uma organização Salafista cujas metas é o estabelecimento e expansão de um Califado. Suas origens remontam ao início dos anos 2000”, como extremistas treinados que participaram da insurgência iraquiana contra a ocupação estadunidense do Iraque, e posteriormente tornando-se Al Qaeda no Iraque (AQI). Enfrentando o declínio desde 2011, o grupo começou a crescer novamente conforme se envolvia com a guerra na Síria. “Em 2013, mudou seu nome para Estado Islâmico do Iraque e da Síria. Entre 2013 e 2014, apropriou-se rapidamente de território sírio e iraquiano. Além da sua rápida expansão, chamou a atenção o degolamento público de reféns ocidentais, e o grande contingente reportado de estrangeiros que se uniram para lutar ao lado do grupo. No campo de Batalha, o ISIS combate o Exército Nacional Sírio, grupos rebeldes, Milícias e Exército Iraquianos, e os Peshmerga Curdos.” (Mapping Militant Organizations Project, 2010-2016).

Ahrar al-Sham (também conhecido como *Harakat Ahrar al-Sham al-Islamiyya*, ou Movimento Islâmico dos Homens Livres do Levante) – “Grupo Salafista Sunita [...]estabelecido ao final de 2011 que busca substituir o regime de Assad por um governo islamista. O grupo opera por toda a Síria, mas concentra seus ataques no norte e oeste do país. De sua criação até 2013, Ahrar al-Sham cooperou com o Estado Islâmico [do Iraque e da Síria], e operou campanha bem sucedida para remover o Exército [Nacional] Sírio de Raqqa. Entretanto, *Ahrar al-Sham* e seu aliado *Jabhat al-Nusra* (...) começaram a atacar o ISIS, após este ter matado um de seus membros em janeiro de 2014. De 2014 a 2015, Ahrar al-Sham fortaleceu sua aliança com Jabhat al-Nusra, coordenando ataques contra o Exército [Nacional] Sírio, criando a organização guarda-chuva *Jaysh al-Fatah* para forçar o Exército Sírio a sair da província de Idleb em 2015. Em Agosto de 2015, *Ahrar al-Sham* começou também a tomar parte nas negociações dos acordos de cessar-fogo juntamente com o regime de Assad, em nome de grupos militantes sunitas de Idlib. Entretanto, não participa mais das negociações desde dezembro de 2015, quando abandonou uma conferência em um acordo nacional de cessar-fogo. (Mapping Militant Organizations Project, 2010-2016). Vale acrescentar que foi notório o apoio da Turquia a este grupo, ou à organização guarda-chuva integrada por este, *Jaysh al-Fatah*, no episódio de 2015 no qual a Turquia abateu um avião Russo SU-24M, e um dos membros do grupo, de uma brigada turcomena, teriam alvejado os pilotos que pularam de paraquedas.⁷⁵

⁷⁵ “Russian Su-24 pilots shot dead while parachuting over Syria - Turkmen militia”. **Russia Today**, em 24 nov.2015. Disponível em: <<https://www.rt.com/news/323281-russian-pilots-killed-turkmen/>>. Acesso em 9 jul.2016.

Ansar al-Sham – também conhecido como *Kataib Ansar al-Sham* (*Apoiadores do Levante*), “é um Grupo Salafista Sunita que busca também substituir o governo de Bashar al-Assad por um outro, islâmico. Formado em 2012 na província síria de Latáquia, tornou-se ativo também em Idlib e Aleppo”. Diferente de alguns outros grupos do guarda-chuva Frente Islâmica, do qual faz parte, este grupo não se opõe ao *Estado Islâmico do Iraque e do Levante*. Raramente opera sozinho e frequentemente coopera com a *Jabhat al-Nusra*. “O grupo é conhecido por sua ofensiva a Latáquia em março de 2014”, mas após isso o grupo não se envolveu em grandes ataques, apenas em questões menores.

2.10. OS ATORES REGIONAIS

O papel estratégico desempenhado pela Turquia no decorrer da guerra, dando livre acesso a jihadistas com desejo de integrar os grupos que lutavam contra o Exército Nacional Sírio, e abrigar a formação do que foi considerado um governo “rebelde” no exterior, cresceu substancialmente no decorrer da guerra. Como aliado da OTAN, esta fortemente representada nos “Amigos da Síria”, a Turquia cedeu território à formação do Exército Sírio Livre, então sob controle do Conselho Nacional Sírio, e lá estabeleceu campos de treinamento destas forças⁷⁶, operadas posteriormente pelos Estados Unidos.⁷⁷ A Jordânia teve papel semelhante, embora menor, e os EUA ali também treinaram tropas. O papel da Arábia Saudita e do Qatar no financiamento, treinamento e armamento de grupos lutando na Síria está também bastante documentado⁷⁸. Os Estados Unidos reconhecem desde ao menos 2013 que armam e treinam “rebeldes moderados” para lutar na Guerra na Síria.

Nos capítulos anteriores, discurremos sobre a disputa pelo alinhamento da Síria às potências da Guerra Fria, que vão substituindo os poderes coloniais de França e Inglaterra, no Oriente Médio como um todo, após a segunda Guerra Mundial. A Rússia se envolve nesta guerra na defesa de seus interesses e de um aliado criado para ser um contraponto ao poderio Estadunidense-Israelense na Região. O mesmo ocorre com o Irã e o aliado libanês Hezbollah,

⁷⁶“In Slap at Syria, Turkey Shelters Anti-Assad Fighters”. **NY Times**, por Liam Stack, em 27 out.2016. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2011/10/28/world/europe/turkey-is-sheltering-antigovernment-syrian-militia.html>>. Acesso em 30 abr.2016. Na busca no site do NY Times, a matéria recebeu o nome de “Turkey Shelters Anti-Assad Group, the Free Syrian Army” e sua versão para impressão em arquivo recebeu este nome.

⁷⁷“The US train-and-equip program for Syrian rebels has major regional implications”. **Business Insider**, por Soner Cagaptay e Andrew J. Tabler, em 16 abr.2015. Disponível em: <<http://www.businessinsider.com/us-syrian-rebel-program-has-regional-implications-2015-4?r=US&IR=T&IR=T>>. Acesso em 9 jul.2016.

⁷⁸ Ver notas 51, 56 e 57.

do citado Eixo de Resistência, que tomam o partido do governo sírio contra o Estado Islâmico do Iraque e do Levante e às demais oposições armadas.

Falar sobre os atores regionais é falar sobre os motivos que levaram a participarem da crise síria. As teorias que explicam o envolvimento dos atores internacionais na Síria são muitas, e envolvem a combinação feita por Dostal (2014), no que concerne aos diferentes enfoques das Relações Internacionais para a análise geopolítica, da Síria e do Oriente Médio. Reservaremos as considerações geopolíticas dos motivos da guerra para a Discussão.

3. MÍDIA HEGEMÔNICA E A REPRESENTAÇÃO ÁRABE

Neste capítulo, buscaremos compreender qual é a mídia que opera dentro do *modelo de propaganda*, de formação e disseminação de consensos, de Herman e Chomsky (2003). Para tal, é necessário conhecer o processo histórico em que nasce o jornalismo e favorece seu desenvolvimento, considerando as mudanças sofridas pelas redações de seus primórdios até hoje. Na sequência, investigaremos o conceito de hegemonia aplicado à mídia e fortemente facilitado pela concentração de empresas em conglomerados com muito poder de reprodução de consensos. Por fim, buscaremos compreender a representação do árabe - categoria que necessariamente abrange os sírios - na mídia hegemônica ocidental.

Como visto brevemente no capítulo 1, em *Manufacturing Consent*, Herman e Chomsky (2003) introduzem o conceito de *modelo de propaganda*, uma estrutura que explica como opera a mídia em nome de poderes sociais que a controlam e financiam. Esses poderes, nas mãos de grupos privilegiados, utilizam-se dos meios de comunicação para propagar suas agendas e pontos de vista, colaborando assim com seus objetivos sua perpetuação com elites. Não se trata de um controle coercivo de ordens diretas, mas de um “sistema de filtragens” de conteúdos: 1) Porte e propriedade da mídia; 2) a licença para fazer negócios ou dependência dos clientes anunciantes; 3) as fontes das notícias e os especialistas que confirmam a veracidade do que a mídia diz, normalizando princípios e ideologias; 4) As reações negativas e as organizações que monitoram a mídia, muitas vezes com grande capacidade financeira

para gerar reações negativas e custosas aos veículos; 5) A ideologia liberal, herdeira do anticomunismo, na qual a mídia está mergulhada e que não permite dissensos para além de rápidas controvérsias. (HERMAN e CHOMSKY, 2003, p. 11-18).

O trabalho de Ciro Marcondes Filho (MARCONDES FILHO, 2002) traz um fio condutor bastante apropriado para entendermos os diversos momentos do jornalismo e sua evolução até os conglomerados midiáticos que operam o *modelo de propaganda*.

3.1. DO JORNALISMO REVOLUCIONÁRIO AOS CONGLOMERADOS MIDIÁTICOS

Embora já existissem jornais desde o século XV, o jornalismo que conhecemos é “filho legítimo da revolução francesa” (MARCONDES FILHO, 2002, p. 10). É no final do século XVIII que os jornais se multiplicarão, servindo de suporte às ideias e ideais iluministas. Por meio do jornalismo, a desconstrução dos poderes monárquicos, aristocráticos e eclesiásticos tomarão forma, e as retóricas sobre os direitos humanos, o voto universal e os ideais burgueses que mudaram os fundamentos do mundo ganharão as ruas. O jornalismo acaba por ocupar o papel de grande disseminador de saberes que antes eram mantidos cativos pelas igrejas e pelos catedráticos. Nasce neste período o *mito da transparência* jornalística, a medida que este veículo rompe com os valores tradicionais que restringiam o acesso ao saber a poucos iniciados, das elites e das igrejas. (p. 10-11)

Marcondes Filho (2002) divide o jornalismo em quatro períodos. O *primeiro jornalismo*, romântico, é o da iluminação, entre fins do século XVIII e meados de XIX. Ele cumprirá a função de romper com o obscurantismo que representava o lugar socialmente delimitado para as classes não aristocráticas. Foi um jornalismo inflamado, político-partidário, ideológico, conduzido por políticos, intelectuais, sindicatos e outros atores da esfera pública. Houve grande proliferação de jornais neste período. Este foi um modelo de jornalismo “financiado pela falência”, ou seja, não era uma empresa ou organismo que se autossustentasse de alguma forma.

O *segundo jornalismo* começa com a reconfiguração dos jornais enquanto empresas capitalistas, a partir de 1830. Com o aprimoramento tecnológico gráfico o jornal se torna um negócio mais caro, que necessitava vender mais para pagar o endividamento decorrente dos investimentos e se autossustentar. Esta fase “irá transformar uma atividade praticamente livre

de pensar e de fazer política em uma operação que precisará vender muito para se autofinanciar” e não por acaso, o jornal será uma esfera de influência dividida entre o poder político e o poder financeiro (MARCONDES FILHO, 2002, p. 10-13).

Herman e Chomsky (2003) dão um exemplo do crescimento do volume das operações e custos dos jornais neste período:

A expansão do livre mercado foi acompanhada por uma “industrialização da imprensa”. Em 1867, o custo inicial de um jornal diário em Londres era de 50 mil libras. O *Sunday Express*, lançado em 1918, custou mais de dois milhões de libras antes de chegar à tiragem mínima econômica de 250 mil exemplares. Um processo similar ocorreu nos Estados Unidos, onde, em 1851, o custo inicial de um novo jornal em Nova York era de 69 mil dólares.; em 1872, o leilão público do *St. Louis Democrat* rendeu 456 mil dólares; nos anos 1920, jornais locais eram vendidos por preços na faixa de seis milhões de dólares. Só o custo das máquinas, mesmo para jornais muito pequenos, foi por muitas décadas da ordem de centena de milhares de dólares; em 1945 era possível dizer que “A publicação até mesmo de jornais pequenos é uma grande empreitada [...] [e] deixou de ser um negócio no qual seja fácil se envolver mesmo quando se tem dinheiro em quantidade substancial”. (HERMAN e CHOMSKY, 2003, p. 64)

É neste período que os jornais passarão a ser formatados, como são hoje, como cadernos de anúncios acompanhados de notícias. O novo negócio é fortemente comprometido com seus anunciantes, e há uma considerável perda da liberdade em relação ao período do *primeiro jornalismo*. Ainda assim, alguns dos conceitos que são sensos comuns ao se descrever a atividade jornalística começam a ser então perpetuados:

[...]é esta nova imprensa, como objeto de alto investimento de capital, que manterá as características originais da atividade jornalística: a busca da notícia, o “furo”, o caráter de atualidade, a aparência de neutralidade, em suma, o “caráter libertário e independente”. É a *imprensa de massa*, objeto de uma troca singular mas não muito rara nem muito estranha na história da imprensa: *desaparece a liberdade e em contrapartida se obtém mais entretenimento*. Este será o substituto funcional que os donos dos jornais encontrarão para preencher a lacuna criada com a supressão da liberdade de imprensa. Não obstante, porém, as funções “políticas” dentro do jornal são abaladas. (MARCONDES FILHO, 2002, p. 14)

O *terceiro jornalismo* é o dos monopólios. São empresas ameaçadas apenas pelas guerras e pelos totalitarismos. Esta fase marca o nascimento, a partir da Grande Depressão dos anos 1930, da indústria publicitária e das relações públicas e sua competição com o jornalismo, “até descaracterizá-lo” como ocorrerá no fim do século XX. (p. 14) As mudanças deste período estão relacionadas

com a crise da cultura ocidental: o jornalismo é a expressão física de um espírito. O pano de fundo dessas mudanças é o fim da modernidade, caracterizado pelo (novo)

processo universal de desencanto (defecção do socialismo e das alternativas ao capitalismo), pela crise dos meta-relatos e de todos os sistemas gerais de explicação, pela falência dos processos teleológicos (esperança de um futuro melhor, a subordinação do engajamento político a um projeto histórico) e – último mas não menos sério – o desaparecimento do “conceito de agonística geral”, isto é, da política como embate, competição, confrontação radical! (MARCONDES FILHO, 2002, p. 15)

O *Quarto Jornalismo*, é o da era tecnológica, que marca a expansão da Indústria da Consciência por meio das assessorias de imprensa com a “substituição do jornalista pelos sistemas eletrônicos” (p. 30). Nesta fase, as tecnologias de comunicação e informação desenvolvidas a partir dos anos 1970 – resultado de enormes investimentos da indústria bélica durante a Guerra Fria, em tecnologia de comunicação, redes e cibernética - tomam conta da vida social e transformam completamente o jornal, provocando grandes mudanças nos paradigmas da profissão. O período é marcado pela penetração da comunicação em diversos setores e instituições que, virtualmente, transformam-se em grandes fornecedoras de conteúdo. Há um predomínio da qualidade técnica, visual, sobre o conteúdo, representados pela atratividade da imagem em detrimento do texto, que vai se tornando mais compacto. A informatização muda a cara das redações, a forma de trabalho e o perfil do jornalista, que agora tem que ser muito mais versátil e, em relação à produção textual, menos analítico, tornando-se assim mais adequado à nova redação enxuta, que compra matérias, que comprimiu o escrever jornalístico a um texto minimalista. O jornalismo passa a replicar conteúdos de outros jornais, em um processo autorreferente - , limitando-se a uma atuação opinativa e deixando a TV encarregada do “furo” de reportagem (p. 29-31). Sobre a autorreferência da mídia, o autor comenta:

A “unanimidade” jornalística. Todos tendem a ter a mesma opinião: Guerra do Golfo, Tratado de Maastricht, acordos do GATT: “a quase totalidade dos jornais, das revistas semanais, dos rádios e das televisões bateu todas as vezes na mesma tecla, com os mesmos argumentos[”] (Halimi, 1997, 50). (MARCONDES FILHO, 2002, p. 68)

É perceptível que os filtros do modelo de propaganda nascem da própria estruturação do negócio jornalístico como empresa capitalista, que opera em função do lucro em detrimento de quaisquer ideais que possam ser atribuídos ao jornalismo a partir deste momento. O jornalismo de massa nasce de grandes investimentos privados, de fortunas familiares que lhe garantam determinado porte e, ainda assim, pelo volume exigido para a constituição de tais empresas, nasce devedor e deverá efetuar pesados pagamentos para

amortizar as grandes rotativas que produziam tiragens milionárias no início do século XX, ou seja, uma operação que recebeu financiamentos para que pudesse gerar grandes somas de dinheiro em retorno. Este modelo de negócios, de determinado porte e de propriedade de uma elite, receberá uma “licença” concedida pela propaganda, para se realizar negócios, e que é um privilégio ao qual poucos jornais do início do século XX tiveram acesso:

Antes de se tornar proeminente, o preço de um jornal tinha que cobrir os custos do negócio. Com o crescimento a propaganda, os jornais que atraíam anúncios puderam se permitir um preço abaixo dos custos de produção. Isto colocou os jornais que não tinham anúncios em grave desvantagem: seus preços tendiam a ser maiores, prejudicando as vendas, e tinham menos disponibilidade para investir na melhoria do jornal em geral [...]. Por essa razão, um sistema com base na propaganda tenderá a eliminar a existência ou levar à marginalidade as empresas e os tipos de mídia que dependem unicamente das receitas de vendas. Com a propaganda, o livre mercado não gera um sistema neutro em que a escolha do comprador final é o fator decisivo. As opções dos anunciantes influenciam a prosperidade e a sobrevivência da mídia. (HERMAN e CHOMSKY, 2003, p. 73)

Há um relacionamento estrutural da mídia com o meio corporativo e o governo. Este fato acelerou a integração da mídia a sistemas de mercado, “especialmente pelo afrouxamento as regulamentações que limitam a concentração da mídia, as participações cruzadas e o controle por empresas de fora do setor”. Vale destacar que a lucratividade destas empresas aumenta em um ambiente desregulamentado (HERMAN e CHOMSKY, 2003, p. 66). Sobre os movimentos de concentração da mídia, voltaremos a falar adiante.

A relação com o governo é ditada por uma dependência estrutural, no que concerne à concessão para a operação da mídia.

Esta dependência técnica e legal tem sido utilizada como um elemento disciplinador [...], e as políticas da mídia que se afastam com muita frequência de uma orientação oficial podem ativar esta ameaça. Para que isto não ocorra, a mídia protege-se por meio de *lobbies* e de outros expedientes políticos, cultivando relacionamentos e cuidando de suas políticas. As ligações políticas da mídia são grandes. [...]15 dos 95 diretores externos de dez dos gigantes da mídia são funcionários do governo⁷⁹ [...]. Na televisão, o fluxo de pessoal que passa pela porta [...]entre os reguladores e empresas reguladoras foi maciço durante os anos em que a estrutura oligopolista da mídia e das redes estava sendo estabelecida. (HERMAN e CHOMSKY, 2003, p. 72)

Os filtros, portanto, são os próprios limitantes e direcionamentos de que se utilizam certos segmentos das sociedades para comandar e pautar a linha editorial jornalística – são decorrência direta do formato de sustentação capitalista que o jornalismo encontrou e abraçou.

⁷⁹ Os dados são de 1986 e se referem à tabela 1.3 de Herman e Chomsky (2003, p. 70), suprimida da citação visando sua intelegibilidade.

Foram estas restrições à real liberdade de imprensa do *primeiro jornalismo* que modelaram a profissão no decorrer dos anos.

Se o porte e a propriedade da mídia indicam que somente com muito capital estas empresas conseguiriam manter-se e crescer, a concessão para fazer negócios, que nasce nos anúncios classificados, não encontra virtualmente limites, nas formas mais aprimoradas de propagandas exercidas por órgãos de relações públicas e assessorias de imprensa, para a expansão de ganhos, a partir de um modelo que camufla a peça publicitária em meio a notícias relevante. “Atualmente, existem [...] mais de 20 mil agentes de relações públicas trabalhando para distorcer as notícias do que jornalistas que as escrevem” (HERMAN e CHOMSKY, 2003, p. 11-18).

O jornalismo financiado pelas empresas e governos, recebe destes não somente as normas de conduta, como também aquilo que deve ser dito, a sua pauta. “A mídia precisa de um fluxo constante e confiável de matérias-primas para as notícias. Ela tem demandas diárias e programações imperativas de notícias que precisa atender” (HERMAN e CHOMSKY, 2003, p. 77). Órgãos públicos federais ou municipais, delegacias de polícia e as corporações são fontes primárias de notícias, pautando a mídia de modo passivo ou ativo, como em coletivas de imprensa, lançamento de produtos, campanhas, eleições e outros. Isto ocorre, de um lado, por uma questão de economia, pois estes locais estão mais aptos a fornecer notícias com maior frequência, atendendo à demanda da mídia e reduzindo custos com a investigação jornalística.

Por outro, visa manter o caráter de “objetividade” jornalística, mas principalmente para “tomar a informação de fontes que podem ser presumivelmente confiáveis” (p. 78), evitando assim questionamentos e ações cíveis. Porém, mais do que ser conveniente para a mídia, as corporações e governos tiram proveito deste relacionamento, o que é perceptível pela grande infraestrutura de comunicação disponível à mídia, na qual empresas e órgãos públicos investem vultuosas somas. (HERMAN e CHOMSKY, 2003, p. 77-82)

A pauta ditada por governos e corporações à mídia se estende à formação de um corpo de especialistas. Isto ocorre porque a “dominação das fontes oficiais é enfraquecida pela existência de fontes extraoficiais altamente respeitáveis que fornecem visões dissidentes com grande autoridade. Esse problema é aliviado pela ‘cooptação de especialistas’” (HERMAN e CHOMSKY, 2003, p. 82). A formação de especialistas objetiva manter a influência governamental e corporativa junto à comunidade acadêmica, fortalecendo nas universidades as visões dos primeiros. Como ilustração, outros tópicos que contam com grande participação

de especialistas na mídia são as questões ligadas ao terrorismo e a defesa. Em uma medição realizada no noticiário “*McNeil-Lehrer News Hour*” entre janeiro de 1985 a janeiro de 1986, 54% dos participantes que davam seus pareceres – em questões sobre terrorismo, defesa, controle de armas e tópicos internacionais relevantes à época – eram ex-funcionários do governo, sendo que 15,7% eram *think tanks* conservadores, dentre os quais a maior parte eram acadêmicos do “*Georgetown Center for Strategic and International Studies (CSIS)*, organização patrocinada por fundações e corporações conservadoras” de grande penetração entre o Departamento de Estado, a CIA e organizações privadas (HERMAN e CHOMSKY, 2003, p. 82-83).

Relativo ao quarto filtro do *modelo de propaganda*, a mídia pode gerar reações negativas ao seu conteúdo, e estas reações são outra forma de controle. Estas reações podem se dar por meio de comunicados (correspondências, telefonemas), ou ter a forma de ações judiciais ou projetos de lei, e têm potencial de representar despesas ou desgastes para as organizações de mídia.

Se a bateria de reações negativas for produzida em grande escala, por pessoas físicas ou grupos com recursos substanciais, pode ser tanto desconfortável quanto dispendiosa para a mídia. Posições têm que ser defendidas dentro e fora da organização, algumas vezes perante legisladores e possivelmente até em tribunais de justiça. Os anunciantes podem retirar seu patrocínio. A propaganda na televisão é basicamente voltada para bens de consumo, que são produtos facilmente sujeitos a um boicote organizado. (HERMAN e CHOMSKY, 2003, p. 84)

Mais severo do que um boicote ou reações espontâneas do público são órgãos patrocinados pela comunidade corporativa, criados com o propósito específico de gerar reações negativas em larga escala. Como exemplos nos Estados Unidos, Herman e Chomsky (2003) citam a *Freedom House*, *Media Institute*, *America Legal Foundation* e *Capital Legal Foundation*, este último sendo responsável por um processo contra a rede de TV CBS de 120 milhões de dólares.

O quinto e último filtro é a ideologia anticomunista americana, que foi atualizado pelos autores de *Manufacturing Consent* na edição utilizada neste estudo. Os autores comentam que a ideologia anticomunista pode ter perdido força pelo “colapso da União Soviética e o quase desaparecimento de movimentos socialistas em todo o mundo, mas isso [foi] facilmente compensado pela força ideológica maior da crença no ‘milagre do mercado’ (Reagan)” (HERMAN e CHOMSKY, 2003, p. 18).

Há uma associação, feita por aqueles que defendem privatizações, na qual “mercados são supostamente benevolentes e ainda mais democráticos [...] e mecanismos de não mercado

são suspeitos” (p. 18-19). O fracasso econômico de um modelo ou país é atribuído à ausência de mercados, ou a falta de competência em políticos de permitirem que o mercado funcione adequadamente. “O jornalismo internalizou essa ideologia. Ao adicionar a ela o poder residual do anticomunismo, em um mundo no qual o poder global de instituições de mercado faz com que opções de não-mercado pareçam utópicas, temos um pacote ideológico de muita força” (p. 19).

3.2. A MÍDIA HEGEMÔNICA

O que Marcondes Filho chama de monopólio da mídia passa, nos anos 2000, por concentrações ainda mais intensas, e os conglomerados midiáticos, especialmente nos Estados Unidos, serão transformados em cadeias gigantescas da *indústria da consciência*⁸⁰. O poder de comunicação e influência destes grupos se distribui globalmente, como produtores de subjetividades. Sobre a concentração da mídia e seu alcance em termos de entretenimento – o substituto do jornalismo político, conforme Marcondes Filho (2002) – Herman e Chomsky apontam a enorme diversidade de quatro grandes conglomerados:

[...]Disney, AOL-TIME Warner, Viacom e News Corporation – produzem filmes, livros, revistas, jornais, programas de televisão, música, vídeos, brinquedos e parques temáticos entre outras coisas; e possuem grande facilidade de distribuição por meio de propriedade de radiodifusão e de sistemas a cabo, lojas de varejo e cadeias de salas de cinemas. Também oferecem noticiários e eventuais relatórios e documentários investigativos, que abordam questões políticas, mas os líderes desses ‘dinossauros da cultura pop’ estão bem mais interessados em entretenimento [...]. (HERMAN e CHOMSKY, 2003, p. 18)

Muniz Sodré cometa que “os materiais de uma ideologia são a linguagem e seus recortes práticos, denominados ‘discursos’” (SODRÉ, 2003, p. 22). Para o autor, a linguagem não apenas reflete uma realidade *a priori*, mas principalmente *cria* a realidade, é produtora desta, operando pela hegemonia cultural:

Quando um grupo hegemônico obtém da sociedade a aceitação de uma ideologia, está obtendo aval semântico para uma plethora de pontos de vista, visões de mundo, articulações de senso comum e representações sociais guiados por um sentido determinado. O sentido implica um caminho simbólico, uma direção cultural, que se pretende comum a todos, universal, verdadeira. Própria do mecanismo ideológico é

⁸⁰ Conceito de Hans Magnus Enzensberg.

a parte pelo todo, isto é, da parcialidade do sentido (já que é apenas a unidade consensual de um grupo específico) por uma totalidade ou universalidade ilusória. (Sodré 2003 p.22).

Um grupo hegemônico necessariamente possui uma ideologia particular e, ao receber um “aval semântico” da sociedade onde se insere, reproduz seus pontos de vista, universalizando-os. O consenso de um grupo menor sobre uma dada “direção cultural” é imposta ao grupo maior, tornando-se hegemônico. Os conglomerados da mídia, por passarem uma visão hegemônica sobre uma gama de aspectos culturais, se encaixam no conceito descrito acima, e formam o que chamamos aqui de *mídia hegemônica*. É lógico supor que, se existem consensos, que promovem a hegemonia, existirão dissensos, vozes dissonantes a essa “direção cultural”. A distância entre o consenso e os dissensos, ou quão hegemônicas são as mídias e seus discursos, é difícil precisar. Mas sabemos que o crescimento desta hegemonia acompanha os movimentos de concentração do capital.

O Jurista Fabio Konder Comparato vê a sociedade capitalista como tendo adquirido, nos dias atuais, o status de uma “Civilização Capitalista”. Uma civilização, para Comparato, distingue-se das demais pela “mentalidade coletiva”, relativa à “prática cultural e ao sistema ético”, e também “pela sua forma particular de organização social, fundada no poder”. O poder, que até a idade média pertencia ao clero ou à nobreza, após o feudalismo e com a proliferação de comerciantes e crescimento dos burgos, passa a ser manifesto pela riqueza de cada um - “A única diferença da condição individual ou familiar era dada pelo nível de fortuna” - e deixa de ser determinado, como foi na tradição indo-europeia feudal, por um direito divino (COMPARATO, 2013, p. 83-84). O exercício do poder econômico dos mercados nasce com a doutrina Locke e o direito à propriedade individual de bens. Liberdade individual passa a ser sinônimo de propriedade individual (p. 93), e a concentração de poder econômico, do século XVIII aos dias de hoje, nos levaram às estratégias de manipulação dos mercados.

O poder econômico concentra-se, e serão as empresas que o exercerão, com o auxílio dos Estados. Através de oligopólios ou oligopsônios, grandes empresas, detentoras de grande capital, conquistam os mercados de pequenas e médias empresas. Segundo Comparato, Marx, em “O Capital”, coloca o “poder econômico no centro da vida social”, no controle da realidade econômica, política, o direito e a religião, “além de todas as manifestações culturais” (p. 94-101).

Na análise marxista, o capitalismo funda-se todo nesse poder, sendo que sua expansão mundial nos últimos séculos dependeu, essencialmente, de uma permanente concentração e acumulação do capital. Para se ter uma ideia do que isso significa, atente-se para o fato de que, no início do século XXI, o volume global de negócios das 150 maiores empresas multinacionais e transnacionais do mundo superava o PIB de 150 países e equivalia a quase 30% do produto mundial. Essa proporção não parece ter se reduzido ulteriormente. (COMPARATO, 2013, p. 100-101)

A hegemonia da mídia explica-se, dentro da ideia de civilização capitalista de Comparato, na lógica de concentração e acumulação. O “poder ideológico capitalista” busca consolidar-se não pela força bruta, mas pelo que Max Weber chamou de “legitimidade do poder”, uma “confiança” que se estabelece por parte dos liderados. A propaganda, a “atividade de persuadir a opinião pública para fins religiosos, políticos ou comerciais”, é uma ferramenta ideológica, que na sociedade de consumo é transmutada em Relações Públicas, ou a segunda deriva da primeira. Como Relações Públicas, a atuação do poder ideológico é muito mais insidiosa, e a estruturação de consenso é passada de modo mais sutil, com a utilização, por exemplo, de uma pesquisa com médicos falando da importância do café da manhã ser uma refeição reforçada, paga pelas empresas que vendem bacon, sem que se leve em conta que o consumo deste alimento em excesso poderia ser prejudicial à saúde (p. 118).

O processo acima é o mesmo identificado anteriormente, por Marcondes Filho (2002), em leitura de Habermas, chamado de a *Indústria da Consciência*, quando a comunicação publicitária se mistura ao noticiário e a própria sociedade como um todo começa a se perceber como um ente que tem a obrigação de se comunicar - em um nível principalmente mercadológico. A sociedade de massas do século XX origina a “*mass media communication*, ou seja, um sistema englobando a grande imprensa, o cinema, o rádio e a televisão”, e os oligopólios empresariais percebem que o controle dos meios de comunicação lhes proporcionaria o “controle ideológico da vida social”. Bastava apenas vencer a regulamentação estatal, o que o acirramento neoliberal do final do século XX resolveu (p. 114-116):

Nos Estados Unidos, foi revogada em 1996 a lei de 1934, que estabelecia limites na concentração de controle empresarial no setor de comunicação de massa. Seguindo no mesmo rumo, a *Federal Communications Commission* eliminou, em 2003, as proibições então existentes para a participação cruzada no capital das empresas de rádio e televisão. O resultado não se fez esperar: enquanto que em 1983 havia no

mercado norte-americano de *mass media* 50 empresas de médio porte, em pouco tempo ele passou a ser dominado por apenas cinco macro empresas⁸¹. Na Europa, até 1980, apenas três países tinham televisão privada (Itália, Reino Unido e Luxemburgo). Hoje, ela existe em todos eles. Como exemplo de conglomerado mundial de comunicação de massa, basta citar News Corporation, criada por Rupert Murdoch na Austrália. A partir de 1981, ela passou a controlar empresas de imprensa, rádio e televisão nos Estados Unidos, na Grã-Bretanha e na Ásia. (COMPARATO, 2013, p. 117)

Qual a consequência de uma concentração tão grande dos conglomerados midiáticos? Noam Chomsky, em entrevista a David Barsamian, é indagado se “a propriedade dos meios de comunicação social determina sempre o seu conteúdo” (Chomsky 1999 p.60). A resposta de Chomsky é uma forma de se compreender por que caminhos se dá a hegemonia cultural exercida pelas empresas de mídia, e como opera por meio de consensos, sem imposições bruscas.

Em um sentido mais amplo, sim, porque se o conteúdo ultrapassar os limites impostos pelos proprietários desses meios, eles certamente intervirão. No entanto, a flexibilidade aí é grande. Os investidores não procuram os estúdios de televisão para garantir que os repórteres e as pessoas convidadas a falar estão fazendo o que desejam. Há outros mecanismos, mais sutis e complexos, para que se divulgue o que os proprietários e investidores querem; um longo processo de filtragem garante que só ganhem posições de comando no sistema, como gerentes, editores, etc., as pessoas que internalizaram os valores dos proprietários. Ao atingir aquelas posições essas pessoas podem dizer que são livres. Assim, ocasionalmente encontramos um tipo de liberal independente como Tom Wicker, que afirma: “Eu digo o que quero, ninguém manda me dizer o que deseja. O sistema é de liberdade absoluta”. O que *para ele* é verdade. Depois de demonstrar a seus chefes ter internalizado seus valores, ele estava inteiramente livre para escrever o que quisesse. (CHOMSKY, 1999, p. 60-61)

Mais uma vez, o poder aqui é não coercivo, o conteúdo de um canal televisivo se define por pessoas que estão imbuídas dos valores da direção da organização. A Hegemonia Cultural não atua somente na exclusão ou inclusão de ideias e visões, mas também na de pessoas. O “aparato cultural” (Mills 1967 apud Said 2011 p.123) não é para todos, e alguns caem nestes “procedimentos de exclusão” - a grelha da interdição foucaultinana: não se tem o direito de dizer tudo; não se pode falar de tudo em qualquer circunstância; nem todos podem falar de qualquer coisa (FOUCAULT, 2013). O poder capitalista premia os consensos que lhe

⁸¹ Time-Warner, VIACOM, Vivendi Universal, News Corp. e Walt Disney, cf. Ben H. Bagdikian, *The New Media Monopoly*, ed. Revista, Noston: Beacon Press, 2004; C. Edwin Baker, *Media Concentration and Democracy – Why Ownership Matters*, Cambridge University Press, 2007 (Comparato 2013 p.117, rodapé). Oliveira (2013) aponta, além das já citadas, uma sexta empresa, a Bertelsmann.

são favoráveis, garantindo a hegemonia de suas ideias e valores, exclui as demais ideias, e nos traz a percepção da extensão do poder dos monopólios.

Dennis de Oliveira considera que o poder global está centrado, após intensa concentração, em um “tripé de monopólios”: O monopólio do dinheiro, das armas e da voz (mídia), dos quais destaca a importância deste último como ideologicamente mais importante, por “fazer a ponte” entre tais processos (OLIVEIRA, 2013, p. 65).

O poder do monopólio do dinheiro se dá pela “separação entre poder e política” descrita por Bauman. Há um deslocamento deste poder, da esfera pública – do Estado –, da política – para a privada – as grandes corporações. À política caberá a manutenção do Estado mínimo e a desregulamentação, que permite o livre fluxo dos capitais. Esta situação é identificada por Oliveira como resultado da conexão dos processos produtivos a nível global. Além dos conglomerados, o capital especulativo circulante nas bolsas e as agências de risco, com poder para incrementar ou destruir as economias de um país, também pressionam o poder político dos Estados (OLIVEIRA, 2013, p. 70-76).

O segundo pé do tripé do poder global neoliberal é o monopólio das armas. A indústria bélica, após a Guerra Fria, está altamente concentrada nos EUA que, junto com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), são considerados pelo autor “a polícia do mundo”. O orçamento militar dos Estados Unidos é da ordem de 700 bilhões de dólares⁸², maior do que o orçamento militar de 17 países, incluindo o da China, este da ordem de US\$ 100 bilhões. Seis das dez maiores empresas de armamentos são estadunidenses; os EUA possuem bases militares em todo o planeta e ultimamente têm comandado ações de espionagem e guerra por meio de *Drones*, aviões controlados por computadores de dentro do território norte-americano. É o poder do Estado que se reduziu, mas não acabou. A função do Estado, além de “sair da frente” dos fluxos de capital, é de exercer o poder de coerção contra inimigos, o poder de dissuadir – e de manter o bom negócio que é a guerra sempre ativo (OLIVEIRA, 2013, p. 77-82).

O terceiro pé do tripé, o monopólio da voz (mídia) é constituído pela indústria da comunicação e da cultura. Oliveira parte da evolução do jornalismo de Marcondes Filho, vista no início deste capítulo, destacando a migração do conceito iluminista de “jornalismo”, que em seus primórdios visava ser um “quarto poder”, e que se pretendia “imparcial”, dando voz a

⁸² Dado de 2013.

todas as camadas da sociedade, para sua versão mercantilizada, conforme cresce como empresa midiática. Para o autor, a concentração dos grandes grupos de mídia opera na criação de consensos ideológicos. À medida que medida que “o jornalismo se articula como empresa, o capital “sequestra”, apropria-se deste direito público e transforma o direito da “liberdade de expressão” em direito da “liberdade do capital”:

Este poder da imprensa sofre uma transformação com a transfiguração das empresas jornalísticas em *empresas midiáticas*. Entendemos aqui mídia toda a transmissão de informação e entretenimento pelos dispositivos tecnológicos de massificação. O esvaziamento da política como locus de debate público, o seu divórcio do poder, praticamente esvazia o jornalismo tradicional – mesmo aquele *manipulado* pelos empresários – e a construção dos consensos ideológicos vai sendo erigida por uma indústria de entretenimento midiático. (OLIVEIRA, 2013, p. 84)

O monopólio midiático se aproveita de uma estruturação identitária da sociedade em nichos ou segmentos, por meio do marketing e da publicidade. Tais subdivisões segregam atitudes, comportamentos, e estilos de vida, para que atendam melhor às expectativas do capitalismo. O resultado disso é que “As diferenças culturais que emergem com a globalização do capital são dirimidas dentro da esfera mercantil no terreno midiático-cultural” (OLIVEIRA, 2013, p. 82-86).

[...] a transfiguração do jornalismo *stricto sensu* para o espaço midiático significou também a transformação dos valores presentes na ideia de jornalismo e esfera pública. Christopher Lasch, em *A cultura do narcisismo*, afirma que para o discurso midiático hoje não interessa mais o verídico, mas sim o verossímil, o confiável e o célebre. (Lasch, 1983). Sai de cena a autoridade da fala do conhecimento (e, por tabela, do intelectual, mesmo o orgânico da classe dominante) e entra a celebridade, cuja autoridade de fala é dada tautologicamente pela mídia – está na mídia porque é famoso e é famoso porque está na mídia.

A informação passa a ser subsumida pela lógica do entretenimento e do consumo (o que gerou a estranha categoria midiática do *infotainment*, o infotenimento) consolidando o esvaziamento da política enquanto espaço de poder. A esfera política vira, assim, mero território cênico, onde imagens de celebridades desfilam falas, narrativas visuais, sentimentos e projeções de sensações articulando a organicidade social pelas “sensibilidades”. (OLIVEIRA, 2013, p. 87)

A ideia de um “jornalismo crível”, não necessariamente verídico, não obrigatoriamente respaldado por uma postura crítica, mantém a estrutura de consensos e reforça o poder capitalista global. Este é o pano de fundo, é desta mídia e de sua atuação hegemônica que falamos neste estudo. O conceito de mídia hegemônica que opera o *modelo de propaganda* foi moldado então, pela evolução do jornalismo diante das exigências do capitalismo, sua transformação em mídia e a concentração das empresas que detém um

monopólio da construção e propagação do simbólico, definindo assim as ideologias que devem predominar na sociedade, de acordo com os poderes estabelecidos. Em resumo, a hegemonia da mídia fabrica os consensos que garantem a perpetuação no poder àqueles que a controlam.

Mas qual é o consenso em relação aos árabes e à Síria, como se forma e como vem sendo utilizado pela mídia hegemônica?

3.3. O ÁRABE CLICHÊ: AS SIMPLIFICAÇÕES QUE ALIMENTAM OS CONSENSOS

Jack Shaheen é um professor de cinema e mídia da *New York University* que analisou mais de 900 filmes, animações e séries americanas, desde o início do cinema até a data de sua pesquisa, na qual verificou a imagem homogênea e reducionista que permeia o imaginário de Hollywood sobre os árabes⁸³. Nos filmes analisados, os árabes normalmente são “genéricos” - a nacionalidade ou o grupo a que pertencem quase nunca é explícita; utilizam vestimentas tradicionais de alguma das regiões árabe-islâmicas; são passionais, temperamentais, violentos, traiçoeiros e sedutores; seus países são retratados como áridos, normalmente pobres, de arquitetura decadente, sem grandes atrativos, à exceção dos palácios dos *Sheiks*, Califas ou Sultões; As mulheres árabes são sensuais, em muitos filmes são odaliscas, em outros terroristas ou espãs. Mesmo as crianças são pouco confiáveis e por vezes traiçoeiras, e os árabes bem intencionados da trama, se existirem, normalmente morrem, vítimas dos árabes degenerados, uma condição quase intrínseca, naturalizada. Seu ódio à civilização ocidental é passado dos pais aos filhos, e normalmente derivam da ideia de que “eles”, os árabes gostariam de ser como “nós”, o Ocidente – mas sua *natureza* os impede. Os árabes são retratados como seres pouco evoluídos, por vezes ridículos, comandados pelas suas paixões, não partilham da racionalidade e modernidade ocidental. Ao contrário, são uma ameaça, e eliminá-los é perdoável. (SHAHEEN, 2003)

A principal referência de Shaheen (2003) é o intelectual palestino Edward Said e o seu conceito de Orientalismo (SAID, 2007)⁸⁴, que trata de uma visão eurocêntrica, específica da

⁸³ Jack Shaheen publicou o livro “Reel Bad Arabs – How Hollywood Vilifies a people”, transformado depois em documentário - disponível on line em <https://www.youtube.com/watch?v=f3o4Rtp2jTQ> – acessado em 23/04/2015. Escreveu também artigo de mesmo nome, acessível aqui: <http://ann.sagepub.com/content/588/1/171.abstract>.

⁸⁴ A primeira edição de “Orientalism”, em inglês, data de 1978, pela Penguin Books.

entidade cultural, linguística e/ou geográfica nomeada “Oriente”, criada com alguns propósitos, dentre eles o de justificar o colonialismo sobre alguns povos e regiões em épocas diversas. Said identifica a prática do Orientalismo na literatura europeia e posteriormente norte-americana, capturando nos autores que examina a noção ocidental de um oriental incapaz de governar a si mesmo, sem talento para a organização e desprovido de rigor científico, um ser humano tomado por suas crenças (SAID, 2007).

Edward Said, em seu papel de crítico do olhar ocidental sobre o Oriente, busca compreender o que existe por trás da narrativa predominante sobre o universo árabe-islâmico: a homogeneidade a que são submetidos diferentes países e culturas ditas “Islâmicas” no discurso da grande maioria de veículos de comunicação ocidentais chama a atenção pela simplificação, que unifica grupos populacionais e localidades geográficas que são muito diversos. Mundos tão diferentes quanto o Irã, a Arábia Saudita, o Líbano e a Indonésia, para citarmos alguns exemplos, são tratados por tais narrativas como se fossem o mesmo local, a mesma cultura e as mesmas pessoas. No livro “Cobrindo o Islã” (SAID, 2011)⁸⁵, Said inicia sua análise do capítulo “Islã como Notícia”, com o exemplo de uma campanha televisiva da *Con Ed (Consolidated Edison)* de 1980, sobre energias alternativas, no rastro da escalada de preços do petróleo dos anos 1970:

En el verano de 1980 y en el marco de una campaña sobre las fuentes alternativas de energía para los norteamericanos, la compañía *Consolidated Edison* de Nueva York (Con Ed) emitió unos llamativos anuncios televisivos. Fragmentos de grabaciones de varias conocidas personalidades de la OPEP —entre ellos Yamani, Gadafi, y otros personajes menos famosos pero con vestimenta árabe— se alternaban con fotos y tomas de otras personas asociadas con el petróleo y el islam: Jomeini, Arafat, Hafez al Asad. **Ninguno de estos personajes era mencionado por su nombre, pero se nos decía en tono amenazador que «esos hombres» controlaban las fuentes de petróleo de Estados Unidos.** La solemne voz de fondo no hacía referencia a quiénes eran realmente «esos hombres» o cuál era su procedencia, dando a entender que tal banda de villanos había puesto a los estadounidenses bajo el yugo de un ilimitado sadismo. Bastaba que «aquellos hombres» hubieran aparecido del modo que lo habían hecho en los periódicos y la televisión para que la audiencia estadounidense sintiera una mezcla de ira, rencor y temor. Y es esta combinación de emociones lo que Con Ed despertó instantáneamente y explotó por razones comerciales, del mismo modo que Stuart Eizenstat, consejero de política interior del presidente Carter, y hoy alto cargo en la administración de Clinton, había apremiado al presidente a que «en un gesto decidido [se debería] movilizar a la

⁸⁵ Com o título original em inglês, “Covering Islam”, este livro foi publicado inicialmente em 1981, teve uma segunda edição em 1997, com novo prefácio onde Said reflete sobre o crescimento do “Orientalismo” entre as edições; utilizamos a edição digital de 2011, que foi baseada em tradução para o espanhol de 2005 da edição de 1997.

nación ante una crisis real y un claro enemigo: la OPEP». (SAID, 2011, p. 84, grifos nossos)⁸⁶

O exemplo acima demonstra o que chamamos anteriormente de “homogeneização” e “simplificação” do Mundo Islâmico, ou, na visão de Said, uma atitude Orientalista. Quem são de fato as personalidades responsáveis pela OPEP⁸⁷ e pela subida de preços do petróleo não parece importar; não há diferenças entre o Aiatolá Khomeini, um líder político e religioso, do Irã; o presidente de uma república, Hafez al-Assad, da Síria, que não é uma nação significativa na produção mundial de petróleo; e de Yasser Arafat, o líder da OLP (Organização para a Libertação da Palestina), um grupo que lutava contra o colonialismo e ocupação israelenses e pelo reconhecimento e criação de seu país. Os dois últimos líderes mencionados nunca fizeram parte da OPEP⁸⁸ (e Arafat nem mesmo liderava um país), mas este fato, bem como outras diferenças entre tais líderes, não foram levados em conta.

O que importava, na mensagem que a *Con Ed* passava ao cidadão dos EUA, que se via privado do poder de manter de seu estilo de vida, pelos preços altos do petróleo, era *a imagem* que rapidamente se formou deste grupo de líderes, e em *como esta imagem foi utilizada* pelos meios de comunicação e políticas governamentais estadunidenses para causar um clima de apreensão na população, que passou a exigir respostas do seu governo. Said, embora centre sua resposta no conceito de Orientalismo, busca entender os mecanismos de reprodução e estabelecimento de consensos.

⁸⁶ “No verão de 1980 e como parte de uma campanha sobre fontes alternativas de energia para os norte-americanos, *Consolidated Edison Company* de Nova York (Con Ed) divulgou anúncios de televisão chamativos. Fragmentos de gravações de várias personalidades conhecidas da OPEP, entre eles Yamani, Gaddafi, e outros menos famosos, mas com vestimentas árabes, alternadas com imagens e fotos de outras pessoas associadas com petróleo e Islã: Khomeini, Arafat, Hafez al Assad. Nenhum desses personagens foi mencionado pelo nome, mas foi-nos dito friamente que “estes homens” controlavam as fontes de petróleo dos EUA. A narração solene não se referia a quem realmente eram “os homens” ou qual sua origem, dando a entender que esse bando de vilões tinha colocado os americanos sob o jugo de um sadismo ilimitado. Bastava que “os homens” houvessem aparecido na forma como eles fizeram nos jornais e na televisão para o público norte-americano sentir uma mistura de raiva, ressentimento e medo. E foi esta combinação de emoções que *Con Ed* despertou imediatamente e explorou por razões comerciais, assim como Stuart Eizenstat, diretor de política interna do presidente Carter, e hoje alto funcionário do governo Clinton, pediu ao presidente que ‘em um gesto decisivo a nação [deve] se mobilizar ante uma crise real e um inimigo declarado: a OPEP.’” (tradução nossa)

⁸⁷ A OPEP foi formada em 1960 na Conferência de Bagdá, em 1960, e tinha como membros fundadores cinco países: Irã, Iraque, Kuwait, Arábia Saudita e Venezuela, e hoje conta com doze membros (http://www.opec.org/opec_web/en/about_us/25.htm)

⁸⁸ Síria, Egito e Tunísia se aliaram a vários membros da OPEP, ou OPEC, formando a OAPEC (Organisation of Arab Petroleum Exporting Countries) em 1968, uma ação econômica e político-militar. Em 1973, em resposta ao apoio dos EUA à Israel durante a Guerra de Outubro, envolvendo Síria e Egito, iniciam um embargo, restringindo as exportações de petróleo (disponível em <<http://csis.org/publication/arab-oil-embargo-40-years-later>>. Acessado em 22.abr.2015.

A *Con Ed*, conforme os objetivos de sua campanha, não *cria* uma imagem nova dos sujeitos árabe-islâmicos que apresenta. Ela parte de uma *ideia pré-existente*, um *consenso* do que é um “Oriental”, ou um árabe-islâmico. Tal imagem remonta à idade média e, posteriormente, ao renascimento oriental do século XVII, quando a ciência europeia “redescobre” o Oriente e irá analisá-lo e interpretá-lo, quando não construí-lo, do ponto de vista linguístico, etnográfico, antropológico, arqueológico, epistemológico... dentre outros olhares disciplinares que elaborarão as ideias sobre esse “outro”.

Said (2007) identifica o discurso “nós/eles” presente no subtexto europeu, este manifesto em obras acadêmicas, literárias ou cartas e discursos dos governantes que trabalhavam intensamente pelas pretensões imperiais de seus Estados. O recorte de Said percorrerá os últimos dois séculos de relações entre Europa e Oriente, mas em sua obra *Orientalismo*, existem muitos indícios de uma visão de um sujeito árabe-islâmico pelos olhos do cristianismo europeu medieval, presente, por exemplo, em Dante, em sua *Divina Comédia*:

‘Maometto’ – Maomé – aparece no canto 28 do Inferno. Está localizado no oitavo dos nove círculos do inferno [...], um círculo de valas sombrias que circundam a cidadela de Satã no Inferno. Assim, antes de chegar a Maomé, Dante passa por círculos que contém pessoas cujos pecados são de uma ordem menor: os lascivos, os avaros, os gluttons, os hereges, os coléricos, os suicidas, os blasfemos. Depois de Maomé existem apenas os falsificadores e os traidores (que incluem Judas, Brutus e Cassius)[...]. Maomé pertence assim a uma hierarquia rígida de males, na categoria do que Dante chama *seminator di scandalo e di scisma*. O Castigo de Maomé, que constitui também seu destino eterno, é peculiarmente asqueroso: ele é interminavelmente partido em dois do queixo ao ânus [...]. (SAID, 2007, p. 109).

É este o material de partida de discursos da mídia sobre o Oriente, como é o caso dos anúncios da *Con Ed*. A figura do Oriente e do Islã já existe, sob a forma de consensos – no caso acima, Maomé ser um “falso profeta” que recebe o castigo eterno no inferno cristão – mas é contextualizada, e utilizada com objetivo de responsabilizar, tanto a OPEP quanto todo o universo árabe-islâmico, pela subida de preços do petróleo na década de 1970, promovida por aquela organização. O Orientalismo tem, como uma de suas referências, as ideias de *consenso e hegemonia cultural* em Gramsci:

Gramsci fez uma útil distinção analítica entre a sociedade civil e a política, na qual a primeira é composta de associações voluntárias (ou, pelo menos, racionais e não coercivas), como escolas, famílias e sindicatos, e a última é constituída de instituições estatais (o exército, a polícia, a burocracia central), cujo papel na vida política é a dominação direta. A cultura, é claro, deve estar em operação dentro da sociedade civil, onde a influência de ideias, instituições e pessoas não funciona pela

dominação, mas pelo que Gramsci chama de consenso. Numa sociedade não totalitária, portanto, certas formas culturais predominam sobre outras, assim como certas ideias são mais influentes que outras; a forma dessa liderança cultural é o que Gramsci identificou como *hegemonia*, um conceito indispensável para qualquer compreensão da vida cultural no Ocidente industrial. É a hegemonia, ou antes, o resultado da hegemonia cultural em ação, que dá ao Orientalismo a durabilidade e força de que tenho falado até o momento. O Orientalismo nunca está muito longe do que Denis Hay chama de “a ideia de Europa”, uma noção coletiva que identifica a “nós” europeus contra todos “aqueles” não-europeus, e pode-se argumentar que o principal componente da cultura europeia é precisamente o que tornou hegemônica essa cultura, dentro e fora da Europa: a ideia de uma identidade europeia superior a todos os povos e culturas não europeus. Além disso, há a hegemonia das ideias europeias sobre o Oriente, elas próprias reiterando a superioridade europeia sobre o atraso oriental, anulando em geral a possibilidade de que um pensador mais independente, ou mais cético, pudesse ter visões diferentes sobre a questão. (SAID, 2007, p. 34)

Há, em Gramsci, por Said, uma estrutura de Estado, a “Sociedade Política”, que exerce uma dominação coerciva, como parte de um contrato social onde aceitamos as regras de convivência; e há a “Sociedade Civil”, onde “a cultura deve estar em operação” na “influência de ideias, pessoas e instituições”, por meio do consenso. Os maiores consensos, ideias e formas culturais que se destacam sobre outras, resultam em uma hegemonia cultural, como é o caso do pensamento orientalista no Ocidente. A “ideia de Europa”, ou o consenso sobre o que “somos” no Ocidente, define “os outros” como são – aquilo que não somos. O consenso reduz à irrelevância um exame aprofundado do “outro”, e de suas razões para ser como é, ou fazer o que faz, como por exemplo, a escalada de preços da OPEP (que foi criada como resposta às pressões da indústria petrolífera ocidental e inicia seus aumentos por conta de uma operação financeira dos EUA, que reduz o preço do barril de petróleo em dólares⁸⁹).

Uma das respostas que Said encontra para a formação dos consensos sobre os árabes são as *etiquetas* ou *rótulos*: categorias que, quando querem aludir a temas complexos, os definem mal, quer seja Islã, árabe, cristão ou Ocidente. Os rótulos existem, são construções históricas, Said não percebe proveito em tentar fazer com que não existam; ao invés disso, os enxerga como “parte integral da história cultural”; porém, não servem como “classificações objetivas” (Said 2011 p. 88). Sobre os rótulos, comenta suas duas funções:

⁸⁹ Em agosto de 1971, os EUA unilateralmente cancelaram o acordo de Bretton Woods, retirando seu país do compromisso de manter o padrão câmbio-ouro e permitindo que o valor de sua moeda “flutuasse”. As nações industrializadas subsequentemente seguiram os EUA, incrementando suas reservas (pela impressão de papel-moeda), enquanto os seus câmbios se estabilizavam entre si. Uma vez que o Petróleo era precificado em dólares, a depreciação efetivamente reduziu o valor do barril dos produtores, enquanto que o custo dos bens que eles importavam do mundo industrializado aumentou. (<http://csis.org/publication/arab-oil-embargo-40-years-later>, acessado em 22/04/2015)

En primer lugar, actúan como meras referencias de identificación, como cuando decimos que Jomeini es musulmán, o que el papa Juan Pablo II es cristiano. Tales afirmaciones nos ofrecen una información mínima sobre lo que es algo, como opuesto a otros conceptos.[...]. La segunda función de estas etiquetas es aportar un significado mucho más complejo. Hablar hoy en Occidente del «islam» conduce a toda la serie de desagradables ideas a las que vengo refiriéndome. Además, es improbable que el término «islam» se refiera a algo que es posible conocer directa u objetivamente. Lo mismo cabe decir respecto a nuestro uso de «Occidente». ¿Cuántos de los que usan estas etiquetas con ira o convicción tienen una idea cabal sobre todos los aspectos de la tradición occidental, o de la jurisprudencia islámica, o de las lenguas que en la actualidad se hablan en el mundo islámico? Muy pocos, obviamente, pero ello no les impide etiquetar de modo tajante al «islam» y a «Occidente», como tampoco les impide creer que saben de qué están hablando con exactitud. (SAID, 2011, p. 88-89).⁹⁰

O que Said chama de *rótulos* ou *etiquetas*, Marcondes Filho chama de *clichês*, atestando que seu uso no jornalismo opera exatamente na simplificação criticada pelo primeiro autor:

Operar com clichês é incomparavelmente mais cômodo, mais fácil, mais simples. Acontecimentos, grupos humanos, filosofias políticas são rapidamente classificados [...] como bons, maus, exóticos, mais apreciados, joviais, ultrapassados, aconselháveis ou desaconselháveis. [...] Mas, acima de tudo, **o clichê constrói antecipadamente a notícia: jornalistas não partem para o mundo para conhecê-lo; ao contrário, eles têm seus modelos na cabeça e saem pelo mundo para reconhecê-los (e reforçá-los).** [...] Assim funciona igualmente o mito das “cidadelas”, o fato de se dividir grosseiramente o mundo em duas partes: os de dentro e os outros. A cidadela é o espaço civilizado (“nosso país”, os “países desenvolvidos”, o conjunto de nações onde reina “a civilização e o progresso”) em contraposição à barbárie, que tanto podem ser as “nações perdidas” do continente africano, como os interiores onde impera o faroeste ou mesmo os bairros urbanos de nossa cidade, que as máfias transformaram em terra arrasada. Nós, cidadãos civilizados, pacíficos telespectadores, ao contrário, estamos resguardados em nossas cidadelas, onde o mundo continua a ser mundo. O melhor dos mundos, naturalmente. (MARCONDES FILHO, 2002, p. 109-110, negrito meu)

Marcondes Filho não só corrobora o que Said aponta, como destaca que há um direcionamento de uma informação que é apresentada como *nova*, digna de ser chamada de *notícia*, mas que é, na verdade, a reprodução das *ideias pré-concebidas* do jornal, do jornalista

⁹⁰ “Em primeiro lugar, eles agem como meras referências de identificação, como quando dizemos que Khomeini é muçulmano, ou que o Papa João Paulo II é cristão. Tais declarações oferecem uma informação mínima do que é algo, em oposição a outros conceitos. [...]. A segunda função destes rótulos é o de proporcionar um significado muito mais complexo. Falando hoje no Ocidente de ‘Islã’ leva a uma série de ideias desagradáveis a que venho me referindo. Além disso, é improvável que o termo ‘o Islã’ refira-se a algo que é possível conhecer diretamente ou de forma objetiva. O mesmo é verdade em relação ao nosso uso de ‘Ocidente’. Como muitos daqueles que usar esta etiqueta com raiva ou convicção de ter um quadro completo de todos os aspectos da tradição ocidental, ou jurisprudência islâmica, ou as línguas atualmente faladas no mundo islâmico? Muito poucos, obviamente, mas isso não os impede de rotular de modo taxativo o ‘Islã’ e ‘Ocidente’, nem impede que eles pensem que sabem o que estão falando exatamente.” (tradução nossa)

ou da linha editorial que este sustenta. Esta reprodução garante que “o mundo continue a ser mundo” – com posições bem definidas e locais adequadamente ocupados, sem muitas chances de mudanças.

Mas, além dos jornalistas, quem aplica os rótulos? Como vimos anteriormente, o uso de “especialistas” por parte da mídia consta no terceiro filtro do *modelo de propaganda*, e estes personagens servem para dar respaldo – governamental, corporativo, acadêmico - às visões parciais propagadas pela mídia. Buscando compreender o tipo de especialista em “Oriente” que é produzido em seu tempo, Said faz uma distinção entre o olhar europeu e o estadunidense. Enquanto a Europa tem tido contato profundo com os povos árabes e islâmicos desde o século XVII, com interações advindas do colonialismo desde a construção de instituições até o estudo acadêmico de pormenores desses povos, os EUA só despertarão para a questão do Oriente Médio após a segunda guerra mundial, sem grandes contatos diretos com tais comunidades (SAID, 2011, p. 92-93). Os motivos estadunidenses são governamentais, estratégicos e econômicos, e boa parte dos estudos acadêmicos sobre Oriente Médio e Norte da África que se desenvolve nas universidades americanas têm como razão o alcance de tais motivos; ou então, seus campos de estudo, no rastro dos estudos europeus orientalistas, têm como objeto o que foi o mundo árabe e islâmico dos séculos anteriores ao XX.

[...] todas las grandes figuras conocidas hasta hace unos veinte años en Estados Unidos como relevantes académicos y fundadores de departamentos universitarios y programas sobre el islam habían nacido en el extranjero: el libanés Philip Hitti de Princeton, el austríaco Gustave von Grunebaum de Chicago y UCLA, el británico H. A.R. Giba de Harvard, el alemán Joseph Schacht de Columbia. Ninguno de estos autores ha gozado del relativo prestigio cultural del que disfrutaron Jacques Berque en Francia o Albert Hourani en Inglaterra.

Sin embargo, incluso autores como Hitti, Giba, Von Grunebaum y Schacht han desaparecido de la escena estadounidense, y resulta altamente improbable que académicos como Berque y Hourani, ambos fallecidos en 1993, tengan sucesores en Francia o Inglaterra. Nadie tiene hoy su amplia visión cultural, y nada se acerca a su grado de autoridad. **Los académicos especializados en el islam en el Occidente actual suelen conocer las escuelas de jurisprudencia del Bagdad del siglo X** o las estructuras urbanas del Marruecos del siglo XIX, pero nunca (o casi nunca) tienen una visión de conjunto de la civilización islámica, su literatura, su legislación, su política, su historia, su sociología, etcétera. Ello no ha impedido a los especialistas hacer ocasionales generalizaciones sobre la «disposición islámica» o la «predilección chií por el martirio», pero tales afirmaciones han quedado confinadas a los periódicos más populares o a los medios de comunicación, que obtuvieron tales opiniones porque las pidieron. (SAID, 2011, p. 94, grifos nossos)⁹¹

⁹¹ “[...] Todas as grandes figuras conhecidas até cerca de vinte anos atrás nos Estados Unidos como estudiosos e fundadores de departamentos e programas sobre o Islã como universitários relevantes tinham nascido no estrangeiro: o libanês Philip Hitti de Princeton, o austríaco Gustave von Grunebaum de Chicago e UCLA, o britânico H.A.R. Giba de Harvard, o alemão Joseph Schacht de Columbia. Nenhum desses autores tem gozado de prestígio cultural relativo que gozavam Jacques Berque na França ou Albert Hourani na Inglaterra.

¿Quiénes son los equivalentes estadounidenses de Rebecca West, Freya Stark, T. E. Lawrence, Wilfred Thesiger, Gertrude Bell, P. H. Newby o, más recientemente, Jonathan Raban? **En el mejor de los casos, podrían ser veteranos de la CIA como Miles Copeland o Kermit Roosevelt**, pero solo muy raramente escritores o pensadores con cierto relieve cultural. Escritores y traductores tan dotados como Peter Theroux aún no han conseguido concitar una gran atención. (SAID, 2011, p. 97, grifos nossos)⁹²

Said detecta certa superficialidade na geração de especialistas que servem de referência à criação da ideia de árabe, ou islâmico. A carência de acadêmicos adequadamente formados, e a presença de “veteranos da CIA” cria um conhecimento reducionista, parcial, pouco aprofundado, a partir do qual é gerado um rótulo que só pode ter as mesmas características. O Orientalismo, a invenção de um Oriente “adequado” ao Ocidente, nasce na Europa e migra para os EUA, mas neste último caso a distância, aliada a uma pragmática visão de interesses, não permitem uma percepção mais ampla, preenchendo lacunas com a “jurisprudência de Bagdá do século X” e visões do islã medieval, dentre outras que não da realidade atual dos povos árabe-islâmicos. E aqui entra a mídia hegemônica estadunidense, uma gama de empresas de comunicação privadas, que noticiam esta mesma perspectiva norte-americana, reducionista, do mundo árabe e islâmico.

As palavras-chave da mídia, alinhadas com o universo léxico majoritário destinado ao Islã, por vias governamentais ou acadêmicas, são “terrorismo”, “petróleo”, “intolerância”, “ignorância”, “desrespeito aos Direitos Humanos” e mais alguns sinônimos destes. A distância da língua e as poucas referências sobre quem são de fato os árabes, os islâmicos, Líbia, Irã, Líbano, Síria, Palestina, etc., como funcionam suas culturas, jurisprudência, arte, história, não chegam aos jornais e noticiários televisivos ocidentais, salvo em períodos de conflitos, deixando ao menos um rastro de dúvida pela clara incompreensão do tema

No entanto, mesmo autores como Hitti, Giba, Von Grunebaum e Schacht desapareceram do cenário norte-americano, e é altamente improvável que acadêmica como Berque e Hourani, ambos falecidos em 1993, tenham sucessores na França ou na Inglaterra. Ninguém hoje tem a sua visão cultural, e nada chega perto de seu grau de autoridade. Os especialistas no Islã no ocidente hoje geralmente, conhecem as escolas de jurisprudência de Bagdá do décimo século ou estruturas urbanas do Marrocos do século XIX, mas nunca (ou quase nunca) tem uma visão geral da civilização islâmica, a literatura, suas leis, sua política, sua história, sua sociologia, e assim por diante. Isso não impediu os especialistas de fazer generalizações ocasionais sobre a “disposição islâmica” ou “propensão xiita para o martírio”, mas tais reivindicações ficaram confinadas aos jornais mais populares ou aos meios de comunicação, que obtiveram essas opiniões porque as pediram.” (tradução nossa)

⁹² “Quem são os equivalente americanos de Rebecca West, Freya Stark, T. E. Lawrence, Wilfred Thesiger, Gertrude Bell, P. H. Newby ou, mais recentemente, Jonathan Raban? No melhor dos casos, eles poderiam ser veteranos da CIA como Miles Copeland ou Kermit Roosevelt, mas apenas muito raramente escritores ou pensadores com certo destaque cultural. Escritores tão talentoso e tradutores como Peter Theroux ainda não conseguiu despertar grande atenção.” (tradução nossa)

reproduzido, e não permitem que novos rótulos - ou críticas mais balizadas - substituam os antigos. Ainda, esses países não falam por si mesmos, e nem seus intelectuais são chamados a fornecer, no âmbito acadêmico ou dentro dos veículos da mídia, as informações que desmitificariam os antigos rótulos. Esta situação favorece o surgimento de “especialistas” desprovidos de capacidade de fazer análises realistas do que são os árabes e islâmicos, chamados a dar suas opiniões apenas nos momentos de crise política, e a mídia acaba por proliferar um conjunto de imagens que, como dissemos mais de uma vez, homogeneízam e simplificam um mundo ao qual não é permitido mostrar sua face diversificada (SAID, 2011, p. 90-96).

Se, no fim da década de 1990, não existiam especialistas ou acadêmicos verdadeiramente preparados nos EUA e no mundo, a mídia hegemônica irá cobrir suas lacunas com os profissionais que encontrar. Os especialistas que farão este papel na mídia hegemônica ocidental, provenientes do governo e da academia e com suas visões parciais, foram incapazes de prever ou apresentar soluções a uma gama de acontecimentos que abalaram o Oriente Médio e o mundo, da década de 1970 à de 1990 (ou mesmo posteriormente):

Una segunda razón que explica la ausencia de una opinión autorizada sobre el islam es la marginalidad de los especialistas respecto a lo que parecía estar ocurriendo en el mundo islámico cuando se convirtió en «noticia» a mediados de los años setenta. Se produjeron acontecimientos preocupantes, como que los países productores de petróleo del Golfo pasaran a parecer de pronto muy poderosos; que se desatara una feroz y en apariencia interminable guerra civil en el Líbano; que Etiopía y Somalia se vieran envueltas en una larga guerra; que el problema kurdo adquiriera un inesperado protagonismo y que, en 1975, fuese de igual modo inesperadamente olvidado; que Irán depusiera a su monarca en el marco de una masiva y del todo sorprendente revolución «islámica»; que Afganistán sufriera un golpe de Estado marxista en 1978 y fuese invadido por tropas soviéticas a finales de 1979; que Argelia y Marruecos se vieran arrastrados a un interminable conflicto en el Sahara occidental, o que el presidente paquistaní fuera ejecutado y fuese instaurada en el país una nueva dictadura militar. También ha habido otros acontecimientos más recientes, como la guerra entre Irán e Irak, el auge de Hamás y Hezbolá, una serie de atentados en Israel y otros lugares, una guerra civil en Argelia entre los islamistas y un gobierno desacreditado, pero démonos por satisfechos con la mención de estos. En líneas generales, creo que **muy pocos de estos asuntos podrían haber sido iluminados por los análisis de especialistas occidentales en el islam, ya que no solo fueron incapaces de predecirlos ni de preparar a sus lectores para su llegada**, sino que en su lugar habían producido un corpus de textos que parecían, una vez contrastados con lo que estaba aconteciendo, referirse a una parte del mundo tan distante que apenas tenía relación alguna con la turbulenta y amenazante confusión que comenzábamos a presenciar en los medios de comunicación (SAID, 2011, p. 96-97, grifos nossos)⁹³

⁹³ “Uma segunda razão para a ausência de uma visão oficial sobre o Islã é a marginalização dos especialistas sobre o que parecia estar acontecendo no mundo islâmico, quando este se tornou “notícia” em meados dos anos setenta. Houve desenvolvimentos preocupantes, como países produtores de petróleo do Golfo passarem a parecer

Outro exemplo tomado por Said para mostrar a falha na análise intelectual e previsibilidade sobre o Mundo Islâmico foi a Guerra do Líbano, entre 1975 a 1980⁹⁴. Tido por teóricos como um exemplo de pluralismo e equilíbrio, não foi possível prever a sua sangrenta guerra civil. Para o Ocidente, a “estabilidade” libanesa dos anos 1960 só seria ameaçada se referindo a essa “análise intelectual”, se o “entorno árabe” provocasse uma instabilidade – e nunca os EUA ou Israel.

Durante los años sesenta, el Líbano fue considerado «estable» porque, según nos indica un especialista, la situación «interárabe» se mantenía estable; en la medida en que tal situación se mantuviera, argumentaba, el Líbano estaría fuera de peligro. Nunca se tuvo en cuenta la hipótesis de que pudiera haber estabilidad interárabe e inestabilidad libanesa, sobre todo porque (como ocurre con tantos asuntos en un campo tan consensuado como este) la sabiduría convencional asignaba al Líbano un «pluralismo» perpetuo y una armoniosa continuidad, a pesar de sus divisiones internas y la escasa influencia que sus vecinos árabes ejercían sobre el país. Por lo tanto, cualquier problema tenía que proceder del entorno árabe, nunca de Estados Unidos o de Israel, aunque estos países tuviesen sus propios proyectos nunca analizados para el Líbano. (SAID, 2011, p. 98-99)⁹⁵

de repente muito poderoso; desencadeou-se uma guerra civil feroz e aparentemente interminável no Líbano; Etiópia e Somália se viram envolvidas em uma longa guerra; que o problema curdo adquiriu um papel inesperado e, em 1975, foi igualmente inesperadamente esquecido; Irã depôs seu monarca como parte de uma revolução enorme e totalmente surpreendentemente "islâmica"; Afeganistão sofreu um golpe marxista em 1978 e foi invadido por tropas soviéticas no final de 1979; Argélia e Marrocos se viram arrastados para um conflito sem fim no Sahara Ocidental, ou que o presidente paquistanês foi executado e que foi introduzido no país uma nova ditadura militar. Houve também outros eventos mais recentes, como a guerra entre Irã e Iraque, a ascensão do Hamas e Hezbollah, uma série de ataques em Israel e em outros lugares, uma guerra civil na Argélia entre islamistas e um governo desacreditado, mas vamos nos satisfazer com a menção destes. No geral, eu acho que muito poucas destas questões poderia ter sido esclarecidas pela análise dos ocidentais especialistas em Islã, como eles não só foram incapazes de prever ou de preparar os seus leitores para a sua chegada, mas em vez disso tinham produzido um *corpus* de textos que pareciam, uma vez contrastados com o que estava acontecendo, se referirem-se a uma parte do mundo tão distante que quase não tinha qualquer relação com a confusão turbulenta e ameaçadora que começamos a ver na mídia.” (tradução nossa)

⁹⁴ Said aponta que a guerra civil do Líbano dura de 1975-1980, muito possivelmente porque, após essa data, mais precisamente em 1982, Israel invade o Líbano, e a guerra deixaria de ser “Civil”. Muitas fontes relatam a guerra civil libanesa como tendo ocorrido até 1990. Não é o caso da *media broadcasts* alemã *Deutsche Welle*, que fala da duração de um ano do conflito civil, ainda que com reflexos posteriores. Disponível em: <<http://www.dw.de/1975-comes-a-guerra-civil-no-libano/a-785661>>. Acesso em: 5 mai. 2015.

⁹⁵ Said (2011), Nota 18: “Véase el material extremadamente rico encontrado en el Personal Diary de Moshe Sharett (Ma’ariv, Tel Aviv, 1979); Livia Rokach, *Israel’s Sacred Terrorism: A Study Based on Moshe Sharett’s Personal Diary and Other Documents*, con introducción de Noam Chomsky, Association of Arab-American University Graduates (Belmont, Mass., 1980). Véanse también las revelaciones sobre el papel desempeñado por la CIA en Líbano, en *Ropes of Sand: America’s Failure in the Middle East*, de Wilbur Crane Eveland, ex asesor de la CIA (W.W. Norton & Co., Nueva York, 1980).”

⁹⁶ “Durante os anos sessenta, o Líbano foi considerado “estável”, porque, como um especialista indica, a situação “interárabe” era estável; na medida em que esta situação ser mantida, argumentou ele, o Líbano estaria fora de perigo. Mas nunca levou em conta a hipótese de que poderia haver estabilidade interárabe e instabilidade do Líbano, especialmente desde que (como acontece com tantas questões em um campo como consensuais como este) a sabedoria convencional atribuía ao Líbano um “pluralismo” perpétuo e uma continuidade harmoniosa, apesar de suas divisões internas e influência limitada de seus vizinhos árabes sobre o país. Portanto, quaisquer problemas tiveram que vir do ambiente árabe, não os EUA ou Israel, embora esses países tivessem seus próprios projetos nunca analisados para o Líbano.” (tradução nossa)

O Líbano era exemplo de “exitosa modernidade” – além de possuir “dirigentes tradicionais, elites, partidos, caráter nacional” – e Said demonstra que a “modernidade”, traduzida por sociedade de consumo capitalista - nem sempre era bem vista como um valor – esta havia sido rejeitada como proposta na revolução iraniana, que rechaça o parceiro EUA – ou seus sinais nem sempre eram indícios de paz – como provou a guerra libanesa (p. 108-109). Dados das mudanças pelas quais havia passado a sociedade libanesa, como “distúrbios sociais, [...] emergência da população xiita, lealdades confessionais, correntes ideológicas”, não foram lidos pelos especialistas como pistas a uma situação propícia à guerra civil (SAID, 2011, p. 109-111).

Said (2011) aponta também a forma privada que a pesquisa acadêmica estadunidense adota, como um fator que favorece o viés na formação do especialista. Nos Estados Unidos, onde grande parte do ensino superior, justamente o mais reconhecido no meio acadêmico, é privado, os temas de pesquisa que encontram estímulos são aqueles de interesse para as questões governamentais:

Los académicos cuyos intereses están directamente vinculados a cuestiones políticas (sobre todo politólogos, pero también especialistas en historia moderna, economistas, sociólogos y antropólogos) deben dirimir ciertas cuestiones que se les presentan y que resultan delicadas, por no decir peligrosas. Por ejemplo: ¿cómo se concilia el estatus de un académico con las peticiones que le puedan llegar desde el gobierno? Irán es un ejemplo perfecto de esto. Durante el régimen del sha, se pusieron a disposición de los especialistas en Irán fondos procedentes de la Fundación Pahlavi y, por supuesto, también fondos de instituciones estadounidenses. **Estos fondos se ofrecían a estudiantes que tomaban como punto de partida el statu quo (en este caso, el régimen de Pahlavi, militar y económicamente vinculado a Estados Unidos), de tal modo que este se convirtió, de alguna manera, en el paradigma de investigación para los estudiantes del país.** Posteriormente, durante la crisis, un estudio sobre el personal de Inteligencia elaborado por un Comité Especial de Inteligencia del Congreso concluyó que el punto de vista estadounidense sobre el régimen se había visto influenciado por la política existente «no de manera directa, por medio de la supresión consciente de noticias desfavorables, sino indirectamente [...]» (SAID, 2011, p. 99, negritos nossos)⁹⁷

⁹⁷ “Estudiosos cujos interesses estão diretamente ligados a questões políticas (especialmente cientistas políticos, mas também especialistas na história moderna, economistas, sociólogos e antropólogos) devem resolver certos problemas que enfrentam e que são delicadas, para não dizer perigosos. Por exemplo, como um status acadêmico se concilia com os pedidos que podem vir do governo? O Irã é um exemplo perfeito disso. Durante o regime do xá, foram colocados à disposição dos especialistas fundos procedentes da Fundação Pahlevi e, claro, também fundos de instituições dos EUA. **Estes fundos eram oferecidos para os alunos que tomavam como ponto de partida o status quo (neste caso, o regime Pahlavi, militar e economicamente ligado aos EUA), de tal modo que este tornou-se, de alguma forma, no paradigma de pesquisa para os estudantes no país.** Mais tarde, durante a crise, um estudo sobre o pessoal de inteligência preparado por um Comitê Ad Hoc de Inteligência concluiu que o ponto de vista americano do regime tinham sido influenciados pela política existente ‘não diretamente, através do supressão consciente de notícias desfavoráveis, mas indiretamente [...]’ (tradução nossa)

Ao construirmos nossas ideias sobre homens, sociedades e coisas, contamos com as definições que outros produziram. Assim, há interpretações de “nação”, “sociedade”, “Islã” ou “Cristianismo” que recebemos de outrem. São cadeias de formação de sentido que se colocam às pessoas, dentre outras formas, pelos meios de comunicação. Estas *Comunidades de Interpretação* se digladiam entre si na prevalência de seus sentidos das coisas, na formação de consensos. Os homens são cada vez mais dependentes de “centros de interpretação”, “pontos de observação” ou “naves-mães da exposição”, que nas sociedades contemporâneas são estabelecidos por meio do que podemos chamar de “aparatos culturais” (Mills 1967 apud Said 2011 p.123, traduções nossas). Said exemplifica:

[...] la crisis iraní es regularmente mostrada en televisión por medio de imágenes de masas «islámicas» entonando cánticos, aderezadas con comentarios acerca del «antiamericanismo», la distancia, la falta de familiaridad y el tono amenazador del espectáculo limitan el «islam» a esas características, todo lo cual alimenta a su vez la sensación de que nos enfrentamos a algo en esencia rechazable y negativo. Dado que el islam está «en contra» de nosotros y «allá lejos», la necesidad de adoptar una respuesta violenta también por nuestra parte no será cuestionada. Y si vemos y oímos a alguien como Walter Cronkite apostillando su programa nocturno con la frase «Esto es así», **llegaremos a la conclusión de que la escena que tenemos ante nosotros no es lo que la cadena de televisión ha decidido que veamos, sino realmente las cosas tal como son: sin mezcla, permanentes, «extrañas», opuestas a «nosotros».** No es de extrañar que Jean Daniel, de *Le Nouvel Observateur*, pudiera afirmar el 26 de noviembre de 1979 que «Estados Unidos [está] asediado por el islam». Esto no es menos cierto en 1996. (SAID, 2011 p.121-123, grifos nossos)⁹⁸.

Em resumo, a resposta das perguntas feitas por Edward Said sobre *qual a imagem que a mídia tem dos árabes-islâmicos, e por que usa esta imagem da forma como usa*: Existem ideias pré-existentes sobre o que é um árabe-islâmico, formadas na esteira de processos históricos de contatos da Europa com os árabes. Estas imagens são os rótulos, etiquetas ou clichês, sínteses, simplificadoras por definição, que comunicam de antemão o que se quer dizer.

⁹⁸ “a crise iraniana é regularmente exibida na televisão pelas imagens de massas “islâmicas” entoando cânticos, enfeitadas com comentários sobre “antiamericanismo”, a distância, a falta de familiaridade e do tom ameaçador do espetáculo limitam o “Islã” a essas características todos os quais, por sua vez alimenta a sensação de que estamos diante de algo inaceitável e em essência negativo. Dado que o Islã é “contra” nós e está “lá longe” a necessidade de uma resposta violenta por nós também não será questionada. E se nós virmos e ouvirmos alguém como Walter Cronkite anotar o seu programa à noite com a frase “Isto é assim” chegar à conclusão de que a cena diante de nós não é o que a rede de televisão decidiu exibir, mas realmente as coisas tais como são: claras, permanentes, “estranhas”, em oposição a “nós”. Não é à toa que Jean Daniel, *Le Nouvel Observateur*, poderia reivindicar em 26 de novembro de 1979 que “a América [está] em apuros pelo Islã.” Isto não é menos verdade em 1996.” (tradução nossa)

E o que se quer dizer? A agenda geopolítica dos EUA tem visto a necessidade de dizer de diversas formas, para diversos públicos, como estes devem entender o mundo árabe-islâmico. Não se trata de uma imposição cultural exercida pelo governo ou meios de comunicação. Não estamos falando de uma ditadura que exerce deliberadamente um poder coercivo por meio dos “aparatos culturais”, mas sim de um complexo sistema de filtragem de temas que serão exibidos e por qual enfoque isto se dará. O que determina os consensos é a própria cultura de um povo, onde as construções coletivas das “comunidades de interpretação”, que se reforçam mutuamente, surgem espontaneamente:

[...] dado que formada por subculturas a menudo incompatibles entre sí, siente con particular intensidad la necesidad de transmitir la idea de una cultura común, más o menos estandarizada, a través de los medios de comunicación. Se trata de un rasgo determinante [...] que se remonta a la fundación de la república norteamericana. Desde el «errar en los páramos» puritano, ha existido en este país una retórica ideológica institucionalizada que expresa una peculiar conciencia estadounidense, una identidad, un destino, un papel en la historia consistente en incorporar toda la posible diversidad de Estados Unidos (y del mundo) para reelaborarla en un estilo genuinamente estadounidense. Esta retórica, y su presencia institucional en la vida estadounidense, han sido analizadas con agudeza por numerosos estudiosos (...). **Una consecuencia de ello es la fantasía (ya que no siempre es una realidad) del consenso, y los medios de comunicación creen que funcionan como parte de este consenso esencialmente nacionalista, actuando en nombre de la sociedad a la que sirven.** [...] la idea de que el potencial militar estadounidense pudiera ser utilizado para fines malévolos es hasta cierto punto impensable en el marco del consenso, del mismo modo que la idea de que Estados Unidos es una fuerza positiva para el mundo es rutinaria, normal. De manera similar, los norteamericanos tienden a identificarse con sociedades o culturas extranjeras que proyectan un espíritu pionero, nuevo (por ejemplo, Israel), de lucha por la tierra frente a los salvajes o contra un uso incorrecto de la misma, al tiempo que desconfían de las culturas tradicionales y no muestran un gran interés por ellas, ni siquiera por las que se encuentran inmersas en una renovación revolucionaria. [...] Cuando los rehenes estadounidenses fueron retenidos y encerrados en Teherán, el consenso entró en juego de inmediato, decretando que lo que estaba ocurriendo en relación con los rehenes era el único asunto relevante en Irán: el resto del país, sus procesos políticos, su vida cotidiana, sus personalidades, su geografía y su historia eran esencialmente olvidables; Irán y los iraníes eran definidos en términos de si estaban a favor o en contra de Estados Unidos (SAID, 2011 p.128-129).⁹⁹

⁹⁹ “[...] Como foi formado por subculturas muitas vezes incompatíveis, com intensidade própria sentem a necessidade de transmitir a ideia de uma cultura comum, mais ou menos padronizados através da mídia. Esta é uma característica fundamental [...] que remonta à fundação da república americana. Desde o “passar no deserto” puritano, existe neste país uma retórica ideológica institucionalizada que expressa uma consciência distintiva americana, uma identidade, um destino, um papel na história consistente para incorporar todas as possíveis diversidades dos Estados Unidos (e do mundo), para redesenhar um estilo verdadeiramente estadunidense. Esta retórica e sua presença institucional na vida americana, foram analisados intensamente por numerosos estudiosos, entre eles Perry Miller e, mais recentemente, Sacvan Bercovitch. **Uma consequência disso é a fantasia (como nem sempre é uma realidade) de consenso, e os meios de comunicação acreditam que trabalhar como parte desse consenso essencialmente nacionalista, agindo em nome da sociedade que servem.** [...] A ideia de que o potencial militar dos Estados Unidos poderia ser usado para fins malévolos é impensável até certo ponto dentro do consenso, assim como a ideia de que os Estados Unidos são uma força

No capítulo 2, buscamos construir um panorama da Síria e os possíveis fatores estruturais internos e externo que contribuíram para a guerra iniciada em 2011, exibindo elementos que participam ou estão ausentes da narrativa da mídia hegemônica, procurando manter este bloco com uma visão histórica e geopolítica. No capítulo 3, investigamos quais as principais bases conceituais do *modelo de propaganda* da mídia, e de que forma os rótulos e clichês são utilizados neste modelo para se perpetuar a imagem mais adequada do árabe. No próximo capítulo, discorreremos sobre os aspectos metodológicos e o caminho que será percorrido para a realização de análises da mídia.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA A ANÁLISE DA MÍDIA

Este estudo se orientou pela metodologia utilizada no livro *Manufacturing Consent*, de Edward Herman e Noam Chomsky, onde os autores defendem a ideia de que a mídia corporativa opera dentro de um *modelo de propaganda*, atuando a serviço de “poderosos interesses sociais, que a controlam e financiam” (HERMAN e CHOMSKY, 2003, p. 11). Sua tese é comprovada pela utilização de comparações quantitativas e qualitativas entre jornais impressos diários, revistas semanais e noticiários televisivos. O método de pesquisa dos referidos autores, o qual norteia o presente estudo, abrange a análise de termos, assuntos e fontes - presentes ou ausentes nos textos - como comprovação de uma prática jornalística comprometida com agendas de governos e corporações. (HERMAN e CHOMSKY, 2003)

A busca por uma metodologia em mídia que possibilitasse analisar fontes jornalísticas de múltiplos formatos e lugares do mundo impôs dificuldades iniciais para o presente estudo. Diversas dissertações e teses pesquisadas, que faziam referência à comparação entre mídias que veiculavam notícias, tratavam separadamente a penetração nacional ou regional, e não mesclavam tipos de mídias diferenciados. *Manufacturing Consent* faz a comparação entre

positiva para o mundo é rotineira, normal. Da mesma forma, os americanos tendem a se identificar com sociedades ou culturas estrangeiras que projetam uma pioneiro espírito novo (por exemplo, Israel), lutando pela terra contra selvagens ou contra o uso indevido da mesma, enquanto desconfiam das culturas tradicionais e mostram um grande interesse por eles, mesmo para aqueles que estão imersos em uma renovação revolucionária. [...] Quando reféns americanos foram detidos e trancado em Teerã, o consenso entrou em jogo imediatamente, decretando que o que estava acontecendo em relação aos reféns foi a única questão relevante no Irã: o resto do país, seus processos políticos, suas vidas diárias, suas personalidades, sua geografia e história eram essencialmente descartáveis; Irã e iranianos foram definidos em termos de saber se eles eram a favor ou contra os Estados Unidos.” (traduções nossas).

tipos de veículos diversos, mas trata estritamente da mídia estadunidense, enquanto que neste trabalho pretendemos extrapolar este modelo para mídias globais.

O campo de estudo da *Mídia Global*, também chamado de *Internacionalização da Mídia*, busca compreender os meios de comunicação no contexto da globalização e da proliferação de novas tecnologias das últimas décadas (THUSSU, 2007), e possui áreas comuns com a discussão promovida pelos pensadores pós-coloniais, como Edward Said (2007), Stuart Hall (2003), Aníbal Quijano (2005), dentre outros que buscaram compreender o papel do subalterno, do Oriental, do “Resto” ou simplesmente de um “Outro”, em relação a um princípio de criação de conhecimento eurocêntrico (IBRAHIM, 2011). Optamos por utilizar o conceito de *fluxo dominante* e *contra fluxo* adotado por Daya Thussu (2007).

O autor propõe esta tipologia para as mídias mundiais que leva em consideração a ideia de Manuel Castells de que “nossa sociedade é construída ao redor de fluxos, de capital, de informação, de tecnologia, fluxos de interações organizacionais, de imagens, sons e símbolos” (Castells, 2000 apud Thussu 2007 pg. 10, tradução nossa). Fluxos dominantes são as mídias globais hegemônicas, cujo conteúdo se faz presente em praticamente todo o mundo. Trata-se da mídia privada dos Estados Unidos e de parte do Ocidente desenvolvido, pela sua presença ostensiva, garantida por grande capital privado e corporativo, em todas as culturas, impondo um grupo de padrões estéticos e produções de sentido.

The US-led Western media, both online and offline, and in various forms — information, infotainment and entertainment — are global in their reach and influence (Bagdikian, 2004; Boyd-Barrett, 2006; Thussu, 2006). Given the political and economic power of the United States, its media are available across the globe, if not in English then in dubbed or indigenised versions. As its closest ally, Britain— itself a major presence in global media, particularly in the field of news and current affairs—benefits from the globalisation of Americana. The only non-Western genre with a global presence is Japanese animation (and this would not have been possible without the economic underpinnings of the world’s second largest economic power). These represent what might be termed as ‘dominant media flows’. Though some peripheral countries have emerged as exporters of television programmes and films (Sinclair et al., 1996), the USA continues to lead the field in the export of audio-visual products. From news and current affairs (CNN, Discovery) through youth programming (MTV), children’s television (Disney), feature films (Hollywood), sport (ESPN) to the Internet (Google), the United States is the global behemoth. One result of the privatisation and proliferation of television outlets and the growing glocalisation of US media products is that American film and television exports witnessed nearly a five-fold increase between 1992 and 2004 (THUSSU, 2007, p. 11)¹⁰⁰

¹⁰⁰ “Os meios de comunicação ocidentais liderados pelos Estados Unidos, tanto *online* como *off-line*, e sob diversas formas-Informações, infotenimento e de entretenimento - são globais em seu alcance e influência (Bagdikian, 2004; Boyd-Barrett, 2006; Thussu, 2006). Dado o poder político e econômico dos Estados Unidos, seus meios de comunicação estão disponíveis em todo o mundo, se não em Inglês, então em versões dubladas ou

Como resposta ao fluxo midiático dominante, o autor cita as mídias Transnacionais e as Geo-culturais, que formam, em sua tipologia, o *Contra Fluxo Midiático*. Mídias Transnacionais são grupos de mídias locais, públicos ou privados, que possuem “presença regional forte mas também têm audiência em nível global”, conseguindo representatividade comercial, como as telenovelas latino-americanas assistidas na Europa e os filmes indianos de *Bollywood*; Mídias Geo-Culturais destacam-se pela abrangência transnacional dentro de um grupo linguístico ou cultural específico, como por exemplo “a rede estatal Radio e Televisão Turca (TRT)” que “vem operando um canal internacional TRT-INT, bem como TRT-Avrasya TV (mais tarde renomeada como TRT-TÜRK) especificamente para a Ásia Central. O portal chinês *Baidu.com* e o website islâmico *islamonline.net* são dois casos de destaque de redes on-line com base geo-cultural e /ou afinidades linguísticas”. (THUSSU, 2007, p. 12-13)

A utilização dos conceitos de *fluxo dominante* e *contra fluxo* se dará na categorização das mídias analisadas, que serão agrupadas desta forma. Seguiremos a divisão acima referida, mas definiremos as mídias não apenas por sua transnacionalidade ou reversão do fluxo de mídia, como também pelo papel hegemônico ou contra hegemônico que exercem no fluxo. Assim, a rede de tv Al-Jazeera, que foi considerada *contra fluxo* pelo autor do conceito (THUSSU, 2007, p. 12), terá seu papel no *contra fluxo* questionado na análise de Naomi Sakr (SAKR, 2007). Em seu artigo, Sakr discute o conceito de *fluxo* e *contra fluxo* apresentado por (THUSSU, 2007), e defende que “*contra fluxo* em seu sentido completo parece implicar não apenas fluxos reversos ou alternativos de mídia, mas um fluxo que seja contra hegemônico” (SAKR, 2001:149–53 apud SAKR 2007 p.105).

O critério de escolha das fontes gerou uma dificuldade adicional. Um parâmetro único, como tiragem ou visitas à página (visitantes únicos) poderia excluir veículos novos que tiveram papel importante como contraponto ao ocidente. Outro fator limitante seria fechar a escolha a empresas exclusivamente privadas. Parte das mídias favoráveis ao campo

indigenizadas. Como seu aliado mais próximo, a Grã-Bretanha, em si uma grande presença nos meios de comunicação global, particularmente no campo das notícias e atualidades – se beneficia da globalização de Americana. O único gênero não-ocidental com uma presença global é a animação japonesa (e isso não teria sido possível sem os fundamentos econômicos da segunda maior potência econômica do mundo). Estes representam o que poderia ser denominado como “fluxos da mídia dominantes”. Apesar de alguns países periféricos terem despontado como exportadores de programas de televisão e filmes (Sinclair et al., 1996), os EUA continuam a liderar o campo na exportação de produtos de audiovisual. Desde notícias e assuntos atuais (CNN, Discovery) passando pela programação voltada à juventude (MTV), televisão infantil (Disney), filmes (de Hollywood), esportes (ESPN) até Internet (Google), os Estados Unidos são o gigante global. Um dos resultados da privatização e proliferação de estabelecimentos de televisão e a crescente glocalização de produtos de mídia dos EUA é que as exportações de cinema e televisão americanos testemunharam um aumento de quase cinco vezes entre 1992 e 2004” (tradução nossa)

geopolítico sírio tem sido criticada por instituições ocidentais – veículos de comunicação e universidades, por exemplo – sendo chamadas de “ferramenta de propaganda”¹⁰¹ de seus governos; outros veículos menores, que contestam a visão hegemônica da mídia tendem a ser caracterizados como “ideológicos”.

A mídia ocidental é, por sua vez, majoritariamente privada, em linha com um discurso liberal que traduz esta propriedade como “liberdade de expressão”, quando na verdade trata-se da “liberdade do capital” (OLIVEIRA, 2013, p. 83). Chomsky atesta que a propriedade da mídia influi no seu conteúdo e que esta opera em linha com ideologias de seus proprietários (CHOMSKY, 1999, p. 61), da forma como detalha o *modelo de propaganda*.

Isto significa dizer que não basta a mídia ser privada para ser necessariamente “livre”, de modo que não haveria sentido, pelas colocações deste trabalho, excluir as mídias que têm total ou parte de seus recursos advindos de governos apenas por este motivo, uma vez que o *modelo de propaganda* entende que a mídia liberal privada é enviesada por outros poderes que não os de um governo direto, mas uma composição entre poderes corporativos e governamentais que representam a elite de um país.

4.1. MATERIAL A SER ANALISADO

4.1.1. Período

Para o estudo foi coletado material jornalístico sobre a guerra na Síria desde o seu início, com as manifestações ocorridas no país em março de 2011. A fim de observar a evolução da cobertura sobre a Síria, iniciamos a coleta a partir de 2010, antes do início da guerra, indo até 2016. As diferentes análises ao longo do estudo abrangem períodos menores dentro deste intervalo.

4.1.2. *Corpus* analítico

Definimos como *corpus* as notícias sobre a guerra da Síria encontradas em *websites* da internet, sem distinção no formato da empresa de mídia. Assim, foram contemplados: jornais tradicionais, jornais online e canais de TV, ocidentais e não ocidentais, pesquisados em seus

¹⁰¹ “RT’s 2016 budget announced, down from 2015, MSM too stumped to spin?”. **Russia Today**, por Russia Today, em 10 out.2015. Disponível em <<https://www.rt.com/op-edge/318181-rt-budget-down-msm/>>. Acesso em 4 ago.2016.

websites. No entanto, o foco da pesquisa foi a produção de textos jornalísticos, de modo que não foram considerados na análise áudios, vídeos e imagens, ainda que estes complementassem as notícias textuais, como é comum em todos os tipos de *website* mencionados acima.

As notícias foram pesquisadas utilizando-se a ferramenta de busca dos *websites* das organizações de mídia, ou a ferramenta Google¹⁰² e suas opções de busca avançada. O que definiu o uso de um ou de outro foi a possibilidade de se realizar buscas em intervalos de tempo personalizados. Esta é uma característica comum em muitos jornais tradicionais que mantêm acervos em *websites*, mas nem sempre encontradas em outros veículos. Dois tipos de formato de informação foram pesquisados nas mídias analisadas: abordagem numérica considerando o número de notícias citando “Síria” bem como o número de ocorrências específicas, relativas a episódios da guerra; e abordagem textual com segmentos de notícias sobre os episódios em questão.

4.1.3. Episódios da guerra na Síria

Dentro do período estabelecido para a análise (2010 a 2016), foram selecionados quatro episódios da guerra que resumem o comportamento editorial dos grupos de mídia analisados, de forma não exaustiva. Sua análise pretendeu colocar em evidência elementos que diferem nas narrativas de cada campo geopolítico, bem como favorecer sua compreensão.

Os episódios levantados foram quatro momentos polêmicos de intensa discussão na mídia de fatos relacionados à guerra na Síria e que dividiram a opinião pública sobre a guerra. Destes, três tiveram levantamento de dados para análise quantitativa e qualitativa, e um deles, apenas qualitativa, e estão apresentados abaixo. São eles:

- As fontes dos números de mortos, feridos e desabrigados;
- As manifestações pacíficas e a presença de oposição armada;
- A reeleição de Bashar al-Assad;

¹⁰² O comando em questão é digitado na busca do Google conforme o exemplo: “Syria site:aljazeera.com”, onde “Syria” é o termo a ser procurado, o comando é “site:” e o site, “aljazeera.com”. Opcionalmente, em alguns casos a busca foi feita visando melhorar a qualidade do resultado, em uma subpasta do site, por exemplo “aljazeera.com/News”, para que se evitasse artigos de opinião no resultado, priorizando-se as notícias. Posteriormente, o botão “ferramentas de pesquisa” permite que se defina um intervalo de tempo, o que torna a pesquisa mais rápida e aumenta a relevância dos resultados.

- As diferenças na forma como as crises humanitárias das cidades de Madaya, Kefraya e Fouaa foram reportadas.

4.2. FONTES

Foram consideradas aptas à análise proposta, as mídias que apresentaram volume de material ou audiência significativa local, ou mídias locais que foram periodicamente replicadas por outras mídias em bases regulares, ainda que não pudéssemos verificar seus acessos mensais.

Para a compreensão das narrativas sobre o conflito na Síria nos diferentes grupos de mídia foram avaliadas fontes jornalísticas de diversos países com níveis distintos de relacionamento com a Síria e com a guerra em curso. Com isto, buscou-se considerar visões e opiniões abrangentes sobre o conflito.

4.2.1. Grupos de mídia para análise

Os veículos escolhidos seguem abaixo, e foram distribuídos nos grupos de mídia, conforme abaixo:

- Mídias do *fluxo dominante*: *The New York Times*, *O Estado de São Paulo*, *Le Monde Diplomatique Brasil* e *Al Jazeera*;
- Mídias do *contra fluxo*: *Russia Today*, *Asia Times*, *Al Akhbar* e *Al Masdar News*.

Esta divisão levou em conta o detalhamento teórico apresentado sobre fluxo e *contra fluxo* em contraste com as características de cada veículo. As análises conduzidas neste estudo foram realizadas, majoritariamente, seguindo esta divisão. O conceito de *fluxo dominante* de Thussu (2007), como foi visto, é questionado por Sakr (2007): “Para o conceito de *contra fluxo* ter valor explicativo a respeito de um fenômeno [...] deve se referir a mudanças das relações de poder na produção e difusão de mensagens da mídia e não apenas mudanças superficiais na geografia dos fluxos de mídia. Mudanças direcionais por si só são capazes de mudar parte da história [,,.]”. Desta forma, foi com base na visão defendida por Thussu (2007) e também pela visão de Sakr (2007) , que expressa uma necessidade de agência na mudança

de relações de poder refletida na mídia, que foram distribuídos os veículos nos grupos acima. Cada uma das mídias selecionadas foi descrita brevemente a seguir.

4.2.2. The New York Times

É um dos maiores e mais tradicionais jornais do mundo, ativo desde o final do século XIX com cerca de 70 mil visitantes únicos mensais em 2016, em sua versão online¹⁰³. Em termos qualitativos, em documentário sobre o livro *Manufacturing Consent*, Chomsky comenta que

O *New York Times* é, certamente, o jornal mais importante dos Estados Unidos e talvez do mundo. Ele desempenha um importante papel, na maneira como as classes instruídas e politicamente ativas percebem o mundo atual. Acredito que o *New York Times* desempenhe um papel especial, e que seus editores sintam o peso da responsabilidade, no sentido que este jornal cria a História. (Manufacturing Consent: Noam Chomsky and the Media, 1992, p. tradução nossa)

Noam Chomsky faz uma leitura crítica do jornal e dizendo que este “mostra a esperada obediência e aceita acriticamente a doutrina aprovada: os EUA são os donos do mundo, e o são por direito [...]”¹⁰⁴. Este veículo, incluindo suas notícias, críticas, análises e opiniões, é uma ferramenta de convencimento da opinião pública em favor da visão dos Estados Unidos, que por sua vez propaga sua visão para sua zona de influência geopolítica, ou seja, o Ocidente, ou boa parte dele. Entretanto, O *New York Times* nem sempre concorda com o governo americano. Sua discordância, porém, age no sentido, sempre, de ser um balizador de “bom senso” no que deve ser feito ou corrigido nas ações dos governantes ou dos países aliados, com vistas a objetivos considerados essencialmente superiores, quer sejam democracia, direitos humanos ou certa noção de justiça. Por conta desta visão, o jornal foi considerado *fluxo dominante*.

4.2.3. Russia Today

O canal de TV russo, que conta também com uma página web bastante ativa, nasceu em 2005 e é assistido por 70 milhões de espectadores semanais, dos quais 8 milhões somente nos Estados Unidos e 36 milhões de pessoas na Europa, de acordo com pesquisa conduzida

¹⁰³ “Top 50 Multi-Platform Properties (Desktop and Mobile): U.S.”. **Comscore**, mai.2016. Disponível em <<http://www.comscore.com/por/Imprensa-e-eventos/Rankings-do-Mercado?&country=>>>. Acesso em 22 jun.2016.

¹⁰⁴ “Noam Chomsky: o New York Times é pura propaganda”. **Carta Maior**, em 31 mai.2015. Disponível em <[92](http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Midia/Noam-Chomsky-o-New-York-Times-e-pura-propaganda/12/33620>.”. Acesso em 21 jun.2016.</p></div><div data-bbox=)

pelo instituto francês *Ipsos*. Autodenominando-se uma “organização autônoma e não lucrativa”, o *Russia Today* recebe muitas críticas de conglomerados midiáticos da União Europeia e Estados Unidos, locais onde representa uma visão não alinhada de relatos fornecidos por veículos da mídia hegemônica ocidental. Acusada de ser uma “ferramenta de propaganda” do governo russo, sua defesa se dá na comparação de seu orçamento previsto para 2017, com o valor requisitado pelo *U.S. Broadcasting Board of Governors* (BBG), agência de notícias do governo dos Estados Unidos, voltada ao público internacional, para o mesmo ano. Enquanto a *Russia Today* alega que seu orçamento estimado é de US\$ 239 milhões, a BBG prevê US\$ 738 milhões para manter suas operações no mundo em 2017.¹⁰⁵ O canal expressa, com sua presença em vários continentes, um discurso normalmente contraposto ao Ocidental, valorizando a visão da Rússia e de seus aliados, sendo por isso classificado como uma mídia do *contra fluxo*.

4.2.4. O Estado de São Paulo

O tradicional jornal paulistano é conhecido por ser uma opção mais conservadora dos grandes jornais do Brasil, tendo apoiado o golpe militar de 1964, e depois sofrendo censura por parte do governo. Weffort (1984), ao realizar comparação entre este veículo e o jornal Folha de São Paulo, atesta que é uma diferença de dois tipos de liberalismo diferentes, onde o Estado é identificado como o mais “aristocrático”. No que concerne à cobertura do Oriente Médio e da Síria, ambos os jornais se alinham às agências de notícias internacionais ocidentais, e delas obtém parte significativa de suas das notícias e enfoques. A opção pelo Estado de São Paulo se deu pela maior facilidade de pesquisa da atual ferramenta de busca de seu site, em comparação com a do jornal concorrente. O Grupo OESP, que controla o Jornal, também controla a Agência Estado, uma das maiores agências de notícias da América Latina, e seu conteúdo pode ser encontrado em veículos no mundo. Por estas considerações, o jornal foi designado ao grupo do *fluxo dominante*.

¹⁰⁵ “RT watched by 70mn viewers weekly, half of them daily – Ipsos survey”. **Russia Today**. 10 mar.2016. Disponível em <<https://www.rt.com/news/335123-rt-viewership-ipsos-study/>>. Acesso em 22 jun.2016.

4.2.5. Le Monde Diplomatique Brasil

Este é um jornal mensal que nasceu como um caderno do jornal francês Le Monde de 1944, e acabou ganhando certa independência no grupo, que detém 51% de suas ações. A edição Brasileira nasceu online em 1999, e em 2007 começou a ser impressa. Como uma revista, suas matérias são normalmente longas, mais aprofundadas e críticas, posicionando-se mais à esquerda no espectro político. O site brasileiro informa que o *Le Monde Diplomatique Brasil* possui 50 mil visitantes únicos mensais.¹⁰⁶ Apesar de alegar independência jornalística do Le Monde, e mesmo considerando o veículo com uma posição à esquerda, tendendo ao socialismo que caracteriza parte dos acionistas atuais¹⁰⁷, no que concerne ao fluxo midiático este veículo se alinha ao dominante.

4.2.6. Al Jazeera

Fundada em 1996 pelo então Emir do Catar, *Al Jazeera* nasceu como uma TV revolucionária no mundo árabe – um canal em língua árabe que competia em qualidade e abrangência com as maiores emissoras do mundo e, apesar de pertencer a uma monarquia absolutista, pregava a independência jornalística – fato que atraiu inúmeros profissionais dos países árabes e do mundo. Sua audiência e crescimento iniciais foram muito grandes. Porém, após as “Primaveras Árabes”, foi acusada por ex-funcionários de ter “perdido a guerra da independência jornalística”.¹⁰⁸ A parcialidade na cobertura da guerra na Síria, nas questões iranianas e nas revoltas do Bahrein - três episódios onde a versão dos xiitas ou seus aliados não poderiam ser mostradas na *Al Jazeera*, de propriedade de um governo sunita, fez muitos profissionais de peso saírem, incluindo o ex-chefe do bureau do canal no Líbano, que se demitiu para dirigir um novo canal pan-árabe, o *Al Mayadeen*.¹⁰⁹ Ainda é referência no mundo árabe e além, mas hoje enfrenta maiores concorrências. Pelas questões levantadas por

¹⁰⁶ **Le Monde Diplomatique Brasil**. 22 jun.2016. Disponível em <<http://www.diplomatique.org.br/anuncie.php>>. Acesso em 22 jun.2016

¹⁰⁷ “Le Monde gets a new owner”. **The Economist Online**. Disponível em: < http://www.economist.com/blogs/americasview/2010/06/le_monde_sale>. Acesso em 7 ago.2013.

¹⁰⁸ “After the Arab Spring: Al-Jazeera Losing Battle for Independence”. **Der Spiegel**, por Alexander Kühn, Christoph Reuter e Gregor Schmitz, em 15 fev.2013. Disponível em < <http://www.spiegel.de/international/world/al-jazeera-criticized-for-lack-of-independence-after-arab-spring-a-883343.html>. Acesso em 22 jun.2016.

¹⁰⁹ “‘Anti-Al Jazeera’ channel Al Mayadeen goes on air”. **France 24**, em 12.jun.2012. Disponível em <<http://www.france24.com/en/20120612-al-mayadeen-new-anti-al-jazeera-channel-media-lebanon-syria>>. Acesso em 22 jun.2016.

Sakr (2007), aliada a postura adotada pelo jornal com relação à guerra na Síria, entra também no grupo *fluxo dominante*.

4.2.7. Al Akhbar

Este jornal comunista libanês de 1938 foi relançado em 2006 por iniciativa pessoal de Joseph Samaha¹¹⁰, e reúne visões múltiplas de setores da sociedade libanesa e árabe, tendo produzido texto abundante – notícias, análises e opiniões, em inglês – entre 2011 e 2014, e cumprindo com isto um papel jornalístico bastante eficaz. Posicionando-se à esquerda do espectro político, apresenta a diversidade de pensamentos desta posição no que concerne ao Líbano e seus vizinhos, o que inclui a Síria. Fica claro em sua análise que o cotidiano dos países árabes é mais complexo e interligado do que mostra a mídia ocidental, e isto é especialmente verdade em relação à Síria. Al Akhbar chamou a atenção do New York Times, por certa irreverência e defesa do direito de expressão de sua redação¹¹¹, que inclui inclusive apoiadores do partido Hezbollah, grupo considerado terrorista pelos Estados Unidos. Por ser uma expressão libanesa e árabe das diferentes visões dos fatos, o jornal foi colocado no grupo do *contra fluxo*.

4.2.8. Al Masdar News

Este jornal sírio nasce da iniciativa de um jovem economista e colegas, em 2014. Sua cobertura da Síria conta com fontes em solo nas regiões atingidas pela guerra na síria, tendo seu conteúdo sido replicado pelos jornais *Russia Insider*, *Sputnik News* e *The Independent*¹¹², dentre outros. Publica regularmente em árabe, com traduções para o russo, turco, inglês e espanhol. Chama a atenção a quantidade de notícias e análises da situação síria e os detalhes de operações em campo, além do fato de ser uma iniciativa de ativistas, porém muito bem estruturada no que concerne à estrutura jornalística. Por ser um veículo que fala de dentro da

¹¹⁰ “Al-Akhbar at six”. Al-Akhbar, por Ibrahim al-Amin, em 14 ago.2012. Disponível em: <<http://english.al-akhbar.com/node/11118>>. Acesso em 1 jul.2016.

¹¹¹ “Rarity in Region, Lebanese Paper Dares to Provoke”. **NY Times**, por Robert F. Worth, em 28 dez.2010. Disponível em: < http://www.nytimes.com/2010/12/29/world/middleeast/29beirut.html?_r=0>. Acesso em 1 jul.2016.

¹¹² “Syrian army 'kills over 200 Isis militants' in three-day Deir ez-Zor offensive”. *The Independent*, por Emma Henderson, em 18 mai.2016. Disponível em < <http://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/syrian-army-kills-over-200-isis-militants-in-three-day-deir-ez-zor-offensive-a7035611.html>>. Acesso em 4 ago.2016.

Síria, apresentando uma visão muito distinta da mídia tradicional, e ao mesmo tempo uma iniciativa de ativistas, o jornal foi designado ao grupo do *contra fluxo*.

4.3. TIPOS DE ANÁLISES

Foram realizadas análises quantitativas e qualitativas nas matérias coletadas.

4.3.1. Análises quantitativas

Nas análises quantitativas foram realizadas comparações numéricas entre os dois grupos de mídia. Foram avaliados números de citações da palavra “Síria” em notícias, editoriais, artigos e opinião (de 2010 a 2015). Em relação a estas notícias, para cada mídia também foi levantado o número de matérias que ao citar número de mortos, feridos e desabrigados utilizou como fonte ou Observatório Sírio de Direitos Humanos ou a ONU e/ou um de seus órgãos para o mesmo motivo (2011-2015). Ainda em relação ao número de notícias, foram avaliados o número de matérias mencionando manifestações pacíficas e número de matérias mencionando a existência à opositores armado (2011).

4.3.1.1. Sobre as análises estatísticas descritivas

Nos itens 4.3.2 e 4.3.3 foram apresentadas análises quantitativas do estudo, que se referem às estatísticas descritivas que caracterizaram as mídias e os grupos de mídias. Para o número de notícias foram apresentadas as frequências absolutas (n) e as frequências relativas (%). Para as demais informações, inicialmente foram calculados o percentual de cada característica avaliada (editorial e artigos de opinião) com relação ao total de notícias em cada mídia, em cada ano. Após o respectivo cálculo de percentual relativo ao número de notícia em cada mídia em cada ano, foram calculadas as médias gerais dos percentuais de cada mídia e de cada grupo de mídia.

Para verificar a correlação linear entre o número de mídias, editoriais e artigos de opinião, foi utilizado o coeficiente de correlação de Pearson. Para este coeficiente sabe-se que quanto mais próximo do valor 1 mais forte a correlação (MAGALHÃES e LIMA, 2000).

A existência de forte correlação entre as variáveis é expressa através de altos valores do coeficiente de Pearson. Altos valores indicam, por exemplo, que quanto maior o número de

notícias, maior o número de editoriais ou de artigos de opinião. Foram consideradas *correlações fortes* valores de Pearson acima de 0,7 (grau de correlação acima de 70%) e foram consideradas *correlações moderadas* valores de Pearson entre 0,5 e 0,7.

4.3.2. Análises quantitativas gerais

Buscou-se comparar a frequência de matérias citando o termo “Síria” nas mídias analisadas.

Primeiramente, visando obter um panorama do comportamento dos veículos analisados, elaborou-se gráfico e tabela relativos aos os números e percentuais de matérias citando “Síria”, entre 2010 e 2015 (item 5.1.1).

Na sequência e a partir deste ponto, iniciou-se a comparação quantitativa dos grupos *fluxo dominante* e *contra fluxo*, no que se refere a número de notícias (5.1.2), e ao percentual de editorias (5.1.3) e de artigo de opinião (5.1.4). O objetivo destes levantamentos foi evidenciar as diferenças na produção editorial dos dois grupos de mídia analisados, pelos percentuais que representam os artigos de opinião e editorias relativos ao total de notícias.

Por fim, realizou-se análise estatística visando buscar a correlação entre número de notícias, editorias e artigos de opinião (item 5.1.5). A análise em questão buscou identificar se, e quanto, o crescimento de editoriais e de artigos de opinião estão atrelados um ao outro e ao crescimento do número de notícias, em cada grupo de mídia, no que se refere à Síria.

Vale mencionar que *notícias* e *editoriais* são as versões e opiniões das editorias dos jornais, ao passo que *opinião* se refere aos colunistas, especialistas, leitores e outros elementos que emitem sua própria opinião, sem necessariamente ser esta a do veículo onde escrevem. O foco nesta parte do estudo foi identificar, ao menos quantitativamente, as diferenças editoriais dos grupos de mídia analisados, ou seja, como cada grupo constrói sua versão dos fatos e com que frequência e transparência expressa suas opiniões ou as de outros.

4.3.3. Análises quantitativas por episódios

Foram examinados três dos quatro episódios da guerra na Síria, de modo quantitativo. Buscou-se evidenciar as diferenças nas atenções, representadas pelas frequências de termos, dadas pelos grupos de mídia nos episódios da Guerra na Síria. A frequência de certos termos

(maior presença ou ausência) pode indicar um viés na cobertura jornalística, conforme o *modelo de propaganda* (HERMAN e CHOMSKY, 2003, p. 96). As análises conduzidas em cada episódio foram:

- Comparação entre duas fontes de números de mortos na guerra da Síria. Foram comparadas as quantidades de notícias que se referiram à Organização das Nações Unidas como fonte para mortos, feridos e desabrigados, com as que citaram para o mesmo fim o Observatório Sírio dos Direitos Humanos, um grupo pró-oposição síria. A comparação foi realizada entre 2011 e 2015, e foi feita em relação ao percentual de notícias que citaram Síria nos anos em questão, para os dois grupos de mídia analisados. Foram elaborados gráfico e tabela para esta análise (item 5.2.1).
- As manifestações pacíficas e a presença de oposição armada. Foi realizado levantamento, no ano de 2011, do percentual de matérias relativas ao total do ano que mencionavam as manifestações sírias como tendo sido pacíficas, em comparação às que ao menos mencionavam a versão do governo sírio, acusando a presença de opositores armados nas manifestações. Foi elaborada tabela para esta análise (item 5.2.2).
- As diferenças na forma como as crises humanitárias das cidades sírias de Madaya, Kefraya e Fouaa foram reportadas. Aqui se levantou o número de vezes que “Madaya”, “Kefraya” e “Fouaa” foram citadas nos dois grupos analisados, e em quantas destas matérias se reportou a expressão “morrer de fome” (ou suas variações e traduções). Buscou-se identificar com quais cidades a expressão esteve mais associada, dentro dos grupos de mídia. Um gráfico foi produzido para estas comparações (item 5.2.3).
- Não foi realizada análise quantitativa para o episódio da reeleição de Bashar al-Assad (junho de 2014), pois se julgou dispensável e de pouca substância o que se comprovaria neste caso.

4.3.4. Análises qualitativas por episódio

Realizada como forma de melhor ilustrar os dados quantitativos e em exemplo escolhidos nos grupos de mídia analisados. A comparação foi realizada visando detectar no texto as diferenças nos enfoques nas notícias reportadas sobre uma dada situação, objeto ou versão.

Foi realizada uma tabulação do texto de até duas matérias por episódio e grupo de mídia, reservando-se uma terceira coluna para observações. As matérias foram analisadas por seus elementos editoriais, considerando-se a teoria da “pirâmide invertida” (RIBEIRO e GONZAGA-PONTES, 2013), que considera que a edição jornalística atua no sentido de priorizar as informações mais relevantes no início da matéria. Foram levados em conta os elementos editoriais: Título, Linha fina ou chapéu (se presente), Lide, 2º e 3º parágrafos e conclusão.

5. RESULTADOS

5.1. ANÁLISES QUANTITATIVAS GERAIS

5.1.1. Número de notícias citando “Síria” por veículos analisados

Gráfico 1 – Presença do Termo “Síria” em notícias – por veículos

Fonte: Babel Hajjar, 2016

O Gráfico 1 evidencia o aumento da presença da Síria nas matérias, e a superioridade da quantidade de narrativas do *The New York Times* sobre as demais mídias. É perceptível que o número de citações sobre a Síria, para todas as mídias, cresce expressivamente, em todos os veículos, se comparados aos seus valores de 2010.

Tabela 1 – Presença do Termo “Síria” em notícias – por veículos

Veículo	2010		2011		2012		2013		2014		2015		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
The NY Times	137	53,9	656	50,4	964	51,7	1050	47,6	1279	52,9	1624	57,3	5710	52,5
O Estado de SP	88	34,6	385	29,6	469	25,2	405	18,4	429	17,7	176	6,2	1952	17,9
Le Monde D.BR	0	0,0	4	0,3	7	0,4	12	0,5	8	0,3	7	0,2	38	0,3
Al Jazeera	15	5,9	119	9,1	85	4,6	360	16,3	200	8,3	497	17,5	1276	11,7
Russia Today	9	3,5	75	5,8	195	10,5	200	9,1	200	8,3	200	7,1	879	8,1
Asia Times	4	1,6	16	1,2	9	0,5	9	0,4	12	0,5	80	2,8	130	1,2
Al Akhbar	1	0,4	46	3,5	134	7,2	169	7,7	111	5,0	55	2,1	516	4,9
Al Masdar News	*	*	*	*	*	*	*	*	179	7,4	196	6,9	375	3,4
Total	254	100,0	1301	100,0	1863	100,0	2205	100,0	2418	100,0	2835	100,0	10876	100,0

Fonte: Babel Hajjar, 2016

* lançado em 2014, não houve cobertura anterior

A Tabela 1 mostra o número de notícias que citaram “Síria” ao menos uma vez, encontradas em cada veículo analisado, de 2010 a 2015. Nota-se que houve um grande aumento no número de notícias em todos os veículos no que concerne a esta cobertura, entre 2010 e 2011 quando iniciou a guerra. É perceptível que o *The New York Times* e o *Estado de São Paulo* são os veículos analisados que mais reportavam questões ligadas à Síria antes da cobertura da Guerra. *The New York Times* produziu a maior quantidade de notícias sobre a Síria, 52,5%, enquanto que *O Estado de São Paulo* foi o segundo com 17,9%, seguido por *Al Jazeera*, com 11,7%, e *Russia Today*, 8,1%.

Destacam-se os crescimentos na quantidade de notícias das mídias *Al Akhbar*, *Al Jazeera* e *Russia Today*, em comparação com o que produziam em 2010. Todas as mídias apresentam crescimento constante no número de notícias, à exceção do jornal *O Estado de São Paulo*, uma cobertura que até então acompanhava a tendência ao crescimento, e o Jornal libanês *Al Akhbar*. O *Le Monde Diplomatique Brasil* também merece atenção. Embora seu número seja pequeno se comparado a um jornal diário por ser uma revista mensal online, teve um certo crescimento no início, mas este não seguiu a tendência, se mantendo constante entre 2012 e 2015. Sua cobertura da guerra na Síria não acompanhou a evolução dos demais veículos, dando mais importância ao conflito apenas em 2013, quando o número de matérias citando Síria tem seu maior número. Por último, devemos citar o novato *Al Masdar News* que, embora represente um número pequeno no total de notícias, este se equipara em 2014 às emissoras *Al Jazeera* e *Russia Today*, e em 2015 novamente à última.

5.1.2. Número de notícias citando “Síria” - por grupo de mídia

Gráfico 2 – Presença do Termo “Síria” em notícias – por grupo de mídia

Fonte: Babel Hajjar, 2016

O Gráfico 2 evidencia a diferença de volume de notícias citando a Síria entre as mídias do *fluxo dominante* (*The New York Times*, *O Estado de São Paulo*, *Le Monde Diplomatique Brasil* e *Al Jazeera*) e as do *contra fluxo* (*Russia Today*, *Asia Times*, *Al Akhbar*, *Al Masdar News*). Também é perceptível que a cobertura do *fluxo dominante*, desde o início do levantamento, teve grande crescimento. No entanto, conforme a Tabela 2, a cobertura do da mídia do *fluxo dominante* foi responsável por de 82,2% do material textual, dentre os veículos analisados, entre 2010 e 2015, sobre a Síria, ou seja, aproximadamente 8 em cada 10 matérias. As matérias do grupo *contra fluxo* sobre a Síria passaram de 14 em 2010, para 137 em 2011, no início da guerra, mas só ultrapassam 20% das notícias publicadas em 2014, se mantendo abaixo disso no total final.

Tabela 2 – Presença do Termo “Síria” em notícias – por grupo de mídia

Ano	2010		2011		2012		2013		2014		2015		Total	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
<i>fluxo dominante</i>	240	94,5	1160	89,4	1525	81,9	1827	82,9	1916	79,2	2304	81,3	8976	82,5
<i>contra fluxo</i>	14	5,5	137	10,6	338	18,1	378	17,1	502	20,8	531	18,7	1900	17,5
Total	254	100,0	1297	100,0	1863	100,0	2205	100,0	2418	100,0	2835	100,0	10876	100,0

Fonte: Babel Hajjar, 2016

5.1.3. Percentual de editoriais citando “Síria” por grupo de mídia

Tabela 3 – Percentual de editoriais citando “Síria” em relação ao total de notícias por grupo de mídia e ano

Grupo de mídia	Ano						Total
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	
<i>fluxo dominante</i>	5,6	3,0	2,6	2,4	2,2	6,8	3,7
<i>contra fluxo</i>					5,6	30,6	24,3

Fonte: Babel Hajjar, 2016

A Tabela 3 apresenta o percentual de editoriais citando Síria em relação ao total de matérias com o mesmo termo por cada um dos anos avaliados no estudo. Enquanto os veículos do *fluxo dominante* expressaram suas opiniões por meio de editoriais por todo o período analisado, os veículos do *contra fluxo* só começam a fazê-lo em 2014. Vale lembrar que consideramos como um editorial as notícias e opiniões assinadas pela equipe do veículo em questão, publicadas no caderno opinião ou notícias. Também é perceptível que o percentual médio (total) de editoriais em relação ao número de notícias produzidas foi expressivamente menor no *fluxo dominante*, com 3,7%, do que no *contra fluxo*, 24,3%. Para o *fluxo dominante*, o percentual de editoriais em relação a matérias foi maior em 2010 e em 2015.

5.1.4. Percentual de artigos de opinião citando “Síria” por grupo de mídia

Tabela 4 – Percentual de artigos de opinião citando “Síria” relativo ao nº de notícias - por grupo de mídia e ano

Grupo de mídia	Ano						Total
	2010	2011	2012	2013	2014	2015	
<i>fluxo dominante</i>	14,0	24,9	30,1	19,1	27,9	16,5	22,1
<i>contra fluxo</i>	20,4	65,9	148,5	108,9	72,0	54,2	78,0

Fonte: Babel Hajjar, 2016

A Tabela 4 mostra os percentuais que representam os artigos de opinião, em relação ao número de matérias que citaram a Síria por grupo e por ano. O percentual de artigos de opinião, em relação às notícias do mesmo jornal, foi muito mais alto no *contra fluxo* que no *fluxo dominante*. Nos anos de 2012 e 2013 as mídias do *contra fluxo*, ao todo, publicaram

mais opiniões de analistas que notícias sobre a Síria. O *fluxo dominante* mostrou uma média total de 22,1% de artigos de opinião em relação ao seu alto número de notícias, enquanto que este percentual sobe para 78% no *contra fluxo*.

5.1.5. Correlações entre número de notícias, editoriais e artigos de opinião

Gráfico 3 – Correlação entre número de notícias e editoriais, por grupo de mídia.

Correlação de Pearson:
Médias do *fluxo dominante* - $R = 0,896$
Médias do *contra fluxo* - $R = 0,780$

O Gráfico 3 demonstra a correlação linear entre número de notícias e número de editoriais, por grupo de mídia. Embora haja correlação entre o aumento do número de notícias e do número de editoriais nos dois grupos, é perceptível que esta é maior dentre as mídias do *fluxo dominante*, em relação às mídias do *contra fluxo*. Desta forma, podemos afirmar que em ambos os grupos o aumento de notícias provoca o aumento de editoriais, mas esta correlação é mais forte no *fluxo dominante*.

Gráfico 4 – Correlação entre número de notícias e artigos de opinião, por grupo de mídia.

Correlação de Pearson:
Mídias do *fluxo dominante* - $R = 0,937$
Mídias do *contra fluxo* - $R = 0,711$

O Gráfico 4 demonstra a correlação estatística entre número de notícias e número de artigos de opinião, por grupo de mídia. Em ambos os grupos podemos afirmar que o aumento de notícias provoca o aumento de artigos de opinião. No entanto, esta correlação é mais forte novamente no *fluxo dominante*.

Gráfico 5 – Correlação entre artigos de opinião e editoriais, por grupo de mídia.

Correlação de Pearson:
Médias do *fluxo dominante* - $R = 0,892$
Médias do *contra fluxo* - $R = ***$

O Gráfico 5 demonstra que há correlação linear entre o número de editoriais e de artigos de opinião no grupo *fluxo dominante*, mas não foi possível fazer a análise no *contra fluxo*, pela baixa quantidade de mídias que tinham concomitantes editoriais e artigos de opinião no grupo.

5.2. ANÁLISE QUANTITATIVA POR EPISÓDIOS

5.2.1. Fontes para as contagens de mortos, feridos e refugiados na Guerra da Síria

Neste levantamento se buscou comparar, nos grupos de mídia analisados, as principais fontes institucionais sobre mortos, feridos e refugiados durante o período analisado (2011-2015). Visando ponderar o número de matérias nos diferentes veículos, foi utilizado o percentual de ocorrências para “Observatório Sírio de Direitos Humanos” (OSDH) e “Organização das Nações Unidas” (ONU), relativos ao próprio veículo, no período da análise. Vale mencionar que foi considerado “ONU” a citação do órgão ou qualquer outro a este ligado.

Gráfico 6 – Comparação entre as referências ao OSDH e ONU por grupo de mídia – 2011 a 2015

Fonte: Babel Hajjar, 2016

O Gráfico 6 mostra como cada grupo citou OSDH e ONU, a partir de 2011. É perceptível que o *fluxo dominante* já cita mais o OSDH como fonte a partir de 2011, enquanto que o *contra fluxo* em 2011 cita as duas entidades em percentuais aproximados. O percentual de citações ao OSDH cresce para ambos os grupos de mídia em 2012, caindo em 2013. Após 2013 o percentual de citações a esta entidade aumenta para os dois grupos. Em 2015, o percentual relativo de matérias publicadas que citam OSDH são maiores no *contra fluxo* do que o percentual de citações do *fluxo dominante*. O percentual de citações à ONU é menor do que ao OSDH nos dois grupos, no entanto o *contra fluxo* manteve-se, percentualmente, à frente do *fluxo dominante* no que diz respeito à citação da ONU, de 2011 até 2014.

Tabela 5 – Observatório Sírio de Direitos Humanos x Nações Unidas – 2011 a 2015

	% matérias que apresentam o Observatório Sírio dos Direitos Humanos como fonte de número de mortos, feridos, refugiados.	% de Matérias que apresentaram a Organização das Nações Unidas como fonte de Número de mortos, feridos, refugiados.
<i>fluxo dominante</i>	21,8	2,5
<i>contra fluxo</i>	17,2	4,1

Fonte: Babel Hajjar, 2016

Conforme a Tabela 5, as mídias do *fluxo dominante* citaram o OSDH como fonte para números da guerra em 21,8% das matérias que publicaram. A ONU foi citada em apenas

2,5% das matérias deste grupo. O grupo *contra fluxo* apresentou um percentual de citação ao OSDH menor, 17,2%, mas citou mais a ONU do que as mídias do *fluxo dominante*, em 4,1% das matérias onde apontou números da guerra na Síria.

5.2.2. Matérias considerando as manifestações sírias “pacíficas” ou “armadas”

Para o ano de 2011, realizando as análises ainda como um percentual dentro do total de matérias do ano em questão, buscou-se levantar nas mídias analisadas quantas apresentaram em suas narrativas as manifestações Sírias como tendo sido pacíficas, em comparação aos relatos da existência de opositores armados durante os protestos. Vale destacar que as citações podem ter ocorrido na mesma matéria, e não indicam em si que a narrativa em questão foi favorável ou não a uma das visões.

Tabela 6 – Manifestações Pacíficas x Armadas – 2011

	% matérias apresentam as manifestações sírias como pacíficas	% de matérias que apontam a versão do governo sobre a presença de opositores armados nas manifestações
<i>fluxo dominante</i>	10,9	11,9
<i>contra fluxo</i>	3,5	7,9

Fonte: Babel Hajjar, 2016

Podemos afirmar, conforme a Tabela 6, que os veículos do *fluxo dominante* mencionaram “manifestações pacíficas” em 10,9% das matérias de 2011, e exibiram a visão do governo Sírio em 11,9% das matérias analisadas. Já as mídias do *contra fluxo* apontaram a passividade nas manifestações em apenas 3,5% das matérias, e exibiram a ideia de uma oposição armada em 7,9% dos textos no período.

5.2.3. Vítimas merecedoras e não merecedoras de atenção nas crises humanitárias de Madaya, Kefraya e Fouaa

Neste levantamento, se buscou inicialmente quantificar o número de vezes que as cidades de Madaya, sitiada pelo governo sírio, e Fouaa e Kefraya, citadas pelos opositores, foram citadas

pelos grupos de mídias. Na sequência, levantou-se o número de vezes que as matérias relativas às estas cidades estavam associadas à expressão “morrer de fome”¹¹³ ou suas variações.

Entre agosto de 2015 e março de 2016, Madaya foi reportada em 61 matérias das mídias do *fluxo dominante*; Fouaa apareceu em 36 matérias, e Kefraya em 32. Nas mídias do *contra fluxo*, Madaya foi reportada em 50 matérias, e Fouaa e Kefraya em 42 cada uma. Todas as cidades estiveram associadas à expressão “morrer de fome” em algum momento, nos grupos do estudo. No entanto, Madaya foi associada à fome pelas narrativas do *fluxo dominante* 86,9% das vezes em que foi citada. No mesmo grupo de mídia, Fouaa foi associada à Fome 61,1% das vezes em que foi citada, e Kefraya 68,8%. No grupo *contra fluxo*, todas as cidades foram associadas também à fome, mas em percentuais menores. Madaya ainda foi a cidade mais associada, em 24% das vezes, e Fouaa e Kefraya 11,9% cada uma.

O gráfico abaixo mostra os percentuais de associações entre as cidades e a expressão para cada grupo.

Gráfico 7 – Associação de “morrer de fome” às citações das cidades de Madaya, Fouaa e Kefraya, entre janeiro/2015 a junho/2016.

Fonte: Babel Hajjar, 2016

5.3. ANÁLISE QUALITATIVA POR EPISÓDIOS

¹¹³ Nas mídias em inglês a palavra buscada foi “starving”.

5.3.1. O Observatório Sírio de Direitos Humanos como fonte principal para as contagens de mortos, feridos e refugiados na Guerra da Síria

Compararemos o enfoque dado ao Observatório Sírio de Direitos Humanos nas visões dos grupos de mídia do *fluxo dominante* e do *contra fluxo*.

Tabela 7 – OSDH no grupo de mídia do *fluxo dominante*

Elemento	The New York Times 09/04/2013	O Estado de São Paulo 26/11/2013	Observações
Título	A very busy man behind the syrian civil war's casualty count¹¹⁴	Informantes sírios fazem estatística da guerra civil	<i>Ambos os títulos enfocam o aspecto do empenho pessoal. No primeiro veículo, um “homem muito ocupado” passa a ideia de trabalhador respeitável, enquanto que no segundo, “Informante” remete ao trabalho de quem informa à revelia do governo, como espião, ou seja, uma informação de um ativista ou opositor.</i>
Lide	COVENTRY, England — Military analysts in Washington follow its body counts of Syrian and rebel soldiers to gauge the course of the war. The United Nations and human rights organizations scour its descriptions of civilian killings for evidence in possible war crimes trials. Major news organizations, including this one, cite its casualty figures. ¹¹⁵	Toda a mídia na Síria obedece ao regime. Poucos jornalistas estrangeiros recebem visto de entrada no país, por no máximo dez dias, e têm seus movimentos controlados por funcionários do Ministério da Informação. Nesse ambiente, o Observatório Sírio de Direitos Humanos, uma rede de 300 informantes espalhados por todo o país, é a grande fonte de informação da guerra civil.	<i>A ênfase do lide do primeiro veículo é a credibilidade. Há uma inversão de causa e efeito, levando o leitor à compreensão de que o OSDH é crível pelo fato de ser utilizado por diversas organizações críveis. O segundo veículo enfatiza o controle da mídia pelo governo sírio, de modo que, novamente, dá ao OSDH status de “fonte” que é capaz de burlar o controle estatal.</i>
2º parágrafo	Yet, despite its central role in the savage civil war, the grandly named Syrian Observatory for Human Rights is virtually a one-man band . Its founder, Rami Abdul Rahman , 42, who fled Syria 13 years ago, operates out of a semidetached red-brick house on an ordinary residential street in this drab industrial city. ¹¹⁶	Criado em meados de 2011, quando o regime sírio era o único autor de atrocidades, o Observatório surgiu como um meio de oposição ao governo , lembra Sami Haddad, representante da rede em Beirute. Na medida em que grupos rebeldes também passaram a violar os direitos humanos , a posição do	<i>O primeiro veículo volta a enfatizar o caráter do trabalho empreendedor, uma “banda de um homem só” uma operação vital na “selvagem guerra civil” conduzida em condições precárias. O segundo veículo claramente aponta o caráter militante do OSDH, como explicação para a falta de acurácia, não mencionada,</i>

¹¹⁴ “Um homem muito ocupado por trás do número de vítimas da guerra civil síria” (tradução nossa)

¹¹⁵ “COVENTRY, Inglaterra - analistas militares em Washington seguem suas contagens de corpos de soldados sírios e rebeldes para avaliar o curso da guerra. As Nações Unidas e as organizações de direitos humanos vasculham em suas descrições de assassinatos de civis por evidências em possíveis crimes de guerra. As principais organizações de notícias, incluindo esta, citam seus números de vítimas.” (tradução nossa)

¹¹⁶ “No entanto, apesar de seu papel central na selvagem guerra civil, o Observatório Sírio para os Direitos Humanos, com seu imponente nome, é praticamente uma banda de um homem só. Seu fundador, Rami Abdul

Elemento	The New York Times	O Estado de São Paulo	Observações
	09/04/2013	26/11/2013	
		Observatório se equilibrou e agora ele procura se manter isento.	<i>porém subentendida na frase “agora ele procura se manter isento”.</i>
3º parágrafo	Using the simplest, cheapest Internet technology available, Mr. Abdul Rahman spends virtually every waking minute tracking the war in Syria, disseminating bursts of information about the fighting and the death toll. What began as sporadic, rudimentary e-mails about protests early in the uprising has swelled into a torrent of statistics and details. ¹¹⁷	Seu grande trunfo, além da rede de 300 colaboradores, é seu protocolo de verificação. Para que uma morte seja informada, é preciso ter o nome, a data, o lugar e as circunstâncias. Com isso, o Observatório evita veicular boatos plantados, que são comuns em um conflito como o da Síria. As fontes dos colaboradores do Observatório são profissionais de saúde e moradores – incluindo eles próprios.	<i>Ambos os veículos destacam o crescimento da confiabilidade da informação. O primeiro veículo ainda enfatiza a simplicidade de recursos, dando destaque à importância da tecnologia (internet); o segundo veículo aponta a rede de contatos e o método como garantias de boas informações.</i>

Rahman, de 42 anos, que fugiu da Síria há 13 anos, opera a partir de uma casa de tijolos vermelhos geminada em uma rua residencial comum nesta cidade industrial monótona.” (tradução nossa)

¹¹⁷ “Usando a tecnologia de internet mais simples e mais barata disponível, o Sr. Abdul Rahman gasta praticamente a cada minuto de vigília acompanhando a guerra na Síria, disseminando rajadas de informações sobre a luta e o número de mortos. O que começou como esporádicos e rudimentares e-mails sobre os protestos no início do levante, tornou-se uma torrente de estatísticas e detalhes.” (tradução nossa)

Elemento	The New York Times	O Estado de São Paulo	Observações
	09/04/2013	26/11/2013	
Conclusão	<p>Money from two dress shops covers his minimal needs for reporting on the conflict, along with small subsidies from the European Union and one European country that he declines to identify. The war has dragged on far longer and has been far more destructive than he ever anticipated, and for the moment, he said, his statistics are as much a tactic as a resource. “The truth will make people aware,” Mr. Abdul Rahman said. “Hearing the number of people killed every day will make them ask the government, ‘Where are you taking us?’ ”¹¹⁸</p>	<p>Aos 20 anos, Haddad estuda ciência política na Universidade Americana-Libanesa. Pensa em seguir carreira na área de defesa dos direitos humanos. Haddad, que é contra a guerra [...] fica com os olhos marejados ao falar da situação do seu país. “Passo o dia inteiro transcrevendo relatórios e geralmente lido com as mortes como se fossem apenas números”, diz ele. “Mas, de vez em quando, me dou conta de que estou lidando com pessoas.” Todos os dias, o Observatório anuncia o total de mortos da véspera. No dia que conversou com o Estado, houve 179 mortos. Foram registradas 110 mil mortes desde o início do conflito, segundo o dado da ONU - com base na contagem do OSDH.</p>	<p><i>Ambos os veículos concluem suas matérias com aspectos emocionais, militantes e humanitários dos responsáveis pelo OSDH. No primeiro veículo, é enfatizado novamente o caráter de sacrifício pessoal, entendido como desinteresse, quando reporta que o sustento de Rami provém de suas duas lojas de roupas, e de “subsídios da União Europeia e de um país Europeu” que ele não quer identificar. A Frase “a verdade fará as pessoas conscientes” enaltece as convicções humanas do entrevistado. No segundo veículo, o “informante” é mostrado como um jovem universitário sírio estudante de ciência política e direitos humanos, pacifista e que não lida com os números de mortos apenas como estatísticas, e sim com envolvimento pessoal.</i></p>

Fonte: Babel Hajjar, 2016

Tabela 8 – OSDH no grupo de mídia do *contra fluxo*

Elemento	Russia Today	Russia Today	Observações
	02/10/2015	23/10/2015	
Título	<p>Who is behind Syrian Observatory for Human Rights?¹¹⁹</p>	<p>War of Words: Russian Foreign Ministry calls out MSM [Mainstream Media] reports on hospital strike in Syria¹²⁰</p>	<p><i>Ambos os títulos levantam dúvidas sobre OSDH e sobre a mídia que se pauta por ele. A primeira matéria sugere revelar os bastidores do OSDH, enquanto que a segunda, com o nome de “Guerra de Palavras” traz enfática negativa sobre as reportagens da mídia dominante acerca de um bombardeio russo a um</i></p>

¹¹⁸ “O dinheiro de duas lojas de vestidos cobre suas necessidades mínimas para informar sobre o conflito, juntamente com pequenos subsídios da União Europeia e um país europeu que ele se recusa a identificar. A guerra se arrasta por muito mais tempo e tem sido muito mais destrutivo do que ele já previsto, e por enquanto, disse ele, suas estatísticas são tanto uma tática como um recurso. ‘A verdade vai fazer as pessoas conscientes’, disse Abdul Rahman. ‘Ouvir o número de pessoas mortas todos os dias vai fazê-los questionar o governo ‘Onde você está nos levando?’” (tradução nossa)

¹¹⁹ “Quem está por trás do Observatório Sírio de Direitos Humanos?” (tradução nossa)

¹²⁰ “Guerra de palavras: Ministro das Relações Exteriores da Rússia chama a atenção da mídia hegemônica e informa sobre ataque a hospital na Síria” (tradução nossa)

Elemento	Russia Today 02/10/2015	Russia Today 23/10/2015	Observações
			hospital.
Lide	<p>The Syrian Observatory for Human Rights has been the prime source for MSM aired news from the Syrian battlefield. But how much does one truly know about this UK-based organization and its director? [...] The organization has been one of the sources for the mainstream media to build their reports on Syria since the start of the civil war four years ago. The organization claims to have a wide network of contacts in the region who feed their information to the head office[...].¹²¹</p>	<p>The Russian Foreign Ministry has disputed Western media reports accusing Russia of hitting a field hospital in northwestern Syria and killing 13 people. The reports cited “sources” provided by the London-based Syrian Observatory for Human Rights (SOHR).¹²²</p>	<p><i>O primeiro lide traz um levantamento de dúvidas sobre o OSDH. Este aparece como fonte principal da mídia hegemônica na construção de suas reportagens desde o início da guerra. Destaque para o termo “Alega” no que se refere à rede de contatos em solo do OSDH. No segundo lide, é destacado o questionamento do ministro das relações exteriores russo sobre as acusações vindas de reportagens de mídias que citam o OSDH como fonte.</i></p>
2º parágrafo	<p>Since the start of the Moscow anti-ISIS campaign Russia has started featuring in its reports as well - and it was quickly picked up by major Western media outlets. One of the latest wires from the Observatory that “Russian warplanes [killed] 30 civilians in Homs including women and children” quickly made it into major news sources.¹²³</p>	<p>Foreign Ministry spokesperson [...] stressed that such reports show tremendous bias towards Russia’s military efforts in Syria. “There are so-called mass media reports which allege that Russian aircraft bombed a field hospital in the Idlib Governorate [...] and reportedly killed 13 people. I cannot say that these reports are written by journalists but their ingenuity delights.”¹²⁴</p>	<p><i>A primeira matéria aponta a presença russa nos relatórios do OSDH desde o início da campanha russa na Síria, e a rápida aceitação destes relatórios na mídia dominante; Na segunda matéria, também é dada ênfase nas matérias da mídia ocidental e no viés apresentado no que concerne à participação russa na Síria. Em ambas as reportagens, a incredulidade e a ideia de injustiça à boa vontade russa na Síria estão presentes.</i></p>

¹²¹ “O Observatório Sírio de Direitos Humanos tem sido a principal fonte de notícias da Mídia Hegemônica do campo de batalha sírio. Mas quanto é que realmente se sabe sobre esta organização baseada no Reino Unido e seu diretor? [...] A organização tem sido uma das fontes para os meios de comunicação para construir os seus relatórios sobre a Síria desde o início da guerra civil há quatro anos. A organização afirma ter uma ampla rede de contatos na região, que alimentam as suas informações para a sede central [...].”(tradução nossa)

¹²² “O Ministério do Exterior russo contestou relatos da mídia ocidentais que acusam a Rússia de atacar um hospital de campo na Síria [...] matando 13 pessoas. O relatório citou “fontes” fornecidas pelo Observatório Sírio de Direitos Humanos (OSDH) com sede em Londres”

¹²³ “Desde o início da campanha anti-ISIS de Moscou, a Rússia começou a aparecer em seus relatórios também, - e estes foram rapidamente acatados pelos principais meios de comunicação ocidentais. Uma das mais recentes pautas do Observatório atestando que “bombardeiros russos [mataram] 30 civis em Homs, incluindo mulheres e crianças” ganhou espaço rapidamente em grandes veículos de notícias.” (tradução nossa)

¹²⁴ “Porta-voz do Ministério das Relações Exteriores [...] salientou que tais relatórios mostram um enorme viés para os esforços militares da Rússia na Síria. “Há os chamados relatórios de mídia de massa, que alegam que

Elemento	Russia Today	Russia Today	Observações
	02/10/2015	23/10/2015	
3º parágrafo	<p>“To the degree people choose to believe social media, they can be my guest. But quite contrary to what [US Secretary of State John Kerry] has said, it is a notoriously unreliable tool upon which to base judgments,” former CIA officer, Ray McGovern told RT.¹²⁵</p>	<p>She questioned the credentials of the Syrian Observatory for Human Rights, pointing out that it is based in Britain and has no direct access to the ground in Syria.[...] it is very ‘convenient’ to cover and observe what is happening in Syria without leaving London and without the ability to collect information in the field,”¹²⁶</p>	<p><i>A primeira matéria traz declaração de antigo oficial da CIA, desacreditando as mídias sociais, onde o OSDH publicaria seus relatórios, como fontes para basear julgamentos. Na segunda, a porta-voz do ministro das relações exteriores russo questiona a capacidade de obtenção de informações em solo sírio por parte do OSDH, enfatizando que este reporta de Londres. Em ambas as matérias, o OSDH é novamente questionado</i></p>

aviões russos bombardearam um campo hospitalar no Governorado de Idlib, no noroeste da Síria, e supostamente matou 13 pessoas. Eu não posso dizer que estes relatórios são escritos por jornalistas, mas sua ingenuidade nos diverte" (tradução nossa)

¹²⁵ ““Na medida em que as pessoas querem acreditar nas mídias sociais, elas podem ficar à vontade. Mas, muito ao contrário do que [o secretário de Estado dos EUA John Kerry] tem dito, é perceptivelmente uma ferramenta não confiável sobre a qual basear julgamentos”, Ray McGovern, ex-agente da CIA, disse ao RT”. (tradução nossa)

¹²⁶ “Ela questionou as credenciais do Observatório Sírio dos Direitos Humanos, destacando que ele é baseado na Grã-Bretanha e não tem acesso direto ao chão na Síria. [...] É muito "conveniente" cobrir e observar o que está acontecendo na Síria sem deixar Londres e sem capacidade de coletar informações no campo" (tradução nossa)

Elemento	Russia Today 02/10/2015	Russia Today 23/10/2015	Observações
Conclusão	<p>"I am not a media organization. I work from my home, my private home." The director of the Observatory seemed very distressed, talking about the dangers of meeting up for daytime interviews because "they are trying to kill me." It was difficult to identify who "they" were, but Abdel Rahman clearly wasn't in the mood. He asked Kamer to send him his name and details, which Abdel Rahman would then send to the police. "When you run a media organization you should expect journalists to come and ask questions, especially if it's such a shady and unsourced media organization[...]."¹²⁷</p>	<p>[...]British newspapers speculating that [...] their pilots had been cleared to fire on "Vladimir Putin's jets" [...]. Moscow issued a formal request to the British Foreign Office[...]UK's MoD's spokesperson wrote that "There is no truth in this story." Another CNN story suggested that several Russian cruise missiles targeting Islamic State positions in Syria had landed in Iran. Citing two [...] "top US officials," [CNN] reported that four Russian missiles had crashed somewhere in Iran [...] "Unlike CNN, we don't distribute information citing anonymous sources, but show the very missile launches and the way they hit their targets almost in real time"[...].¹²⁸</p>	<p><i>A conclusão da primeira matéria coloca em dúvida o profissionalismo do OSDH e, indiretamente, da mídia que se baseia em suas informações. Na segunda matéria, contudo, a conclusão é a idoneidade da mídia e suas reportagens, que o Ministro russo coloca em dúvida ao comparar seus relatos citando fontes anônimas, com a forma como a Rússia faz suas declarações, de modo transparente.</i></p>

Fonte: Babel Hajjar, 2016

Resultado: As matérias das mídias do Fluxo Hegemônico buscaram moldar o perfil do Observatório Sírio de Direitos Humanos, enaltecendo sua credibilidade como fruto da alegada idoneidade e militância desinteressada de seus executivos. Passam superficialmente pelos "pequenos subsídios" que o OSDH recebe da União Europeia e de "outro país" (na matéria do New York Times), ou sem comentar a declaração de que *"agora [o OSDH] procura se manter isento"* (O Estado de São Paulo).

¹²⁷ "Eu não sou uma organização de mídia. Eu trabalho em minha casa, meu lar privado". O diretor do Observatório parecia muito angustiado, falando sobre os perigos de encontrar-se para entrevistas durante o dia, porque "eles estão tentando me matar". Foi difícil identificar quem eram "eles", mas Abdel Rahman claramente não estava de bom humor. Ele pediu a Kamer para enviar-lhe o seu nome e detalhes, que Abdel Rahman, então, enviar para a polícia. "Quando você comanda uma organização de mídia você deve esperar que jornalistas venham para fazer perguntas, especialmente se for de tal organização de mídia com misteriosa e sem referências [...]."

¹²⁸ "[...] Jornais britânicos especulam que os pilotos deles [...] haviam sido ordenados a disparar sobre o "jato de Vladimir Putin" [...]. Moscou emitiu um pedido formal ao Ministério do Exterior britânico [...] e o porta-voz do Ministério da Defesa do Reino Unido escreveu que "Não há verdade nesta história." Outra história da CNN sugeriu que vários mísseis de cruzeiros russos que estavam mirando posições dos Estados islâmicos na Síria, haviam pousado no Irã. Citando dois [...] "altos funcionários dos EUA," [a CNN] relatou que quatro mísseis russos haviam caído em algum lugar no Irã [...] "Ao contrário da CNN, nós não distribuimos informações citando fontes anônimas, mas mostramos os próprios lançamentos de mísseis e a forma que atingiu os seus objetivos em tempo quase real "[...]. (tradução nossa)

O *contra fluxo* se deteve em fatos e testemunhos – a interação com o repórter ou a posição do governo russo - que buscam comprovar a baixa credibilidade da fonte OSDH. Enfatiza que os veículos que se baseiam na instituição não dizem a verdade em suas matérias, apresentando as críticas do governo russo. É notório como Rami Abdul Rahman, diretor do *Observatório*, passa de “militante autossustentado” e “trabalhador incansável” na matéria do The New York Times, a um líder de uma “organização de mídia” que fornece ao mundo dados – questionáveis - da guerra da Síria, na primeira matéria do Russia Today. Sua organização é mostrada sem profissionalismo e coberta de segredos. A Russia Today busca, nas duas matérias, atacar a mídia hegemônica ocidental, pela alegação de que esta se vale de informação não confiável – fornecida pelo *Observatório Sírio dos Direitos Humanos* para produzir sua notícia.

5.3.2. Matérias considerando as manifestações sírias “pacíficas” ou “armadas”

Compararemos como a ideia de manifestações “pacíficas” ou “armadas” foi apresentada nos dois grupos de mídia.

Tabela 9– Manifestações “pacíficas” x “armadas” no *fluxo dominante*.

Elemento	The New York Times 26/04/2013	Al Jazeera 26/11/2013	Observações
Título	Syria Tries to Defend Its Record to United Nations ¹²⁹	Syrian unrest: popular uprising or foreign conspiracy? Linha Fina: Syrian authorities blame foreign conspirators and Salafists, but analysts say the uprising is spontaneous. ¹³⁰	No título da primeira matéria, “Record” se traduz por “registro”, no sentido de versão. No segundo título, a dúvida lançada já é acompanhada da resposta, dada na linha fina. É digno de nota o uso da palavra “Conspiração”, tanto no título quanto na linha fina. Ambos os títulos, embora pareçam estar fornecendo o benefício da dúvida ao governo sírio, demonstram ceticismo. (traduções nossas)

¹²⁹ “Síria tenta defender sua versão nas Nações Unidas” (tradução nossa)

¹³⁰ “Agitação na Síria: revolta popular ou conspiração estrangeira?”

Linha Fina: autoridades sírias culpam conspiradores estrangeiros e salafistas, mas analistas dizem que a revolta é espontânea.” (tradução nossa)

Elemento	The New York Times	Al Jazeera	Observações
	26/04/2013	26/11/2013	
Lide	UNITED NATIONS — Syria, facing mounting global pressure over its decisions to move tanks into cities against its own citizens and to shoot unarmed demonstrators, tried to defend its record against blunt denunciations from the United States and others on Tuesday at the United Nations, where the Security Council is struggling to forge a collective response. ¹³¹	If the Syrian government is to be believed, the protests sweeping the country are the work of "foreign conspirators" and amount to an armed insurrection by Salafists, members of a hardline, puritanical Islamic movement. ¹³²	Na primeira matéria, o lide resume a versão defendida, ou seja, a Síria vem atacando sua própria população desarmada, "portanto" está encarando crescente pressão global – e diante disso, ainda busca defender seu histórico, ou lado da história, e uma resposta coletiva vem sendo preparada. O segundo lide é uma proposição condicional: Acreditar no governo sírio é acreditar em conspirações estrangeiras, e em radicais puritanos salafistas armados.(traduções nossas)
2º parágrafo	Ambassador Bashar Jaafari, the Syrian envoy, repeated the government's claim that the unrest at home was the work of as yet unidentified foreign agitators trying to undermine Syria's stability and that armed infiltrators were responsible for the shooting of protesters. "This unrest and riots in some of their aspects have hidden agendas," Mr. Jaafari told reporters. "Some armed groups take advantage of the demonstrations; they get within the demonstrators and start shooting on the military men and the security forces. This is why there are many casualties." Mr. Jaafari also defended President Bashar Assad's record, saying that more political reforms were coming on the heels of Mr. Assad's decision to lift the emergency law. "President Assad is a reformer himself, and he should be given the chance to fulfill his mission in reforming the political life in the country," he said. ¹³³	But analysts and activists Al Jazeera have spoken to disagree with the government claim. They say anger and frustration with the regime in Damascus are fuelling the uprising, rather than religious beliefs or affiliations."In my view, they're just ordinary people seeking freedom, it's not organised," Marwan Kabalan, a professor of political science at Damascus University, said. "It's like the situation in Egypt and Tunisia – people with grievances, economic and political, who are fed up with the situation. They don't find job opportunities or opportunities to express themselves freely." "Protesters are chanting different slogans because different groups have different demands. But they all agree on the minimum demands, such as more	Na primeira matéria, o segundo parágrafo dá voz ao enviado sírio para ONU, Bashar Jaafari, antecipando que ele "repetia as alegações do governo"(tradução nossa), ou seja, o que ele coloca não é novo e é esperado, de modo que o que traz o representante sírio não mudará a visão sustentada pelo veículo. A segunda matéria segue comprovando seu desacordo com as alegações do governo sírio, sustentando 1) a negação de qualquer associação com o extremismo religioso; 2) a condução da revolta síria por pessoas comuns, buscando liberdade, oportunidade de trabalho e "oportunidade de livre expressão"; 3) a igualdade entre a primavera árabe – no Egito e na Tunísia – com as revoltas sírias, "conduzidas por pessoas comuns"; Em tom conciliador, o parágrafo busca a união de propósito entre os manifestante, ainda que estes

¹³¹ "NAÇÕES UNIDAS - Síria, enfrentando crescente pressão mundial sobre as suas decisões para mover os tanques para as cidades contra seus próprios cidadãos e a atirar em manifestante desarmado, tentou defender o seu recorde contra denúncias contundentes do Estados Unidos e outros na terça-feira nas Nações Unidas, onde a Segurança Conselho está lutando para forjar uma resposta coletiva." (tradução nossa)

¹³² "Se o governo sírio está a ser acreditado, os protestos que varrem o país são o trabalho de "conspiradores estrangeiros" e da quantidade de insurreição armada por salafistas, membros de uma linha dura do movimento islâmico puritano." (tradução nossa)

¹³³ "O Embaixador Bashar Jaafari, enviado da Síria, repetiu a afirmação do governo de que os distúrbios em seu país foram o trabalho de agitadores estrangeiros, ainda não identificados, tentando minar a estabilidade da Síria, e que os infiltrados armados foram responsáveis pelo assassinato de manifestantes. 'Esta inquietação e

Elemento	The New York Times	Al Jazeera	Observações
	26/04/2013	26/11/2013	
		freedom and an end to corruption. No Syrian can disagree on that but many don't believe toppling the regime is feasible, because of fear of civil unrest and conflict." ¹³⁴	sejam diferentes. (traduções nossas)
3º parágrafo	Government opponents openly mock both assertions. Syrians, not foreign agitators, are demanding basic freedoms that have been denied them for the 40 years in which the Assad family has run the country, they say. Although Mr. Assad, 45, promised reform when he inherited the presidency from his father 11 years ago, he has put none in place — instead, they say, the government has strangled any nascent reform movement by jailing its leaders for years. ¹³⁵	Itzhak Weismann, the head of the Jewish-Arab centre at Haifa University in Israel, also refuses to buy the authorities' Salafi theory. "To blame the protests on the Salafis is really ridiculous, just like blaming foreign forces for what really is a popular uprising," he said. According to Weismann, the Salafis don't wield the influence required to whip up unrest in the country. "The Salafi movement is not strong. The Mukhabarat, the secret services, have been successful in repressing it. There are not many traces of Salafis in public life[...]." ¹³⁶	A primeira matéria, colocando a visão da oposição síria, coloca que o motivo dos protestos não é estrangeiro, mas sim "40 anos de governo da família Assad" – novamente aqui, considera-se natural a revolta síria, e motivo de "zombaria" falar da visão do governo – revoltas armadas ou reformas. Ao comentar as últimas, a matéria dá a entender que nada foi feito por Bashar al Assad. A Al Jazeera, recorrendo a um especialista, afirma que a "teoria salafista" apresentada pelo governo não é aceitável e é "tão ridícula quanto culpar forças estrangeiras" pois o movimento salafista havia sido

distúrbios, em alguns de seus aspectos, têm agendas ocultas', disse o sr. Jaafari a repórteres. 'Alguns grupos armados se aproveitam das manifestações; eles se misturam aos manifestantes e começam a disparar sobre os militares e as forças de segurança. É por isso que há muitas vítimas.' O Sr. Jaafari também defendeu o histórico do presidente Bashar Assad, dizendo que mais reformas políticas estavam a caminho, com a decisão de Assad de revogar o estado de emergência. 'O presidente Assad é, ele mesmo, um reformista, e ele deve dar a oportunidade de cumprir a sua missão no curso da reforma política no país', disse ele." (tradução nossa)

¹³⁴ "Mas analistas e ativistas da Al Jazeera têm falado em discordar da afirmação do governo. Eles dizem que a raiva e a frustração com o regime em Damasco estão alimentando a revolta, ao invés de crenças religiosas ou afiliações. 'Em minha opinião, eles são apenas pessoas comuns em busca da liberdade, isso não é organizado' Disse Marwan Kabalan, professor de ciência política na Universidade de Damasco. 'É como a situação no Egito e na Tunísia - São as pessoas com queixas econômicas e políticas que alimentam essa situação. Eles não encontram oportunidades de emprego ou oportunidades de se expressar livremente'. 'Os manifestantes estão entoando slogans diferentes, porque diferentes grupos têm diferentes demandas. Mas todos eles concordam com as demandas mínimas, como mais liberdade e fim da corrupção. Nenhum sírio pode discordar sobre isso, mas muitos não acreditam que derrubar o regime é viável, por causa do medo da agitação do povo e o conflito'." (tradução nossa)

¹³⁵ "Opositores do governo zombam abertamente de ambas as afirmações. São Sírios, e não agitadores estrangeiros, os que estão exigindo as liberdades básicas que foram negadas a eles nos 40 anos em que a família Assad tem comandado país, dizem. Embora o Sr. Assad, 45, tenha prometido reformas quando herdou a presidência de seu pai há 11 anos atrás, ele não colocou nenhuma em prática - ao invés disso, dizem eles, o governo tem estrangulado qualquer movimento de reforma que nasça, prendendo seus líderes por anos." (tradução nossa)

¹³⁶ "Itzhak Weismann, chefe do centro judaico-árabe na Universidade de Haifa em Israel, também se recusa a acreditar na teoria das autoridades sobre os Salafistas. "Culpar os protestos sobre os salafistas é realmente ridículo, assim como culpar forças estrangeiras para o que é realmente uma revolta popular", diz Weismann. De acordo com Weismann, os salafistas não exercem a influência necessária para insuflar a revolta no país. 'O movimento Salafi não é forte. O Mukhabarat, o serviço secreto, têm tido sucesso em reprimi-lo. Não há muitos vestígios de salafistas na vida pública [...].'" (tradução nossa)

Elemento	The New York Times 26/04/2013	Al Jazeera 26/11/2013	Observações
			<i>duramente reprimido na Síria, onde “não há muitos traços” deles. (traduções nossas).</i>
Conclusão	Ban Ki-moon, the United Nations secretary general, reiterated his demand for an international investigation into the hundreds of deaths in Syria. “I condemn, utterly, the continuing violence against peaceful demonstrators, most particularly the use of tanks and live fire that have killed and injured hundreds of people,” Mr. Ban said. Mr. Jaafari belittled the idea of any investigation other than one already initiated by the Syrian government. Other world leaders also weighed in on Tuesday. In Britain, the foreign minister, William Hague, said the European Union was considering sanctions against Syria. “Its government can still choose to bring about the radical reform which alone can bring about peace and stability,” he told the House of Commons. “Or it can choose ever more violent repression.” ¹³⁷	To some at least, the Muslim Brotherhood, an Islamic group, could have had a hand behind the protests. But those in the know say such suspicion is without any basis, since the Brotherhood has been considerably weakened in Syria, after it was banned in 1963. Membership in the group still remains punishable by death. Rime Allaf, a Syrian analyst with the London-based Chatham House think-tank, feels that Syrian authorities are seeking to give a sectarian spin to the unrest, deliberately aiming to split ordinary Syrians. She says the fear of sectarianism is a product of the regime: “These myths are completely unfounded.” ¹³⁸	<i>.A Matéria do NY Times conclui com líderes mundiais fazendo afirmações sobre suas convicções: há apenas uma versão crível, a que diz que o governo ataca e mata seu próprio povo. Outro líder coloca a Síria entre o caminho das reformas, que Bashar não realizou, e o da “repressão ainda mais violenta”. a matéria da Al Jazeera afasta a ideia de participação da Irmandade muçulmana nas revoltas sírias, e recorre a outro especialista para culpar o governo de “provocar uma reviravolta sectária” nas revoltas, o que “auxiliaria a dividir os sírios” (traduções nossas)..</i>

Fonte: Babel Hajjar, 2016

Tabela 10 – Manifestações “pacíficas” x “armadas” no *contra fluxo*.

Elemento	Russia Today 29/05/2011	Observações
----------	----------------------------	-------------

¹³⁷ “Ban Ki-moon, secretário-geral das Nações Unidas, reiterou sua demanda por uma investigação internacional sobre as centenas de mortes na Síria. ‘Condene, por completo, a continuação da violência contra manifestantes pacíficos, mais particularmente o uso de tanques e fogo vivo que têm matado e ferido centenas de pessoas’, disse Ban Ki-moon. Mr. Jaafari menosprezou a ideia de qualquer outra investigação do que a já iniciada pelo governo sírio. Outros líderes mundiais também ponderaram sobre a situação na terça-feira. Na Grã-Bretanha, o ministro das Relações Exteriores, William Hague, disse que a União Europeia estava considerando sanções contra a Síria. ‘Seu governo ainda pode optar por trazer a reforma radical que é a única que pode trazer a paz e a estabilidade’, disse ele à Câmara dos Comuns. ‘Ou pode escolher repressão cada vez mais violenta.’” (tradução nossa)

¹³⁸ “Ao menos para alguns, a Irmandade Muçulmana, um grupo islâmico, poderia ter tido ação por trás dos protestos. Mas aqueles que a conhecem dizem que tal suspeita não tem qualquer base, uma vez que a Irmandade foi consideravelmente enfraquecida na Síria depois que foi proibida em 1963. A associação ao grupo continua a ser punível pela morte. Rime Allaf, analista sírio do *think-tank* Chatham House de Londres, sente que as autoridades sírias estão buscando dar um tom sectário à agitação, deliberadamente visando dividir o povo sírio. Ela diz que o medo de sectarismo é um produto do regime: ‘Esses mitos são completamente infundados’” (tradução nossa)

Elemento	Russia Today 29/05/2011	Observações
Título	Syria: an uncanny revolution ¹³⁹	<i>Uncanny pode ser traduzido como estranho, misterioso, ou inquietante, resumindo as dúvidas levantadas pela jornalista no decorrer da matéria. (traduções nossas).</i>
Lide	On the day I arrived in Damascus, I was flooded by stories you won't find in any of the newspapers. Mostly, they related to incidents of violent crime. In one, a young man approached a car with four officers in it. Standing in front of the vehicle and talking by cell phone, the drivers could not move their car. And then, seemingly out of nowhere, four young men on motorbikes appeared, shot the officers point-blank and sped away. Shortly before that, on another road, unknown assailants forced an officer to stop his car as they callously killed him and the three children he was traveling with. Horrifically, their bodies were hacked to pieces with sabers. ¹⁴⁰	<i>O primeiro ponto a ser observado é o local: a jornalista fala de Damasco, e sua narrativa a inclui na cena apresentada. Esta credibilidade pela presença permite a ideia de que ela trará revelações "que você não encontrará em nenhum jornal". Na sequência, a repórter revela duas histórias que mostram outra realidade na Síria. (traduções nossas).</i>
2º parágrafo	A high-ranking government supporter recounted these shocking stories to me. He's convinced that there is no people's revolt, but rather a series of criminal assaults and the clandestine activities of foreign spies who want to destabilize the country in typical divide and conquer fashion. People in the street eagerly joined in on the conversation. But it's impossible to reach your friends by phone. Many do everything they can to avoid journalists-behavior which is highly uncharacteristic of the Syrian people. Syrian TV lists the names of those soldiers and officers who have been killed, offices which were burned out by the rebels, the heartbreaking scenes of funerals and the grieving relatives of the dead. Conversely, Foreign TV channels broadcast short, grainy videos where it's difficult to make anything out, though one does get an ominous sense of disaster: the picture flickers as the presenter's voice announces that a peaceful march was dispersed. He then goes on to list the number of casualties. ¹⁴¹	<i>Na narrativa do apoiador do governo, que contou à jornalista as histórias, não há "revolta popular", e sim "atividades clandestinas conduzidas por espões", com objetivo de "dividir e conquistar". A jornalista, se posicionando como testemunha ocular, narra o cotidiano de Damasco, inclusive com os informes de baixas e enterros por parte da mídia do governo, e a exibição, por parte de canais de estrangeiros, de vídeos "pixelados" (com pouca resolução) que não permitem a compreensão do que se vê, mas são narrados como</i>

¹³⁹ "Síria: uma estranha revolução" (tradução nossa)

¹⁴⁰ "No dia em que cheguei a Damasco, eu comecei a receber uma torrente de histórias que vocês não vão encontrar em nenhum jornal. Principalmente, elas relatavam incidentes de crimes violentos. Em uma, um jovem se aproximou de um carro com quatro agentes nele. Estando na frente do veículo e falando no telefone celular, os motoristas não podia mover seu carro. E, em seguida, aparentemente do nada, quatro jovens em motos apareceram, atiraram nos oficiais à queima-roupa e fugiram. Pouco antes disso, em outra estrada, assaltantes desconhecidos forçaram um oficial a parar seu carro e, a sangue frio, assassinaram-no e a seus três filhos que com ele viajavam. Horivelmente, seus corpos foram cortados em pedaços, com sabres." (tradução nossa)

¹⁴¹ "Um apoiador do governo do alto escalão contou essas histórias chocantes para mim. Ele está convencido de que não há revolta das pessoas, mas sim uma série de ataques criminosos e as atividades clandestinas de espões estrangeiros que querem desestabilizar o país com objetivo de dividir e conquistar. As pessoas na rua ansiosamente se juntaram à conversa. Muitos fazem tudo o que podem para evitar pessoas que se pareçam com jornalistas, o que é atitude altamente atípica do povo sírio. A TV síria lista os nomes dos soldados e oficiais que foram mortos, os escritórios que foram queimados pelos rebeldes, as cenas comoventes de funerais e os parentes em luto por seus mortos. Por outro lado, os canais de TV estrangeiros transmitem curtos vídeos de baixa resolução pelos quais é difícil tirar alguma conclusão, além de provocarem uma terrível sensação de desastre: a imagem pisca enquanto a voz do apresentador anuncia que uma marcha pacífica foi dispersa. Ele então passa a listar o número de vítimas." (tradução nossa)

Elemento	Russia Today 29/05/2011	Observações
		<i>manifestações pacíficas dispersadas pelo governo. (traduções nossas).</i>
3º parágrafo	<p>[...] Even now, Syria does not look much like the “bloody dictatorship” described by the foreign media. Neither the people nor the government knows what is going on in different cities around the country. The only thing that’s clear is that riots have happened on Fridays throughout mosques in urban population centers around the country; someone attacks the troops; innocent people die. Political demands seem to be immaterial in this so-called revolution. [...]. Some are dissatisfied that there are too many Alawites in the government; others blame the Sunnis who are allegedly infected by the propaganda of “pure Islam.” A number of sheiks addressed the media and the authorities, demanding that they stop disparaging the various branches of Islam in attempts to scapegoat them for the civil unrest. Whatever is happening, it doesn’t appear to be connected with religion.¹⁴²</p>	<p><i>A matéria mostra certo isolamento de Damasco, em maio de 2011, com relação ao restante do país. Os ataques ao governo são considerados pela jornalista como frequentes, e a insatisfação não é claramente localizada – porém não se trata de um problema religioso. (traduções nossas).</i></p>

¹⁴² “[...] Mesmo agora, a Síria não parece muito com a ‘ditadura sanguinária’ descrita pela mídia estrangeira. Nem o povo nem o governo sabem o que está acontecendo nas diversas cidades ao redor do país. A única coisa que está clara é que tumultos aconteceram às sextas-feiras ao redor das mesquitas em centros populacionais urbanos de todo o país; alguém ataca as tropas; pessoas inocentes morrem. As demandas políticas parecem ser irreais nesta chamada revolução. [...]. Alguns estão insatisfeitos que existam muitos alauítas no governo; outros culpam os sunitas que estão supostamente infectados pela propaganda do ‘Islã puro’. Alguns *sheiks* abordaram os meios de comunicação e as autoridades, exigindo que eles parem de depreciar os vários ramos do Islã, na tentativa de fazê-los de bode expiatório para insuflarem os civis. O que está acontecendo não parece estar ligado à religião.” (tradução nossa)

Elemento	Russia Today	Observações
	29/05/2011	
Conclusão	<p>There is a group of activists [...] no more than 100-150 people. They [...] come into different mosques on Fridays and if there are enough people, they cry out from the exits of the mosques , ‘There is no God but Allah!’ But we all state that. Meanwhile, one of them records it on camera, and [...] the media story is ready. [...] None of those detained put forward any political demands or social programs. Aren’t they strange revolutionaries?’ “During a rally, the front rows step aside when a signal is given, as armed militants appear from behind. They shoot at soldiers who are forbidden to use guns. Ten policemen were recently killed in just this way, as two others who had been wounded later died after their throats were cut. Is that really the democratic way?’” A persistent call for reforms, according to Hourirh, was heard by Assad and did not bring anyone the expected results. “The government was looking at Europe with credulous eyes, and we paid doubly for that,” he declared. “The West did not do any good for the country, and people blame us for having trusted them. Damascus is the most ancient city in the world, it can afford to be open, but the West does not want to let the East be open – that’s the paradox. Turkey has followed that path to the end and learned the bitter lesson. For ten years, many new hotels have been built, crowds of foreigners came to Syria, but the West insists that there are no changes in the country. So far, the change we see is that democratization of the economy only makes the poor poorer.”¹⁴³</p>	<p><i>A matéria finaliza com um longo depoimento dando várias explicações para a forma de ação dos protestos e das imagens que tomam conta da mídia, aproveitando as sextas-feiras e as mesquitas lotadas. Também reafirma a violência armada presente nos protestos. Os manifestantes detidos não possuem reivindicações. O depoimento final é uma crítica ao governo sírio, que teria “olhado para a Europa com muita expectativa”, agora pagando o preço deste erro., “o Ocidente insiste que não houve mudanças no país “ nos anos de Bashar, mas as mudanãs aconteceram e foram ruínas. Não é no Ocidente que está o futuro da Síria. (traduções nossas)</i></p>

Fonte: Babel Hajjar, 2016

Resultados: Todas as matérias têm como mote a “dúvida” sobre o que ocorre de fato na Síria. As matérias do *fluxo dominante*, no entanto, rapidamente respondem as dúvidas levantadas pela declaração de testemunhos, de especialistas e líderes mundiais, sobre o que “de fato” ocorre. O governo sírio é completamente desqualificado em suas opiniões, e a ideia de “intervenção” ou “agenda” estrangeiras, ou de “oposição salafista armada” é desconsiderada do princípio. Na matéria do *contra fluxo*, não se encontra uma opinião

¹⁴³ “Há um grupo de ativistas [...] não mais que 100-150 pessoas. Eles [...] entram em diferentes mesquitas nas sextas-feiras e se há número suficiente de pessoas, clamam para saírem das mesquitas, [gritando] ‘Não há Deus senão Alá!’ Mas todos nós falamos isso. Enquanto isso, um deles registra na câmera, e [...] a história da mídia está pronta. [...] Nenhum dos detidos apresentaram quaisquer exigências políticas ou programas sociais. Eles não são revolucionários estranhos?’ ‘Durante a manifestação, as filas da frente se afastaram quando um sinal foi dado, assim que militantes armados aparecem por trás. Eles atiraram em soldados que foram proibidos de usar armas. Dez policiais foram mortos recentemente desta forma, assim como dois outros que haviam sido feridos morreram mais tarde depois que suas gargantas foram cortadas. Isso é realmente um caminho democrático?’ ‘Uma chamada persistente por reformas, de acordo com Hourirh, foi ouvida por Assad e não trouxe nenhum dos resultados esperados. ‘O governo estava olhando para a Europa com os olhos crédulos, e nós pagamos duplamente por isso’, declarou. ‘O Ocidente não fez nada bom para o país, e as pessoas nos culpam por ter confiado neles. Damasco é a cidade mais antiga do mundo, ela consegue ser aberta para o mundo, mas o Ocidente não quer deixar o Oriente aberto - esse é o paradoxo. A Turquia seguiu esse caminho até o fim e aprendeu a amarga lição. Durante dez anos, muitos novos hotéis foram construídos, uma multidão de estrangeiros vieram para a Síria, mas o Ocidente insiste que não há mudanças no país. Até agora, a mudança que vemos é que a democratização da economia só torna os pobres mais pobres . ‘” (tradução nossa)

“definitiva”, mas indícios de que 1) a mídia hegemônica não vem contando tudo e 2) Existem histórias que dão base para as alegações do governo, as teses de opositores armados, e que merecem melhor investigação. É importante destacar que a matéria do Russia Today não isenta o governo sírio de responsabilidades nem de críticas, feitas nominalmente – sem anonimato - por defensores do Baath.

5.3.3. A reeleição de Bashar al Assad

Compararemos como as eleições diretas para presidente da síria, ocorridas no meio da guerra, em 2014, foram reportadas pelos grupos de mídia.

Tabela 13– Eleições sírias para presidente em 2014 no *fluxo dominante*

Elemento	The New York Times	Al Jazeera	Observações
	04/06/2014	05/06/2014	
Título	Victory in Syrian Election Is Show of Assad's Control¹⁴⁴	Assad re-elected in wartime election Linha Fina: Parliament speaker says Assad won 88.7 percent of votes in Syria's presidential poll, denounced by opponents as a farce. ¹⁴⁵	<i>Os títulos das duas mídias sugerem explicações que destarte desqualificam as eleições. O significado da vitória, para o New York Times, é “o controle de Assad”, enquanto que a Al Jazeera chama de uma reeleição “em tempos de guerra”, e a linha fina adianta ao leitor a “farsa”.(traduções nossas)</i>

¹⁴⁴ “A vitória na eleição síria mostra o controle de Assad” (tradução nossa)

¹⁴⁵ “Assad reeleito em eleição em tempos de guerra / Linha Fina: presidente do parlamento diz que Assad ganhou a eleição presidencial da com Síria 88,7 por cento dos votos, [fato] denunciado por opositores como uma farsa.” (tradução nossa)

Elemento	The New York Times	Al Jazeera	Observações
	04/06/2014	05/06/2014	
Lide	BEIRUT, Lebanon — President Bashar al-Assad of Syria on Wednesday celebrated his overwhelming victory in a deeply disputed election , asserting his confidence and defiance in the Syrian conflict as supporters savored his success in thwarting the United States. ¹⁴⁶	Syrian President Bashar al-Assad has won a landslide victory in presidential poll securing 88.7 percent of the vote, parliament speaker Mohammad al-Laham has said. The two other candidates, Hassan al-Nouri and Maher Hajjar, won 4.3 percent and 3.2 percent respectively. The victory gives Assad a third seven-year term in office despite a raging civil war which grew out of protests against his rule. ¹⁴⁷	<i>A matéria do NY times se dedica a criticar a política americana para a guerra na Síria, e como a reeleição do presidente sírio representa uma derrota. Bashar “garante sua confiança e altivez diante do conflito sírio, enquanto seus apoiadores saboreiam seu sucesso em frustrar os EUA”. Na matéria da Al Jazeera, o lide fornece mais informações, como o nome e percentual de votos dos outros dois candidatos, apontando como senões a guerra e a oposição ao governo .(traduções nossas)</i>
2º parágrafo	Syrian officials announced that Mr. Assad had been re-elected with 88.7 percent of the vote and reported turnout of 73.4 percent of eligible voters. Those numbers could be questioned on many levels, but that did not matter much, as the election was primarily a display of Mr. Assad’s continued control of important Syrian cities, the loyalty of his core supporters and the failures of his opposition and its backers. ¹⁴⁸	The head of the Supreme Constitutional Court said on Wednesday that the turnout in the country’s presidential election this week was 73.42 percent. [...]The opposition and its international backers have denounced the election as a farce , saying the two relatively unknown and state-approved challengers offered no real alternative to Assad. Voting was held only in government-controlled areas, excluding vast chunks of northern and eastern Syria that are in rebel hands. ¹⁴⁹	<i>Em ambas as matérias, o número de eleitores que não votaram é destacado. O NY Times comenta que os números “podem ser questionados”, mas que isto não importa, pois a eleição teria sido uma exibição do poder de Assad e da derrota dos opositores e seus apoios. Al Jazeera repete a alegação de farsa, e acusa a eleição de ter sido restrita a redutos se deu apenas em áreas controladas pelo governo. Note-se que o NY Times, diferente da Al Jazeera, até aqui, não tenta tanto deslegitimar a eleição quanto responsabilizar os EU por esta, (traduções nossas)</i>

¹⁴⁶ “BEIRUTE, Líbano - O presidente Bashar al-Assad da Síria na quarta-feira comemorou sua vitória esmagadora numa eleição profundamente disputada, garantindo sua confiança e altivez no conflito sírio, enquanto apoiadores saboreavam seu sucesso em frustrar os Estados Unidos.” (tradução nossa)

¹⁴⁷ “O presidente sírio, Bashar al-Assad ganhou em uma vitória esmagadora as eleições presidenciais garantindo 88,7 por cento dos votos, disse o presidente do Parlamento, Mohammad al-Laham. Os outros dois candidatos, Hassan al-Nouri e Maher Hajjar, ganharam 4,3 por cento e 3,2 por cento, respectivamente. A vitória dá a Assad um terceiro mandato de sete anos, apesar da furiosa guerra civil que cresceu a partir de protestos contra seu governo.” (tradução nossa)

¹⁴⁸ “As autoridades sírias anunciaram que Assad tinha sido reeleito com 88,7 por cento dos votos, contando com participação de 73,4 por cento dos eleitores elegíveis. Esses números poderiam ser questionados em muitos níveis, mas isso não importa muito, uma vez que a eleição principalmente mostra o controle contínuo de Assad nas importantes cidades sírias, a lealdade de seus principais apoiadores e os fracassos da oposição e àqueles que os suportam.” (tradução nossa)

¹⁴⁹ “O chefe do Supremo Tribunal Constitucional disse na quarta-feira que a taxa de participação nas eleições presidenciais do país esta semana foi 73,42 por cento. [...] A oposição e seus apoiadores internacionais denunciaram a eleição como uma farsa, dizendo que os dois adversários relativamente desconhecidos e aprovados pelo Estado não ofereceram nenhum desafio real para Assad. A votação foi realizada apenas em áreas controladas pelo governo, excluindo imensos blocos do norte e leste da Síria que estão nas mãos dos rebeldes.” (tradução nossa)

Elemento	The New York Times	Al Jazeera	Observações
	04/06/2014	05/06/2014	
3º parágrafo	<p>For United States officials, it was a less triumphant day. Mr. Assad's supporters celebrated with gunfire in Damascus and even in neighboring Lebanon, where Secretary of State John Kerry paid a visit on Wednesday. But the Americans were confronted with a sense that their policy on Syria and in the region was adrift.[...] Robert S. Ford, [...] who was [...] ambassador to Syria and the main executor of American policy there, declared [...] that he quit his post in February because the policy had failed [...] He said that with the United States unwilling to seriously aid potential allies in the Syrian opposition, Russia and Iran had been "driving" the war's dynamics [...]. Mr. Kerry [...] returned to the podium to respond. Calling the election "a great big zero," he [...] added, "I call on them — Iran, Russia, and I call on Hezbollah, based right here in Lebanon — to engage in the legitimate effort to bring this war to an end."¹⁵⁰</p>	<p>Fawas Gerges, a Middle East expert based in London, called the election win a "culmination of Assad's accumulated victories" since his opponents took up weapons against his regime in 2011. "The opposition does not seem to be able to genuinely change the balance of power on the ground," he told Al Jazeera. "The opposition's allies - the US and others - have not been as solid and committed as Assad's allies. Assad's allies - Iran, Russia, Hezbollah - have fought tooth and nail to keep Assad in place."For the first time in decades, there were multiple candidates on the ballot. In previous presidential elections, Assad and before him his father, Hafez, were elected in single candidate referendums in which voters cast yes-no ballots. Minutes after results were announced, people took to the streets in Damascus to celebrate. State television also showed crowds cheering and dancing in Qamishli in the Kurdish northeast of the country, the Druze city of Suweida in the south and the contested city of Aleppo in the north. Celebratory shots fired by Assad supporters killed at least three people in the capital and wounded dozens more, the Syrian Observatory for Human Rights said [...].¹⁵¹</p>	<p><i>O NY Times aponta, nas palavras do ex-embaixador Robert Ford,,as falhas na política dos EUA,em não apoiar mais "seriamente" a oposição; Ao mesmo tempo, utiliza as palavras do secretário de Estado John Kerry para apresentar a defesa do governo e responsabilizar Rússia, Irã e Hezbollah por não se engajarem em um "esforço legítimo" para por fim à Guerra. Aqui sim, o jornal utiliza a citação de Kerry para expressar sua opinião sobre a eleição: "um grande zero". A matéria da Al Jazeera recorrerá a um "especialista de Londres" para mostrar que a oposição não conseguirá equiparar-se ao poder da coalizão governista, e que "EUA e os outros" não têm se comprometido tanto quanto aqueles. Ambas as matérias utilizam-se da vitória de Assad para pedir mais apoio aos grupos opositores. Simbólico, por parecer desconectado do resto, a frase do Observatório Sírio informando que os tiros de celebração de "apoiaadores de Bashar", mataram "ao menos três pessoas e feriram dezenas". A frase faz referência às pessoas que comemoravam nas ruas, mas também é metáfora para os países que apoiam o governo sírio.</i></p>

¹⁵⁰ "Para as autoridades dos Estados Unidos, foi um dia menos triunfante. Os partidários de Assad celebraram com tiros em Damasco e até mesmo no Líbano, onde o secretário de Estado John Kerry fez uma visita na quarta-feira. Mas os americanos foram confrontados com uma sensação de que a sua política para a Síria e a região foi à deriva. [...] Robert S. Ford, [...], que era [...] embaixador da Síria, e o principal executor da política americana no país, declarou [...] que ele deixou o cargo em fevereiro, porque a política tinha falhado [...]. Ford disse que, com os Estados Unidos não estando seriamente dispostos a ajudar potenciais aliados na oposição síria, a Rússia e o Irã vão 'dirigir' a dinâmica da guerra [...].

Mr. Kerry [...] voltou ao pódio para responder. Chamando a eleição de 'um grande zero', ele [...] acrescentou: 'Eu apelo a eles - Irã, Rússia, e chamo também o Hezbollah, com base aqui no Líbano - a se engajarem em um esforço legítimo de trazer esta guerra para um fim.' (tradução nossa)

¹⁵¹ 'Fawas Gerges, especialista em Oriente Médio de em Londres, chamou a vitória eleitoral de 'o ápice de vitórias acumuladas de Assad', já que os seus adversários pegaram em armas contra o seu regime em 2011. 'A oposição não parece ser capaz de mudar realmente o equilíbrio do poder em solo' disse à Al Jazeera. 'Os aliados da oposição - EUA e outros países - não têm sido tão firmes e empenhados como os aliados de Assad. Os

Elemento	The New York Times	Al Jazeera	Observações
	04/06/2014	05/06/2014	
Conclusão	<p>[...]“We’ve consistently been behind the curve,” Mr. Ford said on Tuesday.</p> <p>“We need — and we have long needed — to help moderates in the Syrian opposition with both weapons and other nonlethal assistance,” Mr. Ford added.</p> <p>At the United Nations on Wednesday, the top official overseeing the destruction of Syria’s chemical weapons confirmed that Mr. Assad’s government would miss the June 30 deadline set by the Security Council for the arsenal’s destruction.</p> <p>The official, Sigrid Kaag, told reporters the final shipment, 7.2 percent of the total, was ready to be exported for destruction abroad but was trapped in an area contested by insurgents.¹⁵²</p>	<p>Earlier on Wednesday, the US Secretary of State John Kerry said during a visit to neighboring Lebanon that the elections were “a great big zero.” “They are meaningless, and they are meaningless because you can’t have an election where millions of your people don’t even have the ability to vote, where they don’t have the ability to contest the election, and they have no choice,” Kerry told reporters in Beirut .</p> <p>The European Union urged Assad to re-engage in talks, condemning the vote as illegitimate.</p> <p>“These elections are illegitimate and undermine the political efforts to find a solution to this horrific conflict,” it said in a statement.</p> <p>Meanwhile, an international delegation led by allies of Assad praised the elections saying they were democratic and transparent.¹⁵³</p>	<p>A Matéria do NY Times conclui com a declaração de Ford. Como numa corrida, “nós sempre estivemos atrás da curva” – ou seja, atrasados no que a oposição necessita. Ford reafirma que os EUA “devem, há tempos, apoiar os moderados na oposição síria com armas e outras ajudas não letais”. Mais uma vez parecendo fora de contexto, a matéria informa que Assad “perderá a data agendada” definida pelo CSONU para a destruição do arsenal químico – uma lembrança da crise das armas químicas de 2013 que quase resultou em ataque à Síria, terminando em acordo proposto pela Rússia. Al Jazeera, utilizando Kerry, repete que a eleição foi “um grande zero”, e que foi “sem sentido”. A matéria termina com a declaração da ONU de que a eleição era “ilegítima” e que Assad deveria voltar às conversações de paz; destaca, por fim, que uma delegação internacional “de aliados de Assad” elogiaram as eleições, por eles consideradas “democráticas e transparentes” (traduções nossas)</p>

Aliados de Assad - Irã, Rússia e Hezbollah – têm lutado com unhas e dentes para manter Assad no lugar’. Pela primeira vez em décadas, houve vários candidatos na cédula. Nas eleições presidenciais anteriores, Assad e antes dele o seu pai, Hafez, foram eleitos em plebiscitos com candidatos individuais nos quais os eleitores respondiam sim ou não nas cédulas. Minutos depois que os resultados foram anunciados, as pessoas saíram às ruas em Damasco para comemorar. A televisão estatal mostrou também a multidão aplaudindo e dançando em Qamishli, no nordeste curdo do país, a cidade drusa de Suweida no sul e a cidade impugnada de Aleppo, no norte. Tiros comemorativos disparados por apoiantes à Assad mataram ao menos três pessoas na capital e feriram dezenas, disse o Observatório Sírio para os Direitos Humanos [...].” (tradução nossa)

¹⁵² “[...] ‘Nós estamos constantemente atrás da curva’, disse Sr. Ford na terça-feira. ‘Nós precisamos ajudar os moderados na oposição síria com armas e outras assistências não-letais’, acrescentou o Sr. Ford. O funcionário, Sigrid Kaag, disse a jornalistas que o carregamento final, 7,2 por cento do total, estava pronto para ser exportado para a destruição no exterior, mas foi preso em uma área disputada por rebeldes.” (tradução nossa)

¹⁵³ “Na quarta-feira, o secretário de Estado dos EUA John Kerry disse durante uma visita ao Líbano que as eleições foram ‘um grande zero’. ‘Elas são sem sentido, e são sem sentido porque você não pode ter uma eleição onde milhões de pessoas nem sequer têm a capacidade de ir votar, onde eles não têm a capacidade de disputar a eleição, e eles não têm escolha’, Kerry disse a repórteres em Beirute. A União Europeia insistiu que Assad retornasse às conversações, condenando o voto como ilegítimo. ‘Estas eleições são ilegítimas e enfraquecem os esforços políticos para encontrar uma solução para este conflito terrível’, disse em um comunicado. Enquanto isso, uma delegação internacional liderada por aliados de Assad elogiou as eleições dizendo que elas eram democráticas e transparentes.” (tradução nossa)

Tabela 14– Eleições sírias para presidente em 2014 no *contra fluxo*

Elemento	Russia Today 07/06/2014	Al Akhbar 28/05/2014	Observações
Título	West has no right to give or refuse Syrian people legitimacy – Assad's advisor¹⁵⁴	Syrian expats head to the polls in presidential vote¹⁵⁵	<i>Russia Today defende da “legitimidade do povo sírio” diante dos comentários ocidentais sobre a reeleição de Bashar, enquanto que o Al Akhbar, libanês, noticia a ida dos “expatriados” às urnas.</i>
Lide	The Syrian election does not need Western endorsement to be considered legitimate , it is the voices of Syrian people themselves that make the vote legitimate, President Assad’s media advisor, Bouthaina Shaaban told RT. This week's Bashar Assad victory in the Syrian presidential poll with 88.7 percent of the vote , Shaaban says, clearly shows that even a war-torn country has the right to decide its own future, as some 11 out of 15 million went to the polls. ¹⁵⁶	Three years into the bloody Syrian conflict, Syrian expatriates began voting in the presidential elections on Wednesday, with Syria’s embassy in Lebanon witnessing a high voter turnout. Photographs of roads leading to the Syrian embassy in the town of Yarzeh showed traffic jams and crowds of pedestrians heading to the polls in the morning. By midday, all the entrances to the Lebanese capital were blocked , causing long tailbacks, as thousands of Syrians descended on the embassy, mostly by foot. ¹⁵⁷	<i>O lide do RT, como o restante da matéria, se baseia nas declarações do conselheiro de mídia de Assad – a mensagem é clara, “a eleição síria não precisa do aval ocidental, quem a legitima é o povo sírio”. O RT ainda dá o percentual de votos obtidos por Bashar, além de informar que “11 de 15 milhões foram às urnas”. O Al Akhbar dá a noção do tumulto ocorrido no entorno da embaixada síria no Líbano, com a presença massiva de eleitores expatriados “ao redor do meio dia, todas as entradas para a capital libanesa estavam bloqueadas”, e por isso muitos descendentes de sírios chegaram a pé. Ambas as matérias visam legitimar a eleição como decisão do povo sírio.</i>

¹⁵⁴ “Ocidente não tem direito de dar ou não legitimidade ao povo sírio – diz conselheira de Assad” (tradução nossa)

¹⁵⁵ “Expatriados sírios vão às urnas em eleição presidencial” (tradução nossa)

¹⁵⁶ ”A eleição síria não precisa de aprovação ocidental para ser considerada legítima, é a voz do próprio povo sírio que torna a votação legítima”, disse ao RT a assessora de imprensa do presidente Assad, Bouthaina Shaaban. ‘A vitória de Bashar al-Assad desta semana na votação presidencial síria com 88,7 por cento dos votos’, Shaaban diz, ‘mostra claramente que mesmo um país devastado pela guerra tem o direito de decidir o seu próprio futuro, de forma que 11 dos 15 milhões foram às urnas.’” (tradução nossa)

¹⁵⁷ “Após três anos de sangrento conflito, os expatriados sírios votaram nas eleições presidenciais na quarta-feira, com a Embaixada da Síria no Líbano testemunhando um elevado fluxo de pessoas comparecendo às urnas. Fotografias de estradas que levam à embaixada síria na cidade de Yarzeh mostrou engarrafamentos e multidões de pedestres que se dirigiam às urnas na parte da manhã. Ao meio-dia, todas as entradas para a capital libanesa foram bloqueadas, causando engarrafamentos longos, de modo que milhares de sírios entraram na embaixada, sendo a maioria a pé.”

Elemento	Russia Today	Al Akhbar	Observações
	07/06/2014	28/05/2014	
2º parágrafo	<p>“We are not really waiting for legitimacy from the West,” Shaaban said, accusing Western and Arab countries of targeting Syria, arming and financing the brutal opposition in a 3-year-long conflict. “The Syrian people not only voted for President Assad, I think they voted for Syria. They voted against foreign intervention.”¹⁵⁸</p>	<p>The Lebanese army set up several barriers in the area for security purposes [...] The news channel [Al Jadeed] estimated that at least 100,000 people had gathered near the embassy for the occasion. A foreign ministry source in Damascus told AFP that some 40,000 citizens were listed on the electoral register in Lebanon. Lebanon is home to more than a million refugees from Syria. The Syrian embassy in Lebanon decided on Wednesday to extend the vote until Thursday in order to accommodate the large number of voters, the Lebanese National News Agency reported.¹⁵⁹</p>	<p><i>“O povo sírio não votou apenas em Assad, mas também contra a intervenção estrangeira”, diz o conselheiro ao RT, em frase que pode ser compreendida como se referindo à intervenção na guerra ou no campo geopolítico. O Al Akhbar segue relatando o tumulto provocado por sírios buscando votar, e a repercussão nas mídias da região. A matéria fala em um número de votantes muito inferior ao de residentes no país, e que recebeu votos no dia seguinte, devido o número alto de eleitores, mas não deixa claro como agiu com relação aos eleitores não registrados.</i></p>
3º parágrafo	<p>[...] US State Department spokesperson Marie Harf described the vote as “a disgrace,” saying Assad “has no more credibility today that he did yesterday.” “Detached from reality and devoid of political participation, the Assad regime staged election today continues a 40-year family legacy of violent suppression that brutally crushes political dissent and fails to fulfill Syrians' aspirations for peace and prosperity,” said Harf. In response to Western, and especially US criticism of the election, Shaaban once again reiterated that the US does not set the global legitimacy standards. “I would like to say to all Western officials who say they will not acknowledge it –</p>	<p>Amid similar scenes in Jordan and under tight security, hundreds of Syrians voters on Wednesday lined up outside their embassy in Amman. Around 30 anti-regime activists stood near the mission, chanting slogans and carrying a banner which read: “No to the killer's re-election.” “I came today to elect president Assad who deserves my vote. He proved to the world that Syria is strong under his leadership,” said voter Mohammed Ahmed, 32, from the rebel-held northern city of Raqa. “We came to express our love and support for Syria, which will become stronger after the election despite terrorism,” said Dalia, 22, from Damascus, wearing</p>	<p><i>A matéria do RT demonstra que o tom da Síria com seus interlocutores subiu, após a eleição, e o conselheiro segue desconsiderando as opiniões ocidentais – EUA não definem o padrão de legitimidade global, nem o Ocidente tem mais este papel no mundo. A justificativa do conselheiro sírio para o povo não ligar para a opinião ocidental seria que “os países do ocidente querem destruir nosso país”. O Al Akhbar narra em Aman, na Jordânia, a situação semelhante vivida na embaixada síria, com grande volume de expatriados votando e se expressando pró-governo, e um pequeno grupo contra. Os jovens pró-governo e fora da Síria demonstram grande força contra a ideia de primavera</i></p>

¹⁵⁸ “Nós não estamos realmente à espera de legitimidade do Ocidente”, disse Shaaban, acusando o Ocidente e os países árabes de atacarem a Síria por meio do armamento e financiamento de uma oposição brutal em um conflito de 3 anos de duração. “O povo sírio não votou apenas no presidente Assad, eu acho que eles votaram também pela Síria. Eles votaram contra a intervenção estrangeira.” (tradução nossa)

¹⁵⁹ “O exército libanês colocou várias barreiras na área para fins de segurança [...] O canal de notícias [Al Jadeed] estimou que pelo menos 100.000 pessoas reuniram-se perto da embaixada para a ocasião. Uma fonte do Ministério do Exterior em Damasco disse à AFP que cerca de 40.000 cidadãos foram inscritos no registo eleitoral no Líbano. O Líbano é o lar de mais de um milhão de refugiados da Síria. A embaixada síria no Líbano decidiu na quarta-feira estender a votação até quinta-feira, a fim de atender o grande número de eleitores, informou a Agência Nacional de Notícias libanesa.” (tradução nossa)

Elemento	Russia Today	Al Akhbar	Observações
	07/06/2014	28/05/2014	
	gone are days when legitimacy was derived from the West. The West has no right to give our people legitimacy. It is the Syrian people who make this election legitimate. Its neither William Hague, nor the US, nor France.” Syrians, the media adviser says, don't care what West thinks what because citizens are certain “that Western countries only target us, only want to destroy our country.” ¹⁶⁰	military uniform and sunglasses. ¹⁶¹	and árabe, conduzida por jovens. Ambas reforçam ainda a legitimidade do governo reeleito.

¹⁶⁰ “[...]A porta-voz do Departamento de Estado dos EUA Marie Harf descreveu a votação como ‘uma desgraça’, dizendo que Assad ‘não tem mais credibilidade hoje que tinha ontem’. ‘Distante da realidade e desprovida de participação política, a eleição encenada pelo regime de Assad hoje continua o legado de 40 anos da família, de supressão violenta que brutalmente esmaga a dissidência política e não cumpre as aspirações sírias para a paz e prosperidade’, disse Harf. Em resposta ao Ocidente e, especialmente, às críticas dos EUA sobre a eleição, Shaaban mais uma vez reiterou que os EUA não estabelecem as normas de legitimidade global. ‘Eu gostaria de dizer a todos os funcionários ocidentais que afirmam que não irão reconhecer esta eleição que longe se vão os dias em que a legitimidade era prerrogativa do Ocidente. O Ocidente não tem o direito de dar ao nosso povo legitimidade. É o povo sírio que faz esta eleição legítima. Nem William Hague, nem os EUA, nem a França’. ‘Os Sírios’, diz a assessora de imprensa, ‘não se importam com o que Ocidente pensa, porque os cidadãos estão certos de que os Estados ocidentais só nos atacam, só querem destruir o nosso país’” . (tradução nossa)

¹⁶¹ “Em meio a cenas semelhantes na Jordânia e sob forte esquema de segurança, centenas de eleitores sírios na quarta-feira fizeram fila fora da embaixada síria em Amã. Cerca de 30 ativistas contrários ao regime estavam perto da missão, entoando slogans e carregando uma bandeira onde se lia: ‘Não à reeleição do assassino’. Eu vim hoje para eleger o presidente Assad, que merece o meu voto. Ele provou ao mundo que a Síria é forte sob a sua liderança’, disse o eleitor Mohammed Ahmed, de 32 anos, a partir da cidade do norte controlado pelos rebeldes de Raqa’. Nós viemos expressar nosso amor e apoio para a Síria, que se tornará mais forte após a eleição, apesar do terrorismo”, disse Dalia, 22, de Damasco, vestindo uniforme militar e óculos de sol.” (tradução nossa)

Elemento	Russia Today	Al Akhbar	Observações
	07/06/2014	28/05/2014	
Conclusão	<p>Furthermore, Shaaban says President Assad did everything in his power to ensure that other contenders [...] received maximum public exposure to allow a democratic choice in the country. "Since the nomination of the three candidates, president Assad decided not to give any interviews to any media, not to give any speeches, not to make any public appearances in order to give space to two candidates so they can give the interviews, they can talk to people, so they get more known. I think President Assad did his best to elevate the chances of the other two candidates." As far as the fate of post-election Syria, Shaaban says that everyone "wants to restore peace and security" and to rebuild the country. The focus will also be on reconciliation. "They want to build their country. And they want to do reconciliation, Syrian – Syrian reconciliation."¹⁶²</p>	<p>The vote came two days after Jordan expelled the Syrian ambassador to Amman, prompting Damascus to announce it was kicking out Amman's charge d'affaires. Jordan is home to around 600,000 Syrian refugees. Several countries, including France, Germany, Belgium, the United Arab Emirates and Israel, have banned Syrian expatriates from participating in the presidential election¹⁶³</p>	<p>Enquanto a matéria do RT enfatiza o espaço dado aos dois candidatos que disputaram a eleição, buscando outro meio de legitimação, o Al Akhbar foca no impedimento que diversos países ocidentais citados fizeram ao voto sírio. As matérias, cada uma a seu modo, buscaram mostrar o lado não ocidental da realidade dos sírios. Shaaban finaliza a matéria do RT falando em uma reconciliação síria promovida por sírios.</p>

Fonte: Babel Hajjar, 2016

Resultado: As matérias do *fluxo dominante* buscaram deslegitimar as eleições, ainda que em níveis diferentes. Ambas utilizaram a vitória de Bashar como prova de que o apoio à oposição síria por parte dos países ocidentais, especialmente EUA, era imprescindível para que estes tenham chance de vencer. Os fatos da eleição, como o elevado número de eleitores expatriados, o impedimento de que ocorresse a eleição em vários países e mesmo as poucas

¹⁶² Além disso, Shaaban diz que o presidente Assad fez tudo em seu poder para garantir que os outros candidatos [...] recebessem a exposição pública máxima para permitir uma escolha democrática no país. "Desde a nomeação dos três candidatos, o presidente Assad decidiu não dar quaisquer entrevistas a qualquer meio de comunicação, para não dar nenhum discurso, não fazer quaisquer aparições públicas, a fim de dar espaço para dois candidatos, para que eles pudessem dar entrevistas, falar com as pessoas, e serem mais conhecidos.

Eu acho que o presidente Assad fez o seu melhor para elevar as chances dos outros dois candidatos." Assim como [se preocupam com] o destino da Síria pós-eleitoral, Shaaban diz que todos "querem restaurar a paz e a segurança" e reconstruir o país. O foco também será na reconciliação. "Eles querem construir seu país. "E eles querem fazer a reconciliação – síria, uma reconciliação síria". (tradução nossa)

¹⁶³ "A votação ocorreu dois dias depois que a Jordânia expulsou o embaixador sírio em Amã, levando Damasco a anunciar que estava mandando embora o encarregado de negócios de Amã. Jordânia é o lar de cerca de 600.000 refugiados sírios. Vários países, incluindo França, Alemanha, Bélgica, Emirados Árabes Unidos e Israel, proibiram os expatriados sírios de participar na eleição presidencial." (tradução nossa)

informações sobre os competidores – ou mesmo a existência destes – foram formas que as edições das mídias do *fluxo dominante* escolheram para narrar aspectos que favoreciam as versões de seus países ou grupos. No *contra fluxo*, estes dados surgem como resposta, mas também como expressão de uma versão da realidade, mais próxima.

5.3.4. As crises humanitárias de Madaya, Kefraya e Fouaa

Buscaremos compreender as diferenças nas coberturas das cidades de Madaya, citiada pelo exército sírio, e Kefraya e Fouaa, sitiadas por opositores.

Tabela 11– As cidades sírias de Madaya, Kefraya e Fouaa nas mídias do *fluxo dominante*.

Elemento	O Estado de SP 12/01/2016	Al Jazeera 08/01/2016	Observações
Título	<p>Madaya, uma cidade com gente, mas sem vida</p> <p>Linha Fina: Para Hajjad Malik, representante do Alto Comissariado da ONU para Refugiados (Acnur), situação na cidade síria é 'terrível'; ONU negocia retirada de 400 pessoas para serem tratadas fora da cidade</p>	<p>Survival in Madaya: 'We are living on water and salt'</p> <p>Linha Fina: Around two dozen people have already starved to death in the Syrian town, which has been under siege for six months.¹⁶⁴</p>	<p><i>Os títulos do Estado e da Al Jazeera enfatizam o aspecto de crise humanitária na cidade de Madaya, enfatizando a “falta de vida” e a fome. A linha fina do Estado usa a referência da Acnur para destacar a situação “terrível”, enquanto que a da Al Jazeera aponta o número dos que “morreram de fome”. Ambos os títulos buscam enfocar o cerco pelo seu aspecto emocional, levando à conclusão de “desumanidade” do responsável pela manobra. (traduções nossas)</i></p>

¹⁶⁴ “Sobrevivência em Madaya: 'Estamos vivendo à base de água e sal'. Linha fina: Cerca de duas dezenas de pessoas já morreram de fome na cidade síria, que está sob cerco há seis meses.” (tradução nossa)

Elemento	O Estado de SP	Al Jazeera	Observações
	12/01/2016	08/01/2016	
Lide	<p>GENEBRA - Uma cidade com gente, mas sem vida. Foi assim que um dos altos funcionários da ONU explicou a situação de Madaya, cidade síria na fronteira com o Líbano que, depois de seis meses de bloqueio, começou na segunda-feira a receber alimentos e outros suprimentos enviados por organizações de ajuda humanitária. Para a entidade, porém, as 42 mil pessoas do local "conviviam com a morte, desnutrição e uma situação de desespero".</p>	<p>Life has become a grim exercise in survival for thousands of families in the Syrian town of Madaya, where the consequences of a six-month siege have been exacerbated by the onset of winter. Harrowing images of emaciated bodies have been widely distributed, showing wide-eyed babies without access to milk, and elderly men with cavernous rib cages. Around two dozen people have already starved to death and scores more are suffering from malnutrition.¹⁶⁵</p>	<p><i>Embora o fato em si seja o fim do cerco e a liberação de suprimentos, a notícia do Estado destaca os aspectos anteriores, o tempo do bloqueio e a convivência com a "morte, desnutrição, desespero". Al Jazeera usa o Lide para enfatizar o "severo exercício de sobrevivência" em consequência do cerco de seis meses à cidade. Destaca a grande "distribuição" de imagens de corpos macilentos, bebês com olhos fundos e "sem acesso a leite" e velhos esqueléticos, e repete o número de duas dúzias de pessoas que teriam morrido de fome. (traduções nossas)</i></p>
2º parágrafo	<p>Sitiar populações se transformou, nos últimos dois anos, em uma das táticas do governo de Bashar Assad para punir locais que tenham dado espaço para opositores, ainda que moderados. Para a ONU, tal prática é um "crime de guerra". Falando por telefone da Síria a um grupo de jornalistas, Hajjad Malik, representante do Alto Comissariado da ONU para Refugiados (Acnur), descreveu o cenário da cidade sitiada. "Em Madaya há pessoas, mas não vida. Não há comida, luz e aquecimento diante das baixas temperaturas", alertou. "É algo terrível."</p>	<p>"A lot of people are surviving on water and salt only," said a humanitarian activist in Madaya, who spoke to Al Jazeera on condition of anonymity due to security concerns. "They dissolve salt into the water just to kill the hunger pangs they are dying from. Malnourishment is killing people." The activist said that his family was the same. His children are now in Lebanon, but he and his wife are lucky to have a meal every few days - often just a single cup of rice shared between the two of them. "Like others, we are living on water and salt most of the time, just liquids." Citric acid is also used to stave off hunger pangs, he said.¹⁶⁶</p>	<p><i>O Estado apresenta o responsável, o governo sírio, como quem possui "táticas para punir quem apoia opositores", sendo que "sitiar populações" é mais uma delas, considerada crime de guerra pela ONU. Al Jazeera continua a falar da fome e da desnutrição, dando relato de primeira mão, "anônimo por questões de segurança" – Diz que "muitas pessoas vivem à base de água e sal", e que ele e a família também. Porém, seus filhos estão no Líbano, e que ele e a mulher fazem uma refeição diária, depois diz que consome, como outros,</i></p>

¹⁶⁵ "A vida tornou-se um exercício severo na sobrevivência para milhares de famílias na cidade síria de Madaya, onde as consequências de um cerco de seis meses foram acentuadas pela chegada do inverno. imagens angustiantes de corpos desfalecidos têm sido amplamente distribuídas, mostrando bebês de olhos arregalados, sem acesso ao leite, e os homens idosos com caixas torácicas cavernosas. Cerca de duas dúzias de pessoas já morreram de fome e outras sofrem de subnutrição" (tradução nossa)

¹⁶⁶ "Muitas pessoas estão sobrevivendo apenas com água e sal", disse um ativista humanitário em Madaya, que falou a Al Jazeera em condição de anonimato devido a preocupações com sua segurança. 'Eles dissolvem sal na água apenas para matar a fome que os está matando. A desnutrição está matando as pessoas.'. O ativista disse que na sua família era a mesma coisa. Seus filhos estão agora no Líbano, mas ele e sua esposa têm a sorte de ter uma refeição a cada poucos dias. Muitas vezes apenas uma única xícara de arroz compartilhada entre os dois 'Como outros, que estão vivendo à base de água e sal a maior parte do tempo, consumimos apenas líquidos'. 'O ácido cítrico é usado também para evitar dores de fome', disse ele." (tradução nossa)

Elemento	O Estado de SP	Al Jazeera	Observações
	12/01/2016	08/01/2016	
			<i>“somente líquidos”. (traduções nossas)</i>
3º parágrafo	De acordo com seu levantamento, mais da metade da população de Madaya é composta por crianças . Por isso, a primeira leva de abastecimento ao local foi direcionada a alimentos altamente energéticos. Nesta terça-feira, espera-se que leite também seja distribuído para amenizar dezenas de casos de mães que já não conseguem amamentar em razão de sua própria desnutrição. Nas últimas semanas, os preços do pouco alimento no local explodiram . Um quilo de arroz estava custando mais de US\$ 250 e 900 gramas de leite em pó valia até US\$ 300. Maliki alerta, porém, que não basta realizar apenas uma entrega de alimentos. “Não servirá de nada se, amanhã, tudo voltar ao que estava antes e o bloqueio for estabelecido”, disse.	The Syrian regime announced late on Thursday that aid would soon be allowed into Madaya, but it was unclear how the aid would be delivered. Hezbollah, which has been working alongside the Syrian regime in border areas but denied responsibility for the siege , also confirmed that aid would soon be allowed in. Ahmad Tarakji, president of the Syrian American Medical Society , which has been helping to organise the distribution of food in Madaya, said the announcement was expected. But he cautioned that similar aid deliveries in the past have been followed by mass forced displacement of civilians . Many other areas of Syria remain under similar sieges , some having lasted for years, Dr Tarakji said. ¹⁶⁷	<i>O Estado mostra levantamento da Acnur, onde metade de Madaya são crianças. Aponta também que há alimento sendo vendido com preços exorbitantes, e que é necessário que o bloqueio seja eliminado, e não apenas interrompido. Al Jazeera enfatiza que o “regime sírio” anunciou que “logo” a ajuda será permitida, mas enfatiza a falta de clareza. Também aponta testemunho de que outros casos de permissão de entrada de ajuda em cidades citiadas foram seguidos de “deslocamento de civis”. (traduções nossas).</i>

¹⁶⁷ “O regime sírio anunciou na quinta-feira que em breve seria permitida a entrada de ajuda em Madaya, mas não estava claro como o auxílio chegaria. O Hezbollah, que tem trabalhado ao lado do regime sírio nas fronteiras, mas negou a responsabilidade pelo cerco, também confirmou que o comboio de ajuda em breve teria permissão de entrar na cidade. Ahmad Tarakji, presidente da Sociedade Sírio-Americana de Medicina, que tem ajudado a organizar a distribuição de alimentos em Madaya, disse que o anúncio era esperado. Mas advertiu que as entregas de ajuda semelhantes no passado foram seguidas por deslocamento forçado, em massa, de civis. Muitas outras áreas da Síria permanecem sob cercos semelhantes, alguns há anos, disse o Dr. Tarakji.” (tradução nossa)

Elemento	O Estado de SP	Al Jazeera	Observações
	12/01/2016	08/01/2016	
Conclusão	<p>Segundo a ONU, 4,5 milhões de sírios precisam ser alimentados e, desse total, 400 mil vivem em cidades sitiadas. Em Madaya, um total de 47 caminhões foram autorizados a entrar no local, no primeiro acesso de grupos humanitários autorizado desde outubro. Outros 21 caminhões foram enviados para as cidades de Fua e Kefraya, na Província de Idlib. A ONU admite que, até agora, não conseguiu contabilizar o número de mortos pela fome na cidade de Madaya. Segundo a OMS, porém, os únicos três médicos na cidade confirmaram um "elevado número de mortes por falta de comida". O porta-voz [...] da ONU, Jens Laerke, disse também que está sendo negociada a retirada de cerca de 400 pessoas, justamente para permitir que recebam tratamento médicos. [...].</p>	<p>Some activists in Madaya blame not only the regime for their situation, but also the United Nations, which has been involved in brokering local ceasefires. In late December, rebel fighters withdrew from Zabadani, near Madaya, and civilians were evacuated from Fua and Kefraya, two villages in Idlib province under rebel siege. Some fighters also withdrew from Madaya.</p> <p>"The wounded fighters left, but the siege never stopped," the activist in Madaya said. "The UN is the supervisor of this deal between the two sides, but they are not fulfilling their promises."¹⁶⁸</p>	<p>O Estado destaca números gerais sobre a fome na guerra como um todo, porém diz também que a ONU não havia sido capaz de contabilizar os mortos, divulgando a confirmação de "elevado número de mortes", fornecida por médicos locais. Também fazem referência menor à cidade de Fouaa e Kefraya, que também vem sofrendo cerco, só que dos opositores do governo. Al Jazeera aponta a culpa não apenas do governo, mas da própria ONU, que supervisiona os acordos de cessar fogo. Alegando que os cercos rebeldes a Fouaa e Kefraya foram finalizados, diz que o de Madaya continua, e que a ONU não teria cumprido sua parte. (traduções nossas)</p>

Fonte: Babel Hajjar, 2016

Tabela 12– As cidades sírias de Madaya, Kefraya e Fouaa, na visão do *contra fluxo*

Elemento	Al Masdar News	Al Masdar News	Observações
	08/01/2016	02/09/2015	
Título	<p>Hezbollah denies accusations of 'starving civilians in Madaya'¹⁶⁹</p>	<p>Syria holds Turkey fully responsible for any crime committed by terrorists in al-Fou'a and Kefraya towns¹⁷⁰</p>	<p>As matérias do Al Masdar News dão voz a grupo Hezbollah e ao governo Sírio, no caso do cerco às cidades. O primeiro título coloca em dúvida a acusação de 'civis morrendo de fome', enquanto que o segundo</p>

¹⁶⁸ "Alguns ativistas em Madaya culpam não apenas o regime pela sua situação, mas também as Nações Unidas, que estiveram envolvidas na negociação de cessar-fogo local. No final de dezembro, combatentes rebeldes se retiraram do Zabadani, perto Madaya e civis foram evacuados de Fouaa e Kefraya, duas aldeias na província de Idlib sob cerco dos rebeldes. Alguns combatentes [rebeldes] também se retiraram de Madaya. 'Os combatentes feridos partiram, mas o cerco nunca parou', disse o ativista em Madaya. 'A ONU é o supervisor deste acordo entre os dois lados, mas eles não estão cumprindo suas promessas'". (tradução nossa)

¹⁶⁹ "Hezbollah nega acusações de 'civis famintos em Madaya'" (tradução nossa)

¹⁷⁰ "Síria atribui à Turquia total responsabilidade por qualquer crime cometido cidades por terroristas nas cidades de al-Foua e Kefraya" (tradução nossa)

Elemento	Al Masdar News 08/01/2016	Al Masdar News 02/09/2015	Observações
			<i>evidencia as crises de Fouaa e Kefraya cerca de 4 meses antes das matérias de Madaya tomarem conta dos noticiários. (traduções nossas)</i>
Lide	Yesterday, a representative of the Lebanese resistance-militia Hezbollah released a statement in response to Syrian rebel groups and several western media outlets which have accused Hezbollah of blocking goods from reaching 40.000 civilians inside Madaya. ¹⁷¹	In two letters addressed to the UN Secretary-General and the head of the Security Council on Tuesday, the Syrian Foreign and Expatriates Ministry condemned the silence of the Security Council over the crimes committed against civilians in al-Fou'a and Kefraya by the terrorists besieging the town, particularly the silence of certain states that boast of fighting terrorism. ¹⁷²	<i>O Lide da primeira matéria informa que o Hesbollah emitiu uma resposta sobre as acusações feitas por "grupos rebeldes e veículos da mídia ocidental" sobre o bloqueio imposto a Madaya. Na segunda matéria, o Ministro sírio emite carta à ONU condenando o silêncio da comunidade internacional sobre Fouaa e Kefraya. (traduções nossas)</i>
2º parágrafo	Madaya is a rebel-held town which is geographically situated near the Lebanese border and just 3 kilometers from Zabadani; however, the Syrian Army (SAA) and Hezbollah have enforced a blockade on Madaya until local rebels give up their weapons and sue for amnesty. Eight significant Hezbollah points were made to adress the issue:1. Tens of trucks carrying food and medical supplies were delivered to Madaya and Serghaya on the 18th of October. More will be brought in the week to come. 2. Madaya has been held hostage for months by 600 militants – these rebels are made up roughly by 60 % Ahrar al-Sham, 30 % Jabhat al-Nusra and 10 % the Free Syrian Army. ¹⁷³	The Ministry said that the terrorist organizations, which are backed by the Saudi, Qatari, and Turkish governments, didn't stop at besieging the towns and preventing food, drink, medicine, and fuel from entering them in a bid to starve their locals; rather the terrorist organizations have also been targeting the towns on daily basis with explosive shells, killing and injuring civilians, most of them women, children, and elderly people. ¹⁷⁴	<i>A primeira matéria explica que Madaya é uma cidade próxima à fronteira do Líbano e tomada por rebeldes. O parágrafo começa uma lista de explicações sobre a fome, iniciando com a entrada de "dezenas" de caminhões em outubro, e o fato da cidade ser refém de três organizações "rebeldes". Na segunda matéria, chama a atenção a descrição do cerco às cidades meses antes, por rebeldes apoiados no exterior, e ações contra civis. Ambas as matérias reportam declarações de ponto de vista menos explorado na guerra na Síria. (traduções nossas)</i>

¹⁷¹ "Ontem, um representante da resistência libanesa Hezbollah divulgou um comunicado em resposta a grupos rebeldes sírios e vários meios de comunicação ocidentais, que acusaram o grupo de impedir que os suprimentos de chegarem a 40.000 civis dentro de Madaya." (tradução nossa)

¹⁷² "Em duas cartas dirigidas ao Secretário-Geral da ONU e ao chefe do Conselho de Segurança na terça-feira, o Ministério das Relações Exteriores e Expatriados da Síria condenaram o silêncio do Conselho de Segurança sobre os crimes cometidos contra civis em al-Fou'a e Kefraya pelos terroristas que fazem cerco à cidade, especialmente o silêncio de certos estados que se vangloriam de combater o terrorismo."

¹⁷³ "Madaya é uma cidade controlada pelos rebeldes, geograficamente situada perto da fronteira libanesa e apenas a 3 km de Zabadani; no entanto, o Exército Sírio (SAA) e o Hezbollah têm imposto um bloqueio sobre Madaya até os rebeldes locais abrirem mão de suas armas e pedirem pela anistia. Para abordar o problema, o Hezbollah identificou oito pontos relevantes: 1. Dezenas de caminhões que transportam alimentos e suprimentos médicos foram entregues a Madaya e Serghaya no dia 18 de outubro. Mais virão na semana que vem.

Elemento	Al Masdar News 08/01/2016	Al Masdar News 02/09/2015	Observações
3º parágrafo	<p>3. Armed groups in Madaya control food supplies within the town and sell to whoever can afford it; thus, starvation is widespread among poor civilians.</p> <p>4. Madaya was not under siege until militants began to use it as a base from which they launched shells and attacks towards Hezbollah and the SAA inside the town of Zabadani.</p> <p>5. Militants use inhabitants of Madaya as human shields and as a political card to further their propaganda campaign.¹⁷⁵</p>	<p>The letters said that these crimes committed by terrorist organizations including Jabhat al-Nusra and Ahrar al-Cham that murder anyone who disagree with them, crimes which are carried out under logistic support and direct instructions from the Turkish leadership, constitute a continuation of a series of methodical terrorism targeting the Syrian people.¹⁷⁶</p>	<p><i>Sobre a fome em Madaya, o depoimento do Hezbollah colocam os rebeldes como responsáveis pelo controle dos suprimentos de comida, provocando fome; e pelo cerco da cidade, por conta de ataques feitos dali para outra cidade Denuncia o uso de “escudos humanos” por parte dos rebeldes. Na outra matéria, denuncia os crimes salafistas e o apoio turco a estes. (traduções nossas)</i></p>
Conclusão	<p>6. There have been many attempts by inhabitants of Madaya to leave the town but the militants block any such efforts.</p> <p>7. There are negotiations for 300 militants to hand themselves in to authorities but the remaining militants have refused to allow such a deal.</p> <p>8. Finally, the goals of those behind the Madaya smear campaign are obviously to tarnish the image of the Lebanese resistance and Syrian government.¹⁷⁷</p>	<p>Syria called on the Security Council to implement its counterterrorism resolutions immediately in cooperation with the Syrian government which is bearing the brunt of combating terrorism in Syria, and also demanded that the practices of the states that support and fund terrorists – particularly Saudi Arabia, Qatar, and Turkey – be exposed and stopped. The letters concluded by saying that the time has come to act instead of remaining silent over the crimes of terrorists and their supporters, and that the international community must hold the sides</p>	<p><i>Na primeira matéria, o Hezbollah alega que os rebeldes impedem a saída de habitantes, e que dos 600, 300 rebeldes não aceitam rendição – concedida com anistia. Conclui que Madaya tem sido usada como uma campanha de difamação contra o Hezbollah o governo Sírio. A segunda matéria finaliza com o pedido sírio junto à ONU para implementação de medidas antiterroristas, e a exposição dos países que apoiam grupos terroristas na Síria: “é chegado o tempo de agir” e a comu-</i></p>

2. Madaya foi mantida refém durante meses por 600 militantes - esses rebeldes são constituídos por cerca de 60% Ahrar al-Sham, 30% Jabhat al-Nusra e 10% do Exército Sírio Livre.” (tradução nossa)

¹⁷⁴ “O ministério disse que as organizações terroristas, que são apoiadas pelos governos da Arábia Saudita, do Catar, e da Turquia, não se contentaram em apenas cercar a cidade e impedir a entrada de comida, bebida, remédios e combustível em uma tentativa de privar os seus moradores; os grupos terroristas também têm alvejado as cidades diariamente com granadas explosivas, matando e ferindo civis, a maioria mulheres, crianças e idosos.” (tradução nossa)

¹⁷⁵ “3. Os grupos armados em Madaya têm controle do abastecimento de alimentos da cidade e vendem para quem pode pagar; Assim, a fome é generalizada entre os civis mais pobres. 4. Madaya não estava sob cerco até que os militantes começaram a usá-la como uma base a partir da qual eles lançaram granadas e outros ataques dirigidos ao Hezbollah e ao Exército Nacional Sírio dentro da cidade de Zabadani. 5. Militantes usam os habitantes de Madaya como escudos humanos e como uma jogada política para promover sua campanha de propaganda.” (tradução nossa)

¹⁷⁶ “As cartas dizem que esses crimes, cometidos por organizações terroristas, incluindo Jabhat al-Nusra e Ahrar al-Cham, que matam qualquer um que não concorde com eles, são realizadas com o apoio logístico e instruções diretas da Turquia, e constituem a continuidade de uma série de ataques contra o povo sírio.” (tradução nossa)

¹⁷⁷ “6. Tem havido muitas tentativas de habitantes de Madaya deixarem a cidade, mas os militantes bloqueiam quaisquer esforços neste sentido. 7. Há negociações para que 300 militantes se entreguem para as autoridades, mas os militantes remanescentes se recusam a permitir tal acordo. 8. Finalmente, os objetivos daqueles por trás da campanha de difamação de Madaya são, obviamente, manchar a imagem da resistência libanesa e do governo sírio.” (tradução nossa)

Elemento	Al Masdar News	Al Masdar News	Observações
	08/01/2016	02/09/2015	
		that prevent the Security Council from fulfilling its duties responsible for failing to combat terrorism. ¹⁷⁸	<i>nidade internacional deve conter os lados que impedem o Conselho de Segurança de cumprir seus deveres. (traduções nossas)</i>

Fonte: Babel Hajjar, 2016

Resultados: As mídias do *fluxo dominante* utilizaram o apelo emocional para caracterizar o governo sírio e o grupo Hezbollah como perpetradores de “crimes de guerra”, e o argumento da morte por inanição foi largamente utilizado nos textos analisados. Há informações paradoxais no que concerne aos números, que puderam ser apurados e divulgados na casa dos milhões, mas não foram precisamente levantados quanto ao número de mortos em uma cidade de 40 mil habitantes. A informação da Al Jazeera exibe um número impreciso, “duas dúzias” de mortos por inanição, e data de quatro dias antes da que a d’O Estado de São Paulo. Esta e outras inconsistências demonstram a preocupação com a denúncia maior do que com a acurácia. Já os relatos do *contra fluxo* exibem certa instrumentalidade burocrática, e respondem as acusações com a versão do governo sírio e Hezbollah. Destaca-se a denúncia sobre as vilas xiitas de Fouaa e Kefraya, dado pelo ministro sírio no mesmo tom que, meses depois, a mídia falaria sobre Madaya. Os tons de ambas as matérias do *contra fluxo* demonstra a seriedade que os assuntos demandam, chamando à responsabilidade a quem esta é devida.

¹⁷⁸ “A Síria pediu ao Conselho de Segurança para implementar suas resoluções de contraterrorismo imediatamente, em cooperação com o governo sírio, que está arcando com o ônus do combate ao terrorismo no país, e também exigiu que as práticas dos estados que dão suporte e financiamento aos terroristas - em particular a Arábia Saudita, Qatar, e Turquia – sejam expostas e parem de fazê-lo. As cartas concluem dizendo que chegou o momento de agir em vez de permanecer em silêncio sobre os crimes dos terroristas e seus apoiadores, e que a comunidade internacional deve se posicionar junto aos que impedem que o Conselho de Segurança cumpra seus deveres de combater o terrorismo.” (tradução nossa)

6. DISCUSSÃO

Os resultados indicam que há diferenças perceptíveis na cobertura da guerra na Síria feita pelas mídias do *fluxo dominante* e pelas do *contra fluxo*. Esta diferença se nota no número de notícias, editoriais e artigos de opinião que cada grupo publicou no período analisado; também se percebe nas ênfases dadas às versões da oposição síria e do governo sírio em diferentes situações, constatado tanto em levantamentos quantitativos quanto qualitativos.

Em relação aos aspectos qualitativos, as narrativas dos dois grupos de mídia dão ênfases distintas e não equivalentes às posições geopolíticas dos países em ação na guerra da Síria. Não são equivalentes, pois, embora as mídias do *contra fluxo* se posicionem com relação aos diferentes aspectos da Guerra, este posicionamento é reativo e pontual havendo heterogeneidade entre as mídias do mesmo grupo, ao passo que no fluxo dominante sua interpretação é mais proativa e mais homogênea se comparado com as mídias do mesmo grupo, defendendo na maioria dos casos um mesmo ponto de vista em relação à guerra. Os resultados sugerem que as mídias do *fluxo dominante* possam ser operadoras de um modelo de propaganda transnacional, que se baseia primeiramente na frequência de exposição dos temas relevantes, que devem ser mantidos como pautas prioritárias das mídias, como forma de pressionar governos e opinião pública a fim de favorecer o cumprimento de uma agenda. Esta frequência de exposição, por sua vez, é favorecida por clichês, ou rótulos, de compreensão rápida, que substituem a análise mais aprofundada. Assim, a versão de uma guerra civil síria, onde sírios revoltos de um secto majoritário buscaram combater o governo repressivo de secto minoritário e controlador do país, foi o rótulo árabe-islâmico que satisfaz a mídia hegemônica ocidental na explicação cotidiana que esta forneceu do conflito em curso.

6.1. OS VEÍCULOS E OS NÚMEROS SOBRE A SÍRIA

Seguindo o exemplo do *modelo de propaganda* (HERMAN e CHOMSKY, 2003), e buscando adaptá-lo à realidade da mídia global e ao contexto da guerra na Síria, as análises

quantitativas buscaram detectar vieses na leitura dos diferentes grupos de mídia. Primeiramente optou-se por exibir os resultados gerais por veículo, visando a obtenção de um panorama da participação individual de cada mídia analisada no volume de notícias a que os leitores sobre a guerra na Síria foram submetidos. Para o *modelo de propaganda*, a presença ou ausência de notícias sobre um determinado assunto é parte constituinte, à medida que a presença da informação cria a opinião pública (HERMAN e CHOMSKY, 2003, p. 96); e fortalece a autorreferência jornalística, por meio da qual todos os veículos passam a ter opinião semelhante. (MARCONDES FILHO, 2002, p. 68).

Assim, podemos afirmar, pela comparação com os números de 2010 (Tabela 1) que a Síria certamente entrou no escopo da mídia. Nenhum dos veículos analisados diminuiu o número de matérias sobre a Síria em qualquer ano após o início da guerra e, até 2015, nenhum veículo tinha reduzido seu número de publicações sobre a Síria aos valores de 2010. Dos oito veículos analisados, apenas *O Estado de São Paulo* e *Le Monde Diplomatique Brasil* arrefeceram sua cobertura sobre a Síria, mostrando tendência de queda do interesse editorial em 2015.

Além de a mídia ter intensificado sua atenção à Síria, os dois maiores veículo em quantidades de notícias analisados aqui deram mais atenção a esta do que a outros países que enfrentaram “primaveras árabes” violentas, como Iêmen e Bahrein¹⁷⁹. Em 2011, a Síria foi citada em 656 notícias do jornal The New York Times, enquanto que Iêmen e Bahrein foram citados em 474 e 314 matérias, respectivamente. No jornal O Estado de São Paulo, a Síria foi citada em 385 matérias em 2011; no mesmo ano, Bahrein foi citado 113 matérias, e o Iêmen em 203. Vale destacar que, no combate às suas populações revoltas, os governos do Iêmen e do Bahrein receberam apoios militares da Arábia Saudita, uma monarquia reconhecidamente aliada do Ocidente. A presença ostensiva na mídia de opositores geopolíticos, e a ausência, ou exposição reduzida, de aliados do Ocidente são alguns dos resultados perceptíveis de um modelo de propaganda em operação na mídia global.

A comparação do volume de notícias citando “Síria” desde 2010 nos dá a ideia do peso que representam os conglomerados de mídia que compõem o *fluxo dominante*, e o quão

¹⁷⁹ Em 2011, a Síria foi citada em 656 notícias do jornal The New York Times (caderno “World”). O Iêmen foi citado em 474 e o Bahrein em 314 matérias. O Iêmen, que seguiu em conturbada situação, culminando em uma guerra em 2015, foi citado, de 2011 a 2015, em 1343 matérias no NYT, enquanto que a Síria foi citada em 5573. No jornal O Estado de São Paulo, a Síria foi citada em 385 matérias em 2011; no mesmo ano, Bahrein foi citado 113 matérias, e o Iêmen em 203. De 2011 a 2015, a Síria apareceu em 1864 notícias no *Estado*, enquanto que o Iêmen é citado em 508. (fonte: levantamentos do pesquisador)

frequentemente se colocam a público as suas versões dos acontecimentos. Em cima destas quantidades, existe a citada autorreferência de Marcondes Filho (MARCONDES FILHO, 2002).

A Síria não esteve presente somente em matérias sobre o país, mas sua iminente crise foi destacada em notícias sobre outros países que atravessaram a chamada “Primavera Árabe”, como Líbia, com a qual foi muito comparada¹⁸⁰, além de Egito, Tunísia, Iêmen e outros. Foi mencionada e lembrada também por sua posição de destaque nas relações com Irã e com este dar suporte ao “Eixo de Resistência” que formam com o partido Hezbollah, no Líbano¹⁸¹ (e do qual fazia parte o Hamas em Gaza, até o início da guerra na Síria).

A despeito da questão humanitária e de direitos humanos que os jornais ocidentais, do Fluxo midiático dominante, insistiram em utilizar como justificativa para a atenção dispensada à Síria, a alta presença desta no noticiário ocidental pode talvez ser compreendida pela sua importância estratégica, em um local de grande disputa internacional. Mas esta não é a única explicação possível para tal presença na mídia, ou então o *New York Times*, por exemplo, publicaria mais matérias sobre o Reino da Arábia Saudita, de enorme importância estratégica para os Estados Unidos, e que foi mencionado pelo veículo apenas 24 vezes em 2010, enquanto que a Síria foi citada em 137 matérias no mesmo ano.¹⁸² Pela ideia refletida sobre a importância da frequência da exposição, no *modelo de propaganda*, e pela baixa autorreferência que um número pequeno de exposições provoca, este fato pode sugerir que a Arábia Saudita, uma monarquia absolutista com graves problemas de desrespeito aos direitos humanos, acaba sendo protegida da opinião pública por não estar no jornal.

6.1.1. Diferenças entre o *fluxo dominante* e o *contra fluxo*

Enquanto o grupo de mídias do *fluxo dominante* representaram 82,5% do total de notícias produzidas para a Síria constantes desta pesquisa, o *contra fluxo* publicou os outros

¹⁸⁰ “Dissent in Syria emerges as front line of Arab uprisings”. **The New York Times**, por Anthony Shadid, em 22 ago.2011. Disponível em <<http://www.nytimes.com/2011/08/23/world/middleeast/23syria.html>>. Acesso em 18 mai.2016.

¹⁸¹ “Thousands in Lebanon demand Hezbollah be disarmed”. **The New York Times**, por The Associated Press, em 13 mar.2011. Disponível em <<http://www.nytimes.com/2011/03/14/world/middleeast/14lebanon.html>>. Acesso em 18 mai.2016.

¹⁸² Dados levantados pelo pesquisador.

17,5% (Tabela 2). Certamente devemos levar em consideração que a escolha de veículos da análise não buscou como pré-requisito uma equivalência em termos de porte ou alcance das empresas de mídia, pelos motivos explanados na escolha das fontes, no Capítulo 4, onde se explicou também a forma de ponderação dos dados, conforme a quantidade de matérias do jornal que relativiza os resultados a cada mídia, suavizando a diferença da quantidade de matérias entre as mídias e, assim, permitindo a comparação entre elas. Ainda assim, a disparidade no volume de matérias pode ser indicativa, no *fluxo dominante*, de uma maior autorreferência jornalística, ou seja, pauta-se o que já está pautado pelo próprio veículo, como também aquilo que os outros jornais do mesmo fluxo têm pautado.

Uma menor cobertura sobre a Síria, por parte dos veículos não ocidentais, no período anterior e no início da guerra, pode ser indicativa de um foco da organização de mídia, dimensionado seu orçamento, para prioridades locais ou específicas, como também pode ser expressão de uma postura não hegemônica dos veículos do *contra fluxo* – ao menos no que se refere à Síria. Em qualquer uma das hipóteses, é razoável supor que as mídias do *contra fluxo* não se deslocaram para cobrir a Síria até que uma boa razão para isto, como a guerra, surgisse e representasse uma ameaça aos interesses dos países de onde falam estas mídias.

Na citada presença da Síria nas notícias do ano anterior à guerra, 2010, o *fluxo dominante* já acompanhava os desenvolvimentos no país com frequência maior do que as mídias do *contra fluxo*, ou seja, sua interpretação da guerra que se inicia em 2011 parte de uma Síria que já é referenciada e conhecida pelo público leitor. Por exemplo, em 2010 o *New York Times* acompanha de perto a visita do atual secretário de Estado John Kerry¹⁸³ à Síria, em negociação com Bashar al-Assad para o retorno de um Embaixador, retirado desde que os Estados Unidos acusaram o país de envolvimento na morte do primeiro-ministro Rafik Hariri, do Líbano, em 2005; por conta deste fato, a postura síria e seu envolvimento com o Hezbollah são repetidamente mencionados em todas as matérias onde se faz referência ao tribunal que investiga o assassinato¹⁸⁴; pelo mesmo envolvimento com o Hezbollah, em 2010 a Síria foi acusada por Israel de fornecer armas ao grupo libanês¹⁸⁵, e esta foi a justificativa dada pelos Estados Unidos – sem provas – para renovarem as sanções contra o país, em vigor desde 2003. Ainda assim, Robert Ford foi designado para o cargo de embaixador no final de

¹⁸³ Ver nota 35.

¹⁸⁴ “Tribunal names 4 in ’05 killing of lebanese leader”. **The New York Times**, por Nada Bakri, em 30 jun.2011. Disponível em < <http://www.nytimes.com/2011/07/01/world/middleeast/01lebanon.html>>. Acesso em

¹⁸⁵ Ver nota 37.

2010¹⁸⁶, se destacando como grande articulador das oposições sírias e um dos maiores defensores do fornecimento de armas aos rebeldes¹⁸⁷.

Estes exemplos levam à compreensão do que significa uma mídia atuando como ferramenta de propaganda de um governo e a influência geopolítica deste no Oriente Médio. As sanções econômicas contra a Síria, dentre outros fatores, tiveram influência na busca do governo por alianças locais, por exemplo, com o vizinho e atual inimigo Turquia; e auxiliaram a intensificar o processo de liberalização da economia como cita Dostal (2014, p. 40-42), para o qual o país estava longe de estar preparado, dado seu histórico estrutural de quatro décadas como Estado rentista, somado aos fatores conjunturais da primeira década de Bashar al-Assad como presidente – diminuição das receitas do petróleo, receio de ser o próximo alvo da Guerra ao Terror, sanções, expulsão do seu exército do Líbano, e aceleração da liberalização da economia e suas diversas implicações para a sociedade Síria. Em comparação ao Ocidente, representado pelas mídias do *fluxo dominante*, os veículos do *contra fluxo* refletiram um menor nível de interferência geopolítica sobre o Oriente Médio, mais pontual e reativo e, principalmente, refletiram um nível menor de união entre seus países.

Por mais globalizadas que sejam as mídias do *contra fluxo*, como se poderia alegar sobre o *Russia Today*, por exemplo, seu esforço e desempenho não se comparam aos dos conglomerados midiáticos ocidentais, a maioria estadunidense, e todo o ferramental de propaganda de que dispõem – propaganda aqui empregada em seu sentido amplo, da produção de subjetividade em larga escala, mencionada por Herman e Chomsky (2003, p. 18) da indústria do entretenimento, ou pelo que Marcondes Filho (p. 114-116) chama de *indústria da consciência*, tomando o conceito emprestado de Habermas. Somente a iniciativa *BBG - Broadcasting Board of Governors*, agência estatal americana para divulgação internacional, opera com orçamento para 2016 na casa de 750 milhões de dólares, enquanto que o canal de TV *Russia Today* opera com cerca de 250 milhões de dólares, quantia pequena para um conglomerado midiático ocidental, privado, que é da ordem de bilhões¹⁸⁸. Mas não se trata apenas de desempenho institucional isolado. Não há uma “união não ocidental” equiparável àquilo que chamamos de Ocidente, e as mídias replicam este fato em sua concepção editorial.

¹⁸⁶ Ver nota 36.

¹⁸⁷ “Arming Syrian rebels: Where the US went wrong”. BBC News, por Tara McKelvey, em 25 out.2016. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/magazine-33997408>>. Acesso em 7 ago.2016.

¹⁸⁸ “These 6 corporations control 90% of the media in America”. Business Insider, por Ashley Lutz, em 14 jun.2012. Disponível em: <<http://www.businessinsider.com/these-6-corporations-control-90-of-the-media-in-america-2012-6?r=US&IR=T&IR=T>>. Acesso em 6 ago.2016. Ver também nota 90.

6.1.2. Editoriais e artigos de opinião

Nos dados da Tabela 3, constata-se que as mídias do *contra fluxo* produziram 24,3% de editoriais em relação às notícias que publicaram, mas o fizeram de modo concentrado em 2014 e 2015, enquanto que a produção do *fluxo dominante* foi mais constante em todos os anos, em média 3,7% do total de matérias. Vale lembrar que, a fim de ponderar as diferentes quantidades de notícias, os números são percentuais relativos ao número total de notícias (caderno internacional ou equivalente) produzidas no período, 8976 para o *fluxo dominante*, consequentemente um número muito grande de editoriais, apesar do percentual baixo e 1900 para o *contra fluxo*. O número de 24,3 % de editoriais sobre o total nos dá a ideia do tempo relativo dispendido do *contra fluxo* na emissão de opiniões assinadas pelos veículos, em comparação ao que dispendeu o *fluxo dominante*, ainda assim produzindo muito mais informações. Talvez esta seja uma medida para o que o *Russia Today* chamou de “Guerra de informações”, em um de seus títulos, analisado neste trabalho.

Dois dos quatro veículos do *fluxo dominante* são jornais tradicionais, *The New York Times* e *O Estado de São Paulo*, e são estes os que elevam o número de editoriais do grupo. Ainda no *fluxo dominante*, *Le Monde Diplomatique Brasil*, que possui seu editorial de fundo em destaque no site, no que concerne à Síria só publicou um, em 2015; *Al Jazeera* não publicou editoriais no site avaliado. É possível também que exista uma tendência dos veículos estruturados no formato *online* terem menor preocupação quanto à autoria da sua opinião, sendo indicativo de concepções editoriais distintas, específicas dos tipos de mídia.

No tocante ao grupo de mídias do *contra fluxo*, o canal de TV *Russia Today* passou a assinar matérias como *RT Editorial* apenas no ano de 2014, mas só localizamos uma, referente à Síria, no ano de 2015. Já o jornal *online Asia Times*, comprado por um grupo de Hong Kong em 2015, passou por reestruturação e publicou, naquele ano, 71 editoriais e matérias assinadas pelo jornal para 80 matérias regulares sobre a Síria, um número bastante elevado em relação ao número de matérias, se comparado com os do fluxo hegemônico. Antes disso, o *Asia Times* não publicou editoriais sobre a Síria. Por fim, o grupo *Al Masdar News*, desde sua inauguração em 2014, publica editoriais e matérias assinando como *Editor's Desk*,

Por outro lado, o percentual de artigos de opinião do grupo de mídia do *contra fluxo*, em relação às matérias que publicaram, foi bastante alto – e em alguns casos superou o número de notícias (Tabela 4). Este comportamento pode ser indício de aspectos operacionais

ligados ao funcionamento das novas redações *online* e o papel do público leitor, cuja participação na criação de conteúdo dos jornais é crescente, e não mais exclusiva dos jornalistas. (GREENE-GONZÁLEZ e LECAROS-MENÉNDEZ, 2015). As organizações podem também estar suprimindo a carência de fornecimento de informações sobre um dado assunto, no caso a guerra na Síria, com opiniões externas e abrindo maior acesso ao público, gerando assim visitação e, conseqüentemente, receitas.

Os gráficos 3, 4 e 5, de correlação estatística, apontam que o crescimento de editoriais e de opiniões estão associados ao aumento do número de notícias – quanto mais notícias foram publicadas sobre a Síria, maior foi o número de editoriais e artigos de opinião. Esta correlação, no entanto, se mostra mais forte no grupo de mídias do *fluxo dominante* do que no do *contra fluxo*, tanto para editoriais quanto artigos de opinião. Conseqüentemente, há correlação entre o número de editoriais e artigos de opinião verificada no *fluxo dominante*, mas que não pode ser analisada para o *contra fluxo*. Isto ocorreu porque nem sempre houve, no *contra fluxo*, número de editoriais associados a artigos de opinião em ocorrências suficientes para a análise, conforme constatamos nas tabelas 3 e 4.

Embora seja esperado que um aumento em notícias sobre a guerra na Síria pressione a equipe editorial a emitir opiniões, e aqueça o debate entre os colunistas, especialistas e o público, a relação de causa e efeito entre notícias, editoriais e opiniões sobre a Síria, cujos resultados das correlações apontam, sugere, paradoxalmente, que o jornalismo vem provocando “a desinformação ou ausência total de informação pelo excesso”, como aponta Marcondes Filho. Para o autor, isso se dá primeiramente pelo volume excessivo de informações, o que gera certo ruído ao invés de informação de fato; e pelo que chama de “mimetismo”: um “furo” jornalístico dado por um veículo é replicado por todos os outros veículos. “E, quanto mais os *media* falam da mesma notícia, tanto mais verdadeira ela se parece” (MARCONDES FILHO, 2002, p. 113-114).

6.1.3. Os dados da guerra: o Observatório Sírio de Direitos Humanos

A desinformação do constante replicar de notícias citada por Marcondes Filho é exemplificado nos episódios da guerra. O primeiro episódio trata precisamente da própria informação replicada, ou seja, o número de mortos e feridos da guerra, e as instituições que verificaram e forneceram estes números. O *Observatório Sírio de Direitos Humanos*, um grupo opositor que, conforme matéria do *New York Times* analisada na Tabela 7, recebe verbas da União Europeia e de “outro país” europeu foi, desde 2011, a principal fonte de notícias sobre as batalhas na Síria, para os dois grupos de mídia analisados. As matérias em que foi citado o *OSDH* como fonte para o número de mortos representam 21,8% (Tabela 5) do total de matérias apuradas entre 2011 e 2015, praticamente o mesmo percentual de artigos de opinião do mesmo grupo. Somente 2,5% das matérias citavam a Organização das Nações Unidas como fonte. A ONU inclusive declarou, em 2014, que não relataria mais os números da guerra na Síria devido à baixa acurácia que vinha obtendo em relação aos mesmos – muito embora o tivesse feito até então – e só retornou a dar números de refugiados e desabrigados por conta das grandes migrações por mar e terra que começaram a surgir na Europa, vindos não somente da Síria, como também da África pós Ghadafi. Nas mídias do *contra fluxo*, a referência ao *Observatório Sírio de Direitos Humanos* também ocorreu, mas em número mais baixo: 17,2%, enquanto que este grupo utilizou mais os relatos da ONU, 4,5%, em comparação com o fluxo hegemônico.

Na análise comparativa (Tabela 7), utilizaram-se matérias onde os dois grupos falam sobre o *Observatório Sírio*. Fica evidente nas análises do *fluxo dominante* que este buscou legitimar uma fonte ao menos questionável para a função a que foi lançada. Vale mencionar que as matérias do *fluxo dominante* sobre o *OSDH* ocorrem em 2013, ano onde houve uma queda no número de referências (Gráfico 6). Em 2014, talvez pela ONU declarar que não faria mais o acompanhamento do número de mortos e feridos¹⁸⁹, os dois grupos de mídia voltam a citar o *OSDH* e este volta a crescer.

Apesar de a citação ao *OSDH* como referência aos números da guerra ter sido alta também no *contra fluxo*, embora menor do que no *fluxo dominante*, não significa que o *OSDH* foi citado da mesma forma. Como observado na análise comparativa dos textos

¹⁸⁹ ”UN to stop updating death toll in Syria conflict”. **The Independent**, por Kashmira Gander., em 7 jan 2014. Disponível em <<http://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/un-to-stop-updating-death-toll-in-syria-conflict-9045096.html>>. Acesso em 8 ago.2016

(Tabela 8), a desconfiança sobre o OSDH é alta. No entanto, ele foi uma fonte no ocidente que forneceu dados sobre a guerra na Síria, enquanto que a ONU e os governos ocidentais estiveram muito pouco presentes.

Assim, o OSDH foi a informação *possível* na guerra e preencheu as necessidades das mídias como fonte de notícias. Nas matérias do *fluxo dominante* avaliadas na Tabela 7, dois pontos chamam a atenção: a pouca atenção que o *New York Times* dá ao fato de a União Europeia e “outro país europeu”, cujo nome não é fornecido, financiarem o *Observatório Sírio*, fato que aparenta contradição com a ideia passada de trabalhador / militante autossustentado; E na matéria do Estado de São Paulo, onde menciona “Na medida em que grupos rebeldes também passaram a violar os direitos humanos, a posição do Observatório se equilibrou e *agora ele procura* se manter isento”. Esta informação também não é explorada na matéria, mas passa a ideia de que o OSDH não era uma fonte confiável até então, e a causa disso seria o fato de grupos rebeldes cometerem delitos em direitos humanos, fato que pode ser verificado quase cotidianamente, até hoje.

Na Tabela 8, a baixa acurácia do OSDH é exposta pelo governo russo, então participante da guerra ao lado do governo sírio, e o jornal mostra-se não surpreso, mas tampouco resignado, pelo fato de a mídia ocidental estar publicando algo que considera falta de verificação das fontes. O que é dito na matéria sobre a mídia e sobre o uso não verificado da fonte vem ao encontro do que fala Marcondes Filho sobre a mimetização e a repetição que produz verdade, corroborando também a ideia exposta do modelo de propaganda de Herman e Chomsky (2003) sobre presenças e ausências na mídia. O OSDH *foi tornado* fonte confiável, e seus dados foram considerados verdadeiros, pela repetição intensa: de seu nome, dos seus números e do caráter “revolucionário” de seu trabalho.

6.1.4. Manifestações Pacíficas x Armadas – 2011

Na tabela 6, As manifestações na síria foram mostradas como pacíficas em 10,9% das notícias produzidas pelo *fluxo dominante*, enquanto que apenas em 3,5% das matérias do *contra fluxo* isto ocorreu. Ao mesmo tempo, a versão do governo sobre estar enfrentando opositores armados apareceu em 1% a mais de matérias, 11,9%, no fluxo hegemônico, e em 7,9% de matérias do *contra fluxo*.

A compreensão desta tabela é complementada pela análise comparativa dos textos do *fluxo dominante* e do *contra fluxo*, das tabelas 9 e 10. A versão do governo sírio é exposta até mais do que a versão das manifestações pacíficas, mas é colocada em tom de incredulidade. Este foi o tom da guerra como um todo, e aqui é possível detectar como o rótulo ou clichê sobre os árabes afeta a compreensão de seus processos. Tanto o *New York Times* quanto a *Al Jazeera* construíram suas matérias com base em uma ideia pré-concebida: o governo sírio não pode estar certo. No caso do New York Times, o governo não pode estar certo porque: usou armas contra o que seriam manifestantes pacíficos; e porque os líderes mundiais já tinham declarado individualmente que a atitude do governo – muitas vezes reportada como atitude pessoal de Bashar al-Assad – era repreensível, não importando o que o embaixador sírio na ONU tivesse a acrescentar.

Na matéria da Al Jazeera, a ideia de que o governo combatia uma “conspiração estrangeira salafista armada” foi colocada como algo a que não se deveria dar ouvidos, pois “especialistas” e “militantes” – pessoas consideradas pela matéria mais aptas a dar uma explicação factível do que o governo sírio – haviam colocado suas razões para não se acreditar: as pessoas querem “oportunidades” - “de trabalho”, “de se expressar livremente”; as manifestações da Síria eram “iguais as da Tunísia ou do Egito”, e que, por conta da repressão do governo, havia restado “poucos traços do Salafismo ” na Síria.

O rótulo do governo repressor e sectário, que atinge o próprio povo para permanecer no poder e que elimina traços de religiões ou etnias que o questionam, trouxe a tona um inimigo público , que justifica uma ação:

The image of an enemy is essentially an image of threat. It represents an imminence of unwanted acts towards the *Self*, and motivates a subsequent need to remain vigilant, to plan defence or even to actively engage in a pre-emptive first attack. The main difference between Other and Enemy lies specifically in their respective activeness – an enemy is perceived, or imagined, to be actually menacing, while the other is deemed unthreatening. (VUORINEN, 2012)¹⁹⁰

O sentido do rótulo é amplo, pois o inimigo tende a ser uma ameaça percebida e projetada. Uma das tradicionais ideias que se tem no Ocidente, sobre povo árabe é o seu “desejo de liberdade”, de que “eles” árabes querem ser como “nós” ocidentais, ou seja, “eles

¹⁹⁰ “A imagem de um inimigo é essencialmente uma imagem de ameaça. Ele representa uma iminência de atos indesejáveis contra o *self*, e motiva a subsequente necessidade de permanecer vigilantes, para planejar a defesa ou mesmo a participar ativamente num primeiro ataque preventivo. A principal diferença entre o Outro e o Inimigo reside precisamente na sua respectiva atuação efetiva - um inimigo é percebido ou imaginado, para ser realmente ameaçador, enquanto o outro é considerado inofensivo”(tradução nossa)

nos invejam”. Nasser, S. H. (2013) comenta como a ideia de “despertar” remete, para alguns, à “matriz orientalista”, ou seja, os árabes não estariam “despertos” antes da “primavera” – outra palavra de teor semelhante.

Na análise da matéria escolhida do *contra fluxo*, *Russia Today* coloca uma correspondente dentro de Damasco em matéria de 29 de maio de 2011, cerca de dois meses do início das manifestações no país. A jornalista busca entender a “estranha revolução” síria, expondo suas dúvidas e as dos entrevistados, bem como suas posições. A ideia da guerra na Síria ainda estava distante em Damasco e na mídia ocidental, mas a jornalista reporta diversos incidentes, desde a morte de soldados e de um oficial sírio com seus filhos, à falta de clareza sobre o que reivindicam os manifestantes. Não se coloca em questão o governo sírio como faz a mídia ocidental, porém sua responsabilidade pelo que vem ocorrendo no país é mencionada claramente ao final da matéria, com um parecer de um entrevistado: a Síria não se abre porque o ocidente não permite – Assad caminhou em direção à abertura – ou seja – fez reformas perceptíveis, mas desconsideradas, e em troca recebeu a guerra, por confiar demais no Ocidente. Ainda que a matéria em questão traga rótulos do Oriente sobre o Ocidente – quase sempre presentes – há o sentido da resposta, do *contra fluxo*, na afirmação de que a modernidade é negada aos sírios.

O que foi evidenciado por esta análise é que ao menos parte do que esteve presente na mídia sobre a guerra na Síria, e que foi repetido até ser tornado verdade, encaixa-se na descrição de Clichê jornalístico de Marcondes Jr., ou rótulo, conforme definiu Said (2011). As “matrizes orientalistas” existem e são eficientes em se vender ao Ocidente a imagem de um vilão. Marcondes Filho comenta: “Porque falar que uma guerra é uma ‘intervenção cirúrgica’? Porque repetir cegamente que ‘o Iraque possui o quarto exército do mundo’? (MARCONDES FILHO, 2002, p. 113). O rótulo, repetido à exaustão, desumaniza e permite que o discurso da guerra tenha proeminência e que qualquer outro discurso que queria se interpor ao principal seja desacreditado.

6.1.5. A reeleição de Bashar al-Assad

Em eleições realizadas em Estados desfavorecidos ou inimigos, a agenda do governo dos EUA é virada de cabeça para baixo. Eleições não mais são equacionadas à democracia e autoridades dos EUA não mais se maravilham com o fato de a eleição

ser realizada sob condições adversas. Os EUA não elogiam o exército por apoiar as eleições e por concordar em respeitar os resultados. Pelo contrário, o poder obtido pelo partido dominante por meio do controle e do apoio do exército é alardeado como comprometendo a integridade das eleições. A conturbação rebelde não mais constitui prova de que a oposição rejeita a democracia, e o comparecimento às urnas não é mais o dramático desfecho da luta entre um exército democrático e uma oposição rebelde. *Agora*, a ênfase é nos motivos ocultos dos patrocinadores da eleição, que estão tentando legitimar a si mesmos através desse dispositivo enganoso de uma assim chamada eleição. (HERMAN e CHOMSKY, 2003, p. 148)

A “Agenda para Eleições” do modelo de propaganda de Herman e Chomsky foi escrita em 1998, e no entanto parece narrar o comportamento da mídia ocidental sobre a reeleição, em 2014, do presidente Sírio. A reeleição de Bashar al-Assad foi vista com o esperado ceticismo generalizado na mídia ocidental. Os exemplos do fluxo dominante, na Tabela 13, apontam a deslegitimação como único caminho possível para se referir ao episódio de 3 de junho de 2014. No *fluxo hegemônico*, nenhuma consideração foi feita ao fato de que, a despeito da guerra, esta foi utilizada como argumento para se modificar fundamentalmente a constituição síria, em 2012, onde o Baath era o “partido governante” exclusivo da Síria, desde 1973. Tampouco se deu crédito ao fato de que dois competidores reais disputavam as eleições com Bashar, sendo que a matéria do New York Times nem aponta claramente que houve competidores ou que uma multidão de expatriados em vários locais buscaram as embaixadas sírias para votar e tiveram seu direito negado por autoridades dos locais onde estavam. Estes fatos foram reportados pelo *contra fluxo*.

Herman e Chomsky descrevem a “agenda para eleições” exemplificando primeiramente o momento em que ocorrem eleições em um país amigo, e como tudo na agenda se inverte quanto as eleições são no inimigo. Os autores apontam que este é um “duplo critério” adotado pelo governo dos EUA, no sentido de ser uma “regra” que pode ser usada quando necessária e ser descartada se for conveniente. Mas a mídia deveria adotar padrões minimamente objetivos ao reportar eleições em outros países, e no livro *Manufacturing Consent*, os autores expõem o comportamento da mídia do governo Reagan ao buscar deslegitimar as eleições do governo nicaraguense: “[...] o governo Reagan estava concentrado em desacreditar a eleição nicaraguense, que ameaçava legitimar o governo sandinista e, assim, enfraquecer a defesa para o financiamento de um exército terrorista.” (HERMAN e CHOMSKY, 2003, p. 174). Fica claro que a mídia age, na Nicarágua como na Síria, como um viabilizador de uma agenda. A eleição de Bashar – independentemente de gostarmos ou não dele ou de seu governo – é incômoda a interesses ocidentais, sobre os quais muito se

especulou durante a guerra. Muitas razões podem motivar a agenda do Ocidente sobre a Síria: da questão dos dutos de gás concorrentes (MONIZ BANDEIRA, 2013) ao cerceamento de uma possível hegemonia do Irã e aliados, que traria desassossego para Israel, como viu-se na resistência do Hezbollah ao ataque israelense ao Líbano em 2006 (DOSTAL, 2014); mas também à Arábia Saudita e ao Catar, perdendo sua influência sunita e convivendo com estilos alternativos de governos, muito mais democráticos se comparados às monarquias absolutistas do golfo. Da mesma forma, já se fala nos objetivos neoliberais para uma crise de refugiados provocada, trazendo uma onda de imigrantes que aceitarão trabalhar por menos do que trabalhadores europeus; também se fala do negócio das armas, como cita Oliveira (2013), mencionado aqui. Para todos esses fins, o fato é que a solução que Reagan queria para a Nicarágua, “o financiamento de um exército terrorista”, vem sendo aplicada na Síria. E a defesa a se armar este exército se dá no uso da mídia, na frequência de deslegitimações na forma de clichês que são propagadas, pelo apoio das opiniões públicas ao deslocamento e priorização de verbas para a defesa e para o envio de armas, treinamento e outros.

6.1.6. As crises humanitárias de Madaya, Kefraya e Fouaa e as vítimas merecedoras e não merecedoras de atenção.

Um sistema de propaganda retratará com frequência pessoas que sofreram alguma agressão ou abuso em Estados inimigos como vítimas merecedoras, ao passo que as que recebem tratamento de igual ou maior severidade por parte de seu próprio governo ou de Estados-cliente serão consideradas não merecedoras [de atenção por parte da mídia]. [...] as definições práticas de valor da mídia de massa norte-americana são extremamente políticas e se encaixam bem nas expectativas de um modelo de propaganda. (HERMAN e CHOMSKY, 2003, p. 95)

O levantamento do número de citações a Madaya foi realizado como um exemplo muito adequado a ilustrar, na guerra na Síria, o duplo tratamento dado às vítimas de cidades cercadas pelo governo sírio e seus aliados, em comparação com aquele dado às vítimas de cidades cercadas pelos rebeldes.

Madaya, cidade cercada pelo exército nacional Sírio e pelo Hezbollah, ficou de dois a três meses na mídia, a partir do final de dezembro de 2015, como mostram as datas da tabela 11. As cidades de Kefraya e Fouaa, cercadas pelos opositores, tiveram sua crise cerca de três meses antes conforme tabela 12, e voltaram à mídia quando Madaya começou a ser citada, então seu registro acaba sendo mais evidenciado, pois o período todo foi medido em

conjunto. Mesmo assim, Madaya é muito mais citada, e muito mais associada à expressão “morrer de fome” do que Kefraya e Fouaa.

O gráfico 7 mostra esta associação. No fluxo dominante, 86,9% das citações de Madaya a associavam a “morrer de fome”; Fouaa foi associada 61,1%, e Kefraya 68,8%. No *contra fluxo*, todas as cidades são menos citadas e associadas: Madaya 24%, Fouaa e Kefraya 11,9%. Madaya foi reportada em 61 matérias das mídias do *fluxo dominante*; Fouaa apareceu em 36 matérias, e Kefraya em 32. Nas mídias do *contra fluxo*, Madaya foi reportada em 50 matérias, e Fouaa e Kefraya em 42 cada uma. Embora Madaya tenha sido mais associada à expressão “morrer de fome”, pelo provável fato das replicações terem entrado no escopo de todas as mídias, é perceptível que Fouaa e Kefraya foram mais citadas no *contra fluxo* do que no fluxo dominante.

6.1.7. Limitações deste estudo:

As diferentes ferramentas de busca dos sites podem obedecer critérios diferentes no que concerne às palavras-chave. De forma análoga, as ferramentas de busca da internet podem ter encontrado limitações nos resultados retornados, conforme as configurações e permissões de cada site.

Uma amostra maior poderia trazer resultados mais consistentes, à medida que os tipos de empresas e associações a padrões editoriais (números de notícias e proporções de editoriais, artigos de opinião e outros) fossem buscados estatisticamente. Da mesma forma, a utilização de módulos estatísticos próprios para análise de conteúdo poderiam favorecer o detalhamento de certos critérios textuais de busca utilizados.

Futuramente, pesquisas mais aprofundadas em metodologias de análise da mídia global poderão contribuir para dirimir outras questões surgidas no estudo. Especialmente, o critério utilizado de fluxo hegemônico e *contra fluxo* da mídia se beneficiaria de tal aprofundamento.

7. CONCLUSÃO

O Estudo levantou elementos quantitativos e qualitativos que evidenciam diferenças nos dois grupos de mídia analisados. No que concerne à estrutura das redações enquanto o *fluxo dominante* mostra ser constituído de empresas mais tradicionais e grandes corporações midiáticas, o *contra fluxo*, por sua vez, dá indícios de ser constituído de redações mais opinativas e engajadas, em linha com o nome do grupo, ainda que possua empresas de maior porte. Como buscamos demonstrar, o porte não é o critério principal, e sim a linha editorial desvinculada de certa agenda predominante da grande mídia.

Geopoliticamente e no que diz respeito à Síria, o *fluxo dominante* se coloca como uma voz que defende certa moral Ocidental, representada pelo liberalismo e aos direitos humanos, embora suas ações levem à ideia de atuação em nome de uma agenda que não se mede pela mesma moral. Em relação a esta ação, que é hegemônica, o *contra fluxo* é reativo e pontual em suas respostas, e não demonstra a mesma capacidade ou vontade de coalizão, embora sua estruturação como mídia, favorecida pelo estágio atual de desenvolvimento das Tecnologias de Informação e Comunicação, permita respostas de maior alcance e velocidade. Para que se fortaleça como contraponto, a comunicação do *contra fluxo*, no nosso entendimento, requer mais do que prontas respostas, também exige discursos mais consistentes em seu conjunto.

No que concerne ao modelo de propaganda, o estudo apresentou diversos indícios de uma atuação do princípio apresentado pelos autores de *Manufacturing Consent*, porém em uma escala global, no que concerne à penetração da agenda governamental, claramente Ocidental, ainda que os Estados Unidos da América permaneçam como lócus central deste movimento. Contribuiu para isto, dentre outros elementos, a concentração de conglomerados midiáticos e sua penetração a nível global.

O modelo de propaganda explica *como* a presença e ausência de termos na mídia se relaciona à agenda geopolítica. O conceito de clichê, por sua vez, fornece mais claramente a dimensão de *o que* será replicado, repetido e tornado verdade pelo modelo de propaganda. Neste sentido, o rótulo orientalista árabe-islâmico é detectável nas narrativas ocidentais, embora nem sempre evidente, posto que o discurso da democracia e dos direitos humanos tem proeminência na agenda liberal ocidental dá respaldo moral a esta. Faz parte deste rótulo orientalista a leitura da Síria, bem como de outros universos árabe-islâmicos, como ambiente de injustiças essencializadas, e de incompetência administrativa. A injustiça é representada pela leitura sectária feita da sociedade síria; a incompetência administrativa é a leitura liberal de uma economia não alinhada aos preceitos globalistas. Em ambos os casos, os direitos

humanos são pano de fundo que viabilizam acusações contra o governo sírio e justificam ações militares diretas ou indiretas à Síria, desde o início da guerra.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, F. C. ISLÃ: RELIGIÃO OU POLÍTICA? **Diáspora**, n. 3^a, maio 2016.
- CHOMSKY, N. **Segredos, mentiras e democracia**. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.
- COMPARATO, F. K. **A civilização capitalista**. São Paulo: Saraiva, 2013.
- DAWISHA, A. **Arab nationalism in the twentieth century: from triumph to despair**. New Jersey: Princeton University Press, 2003.
- DOSTAL, J. M. ANALYZING THE DOMESTIC AND INTERNATIONAL CONFLICT IN SYRIA: ARE THERE LESSONS FROM POLITICAL SCIENCE? **Syria Studies**, 2014.
Disponível em: <<https://ojs.st-andrews.ac.uk/index.php/syria/article/view/822>>. Acesso em: 02 jun. 2016.
- FERABOLLI, S. **A (Des)construção da Grande Nação Árabe: condicionantes sistêmicos, regionais e estatais para a ausência de integração política no Mundo Árabe**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 225. 2005.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- FRYE, R. N. Assyria and Syria: Synonyms. **Journal of Near Eastern Studies**, out. 1992. ISSN Volume 51, Nº 4. Disponível em:
<<http://www.journals.uchicago.edu/stable/10.2307/i223997>>. Acesso em: 10 jun. 2016.
- GARCIA, A. S. A introdução de Gramsci nas Relações Internacionais: aspectos metodológicos. **Revista Acadêmica de Relações Internacionais**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 110-120, jul. 2013. ISSN 2179-6165.
- GREENE-GONZÁLEZ, M. F.; LECAROS-MENÉNDEZ, M. J. El trabajo del editor y la pauta en medios online chilenos. **Scielo**, jun. 2015. 588-613. DOI: 10.5294/pacla.2015.18.2.11, Palavra Clave 18(2).
- HALL, S. Quando foi o pós colonial? In: SOVIK, L. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003. p. 101-128.
- HCOHR - ONU. Relatório da comissão internacional independente de inquérito sobre a República Árabe Síriac. **High Commissioner Office - Human Rights - ONU**, p. 72, 22 fev. 2012. Disponível em:
<http://www.ohchr.org/Documents/HRBodies/HRCouncil/RegularSession/Session19/A-HRC-19-69_en.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2016.
- HERMAN, E. S.; CHOMSKY, N. **A manipulação do público**. Tradução de Bazán Tecnologia e Linguística. São Paulo: Futura, 2003.
- HOURANI, A. **Uma História dos Povos Árabes**. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

IBRAHIM, Y. Integrating the Postcolonial: The Missing Paradigm in Media Studies. **Journal of the World Universities Forum**, 4(2), 2011. 35-42.

KRÓKOWSKA, K. The Fall of Democracy in Syria. **PERCEPTIONS**, v. XVI, n. Summer 2011, p. 81-98, 2011. ISSN 2.

LANDIS, J. Staff Site. **University of Oklahoma**, 2004. Disponível em: <http://faculty-staff.ou.edu/L/Joshua.M.Landis-1/Syria_1948.htm>. Acesso em: 1 dez. 2016.

LUND, A. **Divided They Stand –An Overview of Syria’s Political Opposition Factions**. Uppsala: Foundation for European Progressive Studies / Olof Palme International Center, 2012. ISBN 978-91-86317-07-2.

MAGALHÃES, M.; LIMA, A. **Noções de Probabilidade e Estatística**. 2ª. ed. São Paulo: IME-USP, 2000.

MAIA, F. Quarenta anos da Guerra de 1967. **Conjuntura Internacional**, 2007. Disponível em: <http://www.pucmg.br/imagedb/conjuntura/CNO_ARQ_NOTIC20070627095417.pdf?PHPS ESSID=7f35faa93566849a774c78019e4c61c4>. Acesso em: 07 jun. 2016.

MANUFACTURING Consent: Noam Chomsky and the Media. Direção: Peter Wintonick Mark Achbar. Produção: Mark Achbar. Intérpretes: Noam Chomsky. [S.l.]: NFB. 1992.

MAPPING Militant Organizations Project. **Stanford University**, 2010-2016. Disponível em: <<http://web.stanford.edu/group/mappingmilitants/cgi-bin/>>. Acesso em: 7 jul. 2016.

MARCONDES FILHO. **Comunicação e Jornalismo. A saga dos cães perdidos**. 2ª. ed. São Paulo: Hacker, 2002. ISBN 85-86179-24-8.

MEHCY, Z.; NASSER, R.; SCHIFFBAUER, M. TRADE DETERMINANTS AND POTENTIAL OF SYRIA:USING A GRAVITY MODEL, WITH AN ESTIMATION OF THE SYRIAN CRISIS’ IMPACT ON EXPORTS. **Syrian Center for Policy Research**, 2013. ISSN 773. Disponível em: <<http://erf.org.eg/wp-content/uploads/2014/07/773.pdf>>. Acesso em: 11 jun. 2016.

MONIZ BANDEIRA, L. A. **A segunda Guerra Fria**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

MOUSSALLI, A. Wahhabism, salafism and islamism: Who’s the enemy? **Conflicts Forum**, 30 jan. 2009. Disponível em: <<http://www.conflictsforum.org/2009/wahhabism-salafism-and-islamism/>>. Acesso em: 4 jul. 2016.

NASSER, S. H. Olhares sobre as revoltas no mundo árabe. **Projeto História**, São Paulo, v. nº 46, p. 115-133, abr. 2013. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/download/17133/13753>>.

NASSER, R. Turbulências no Mundo Árabe: Rumo a uma Nova Ordem? **Revista Tempo do Mundo**, nº 3, ago. 2011. Disponível em:

<http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/6204/1/RTM_v3_n2_Turbulencias.pdf>.

Acesso em: 14 jun. 2016.

O'BAGY, E. Syria's political opposition. **Middle East Security Report**. Washington, nº 4, abr.2012. 2-38.

OLIVEIRA, D. **Jornalismo e ação cultural pela emancipação**. Tese de Livre-Docência (Jornalismo, Informação e Sociedade). Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2013.

PAPPÉ, I. The 1948 Ethnic cleansing of Palestine. **Journal of Palestine Studies**, 0377-919X, XXXVI, n. Nº 1 (Autumn 2006), 2006. 6-20.

PORAT, L. The Syrian Muslim Brotherhood and the Asad Regime. **Middle East Brief**, 2010. ISSN 47. Disponível em: <<http://www.brandeis.edu/crown/publications/meb/MEB47.pdf>>.

Acesso em: 11 jun. 2016.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. **A colonialidade do saber – eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 229 - 279.

RIBEIRO, A. E.; GONZAGA-PONTES, C. Ler e recarregar a página: um exercício analítico sobre a reescrita da webnotícia. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 105-121, 2013.

SAID, E. **Orientalismo - O oriente como invenção do ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SAID, E. **Cubriendo el islam**. Barcelona: formato digital: Newcomlab, S.L., 2011.

SAKR, N. Challenger or lackey? The politics of news on Al-Jazeera. In: THUSSU, D. K. **Media on the Move**. Londres: Routledge , 2007. p. 104-118.

SHAHEEN, J. Reel bad arabs: How Hollywood vilifies a people. **The Annals of the American Academy of Political and Social Science**, p. 171-193, Julho 2003. Disponível em: <<http://ann.sagepub.com/content/588/1/171.abstract>>. Acesso em: 28 abr. 2015.

SODRÉ, M. O globalismo como neobarbarie. In: (ORG.), D. D. M. **Por uma outra comunicação**. Rio de JANEIRO: Record, 2003.

STRASHUN, D. S. The recognition of the Syrian National Coalition under international law: whether the National Coalition can receive arms. **Law School Student Scholarship. Paper 312.**, 2013. Disponível em: <http://scholarship.shu.edu/student_scholarship/312>. Acesso em: 27 jun. 2016.

THE Square. Direção: Jehane Noujaim. Produção: Jehane Noujaim. Intérpretes: Ahmed Hassan; Khalid Abdalla e Magdy Ashour. [S.l.]: [s.n.]. 2013.

THUSSU, D. K. Mapping global media flow and contra-flow. In: THUSSU, D. K. **Media on the move: global flow and contra-flow**. Londres: Routledge, 2007. p. 10-29. ISBN 0-203-00123-0.

VUORINEN, M. ENEMY IMAGES AS INVERSIONS OF THE SELF. In: VUORINEN, M. **Enemy Images in War Propaganda**. New Castle: Cambridge Scholars Publishing, 2012. p. 1-14.

WEFFORT, F. Jornais são partidos? **Lua Nova**, set. 1984. ISSN <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64451984000200008>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451984000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 jun. 2016.

MATERIAS JORNALÍSTICAS ANALISADAS QUALITATIVAMENTE

MacFARQUHAR, N. A Very Busy Man Behind the Syrian Civil War's Casualty Count. **The New York Times**, em 9 abr. 2013. Disponível em < <http://www.nytimes.com/2013/04/10/world/middleeast/the-man-behind-the-casualty-figures-in-syria.html>>. Acesso em 1.ago.2016.

SANT'ANNA, L.. Informantes sírios fazem estatística da guerra civil. **O Estado de São Paulo**, em 26.set.2013. Disponível em < <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,informantes-sirios-fazem-estatistica-da-guerra-civil-imp-,1078867>>. Acesso em 1.ago.2016.

WHO is behind Syrian Observatory for Human Rights? **Russia Today**, em 2.out.2015. Disponível em < <https://www.rt.com/news/317372-nimrod-kamer-syrian-observatory/>>. Acesso em 1.ago.2016.

WAR of Words: Russian Foreign Ministry calls out MSM reports on hospital strike in Syria. **Russia Today**, em 23.out.2015. Disponível em < <https://www.rt.com/news/319444-russia-hospital-media-ministry/>>. Acesso em 1.ago.2016.

MacFARQUHAR, N. Syria Tries to Defend Its Record to United Nations. **The New York Times**, em 26.abr.2011. Disponível em <http://www.nytimes.com/2011/04/27/world/middleeast/27nations.html>. Acesso em 2.ago.2016.

WIKSTROM, C. Syria unrest: Popular uprising or conspiracy?. **Al Jazeera**, em 24.abr.2011. Disponível em < <http://www.aljazeera.com/indepth/features/2011/04/201142413450323305.html>>. Acesso em 2.ago.2016.

KEVORKOVA, N. Syria: an uncanny revolution. **Russia Today**, em 29.mai.2011. Disponível em < <https://www.rt.com/news/syria-country-people-west/>>. Acesso em 2.ago.2016.

BARNARD, A. Victory in Syrian Election Is Show of Assad's Control. **The New York Times**, em 4.jun.2014. Disponível em < https://www.nytimes.com/2014/06/05/world/middleeast/former-syria-ambassaor-ford-criticizes-us.html?_r=0>. Acesso em 2.ago.2016.

ASSAD re-elected in wartime election. **Al Jazeera**, 5.jun.2014. Disponível em < <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2014/06/bashar-al-assad-re-elected-syrian-president-20146419457810751.html>>. Acesso em 2.ago.2016.

WEST has no right to give or refuse Syrian people legitimacy. **Russia Today**, em 7.jun.2014. Disponível em < <https://www.rt.com/news/164380-syrian-election-legitimate-vote/>>. Acesso em 2.ago.2016.

SYRIAN expats head to the polls in presidential vote. **Al Akhbar**, em 28.mai.2014. Disponível em < <http://english.al-akhbar.com/node/19940>>. Acesso em 2.ago.2016.

CHADE, J. Madaya, uma cidade com gente, mas sem vida. O Estado de São Paulo, em 12.jan.2016. Disponível em < <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,madaya--uma-cidade-com-gente--mas-sem-vida,10000006862>>. Acesso em 2.ago.2016.

ALABASTER, O. Survival in Madaya: 'We are living on water and salt'. Al Jazeera, em 8.jan.2016. Disponível em < <http://www.aljazeera.com/news/2016/01/survival-madaya-living-water-salt-160108074059437.html>>. Acesso em 1.ago.2016.

THOMSON, C. Hezbollah denies accusations of 'starving civilians in Madaya'. Al Masdar News, em 12.jan.2016. Disponível em < <https://www.almasdarnews.com/article/hezbollah-releases-statement-amidst-accusations-of-starving-civilians-in-madaya/>>. Acesso em 1.ago.2016.

SYRIA holds Turkey fully responsible for any crime committed by terrorists in al-Fou'a and Kefraya towns. Al Masdar News, em 2.set.2015. Disponível em < <https://www.almasdarnews.com/article/syria-holds-turkey-fully-responsible-for-any-crime-committed-by-terrorists-in-al-foua-and-kefraya-towns/>>